

DUKE

## **Universidade Federal de Minas Gerais**

Reitora: Prof<sup>a</sup> Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

## **Faculdade de Letras da UFMG**

Diretora: Prof<sup>a</sup> Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup> Sueli Maria Coelho

## **EDITORES**

Elcio Loureiro Cornelsen

Gustavo Cerqueira Guimarães

## **SUBEDITOR**

Marcus Vinícius Costa Lage

## **EDITORES DE SEÇÃO**

### **Dossiê – SOBRE COPAS DO MUNDO...**

Gustavo Cerqueira Guimarães (UFMG)

Marcus Vinícius Costa Lage (UFMG)

Thiago Carlos Costa (UFMG)

### **Paralelas e Entrevista**

Elcio Loureiro Cornelsen

### **Poética**

Gustavo Cerqueira Guimarães

## **CONSELHO EDITORIAL**

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru

Aline Alves Arruda, CEFET-MG

Álvaro do Cabo, UFRJ

Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ

André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ

André Mendes Capraro, UFPR

Arlei Damo, UFRGS

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV

Christina Gontijo Fornaciari, UFV

Cleber Dias, UFMG

Edônio Alves Nascimento, UFPB

Euclides de Freitas Couto, UFSJ

Fabiana Campos Baptista, UniBH

Fábio Franzini, UNIFESP

Flávio de Campos, USP

Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal

Gilmar Mascarenhas, UERJ

José Carlos Marques, UNESP

José Geraldo Vinci de Moraes, USP

Leda Maria da Costa, UFF

Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL

Luciane Correa Ferreira, UFMG

Ludmilla Zago Andrade, UFMG

Luis Maffei, UFF

Luiz Carlos Ribeiro, UFPR

Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG

Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha

Maria Elisa Rodrigues Moreira, UFMT

Mauricio Murad, UERJ/Universo  
Pablo Alabarces, UBA, Argentina  
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFU  
Plínio Ferreira Guimarães, IFES  
Rafael Fortes Soares, UFRJ  
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL  
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ  
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP  
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS  
Silvio Ricardo da Silva, UFMG  
Simoni Lahud Guedes, UFF  
Tatiana Pequeno, UFF  
Tereza Virginia Ribeiro Barbosa, UFMG  
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG  
Victor Andrade de Melo, UFRJ  
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES  
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

#### **PARECERISTAS DESTA EDIÇÃO**

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV  
Cleber Dias, UFMG  
Denaldo Alchorne de Souza, IFF  
Diano Massarani, UFF  
Euclides de Freitas Couto, UFSJ  
Fabiana Campos Baptista, UniBH  
Fernando Miranda, UFF  
Francisco Pinheiro, UC, Portugal  
Gilmar Mascarenhas, UERJ

Leda Maria da Costa, UFF  
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL  
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG  
Marcel Martins  
Pedro Marra, UFES  
Plínio Ferreira Guimarães, IFES  
Rafael Fortes Soares, UFRJ  
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP  
Thiago Carlos Costa, UFMG

#### **COORD. EDITORIAL, DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

Gustavo Cerqueira Guimarães

#### **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS**

Erilma Desireé  
Gabriel Canuto da Gama

#### **PREPARAÇÃO DE ORIGINALS**

Alunos-editores da disciplina Oficina de Edição:  
Periódico eletrônico, Faculdade de Letras, 2<sup>o</sup>/ 2018

Aila Públio Carneiro  
Anna Gabriela da Conceição Teixeira  
Fernanda Rodrigues Porto  
Leonardo da Silva Franco  
Vanessa Fracalossi Ribeiro

**PROJETO GRÁFICO**

PeDRa LeTRa

**IMAGEM DA CAPA DO PORTAL**

Pablo Lobato (Brasil)  
*Um a zero #2* (2012)

**IMAGEM DA CAPA DESTE NÚMERO**

Duke  
Charges publicadas no jornal *O Tempo* na Copa do Mundo de 2018

\* \* \*



## Sobre Copas do Mundo...

### About World Cups...

O ano de 2015 ficará marcado na história do futebol mundial como o ano em que a até então intocável cúpula político-administrativa da FIFA, finalmente, começou a ser imputada de seus crimes de lavagem de dinheiro, sonegação fiscal e corrupção.

Mesmo que as investigações ainda em curso indiquem que boa parte dessas infrações teria sido praticada durante os preparativos das Copas do Mundo de futebol, muito provavelmente poucos duvidam de que, ao longo dos próximos anos, milhões de pessoas ao redor do mundo estarão conectadas de alguma maneira às competições organizadas pela principal entidade supranacional, como estiveram ligadas à Rússia, país que sediou os jogos da XXI edição, em 2018.

Em pleno clima de descrença e festividade que paira sobre o futebol mundial, a revista *FuLiA / UFMG*, por meio do Dossiê **SOBRE COPAS DO MUNDO...**, apresenta pesquisas que, independentemente de suas abordagens teóricas, metodológicas ou contextuais, se relacionam com o maior evento esportivo internacional, tanto a partir do viés historiográfico, memorialista e sociológico, como do viés artístico e cultural.

A seção **Dossiê** abre com o artigo “A cultura das figurinhas: as configurações de linguagens do colecionismo no álbum da Copa do Mundo FIFA 2018”, de Anderson Gurgel Campos e Helena Maria Afonso Jacob, que analisam o fenômeno do colecionismo no álbum da Copa do Mundo da Rússia 2018, sob o ponto de vista dos significados tanto deste objeto como das relações que os fãs desenvolvem com as figurinhas e com o álbum. O objetivo é contribuir para o melhor entendimento da Copa do Mundo como texto da cultura e

para a reflexão sobre as práticas realizadas nesse evento e seus impactos no público.

Por sua vez, Carlos Rodrigues e Emanuel Leite Jr. contribuem para o presente dossiê com o artigo “A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês”, no qual analisam de que forma o futebol chinês tem contribuído, por meio de estratégias das autoridades da China, para mudar a geopolítica do futebol. Para tanto, em 2016, foi lançado o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)”. Dentre os objetivos, está o de sediar uma Copa.

Em “A importância dos imigrantes e descendentes na seleção francesa ao longo das Copas do Mundo”, Guilherme Silva Pires de Freitas apresenta um histórico realçando a importância dos imigrantes. O artigo mostra ainda o peso que o futebol tem para sociedade francesa, que através da modalidade consegue discutir e debater delicados assuntos de interesse nacional.

Em “Análise da composição de títulos e manchetes do diário *Olé* durante a cobertura das Copas do Mundo de 2014 e 2018”, Mauro César Silveira e Matheus Simões Mello estudam o diário argentino *Olé* durante a cobertura das Copas do Mundo de 2014 e 2018. A fundamentação teórica traz obras que refletem acerca da linguagem jornalística esportiva, a estrutura de chamadas de textos no jornalismo esportivo e os elos entre emoção e a editoria de esportes.

Outra contribuição para o presente dossiê é o artigo de Fernando Vannier Borges, “Ao vivo direto da Rússia: a Copa do Mundo formatada para televisão”, no qual é demonstrado como a Copa do Mundo é capaz de gerar tanta atenção da mídia. Através da análise da versão de 2018 do Manual de Produção para TV da FIFA, o texto mostra de que maneira essa instituição contribui para a transformação da Copa do Mundo em um produto de televisão.

Para as suas reflexões em “Arte e tragédia: representações sobre a seleção brasileira de 1982 em livros do século XXI”, Diano Albernaz Massarani procura compreender a Tragédia do Sarriá – jogo entre Itália 3x2 Brasil na Copa da Espanha – como um dos eventos mais rememorados e intrigantes do futebol brasileiro. O autor analisa a construção de representações sobre o estilo de jogo da seleção brasileira de 1982, em livros publicados neste século. Décadas após a Tragédia do Sarriá, a seleção ainda é representada como a última que praticou o futebol-arte, estilo de jogo tido como “genuinamente” do Brasil.

O dossiê conta também com o artigo “Copa do Mundo 2014: uma abordagem pedagógica sobre o seu legado”, no qual Amarildo da Silva Araujo nos apresenta como a realização da Copa do Mundo no Brasil trouxe mudanças nas cidades-sedes e produziu impactos na economia, na política e no espaço urbano. Esse estudo analisa a opinião

dos professores de uma escola pública de Belo Horizonte/MG sobre o legado do megaevento.

Por sua vez, o artigo “*Nem complexo de vira-latas, nem herói genial: o caso peculiar da imprensa de Montes Claros frente às máximas de Nelson Rodrigues nas Copas de 1958 e 1962*”, de Luciano Pereira da Silva e Rogério Othon Teixeira Alves, discute nuances que pairam sobre o tema Copa do Mundo e o próprio futebol, especificamente no período que circundou a Copa de 1958, tomando por base a imprensa do Rio de Janeiro e a cidade de Montes Claros/MG. Mesmo que o futebol já detivesse significativa importância, não se nota no jornal mineiro crônicas análogas às feitas ao estilo de Nelson Rodrigues, supostamente refletindo o brasileiro através do futebol.

Por fim, José Carlos Marques e Nathaly Barbieri Marcondes César, em “O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada”, verificam como

a visão fundada por Gilberto Freyre (1938) a respeito do futebol-arte ainda mantém força, renovada a cada Copa do Mundo, especialmente por emissoras televisivas, ao passo que outros discursos, sobretudo o acadêmico, procuram desmistificar essa visão.

Na seção **Entrevista**, “O Centro de Memória do Vasco da Gama”, Elcio Loureiro Cornelsen, Gustavo Cerqueira Guimarães e Marcus Vinícius Costa Lage conversam em conjunto com o vice-presidente de relações especializadas do Vasco da Gama, João Ernesto da Costa Ferreira, e com o diretor de acervo do Centro de Memória do clube, doutor em História, Adílio Jorge Marques.

Na seção **Paralelas**, os historiadores Elizabeth da Cunha Sússekind e Marcus Vinícius Macri Rodrigues constroem o artigo “O tempo livre do trabalhador sob controle: comparação entre o Serviço de Recreação Operária e a Comunidade Nacional-Socialista Força pela Alegria” com o objetivo de analisar, sob uma perspectiva comparativa,

o primeiro ano de atividade do S. R. O., criado no final do ano de 1943, durante a ditadura de Getúlio Vargas, como órgão destinado a promover o lazer e a cultura do operário sindicalizado. Para tanto, são utilizadas matérias publicadas em periódicos, especialmente no jornal *A Noite*. Essa investigação é contraposta ao tempo livre do trabalhador na Alemanha, antes e durante o regime nazista.

A seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes, reúne nesta edição a série de charges do artista belo-horizontino Eduardo dos Reis Evangelista, o Duke, publicada originalmente no caderno especial “Copa 2018”, do jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte/MG, no período de 14 de junho a 16 de julho de 2018, ao longo da Copa do Mundo da Rússia. Esse trabalho reunido, agora, é intitulado “Duke na Copa de 2018”, que evidencia uma vez mais a capacidade do artista de



transformar em humor aspectos que relacionam o futebol, a política e os nossos assuntos do dia a dia.

Por fim, terminamos a preparação da presente edição da revista *FuLiA / UFMG* após a Copa do Mundo realizada na Rússia, torneio também fortemente marcado por dimensões políticas, o que nos confere a certeza de que o futebol será ainda por muitos anos objeto de investigação de pesquisadores pelo mundo.

\* \* \*

Belo Horizonte, 11 de dezembro de 2018.

**Gustavo Cerqueira Guimarães**  
Estudos Literários, UFMG

**Marcus Vinícius Costa Lage**  
História, UFMG

**Thiago Carlos Costa**  
Estudos do Lazer, UFMG



## **A cultura das figurinhas: as configurações de linguagens do colecionismo no álbum da Copa do Mundo FIFA 2018**

The Culture of Stickers:  
Study about the Configuration of Languages of Collecting in the  
Album of the Sports Mega-event FIFA World Cup 2018

**Anderson Gurgel Campos**

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/Brasil  
Doutor em Comunicação e Semiótica, PUC-SP  
andersongurgel@hotmail.com

**Helena Maria Afonso Jacob**

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo/Brasil  
Doutora em Comunicação e Semiótica, PUC-SP

**Resumo:** Desde 1970, o lançamento do álbum de figurinhas oficial da Copa do Mundo FIFA é um dos momentos mais esperados pelos fãs no período de preparação para esse megaevento esportivo. Para muitos, o Mundial de Futebol começa quando a febre das figurinhas toma escolas, parques, festas e conversas de botequim. Neste artigo estudamos o fenômeno do colecionismo no álbum da Copa do Mundo da Rússia 2018, sob o ponto de vista dos significados tanto deste objeto como das relações que os fãs desenvolvem com as figurinhas e com o álbum. O referencial teórico para a análise é a semiótica da cultura, de Iúri Lotman, além de aspectos centrais das teorias do jogo e dos megaeventos esportivos. O objetivo é contribuir para melhor entendimento da Copa do Mundo como texto da cultura e para a reflexão sobre as práticas realizadas nesse evento e seus impactos no público apaixonado por futebol.

**Palavras-chave:** Álbum de figurinhas; Copa do Mundo da FIFA Rússia 2018; Colecionismo; Semiótica da cultura; Megaeventos esportivos.

**Abstract:** Since 1970, the official FIFA World Cup sticker album has been released as one of the most anticipated moments for fans in the run-up to this sports mega-event. For many, the World Cup starts when the fever of the stickers takes schools, parks, parties and bars. In this article we study the phenomenon of collectivism in the Russian World Cup 2018 sticker album, from the point of view of the meanings of both this object and the relationships that fans develop with the figurines and the album. The theoretical reference for the analysis is the semiotics of culture, by Iúri Lotman, as well as central aspects of game theories and sports mega-events. The objective is to contribute to a better understanding of the FIFA World Cup as a text of the culture and to the reflection on the practices carried out in this event and its impact on the public in love with football.

**Keywords:** Sticker Album; FIFA World Cup Russia 2018; Collecting; Semiotics of Culture; Sports Mega-events.

## INTRODUÇÃO: O ÁLBUM E O JOGO

A cada quatro anos o mundo se volta para a Copa do Mundo FIFA e se lembra de que a principal competição do futebol masculino é mais que esporte; muito antes das disputas futebolísticas, traz consigo uma série de outros eventos, rituais e práticas de consumo. Desde 1930 esse megaevento esportivo capta atenções a nível planetário e, a cada edição, isso se torna mais intenso, graças ao mundo contemporâneo midiaticizado, no qual uma atividade como essa é transmitido em diversas plataformas, especialmente as digitais.

O Mundial de Futebol explicita o fato de que esse esporte não é mais apenas esporte, mas um sistema cultural, no sentido dado por Iúri Lotman (1996), que gera linguagens, textos, produtos, estratégias comunicativas e muitas outras questões da ordem da cultura humana. Neste sistema, o futebol interage nas fronteiras com outros sistemas, tais como o consumo e o entretenimento, gerando produtos híbridos, caso do álbum de figurinhas da Copa do Mundo da Editora Panini, que alia estratégias de comunicação, esporte e colecionismo, gerando uma linguagem complexa e híbrida entre tantos sistemas.

O foco desta comunicação é o fenômeno daquilo que podemos chamar de “jogo dentro do jogo”: a tradição do álbum de figurinhas da Copa, produto comercial exclusivo da editora italiana Panini há quase cinco décadas, que configura o jogo de colecionar dentro dos jogos de futebol do Mundial da FIFA, possibilitando que se jogue o jogo de completar o álbum antes do objeto cultural que o originou, a competição esportiva.

Desde o Mundial de Futebol de 1970, o álbum de cromos é lançado sempre antes do megaevento, sendo um momento, em geral, muito aguardado tanto pelos fãs do futebol quanto pelos fãs da Copa do Mundo. O álbum, veículo de consumo midiaticizado e espetacular, afeta todo tipo de público, até mesmo aqueles que não ligam nem para o futebol e nem para o evento, mas que querem estar inseridos no acontecimento midiático do momento – no caso, a Copa.

Naquele que podemos chamar de “ciclo Copa” – período que engloba a preparação do país-sede do evento, as notícias sobre a convocação das seleções e a realização da competição em si –, um dos fatores que gera expectativa nos fãs é o começo da venda do álbum e da circulação das figurinhas que representam jogadores, equipes, escudos e estádios. O jogo já começa nesta expectativa: será que as seleções publicadas serão as escaladas para o mundial?



**Fig. 1:** Capa do álbum da Copa do Mundo de 2018.

Um dos componentes interessantes deste processo é que, a princípio, o álbum deveria funcionar como guia para o torcedor na Copa, mostrando a composição das seleções, tabela dos jogos e informações sobre os estádios. Quanto aos dois últimos itens, que são fixos e definidos com antecedência, o objeto cumpre seu papel. Mas a questão dos jogadores é mais complicada: como o produto é lançado cerca de três meses antes do início da competição, a produção do material é realizada antes da convocação daqueles atletas que, de fato, disputarão o evento por cada seleção.



**Fig. 2:** Kit vendido durante a Copa do Mundo com atualização de figurinhas.

Deste modo, o álbum alimenta as especulações da mídia esportiva e dos fãs sobre quem serão os selecionáveis que estarão na competição, gerando polêmicas e repercussões quando as convocações de fato acontecem. Na edição de 2018, a Panini lançou uma atualização durante o evento, visando corrigir as falhas, ou seja, colocar os

jogadores certos nas seleções.<sup>1</sup> Por isso, justamente, a expressão “jogo dentro do jogo” como objeto de pesquisa: completar o álbum é um jogo e fazer as previsões dos jogadores convocados por cada país, outro jogo.

Mas de que jogo falamos? Seguimos, nesta pesquisa, os estudos sobre jogos de Huizinga<sup>2</sup> e Roger Caillois,<sup>3</sup> ambos pensadores que buscaram na filosofia reflexão sobre o papel central do jogo na cultura.<sup>4</sup> O primeiro chega ao ponto de dizer que essas atividades lúdicas apresentam “uma função significativa”.<sup>5</sup>

Campos (2014) comenta que

Entender a natureza do jogo no esporte é fundamental para entender a própria comunicação do mundo esportivo enquanto manifestação cultural, pois como Huizinga comenta, na prática esportiva do alto rendimento, ‘o velho fator lúdico sofreu uma atrofia quase completa’ (Huizinga, *ibidem*, p.220), rompendo com o descompromisso e com a falta de obrigação de produzir algo que há no lúdico. E essa atrofia, que passa pelo esporte profissional, terá nos megaeventos esportivos um novo momento.<sup>6</sup>

É a partir dos megaeventos que o jogo enquanto texto da cultura irá se expandir para fora do território esportivo, construindo vinculações com o entretenimento e com o consumo. Afinal o álbum é sucesso de público e é bastante midiaticizado, atraindo para a cultura esportiva do futebol o colecionismo inerente a outros universos. No jogo do álbum, o colecionador conquista seu “troféu” ao completar o álbum, independentemente dos resultados esportivos. Assim, não importa se a seleção do fã for desclassificada – um fracasso para o jogo como esporte –, pois ainda assim haverá uma satisfação com a realização pessoal de completar o livro.

Dentro da referida expansão para o universo do entretenimento e do consumo, na edição 2018 foram incorporadas alterações em relação à edição anterior da Copa de 2014, como a seção “Legends”, que aumentou a quantidade de figurinhas metalizadas, talvez o maior “objeto de desejo” da edição de 2018.<sup>7</sup> Foram alterados também os modos de interação do público com o material da Panini, com a criação do aplicativo

<sup>1</sup> Mesmo assim, as falhas continuam: o lateral-direito campeão pela França, Benjamin Pavard, foi eleito o autor do gol mais bonito na Copa, na partida das oitavas de final entre França e Argentina, mas a figurinha dele não consta do álbum original e nem da atualização vendida separadamente.

<sup>2</sup> HUIZINGA. *Homo Ludens*, 1996.

<sup>3</sup> CAILLOIS. *Los juegos y los hombres*, 1986.

<sup>4</sup> CAMPOS. *A economia das imagens do esporte*, p. 31-68.

<sup>5</sup> HUIZINGA. *Homo Ludens*, p. 4.

<sup>6</sup> CAMPOS. *A economia das imagens do esporte*, p. 33-34.

<sup>7</sup> In: <http://bit.ly/2Fj9YZA>.

para acompanhamento da compra e troca dos cromos e o álbum virtual, diretamente relacionado ao físico por meio do QR Code de cada pacote de figurinhas.

As alterações do produto e das interações dele com os compradores são parte da análise aqui proposta. Por se tratar de um objeto cultural que alinha o futebol, símbolo do Brasil, ao colecionismo e ao modo de organização e de gestão dos megaeventos, o objeto se mostra rico e interessante para os estudos da comunicação e da cultura.



**Fig. 3:** Figurinhas lendárias, novidade criada para a Copa do Mundo de 2018.

Partimos neste estudo da semiótica da cultura russa, a partir de Lotman (1999), que estuda os textos resultantes dos sistemas da cultura, como o futebol, e as linguagens decorrentes deste processo. Tal fenômeno pode ser exemplificado na representação midiática do álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 2018, mostrando como o sistema cultural futebol é capaz de criar novos textos da cultura além do esporte em si. Opta-se aqui pela observação dos processos comunicativos e de construção de imagens do megaevento esportivo referido no álbum de figurinhas e, por esta razão, não foram realizadas entrevistas com colecionadores, mas sim observados os mecanismos de mediação cultural estabelecidas pelo álbum como texto do sistema cultura futebol.

### **O FUTEBOL COMO SISTEMA DA CULTURA**

Para a abordagem da semiótica, o futebol é um sistema no qual os componentes culturais interagem e nele predomina a tendência de modelos que são interdependentes

a ponto de serem tomados como comportamento para a ação.<sup>8</sup> Ou seja, dentro de um sistema com diversas fontes de atuação comunicacional, no futebol se destaca o padrão do esporte, que é modelizado por outros sistemas no processo de troca – caso da transmissão esportiva e dos produtos derivados do futebol, como o álbum de figurinhas, dentre muitos outros exemplos. Assim, a estruturação de seus códigos componentes – o próprio jogo, os atletas, a bola, os uniformes, os estádios, as tabelas, dentre outros – gera linguagens do sistema que são representadas na cultura por meio de textos, terminologia que pode ser equiparada ao conceito de signos na semiótica de Charles Sanders Peirce. Cada figurinha do álbum da Copa é um texto da cultura, assim como o próprio conjunto, o álbum, o é, em maior complexidade, sendo que todos esses textos são modelizados pela linguagem do colecionismo, do futebol e do megaevento.

Outra questão importante é lembrar, segundo Noth,<sup>9</sup> que “no conceito de sistema está implicada a ideia de elementos que formam um todo ordenado e as relações entre esses elementos constituem a estrutura do sistema”. É justamente nesta relação entre os códigos, onde as linguagens são criadas e estruturadas, que precisamos colocar o funcionamento da modelização. Machado lembra que esse conceito foi forjado no campo da cibernética, designando a auto-organização das máquinas sem a qual não se processa a comunicação. “O campo da cultura passa a designar processos de regulação de comportamento de signos para constituir sistemas”. Diante disso entende-se que a palavra ‘modelização’ deve ser entendida aqui como “um programa para análise e constituição de arranjos”.<sup>10</sup>

Entendemos que o futebol utiliza os códigos do jogo para estruturar a linguagem do seu sistema. Tal codificação abre a oportunidade para explosões culturais que geram novas estratégias de comunicação advindas destas linguagens, assim como a criação de textos da cultura que se ressignificam continuamente, transformando-se em novos textos dentro do mesmo sistema. No futebol, o álbum de figurinhas pode ser a evocação inicial de um colecionismo até certo ponto ingênuo, baseado no companheirismo e em acordos entre amigos, mas que hoje pode movimentar transações comerciais, como, por exemplo, as figurinhas metálicas que se destacaram no álbum da Copa da Rússia de 2018.

Importante colocar que este tipo de ação, valorização de itens raros, faz parte do universo do colecionismo, bastante exemplificado pelas coleções filatélicas. Afinal,

<sup>8</sup> MACHADO. *Escola de semiótica*, p. 31.

<sup>9</sup> NOTH. *Handbook of semiotics*, p. 198.

<sup>10</sup> MACHADO. *Escola de semiótica*, p. 29.

quanto mais um item é desejado por colecionadores, mais alto o valor de venda dele, tornando o objeto, em geral, caro e raro, ressignificando o valor simbólico a ele atribuído na cultura. Não é raro encontrar em mercados virtuais a venda de álbuns de antigos mundiais ou mesmo figurinhas de jogadores memoráveis a preços fora do padrão de mercado.

Tais processos de ressignificação fazem com que novos textos sejam tecidos pelos sistemas, justamente nos momentos de explosão da cultura – conceito discutido por Lotman<sup>11</sup> em obra de mesmo nome e que se relaciona ao espaço semiótico<sup>12</sup> formado pelos fragmentos de estruturas variadas, que conservam sua memória inicial mas, quando em choque uns com os outros, acabam por se configurar em novos textos.

No futebol, tal explosão se dá após movimentos de avanço, como aqueles de negociações milionárias de jogadores, quando os valores se tornam cada vez mais estratosféricos<sup>13</sup> ou, ainda, quando uma regra tradicional sofre alteração, criando transformações que podem alterar o modo de funcionamento daquele mesmo jogo. Um exemplo é a utilização do VAR<sup>14</sup> pela FIFA a partir da Copa de 2018. Conferir lances polêmicos dos jogos com o uso do vídeo, que permite rever exaustivamente a jogada em dúvida, era algo solicitado por muitos e execrado por outros tantos. O uso oficial do VAR na Copa da Rússia já levou a discussões sobre como a ferramenta pode alterar o comportamento dos jogadores e o próprio modo de se jogar futebol. É justamente no momento da explosão que as trocas culturais ocorrem e que novos signos surgem, e tais trocas costumam ocorrer nos pontos de fronteira.

Para Lotman, nos mecanismos da cultura o conceito de fronteira no espaço semiótico é definido como uma “importantíssima posição funcional e estrutural que determina o mecanismo semiótico de dado sistema”.<sup>15</sup> É na fronteira, espaço de troca entre os sistemas da cultura, que novos textos surgem – caso do jogo modificado pelo árbitro de vídeo e do álbum de figurinhas, que vai sendo moldado e adequado ao novo

<sup>11</sup> LOTMAN. *Cultura y explosión*, 1999.

<sup>12</sup> Consideramos espaço semiótico como aquele onde ocorre o processo de semiose, ou seja, o processo de significação e a produção de significados, ou seja, a maneira como os seres humanos usam um signo, seu conteúdo e sua significação (MACHADO, 2003).

<sup>13</sup> O jogador brasileiro Neymar Júnior foi comprado pelo time francês Paris Saint Germain em agosto de 2017 pelo valor recorde de € 220 milhões, cerca de R\$821 milhões pelo câmbio daquela época, sendo a transação mais cara já realizada no futebol mundial.

<sup>14</sup> Sigla em inglês de *Video Assistant Referee* ou árbitro assistente de vídeo.

<sup>15</sup> LOTMAN. *La semiosfera I*, p. 196. (Nossa tradução).



futebol. Tanto um quanto o outro precisam de inovações constantes para conseguirem se manter no “jogo” do consumo fugaz e rápido da contemporaneidade.

### ÁLBUM DE FIGURINHAS: TEXTO CULTURAL EM EVOLUÇÃO

O álbum da Copa de 2018 conta com 682 figurinhas, sendo 50 metalizadas e 652 correspondem ao essencial do jogo: as fotos dos jogadores e estádios. Já, as 50 metalizadas correspondem aos escudos das seleções, troféu da Copa do Mundo, logotipo da FIFA e mascote da Copa. A novidade de 2018 foi a seção “Legends”, localizada ao final do álbum, com imagens de todas as seleções vencedoras do torneio por ordem de quantidade de títulos.<sup>16</sup> Figuram ali também a imagem de Pelé, como o jogador com o maior número de vitórias, três, e Miroslav Klose, como maior goleador, com 16 gols marcados entre as Copas de 2002 a 2014.

A seção “Legends” aumentou em dez figurinhas o número de cromos metálicos totais em relação ao álbum anterior, e estes cromos acabaram se tornando, de acordo com a mídia, a maior dificuldade dos colecionadores. Reportagem do *HuffPost* intitulada “Brilhantes que valem ouro: Figurinhas da Copa 2018 chegam a custar R\$ 7,00 no mercado ‘paralelo’”<sup>17</sup> mostra justamente essa questão da raridade das figurinhas, explicando porque alguns cromos inflacionaram o mercado de vendas entre colecionadores profissionais e amadores. Há casos citados neste mesmo texto de colecionadores que trocaram duas figurinhas brilhantes por 50 cromos dos jogadores.

É neste tipo de ação, típico do universo do colecionismo, que o álbum da Copa vai se configurando como jogo que movimenta outras esferas da cultura e do consumo. Um exemplo é o de locais não ligados originalmente ao ato de colecionar, tais como shoppings centers, serem levados a criar espaços para troca de figurinhas, incorporando práticas que são do jogo de colecionar e não do jogo futebol. Nas sociedades filatéticas, por exemplo, existem locais específicos e consagrados para trocas, reuniões e comercialização de itens de coleção, como os selos, condição que não se aplica originalmente para o álbum da Copa da Panini, por se tratar de objeto da cultura com

<sup>16</sup> Brasil com cinco títulos; Itália e Alemanha, quatro; Uruguai e Argentina, dois; Inglaterra, Espanha e França com um cada – na próxima edição a França passará para a categoria anterior, caso a seção seja mantida.

<sup>17</sup> In: <http://bit.ly/2TGyQi5>.

período de duração comercial fugaz, mas que ganha alto poder de exposição midiática no contexto do jogo comercial e global do megaevento esportivo.



**Fig. 4:** Figurinhas “normais” e brilhantes: hierarquização de valor de troca e venda.

O cenário das figurinhas da Copa FIFA 2018 mostra a potência desse texto da cultura como elemento de explosão, ou seja, de intensa transformação. Assim é também porque qualquer texto precisa ser codificado (estruturado) duas vezes – pela língua natural e pela interação com outros sistemas, por exemplo – para que assim seja considerado:

O conceito de texto foi objeto de uma grande transformação. Os conceitos iniciais anulavam a natureza serial do texto, e também a unidade indivisível de suas funções dentro de um certo contexto cultural, ou qualquer outra qualidade que era pressuposta como implícita ao texto em um enunciado em qualquer língua. A primeira ideia deste conceito já se mostra logo generalista quando se examina o conceito de texto dentro da semiótica da cultura. Descobriu-se que, para uma dada mensagem ser definida como texto, ela deve estar codificada ao menos duas vezes. Assim, por exemplo, uma mensagem definida como lei se distingue da descrição de certo caso criminal porque pertence tanto ao sistema da língua natural na qual é escrita quanto aos sistemas da linguagem jurídica, constituindo no primeiro caso uma cadeia de signos com diversos significados e, no segundo, um signo complexo com um só significado.<sup>18</sup>

O álbum de figurinhas da Copa do Mundo 2018 foi traduzido para cada língua na qual foi lançado, embora o *layout* e a configuração do produto sejam quase padronizados, sofrendo poucas alterações de um lugar para o outro, pelas particularidades de interação com os textos da cultura do sistema futebol em cada país. Na reportagem “Brasil é o país que mais consome figurinhas do álbum da Copa da

<sup>18</sup> LOTMAN. *La semiosfera I*, p. 78. (Nossa tradução).

Rússia”,<sup>19</sup> do jornal *O Estado de S. Paulo*, a Panini afirma não divulgar números da operação, mas representantes da Panini afirmam que o consumo de cromos no Brasil é o dobro do montante consumido na Alemanha, segundo colocada no mercado de figurinhas da Copa do Mundo, sendo que foram feitas 92 edições em todo o mundo. Esse resultado coaduna com o fato de o Brasil ter a fama de ser o “país do futebol” e os brasileiros, para externarem essa paixão, fazem do mercado nacional o primeiro lugar no *ranking* de maiores consumidores do álbum, contribuindo para a dinâmica já antevista do jogo dentro do jogo.

Dentro do sistema cultural futebol existe a troca de fronteira com a linguagem dos megaeventos, estruturada em codificações de marketing e midiaticização, por exemplo. Tal mecanismo obriga o álbum da Copa a ser cada vez mais espetacular e grandioso, criando um processo de ressignificação em importância para um público jovem e atento ao digital. Cabe analisar tanto a troca no espaço de fronteira do produto álbum da Copa com esse tipo de evento quanto com o próprio conceito de jogo, lembrando que completar todas as figurinhas, por mais difícil que seja, constitui um jogo que fascina os colecionadores, cria acordos comerciais e espaços novos, criando explosões e ressignificações culturais.

## OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NA CULTURA DO FUTEBOL

É a partir de Debord que inserimos nesta reflexão a teoria dos megaeventos esportivos.<sup>20</sup> Se o “o espetáculo é uma relação social mediada por imagens”,<sup>21</sup> temos no contexto de atividades como a Copa do Mundo FIFA, os Jogos Olímpicos e algumas outras poucas atividades majoritárias que se impõem na indústria do entretenimento um exemplo cabal dessa ideia de que os espetáculos não são a representação dos acontecimentos de modo grandioso como costuma afirmar o senso comum, mas sim uma relação de mediação entre os acontecimentos e o mundo, transformando o comportamento humano mediante tais relações.

<sup>19</sup> <http://bit.ly/2VyrJtL>.

<sup>20</sup> DEBORD. *Sociedade do espetáculo*, p. 14.

<sup>21</sup> Considerando o conceito da Tese 4 de Guy Debord em *Sociedade do espetáculo* (1997) de que o espetáculo é uma relação social mediada por imagens. Assim, o espetáculo se dá pela criação de imagens cada vez mais intrincadas em si, fazendo as pessoas mudarem laços sociais por causa delas, como o caso das figurinhas metalizadas citado anteriormente.

Nos últimos anos vários teóricos debruçaram-se sobre a teoria dos megaeventos esportivos. Entre vários deles há a percepção que essas atividades envolvem grandes impactos econômicos, políticos e sociais,<sup>22</sup> além de ter grande poder de agendamento midiático, quando fatos extraordinários (como exemplo, um Mundial de Futebol) ganham espaço e tempo extras na cobertura dos veículos de mídia. Contudo, Maurice Roche<sup>23</sup> é quem vai destacar o fato de que os megaeventos são atividades midiáticas, de grande poder de vinculação em escala planetária. Assim, podemos dizer que

um megaevento pressupõe a existência de uma estrutura de tecnologia da informação e da comunicação (TIC) para que se realize. (...) Além disso, a construção de um ambiente midiático para que a comunidade global exista e assista ao espetáculo esportivo acaba proporcionando mídia para agentes do esporte e também para agentes terceiros que enxergamos esporte como excelente forma de levar suas mensagens ao público-final, o telespectador dos megaeventos. Tanto do ponto de vista infraestrutural quanto do conteúdo veiculado, os megaeventos são midiáticos já na sua constituição e as TICs são fundamentais para que eles ocorram.<sup>24</sup>

Contudo, os megaeventos se constituem como sistemas modelizantes que geram novos textos da cultura, dentro da codificação que os estrutura, a midiatização do esporte. Assim, a questão central dessa atividade estruturante é o jogo simbólico que acontece nela: a linguagem central dos megaeventos não é a do esporte, mas sim a das imagens do esporte.<sup>25</sup> Sabendo-se que uma Copa do Mundo como a da Rússia 2018, por exemplo, cria um ambiente midiático que envolve muito mais pessoas do que aquelas que estiverem efetivamente nos locais oficiais de competição, o que se percebe é exatamente a construção de relações mediadas por imagens em essência.

Falar de megaeventos esportivos, do ponto de vista comunicacional, é falar das trocas econômico-simbólicas entre os esportes e toda a gama de agentes envolvidos no seu universo de constituição. É também falar de uma atividade supra-esportiva que, economicamente, acumula e gasta recursos relacionados ao mundo da prática desportiva profissional. Assim, todos os agentes e suas ações, inseridos nesse contexto, transformam-se em bens valoráveis e intercambiáveis em uma estratégia que tem como fim último a eficiência do megaevento em se tornar cada vez maior, midiática e economicamente falando.<sup>26</sup>

<sup>22</sup> CAMPOS. *A economia das imagens do esporte*, p. 133-144.

<sup>23</sup> ROCHE. *Mega-events and Modernity*, 2000.

<sup>24</sup> CAMPOS. *A economia das imagens do esporte*, p. 141.

<sup>25</sup> CAMPOS. *A economia das imagens do esporte*, 2014a.

<sup>26</sup> CAMPOS. A Copa do Mundo como megaevento esportivo: afinal do que estamos falando? Uma abordagem comunicacional sobre a maior festa do futebol, p. 311-312.

Sendo então o megaevento um aparelho, no sentido dado por Flusser,<sup>27</sup> vemos que esse megaevento subordina o público e não o contrário, como seria de se esperar. A cada edição da Copa, novas regras e restrições surgem e o público precisa se adaptar a elas. Na condição de aparelho flusseriano, joga-se o jogo do megaevento futebolístico, assim como se joga o jogo do álbum, tornando o ato de colecionar uma atividade à mercê dos interesses comerciais da editora, que muda o jogo a cada edição da Copa do Mundo.

Ainda no conceito de aparelho, as pessoas vinculadas ao megaevento atuam como funcionárias dele, retroalimentando o sistema nas suas várias frentes de atuação: sejam jogadores, técnicos, torcedores nos estádios, telespectadores espalhados ao redor do mundo e, já que falamos de imagens, empresas e suas marcas estrategicamente inseridas nessas construções imagéticas, inclusive no álbum da editora Panini. Em comum entre elas está o futebol, mas não aquele que é corpo em movimento e que está sendo testado nos limites das regras desse esporte: o que une todos esses agentes-funcionários do megaevento esportivo é a relação estabelecida por imagens a partir de um megaevento esportivo altamente midiaticizado.

A Copa não dura apenas o mês em que o megaevento ocorre, mas, principalmente, o espaço de tempo entre uma edição e outra, no qual se insere a espera pelo álbum de figurinhas. Esta movimentação de jogo contínuo jogado em esferas comerciais, culturais, políticas, econômicas e do entretenimento, é possível pela retroalimentação do sistema, realizada pelos agentes que compõem a estrutura, por meio das imagens geradas e ou mediadas por eles: ora construindo o agendamento e a espera para a chegada das competições do megaevento; ora pertencendo ao megaevento durante a sua realização; ora partindo de imagens do megaevento realizado, projetando-as para o que está por vir.

Por isso, percebemos que a natureza do megaevento esportivo é converter a finitude e escassez do futebol, pois se trata de uma competição com começo, meio e fim demarcados e que é projetada em um novo jogo que não se esgota e que pode durar permanentemente no território das imagens – caso da coleção de figuras, que se mantém como um dos registros históricos do evento. Isso ocorre na fronteira entre o esporte e o

---

<sup>27</sup> FLUSSER. *Filosofia da caixa preta*, 1985.

espetáculo, gerando o megaevento esportivo, que para realizar seu propósito “precisa expandir-se para as fronteiras do tempo e do espaço do esporte regular”.<sup>28</sup>

Se já explicitamos que os megaeventos estabelecem um ambiente midiático para trocas esportivas por meio de imagens, podemos inferir que os álbuns de figurinhas são, neste contexto, um texto da cultura a serviço dessa estratégia. Explicando o sucesso comercial dessa ação, os álbuns são, em essência, um jogo de manipular imagens, tal como a maioria dos objetos da mídia, que buscam criar vinculação com universos maiores – neste caso, com a realização da Copa do Mundo.

No conjunto, todos esses fatores contribuem para ver os megaeventos como mais que meros fatos noticiosos da pauta jornalística. Ou, ainda, se quisermos olhar por outro conceito tradicional: eles são mais que meros “agendadores” da pauta social. O que eles fazem é a midiaticização do esporte, disseminando as imagens do esporte para ambientes muito além do espaço tradicional das disputas esportivas – e gerando, assim, os ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos.<sup>29</sup>

No jogo dos megaeventos esportivos, o álbum de figurinhas configura-se então como uma estratégia de vinculação por imagens pré-evento esportivo, pois funciona como um convite para pertencer ao ambiente dessa competição ainda muito antes da realização dela. Contudo, ainda contribui para o sucesso do megaevento o fato de, num processo inverso, no jogo da manipulação (por aquisição e/ou troca) de imagens (figurinhas), o jogador constrói algo: o álbum. E com isso, ele materializa para si um “troféu”, “um certificado de pertencimento ao esse clube”, que é o grupo de quem tem o álbum completo.

O jogo torna-se ainda mais competitivo e, portanto, mais espetacular, pois é possível disputar para completar o álbum primeiro, o que já seria comum na esfera do colecionismo, mas há a espera para saber se as figurinhas realmente contemplarão as seleções, quais cromos serão realmente os mais difíceis de conseguir, se os jogadores de destaque do álbum serão, de fato, os melhores do evento. Assim, o colecionador se transforma em funcionário do aparelho, tal como mostrado por Flusser, pois ele se sente um jogador, mas que faz parte do jogo, traduzindo um status imagético que retroalimenta o espetáculo dos megaeventos esportivos.

<sup>28</sup> CAMPOS. A Copa do Mundo como megaevento esportivo: afinal do que estamos falando?, p. 312.

<sup>29</sup> CAMPOS. A Copa do Mundo como megaevento esportivo: afinal do que estamos falando?, p. 320-321.

## LINGUAGEM DO JOGO: ÁLBUM E ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

Sendo o megaevento um sistema que compõe a semiosfera do futebol e, portanto, do esporte, a linguagem por ele gerada em objetos como o álbum de figurinhas configura um tipo de estratégia de comunicação associada à disputa pelo prêmio de quem venceu o desafio de ter todas as figurinhas – por mais difícil que seja, como em qualquer jogo de colecionismo.

Por isso nos referimos ao álbum como o “jogo dentro do jogo”, aquele em que se joga a partir das regras de um sistema cultural com linguagem muito bem definida – o futebol –, mas que adquire vida própria criando outras estratégias próprias e novos textos culturais. Assim, a partir da necessidade do jogador que comprou o livro de completar as figurinhas, há uma série de estratégias que surgiram e foram sendo complexificadas para satisfazer esse jogo cada vez mais exigente.

A troca de cromos sempre existiu, especialmente como brincadeira de criança. O jogo do bafo, quando se batem as figurinhas com as mãos e aquelas que viram para cima passam a pertencer àquele que bateu, configura um jogo derivado desse grande jogo que é comprar o pacote de cromos e torcer para ter a sorte de conseguir não repetidos. No caso do livro da Copa, há o jogo de se enfrentar dificuldades que parecem cada vez mais complexas.

Lotman coloca a questão do desenvolvimento e complexidade dos textos da cultura em “Sobre o problema da tipologia da cultura”, artigo da coletânea *Semiótica Russa*:

Todo o material da história da cultura pode ser examinado sob o ponto de vista de uma determinada informação de conteúdo e sob o ponto de vista do sistema de códigos sociais, os quais permitem expressar esta informação por meio de determinados signos e torná-la patrimônio desta ou aquelas coletividades humanas.<sup>30</sup>

A troca de figurinhas é um patrimônio dessa tradição do colecionismo, que vai se tornando expressão de coletividades inerentes ao contemporâneo. Hoje opera a intensa mediatização dos produtos da cultura, assim como o consumo exacerbado e as estratégias comunicativas de estímulo a essa realidade; o ato de completar precisa ser rápido, para fazer jus a um universo contemporâneo acelerado, estruturado pelo hiperconsumo. Lipovetsky aborda a questão, discutindo que buscamos hoje consumir tudo,

---

<sup>30</sup> LOTMAN. Sobre o problema da tipologia da cultura, p. 32.

especialmente aquilo que nos torne especiais.<sup>31</sup> Completar o álbum rápido é ser diferente, num cenário em que muitos fazem a coleção de figurinhas. Assim, quando todos querem ser diferentes acabam consumindo do mesmo modo e se tornando iguais a todos.

Abandonando o jogo inerente àquilo que podemos chamar de brincadeira, na Copa de 2018 intensificou-se a venda direta de cromos faltantes para os interessados. A negociação direta com a editora, quando se chega ao ponto da troca em que não se consegue ou não se quer mais batalhar por algumas figurinhas difíceis, é praxe desta prática, mas que se intensificou nesta última edição, com o surgimento da venda de cromos individuais tanto na internet quanto em pontos de venda físicos. Com preços sempre mais elevados do que o valor de R\$ 0,688 que cada figurinha custava na Panini.<sup>32</sup>

Nessa linguagem do jogo dentro do álbum, o aparecimento de espaços próprios para troca de figurinhas, configurados não pelo interesse dos colecionadores, mas sim como fatores de atração criados pelos espaços de consumo, shoppings principalmente, mostram as estratégias de ludicização contínua do nosso cotidiano. Em troca com outro sistema cultural, o da publicidade, o futebol e o álbum geram novos textos culturais, que são as estratégias de publicização que tomam a Copa do Mundo emprestada e podem gerar ganhos comerciais e simbólicos para os estabelecimentos comerciais.

Estar atento ao desejo dos clientes de trocar figurinhas configura um grande apelo emocional, o que Lipovetsky e Serroy chamam de “advento de mercadorias mais impregnadas de dimensões simbólicas, de significados imaginários multiplicados; elas são menos um sinal de déficit de sentidos do que início da ludicização e da estetização do discurso comercial”.<sup>33</sup> Usando a brincadeira de troca de figurinhas, os shoppings atraíram o público para frequentar os espaços, gerando publicidade a custo baixo e expondo a sintonia das marcas com os desejos mais intensos dos fãs do megaevento ou, mesmo, com aqueles que apenas desejam estar inseridos no assunto do momento, aquele mais pautado pela mídia.

Outro destaque é a adequação da linguagem do jogo ao universo digital, com a criação dos aplicativos Panini para acompanhar o preenchimento do álbum e da versão virtual do livro. O aplicativo permite ao colecionador saber quais cromos ele já possui e

<sup>31</sup> LIPOVETSKY. *A felicidade paradoxal*, 2006.

<sup>32</sup> Pacotes com três cromos vendidos a R\$ 2,00 na última edição – São Paulo: Cia das Letras, 2007.

<sup>33</sup> LIPOVETSKY; SERROY. *A estetização do mundo*, p. 179.



quais precisa adquirir e/ou trocar. Em plataforma simples, a interface funciona como um ponto de controle.



**Fig. 5:** Exemplo de espaço criado em centros comerciais e culturais para troca (e venda) de figurinhas entre fãs no Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, em São Paulo.

Assim que o aplicativo do álbum virtual é baixado, se começa com cinco figurinhas e cinco novos pacotinhos são obtidos de tempos em tempos. Se o consumidor se cadastrar no site da Panini, ganha mais pacotes, e digitalizando o QR Code de cada pacote de figurinhas físicas, elas passam a fazer parte da versão virtual.

O álbum virtual se mostra como possível aposta no futuro do formato de álbum de figurinhas, criando novas possibilidades de se jogar dentro do jogo, quando o colecionador pode expor telas de seu progresso na aquisição de figurinhas nas redes sociais, por exemplo. Surgiria assim, uma nova faceta do jogo online, que pode derivar até para plataformas de videogames, por exemplo, em movimento a ser observado na próxima edição da Copa do Mundo.

Considerando que as fronteiras entre real e virtual são cada vez mais inexistentes, a troca de informações nessas fronteiras é intensa e constante, levando às explosões culturais contínuas. Naquele que Sodré chama de quarto bios, o biosmidiático,<sup>34</sup> a mídia se incorpora à vida dos indivíduos de modo vital, fazendo parte do fluxo do cotidiano. Tal é o caso que já dava sinais nas trocas de informações nos grupos de Orkut dos álbuns das Copas de 2006 e 2010, páginas de Facebook, em 2010 e 2014, e, no caso em estudo aqui, em 2018, com o WhatsApp, Facebook e Instagram, principalmente, além das possibilidades de interação digital como o álbum virtual.

<sup>34</sup> SODRÉ. *Antropológica do espelho*, 2002.

No contexto do biosmidático, a mídia não é objeto parte da vida, responsável por representar o cotidiano, mas a própria vida em si. Viver pelas telas dos celulares ou mesmo pelo aplicativo de troca de figurinhas ou pelas redes sociais onde se negocia a aquisição de objetos de coleção, além de acompanhar as movimentações de todos os colecionadores, é viver intensamente a vida pelo espetáculo, quando parece importar igual ou até mais a exposição nas redes das figurinhas que a aquisição delas. Essa visibilidade, que já observamos em outros cenários do consumo e entretenimento, como gastronomia e shows, também se mostra em passos acelerados no colecionismo.

Assim, comprar a figurinha física que incorpora o livro online, descobrir pelas redes sociais onde serão os eventos de troca ou mesmo fazer um *post* de apelo por ajuda para terminar o álbum configura uma constância cultural ressignificada no biosmidático que não apresenta mais distinções de suporte. Esse cenário, que ilustra uma faceta do contemporâneo, ilumina também detalhes da relação do futebol na grandiosidade multifacetada dos megaeventos esportivos.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na vida que se estrutura e transcorre dentro e na cultura biosmidática, as alterações observadas na edição de 2018 do álbum de figurinhas intensificam o sucesso deste texto da cultura, que opera como instrumento de vinculação aos megaeventos. Ao comprar o álbum e entrar neste jogo, os consumidores passam a pertencer também ao jogo do megaevento Copa do Mundo, construindo um vínculo intenso, que gera vários outros tipos de interação e participação nas estruturas do jogar esse jogo, por meio de imagens.

O objetivo costuma ser o de completar o álbum, período durante o qual se faz de tudo para terminá-lo: trocando, comprando, procurando figurinhas – o que, por sinal, é um fim para qualquer objeto do colecionismo. No caso da coleção de figurinhas ligada a um dos maiores eventos esportivos do mundo, a ansiedade para completar o álbum tem data: o período de realização da Copa, ao contrário de outras coleções, que não necessariamente precisam de um período de tempo determinado. Completar o álbum depois da competição faz com que a magia se perca, colocando este tipo de coleção num espaço tempo muito particular e tornando o processo de comunicação do fenômeno absolutamente particular e interessante para os estudos da área.

Precisamos ponderar que há outro fenômeno a observar: alguns anos depois da ocorrência do megaevento, o álbum completo pode voltar a ter valor, tanto simbólico quanto comercial, sendo negociado como objeto histórico. Mas o fenômeno cultural mais intenso do ponto de vista da comunicação ocorre e demarca o período de realização da Copa do Mundo FIFA em que o álbum em montagem está vigente.

Quanto mais o público se interessa pelo álbum, mais as empresas também o fazem, reconfigurando a troca de figurinhas em eventos comerciais e não apenas lúdicos, e trazendo vários tipos de jogos para dentro do campo do jogo esportivo. Como patrocinar um megaevento é algo restrito a poucas e bilionárias empresas, aproveitar o tempo e o espaço da Copa do Mundo interessa e, assim, se configuram espaços comerciais de troca, tanto físicos quanto digitais. E levar tais espaços a serem vividos na fronteira entre o colecionismo tradicional, espaços de consumo e interesses dos megaeventos, tanto no suporte físico quanto digital, demonstra a explosão cultural identificada no biosmiológico que reconfigura mídia e vida muitas vezes, em sinônimos absolutos.

Concluimos ainda que, para manter o interesse do público a cada nova edição do álbum, é fundamental criar novas estratégias de vinculação ao megaevento, deixando o livro cada vez mais grandioso e jogando, assim, novos jogos de vinculação comunicacional com os públicos de interesse. Daí advém a seção “Legends” e, principalmente, o número aumentado de figurinhas brilhantes, que conduziram a busca pelas figurinhas a um estágio mais complicado, desempenhado em outras edições do álbum por cromos de jogadores famosos, por exemplo. Outra inovação é o álbum virtual, que acreditamos ter potencial de crescimento para a Copa do Qatar em 2022, além da atualização de figurinhas, que ganhou destaque comercial e midiático nesta edição.

Por fim, identificamos, no sistema cultural do futebol, o álbum de figurinhas da Panini como texto que não é novo, mas que vem sendo afetado pelos novos jogos midiáticos e comerciais jogados na fronteira entre o que há de mais ritualístico e tradicional com o que há de mais secular e mercantil no desporto. Metonimicamente, o álbum da Copa do Mundo da Rússia de 2018 comunica a natureza do próprio megaevento que cada vez mais converge o esporte com produção e manipulação da imagem, sendo cada vez maior o peso do jogo do espetáculo nessa composição.

## Referências

- CAILLOIS, Roger. **Los juegos y los hombres** – la máscara y el vértigo. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- CAMPOS, Anderson Gurgel. **A economia das imagens do esporte – produção, reprodução e valorização de bens imagéticos nos ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 2014a.
- CAMPOS, Anderson Gurgel. A Copa do Mundo como megaevento esportivo: afinal do que estamos falando? Uma abordagem comunicacional sobre a maior festa do futebol. In: \_\_\_\_\_. **Comunicação e esporte: Copa do Mundo de 2014**. E-book. São Paulo: Intercom, 2014b.
- DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1997.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta** – ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens** – o jogo como elemento da cultura. 4ª. Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal** – ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- LOTMAN, Iúri. **Cultura y explosión**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Madrid: Gedisa Editorial, 1999.
- LOTMAN, Iúri. **La semiosfera I** – semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Editora Cátedra, 1996.
- LOTMAN, Iúri. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Bóris. **Semiótica Russa**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- MACHADO, Irene. **Escola de semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- NOTH, Winfried. **Handbook of Semiotics**. Indiana: University Press, 1995.
- ROCHE, Maurice. **Mega-events and Modernity**: Olympics and Expos in the Ground of Global Culture. London: Routledge, 2000.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 04 ago. 2018.  
Aprovado em: 11 nov. 2018.

## A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês

The Geopolitics of Football in Transformation: the Chinese Case

**Carlos Rodrigues**

Universidade de Aveiro, Aveiro/Portugal  
Doutor em Ciências Sociais, Universidade de Aveiro  
cjose@ua.pt

**Emanuel Leite Jr.**

Universidade de Aveiro, Aveiro/Portugal  
Doutorando em Políticas Públicas, Universidade de Aveiro

**RESUMO:** A China só esteve em uma Copa do Mundo de futebol masculino. Foi em 2002 e sua seleção perdeu os três jogos que disputou. Na 75ª posição no ranking da FIFA (junho 2018), a seleção chinesa não se classificou para a Copa do Mundo 2018. As autoridades chinesas, entretanto, querem mudar essa realidade. Para isso, em 2016 foi lançado o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)”. Dentre os objetivos, está o de sediar uma Copa. A meta final é ainda mais ambiciosa: fazer da China uma potência mundial. Para tal, o governo conta com o apoio da iniciativa privada. E desde o lançamento do ‘Plano’, os investimentos de empresas chinesas no futebol aumentaram significativamente, assim como na Copa da Rússia, em que marcas chinesas representaram 37% dos patrocinadores da competição. Este artigo objetiva analisar de que forma o ‘Plano’, como instrumento de Soft Power chinês, tem contribuído para mudar a geopolítica do futebol.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; China; Copa do Mundo; Soft Power; Geopolítica.

**ABSTRACT:** China has been only once to a men’s World Cup. It was in 2002 and the Chinese team lost all three games they played. Currently in the 75<sup>th</sup> place in FIFA’s ranking, the Chinese team did not qualify for the 2018 World Cup. Chinese authorities, however, want to change this scenario. In 2016 the Chinese government launched the “Medium and long-term football development plan (2016-2050)”. One of the goals is to host a World Cup. The ultimate goal is even more ambitious: China wants to become a world football power. To this end, the government expects the support of the private sector. And since the launch of the ‘Plan’, investments by Chinese companies in football have increased significantly. As in the World Cup in Russia, in which Chinese brands held 37% of the sponsorship deals of the competition. This paper aims to analyze how the ‘Plan’, as a Chinese’s Soft Power tool, has been contributing to change the geopolitics of football.

**KEYWORDS:** Football; China; World Cup; Soft Power; Geopolitics.

## INTRODUÇÃO

Embora tenha sido o primeiro esporte profissionalizado na China,<sup>1</sup> na esteira da reforma econômica pelo qual o país passou no início dos anos 1990 – “socialismo de mercado” –,<sup>2</sup> o futebol masculino chinês segue sendo uma decepção e por vezes motivo de vexame, como na derrota por 5 a 1 para a Tailândia, em seu próprio território, em 2013.<sup>3</sup>

Ocupando a 75<sup>a</sup> posição no ranking da Federação Internacional de Futebol (FIFA) (FIFA, 2018), a seleção chinesa não esteve presente na última edição da Copa do Mundo, disputada entre junho e julho de 2018, na Rússia. Até hoje, os chineses só participaram da Copa do Mundo uma vez. Foi em 2002, no Mundial disputado na Coreia do Sul e no Japão. Com três derrotas em três jogos, nove gols sofridos e nenhum marcado, a China se despediu cedo e de forma inglória do evento.

Os fracassos da seleção mostram como o futebol ainda não foi capaz de replicar o sucesso da estratégia olímpica do país, implementada nos anos 1980<sup>4</sup> e aprofundada nos anos 1990 e 2000, através do ‘Juguo Tizhi’ (举国体制), em mandarim, que em português significa ‘todo o país apoia o esporte de alta competição’. Este sistema canalizou o máximo de recursos possível para os esportes Olímpicos<sup>5</sup> e seu ápice ocorreu nos Jogos de Pequim, em 2008, quando a China conquistou 51 medalhas de ouro, contra 36 dos Estados Unidos.

Em 2009, Xi Jinping, na altura ainda vice-presidente, expressou o empenho do Estado chinês em desenvolver o futebol.<sup>6</sup> Agora presidente, e fã de futebol, Xi já admitiu ter “três sonhos da Copa do Mundo”: participar da Copa; sediar a Copa e

---

<sup>1</sup> HONG; ZHOUXIANG. The Professionalisation and Commercialisation of Football in China (1993–2013), 2013.

<sup>2</sup> CHEN et al. Who Provides the Capital for Chinese Growth: the Public or the Private Sector?, 2017; GONG; CORTESE. A Socialist Market Economy with Chinese Characteristics: The Accounting Annual Report of China Mobile, 2017.

<sup>3</sup> GIULIANOTTI. The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power. 2015; HONG; ZHOUXIANG. The Professionalisation and Commercialisation of Football in China (1993–2013), 2013; TAN et al. Xi Jin-Ping’s World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power, 2016.

<sup>4</sup> HONG; ZHOUXIANG. Sports and Politics in the 1980s: The Olympic Strategy, 2012a.

<sup>5</sup> HONG; ZHOUXIANG. From Barcelona to Athens (1992-2004): “Juguo Tizhi” and China’s quest for global power and Olympic glory, 2012b.

<sup>6</sup> TAN et al. Xi Jin-Ping’s World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power, p. 8.

ser campeão do mundo de futebol.<sup>7</sup> Já em 2015, foi lançado o “Plano geral de reforma para impulsionar o desenvolvimento do futebol na China” (中国足球改革发展总体方案), seguido pelo documento principal, em 2016: o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016-2050年]). Um plano ambicioso, que pretende fazer da China uma potência do futebol mundial.

Contudo, podem se associar objetivos que vão para além dos “três sonhos da Copa” de seu presidente que a China tenha lançado este plano. Isso porque a estratégia busca fazer do futebol a mola propulsora para o desenvolvimento da indústria esportiva. Esta é uma das metas do governo Xi. Em 2014, o Conselho de Estado publicou as “Opiniões para a aceleração do desenvolvimento da indústria desportiva e promover o consumo do esporte” (国务院关于加快发展体育产业促进体育消费的若干意见): marco para a decolagem da indústria esportiva chinesa,<sup>8</sup> estipulando que em 2025 este setor fature US\$ 813 bilhões.<sup>9</sup> A título comparativo, de acordo com a Plunkett Research, a indústria esportiva mundial movimentou cerca de US\$ 1,5 trilhão em 2015, US\$ 498,4 bilhões apenas nos Estados Unidos.<sup>10</sup>

Para cumprir estes objetivos, o Estado conta com a participação da iniciativa privada. O governo deixa de intervir diretamente no mercado, passando apenas a guiar e apoiar o desenvolvimento da indústria, podendo, ainda, participar em conjunto na promoção da indústria.<sup>11</sup>

E a iniciativa privada tem respondido às expectativas. Por isso, a ausência da seleção chinesa nos gramados russos não significou que a China tenha ficado de fora da Copa do Mundo 2018. O escândalo de corrupção que abalou a FIFA em 2015 fez com que muitas multinacionais rescindissem seus contratos de patrocínio. Empresas chinesas preencheram este vácuo e se tornaram parceiras da FIFA e de suas competições. Na Copa da Rússia, a China se fez presente através das

---

<sup>7</sup> TAN et al. Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power, p. 9.

<sup>8</sup> LIU. The Sports Industry: the Next Big Thing in China?, 2017.

<sup>9</sup> NIELSEN SPORTS. 2016.

<sup>10</sup> PLUNKETT RESEARCH. 2016.

<sup>11</sup> ZHAN. The History and Development Trend of China's Sports Industry Policy, 2013.

empresas Wanda, Hisense, Vivo, Mengniu, Yadea, Luci e Diking. Sete das 19 patrocinadoras do torneio (37%) foram chinesas.<sup>12</sup>

A partir de revisão bibliográfica e da análise de documentos políticos, o presente trabalho pretende analisar como o “Plano do futebol” chinês tem contribuído para projetar o *status* e influência do país na comunidade internacional, servindo de instrumento de atração diplomática e comercial – Soft Power –: “um país pode obter os resultados que deseja na política internacional porque outros países – admirando seus valores, emulando seu exemplo e aspirando ao seu nível de prosperidade – vão querer segui-lo”.<sup>13</sup> Ao mesmo tempo em que tenta compreender como com o dinheiro e patrocínios que traz para o jogo e sua imensa legião de fãs,<sup>14</sup> a China tem influenciado na transformação da estrutura hierárquica da geopolítica esportiva como instrumento para se firmar como potência na arena internacional<sup>15</sup> e também para realizar, pelo menos, o desejo de sediar a Copa do Mundo.

## **O PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL CHINÊS**

Lançado em abril de 2016, o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016-2050年]) apresenta uma estratégia de política pública formulada e implementada pelo governo Chinês, sob a tutela do Gabinete do Conselho de Estado da Conferência Conjunta Interministerial sobre Reforma e Desenvolvimento do Futebol. Este órgão reúne, dentre outros, 11 Ministérios, quatro Comissões de Conselho de Estado, cinco agências governamentais, além do Departamento de Propaganda do Partido Comunista Chinês.

A abrangência do “Plano de desenvolvimento do futebol” vai desde o sistema educacional (aumento da carga horária de educação física nas escolas, com

---

<sup>12</sup> KPMG. High stakes: The sponsorship and broadcasting value of the FIFA World Cup, 2018.

<sup>13</sup> NYE. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, 2004.

<sup>14</sup> GUPTA. India and the IPL: Cricket’s Globalized Empire, 2009a.

<sup>15</sup> ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR; PIKE. The 2016 Olympic and Paralympic Games and Brazil’s Soft Power, 2013; CORNELISSEN. The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega-Events and Emerging Powers, 2010; GRIX; LEE. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction, 2013.



ênfase no futebol), passando pelo estímulo à prática do futebol como questão de saúde pública (visando o bem-estar físico e mental dos jovens, bem como o fortalecimento do condicionamento físico das massas), a promoção de intercâmbio cultural e diplomático com outras nações, até o objetivo de fazer do futebol a mola propulsora do desenvolvimento de toda a indústria desportiva do país, para que esta se torne um setor relevante na economia nacional, ajudando a que o país continue a crescer e prosperar. Além, claro, da principal ambição de todas que é ver a China se tornar uma potência do futebol mundial.<sup>16</sup>

O plano do futebol, originalmente, estabelecia-se em três etapas:

- (i) Até 2020: 20 mil escolas especializadas em futebol, 70 mil campos de futebol, entre 30 a 50 milhões de estudantes do ensino básico e secundário praticando o esporte;
- (ii) Até 2030: 50 mil escolas especializadas em futebol, a seleção chinesa masculina ser uma das melhores da Ásia, e a seleção feminina estabelecida como de “classe mundial”;
- (iii) Até 2050: seleção de primeiro escalão no futebol mundial (masculino), no top-20 do ranking da FIFA, tendo sediado uma Copa do Mundo e sendo uma potência mundial do futebol.

Em 2017, o Diário do Povo (人民日报), jornal oficial do Partido Comunista Chinês, publicou que as autoridades do esporte haviam alterado as metas originais. Uma mudança ainda mais ambiciosa. Ao invés de se esperar até 2030 para que existam 50 mil escolas especializadas em futebol, o objetivo é que essa marca esteja alcançada já em 2025.<sup>17</sup>

O sonho chinês e de seu presidente Xi Jinping também se inserem em estratégias geopolíticas do país, como o próprio plano atesta, ao se referir a relações diplomáticas e intercâmbios culturais.<sup>18</sup> E a experiência chinesa com os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 serve de parâmetro para esta investida. A China acredita que, através dos Jogos de Pequim, foi capaz de mostrar ao mundo o seu desenvolvimento e que conseguiu se colocar como uma potência mundial: econômica e esportiva. “A imagem de uma nação altamente moderna, eficiente e

---

<sup>16</sup> CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION. 2016.

<sup>17</sup> PEOPLE'S DAILY. 2017.

<sup>18</sup> CNDRC, 2016, p. 2, 10 e 16.

crescentemente próspera”<sup>19</sup> foi o que o país tentou vender ao mundo, buscando não apenas o estabelecimento de relações diplomáticas e comerciais, como também o desenvolvimento do turismo. E esta parece ser uma das razões por trás do “plano de desenvolvimento do futebol”.

Inclusive, em relação aos Jogos Olímpicos de 2008 em Pequim e o contexto geopolítico, é curioso notar que Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, países emergentes, que após o crescimento econômico nos anos 2000 estabeleceram o grupo que ficou conhecido por seu acrônimo em inglês BRICS, consolidando o (re)posicionamento desses países no cenário econômico global, especialmente no que diz respeito à influência geopolítica, sediaram megaeventos esportivos.

Ou seja, o reposicionamento destes países também se verificou no contexto geopolítico desportivo. Pequim, a capital chinesa, recebeu os Jogos Olímpicos de Verão em 2008 e vai organizar os Jogos de Inverno em 2022. A Índia promoveu os Jogos da Commonwealth em 2010 (Deli). No mesmo ano, a África do Sul se tornou o primeiro país africano a sediar a Copa do Mundo FIFA. Em um período de dois anos, o Brasil teve em seu território os dois maiores megaeventos desportivos do planeta: Copa do Mundo FIFA 2014 e Jogos Olímpicos de Verão 2016 (Rio de Janeiro). A Rússia, por fim, organizou os Jogos Olímpicos de Inverno 2014 (Sochi) e vai receber a próxima edição da Copa do Mundo FIFA, em 2018.

## FUTEBOL E SOFT POWER

O esporte de alta competição há muito que tem sido usado tanto como uma ferramenta ideológica, quanto, como coloca Gupta, um instrumento para mostrar o seu país ao mundo.<sup>20</sup> Por essa razão, ele tem servido aos interesses políticos, tornando-se, assim, uma importante arena para políticas públicas.<sup>21</sup> E o uso político do esporte não é uma novidade na China. Tem sido algo recorrente desde a proclamação da República Popular da China. A começar pela “sovietização do

---

<sup>19</sup> GIULIANOTTI. The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power, p. 290, tradução nossa.

<sup>20</sup> GUPTA. The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events, p. 1782.

<sup>21</sup> KORNEEVA; OGURTSOV. The Politicization of Sports as a Soft Power Public Resource. 2016.

esporte” do país nos anos 1950 (fundamental no estabelecimento dos contatos com a União Soviética e os países do Leste Europeu); passando, no período pós-rompimento das relações sino-soviéticas, pelos Jogos das Novas Forças Emergentes (GANEF0) – através do GANEF0 a China visava reforçar sua liderança no Terceiro Mundo, como alternativa às potências dos Estados Unidos e União Soviética; pela “diplomacia do pingue-pongue” (que permitiu a reaproximação com os Estados Unidos em um período de tensão nas relações sino-soviéticas); até a já mencionada estratégia olímpica e a busca pela glória nos Jogos Olímpicos,<sup>22</sup> para citar alguns exemplos.

No entendimento de Giulianotti (2015), os megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo, “podem ser considerados uma das mais poderosas manifestações contemporâneas da globalização”. Isto porque, segundo este sociólogo, estes megaeventos têm reflexos nas esferas econômica, social e política. Em termos econômicos, Giulianotti alude às cifras bilionárias envolvidas nestes torneios e a possibilidade de as cidades e países que sediam os eventos poderem “se vender”. No que tange à questão social, o pesquisador recorda que estas competições são acompanhadas por bilhões de pessoas em todo o planeta. Por fim, o aspecto político, uma vez que “estes eventos atraem políticos de todo o mundo, particularmente nas cerimônias de abertura”.<sup>23</sup>

Não por acaso, o presidente chinês Xi Jinping designou a Vice-Premiê Sun Chunlan como sua enviada especial para a cerimônia de abertura da Copa do Mundo da Rússia, mesmo diante da ausência de sua seleção nacional na competição. Sun, inclusive, encontrou-se com o presidente russo Vladimir Putin durante a ocasião.

Porém, foi outro encontro no mesmo evento que chamou a atenção de todo o mundo. No camarote principal do Estádio Luzhniki, em Moscou, e com o presidente da FIFA, Gianni Infantino, entre eles, Vladimir Putin e Mohammed bin Salman, o príncipe herdeiro saudita, assistiam ao jogo entre Rússia x Arábia

---

<sup>22</sup> HONG; ZHOUXIANG. Representing the New China and the Sovietisation of Chinese Sport (1949-1962), 2012c; HONG; ZHOUXIANG. Sport in the Great Proletarian Cultural Revolution (1966-1976), 2012d; HONG; ZHOUXIANG. China, the Asian Games and Asian Politics (1974-2006), 2012e; HONG; ZHOUXIANG. China's Sports Policy and Politics in the Post-Beijing Olympics Era, 2012f.

<sup>23</sup> GIULIANOTTI. The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power, p. 288, tradução nossa.

Saudita juntos. Após o primeiro gol russo, os dois líderes se cumprimentaram com um simbólico aperto de mãos.

Essa cena, bem como a presença de Sun Chunlan, exemplificam porque a organização de megaeventos esportivos pode servir como instrumento de Soft Power.<sup>24</sup>

Soft Power é um conceito introduzido por Joseph Nye, que, ao descrever as relações de poder, definiu que “poder é a habilidade de influenciar as outras pessoas para se conseguir os resultados que se deseja, o que pode ser feito através da coerção, do pagamento ou da atração”.<sup>25</sup> Em contraponto ao “poder duro”, que se caracterizaria pela coerção (força militar) ou do pagamento (força econômica), haveria o Soft Power (“poder brando”). “Um país pode obter os resultados que deseja na política internacional porque outros países – admirando seus valores, emulando seu exemplo e aspirando ao seu nível de prosperidade – vai querer segui-lo”.<sup>26</sup> E na literatura alguns autores têm abordado a relação do esporte com o Soft Power.<sup>27</sup>

Voltando à mais recente edição da Copa do Mundo, verificamos como a organização do torneio foi positiva para a Rússia e seu presidente. Antes da competição, a imagem do país estava desgastada internacionalmente, associada à instabilidade, corrupção, agressividade e violência. Os comentários de quem esteve presente ao país ao longo da Copa do Mundo, entretanto, evidenciam o sucesso da estratégia de Putin, que conseguiu construir uma imagem positiva da nação que lidera.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> GIULIANOTTI. The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power, 2015; KORNEEVA; OGURTSOV. The Politicization of Sports as a Soft Power Public Resource, 2016; MANGAN; OK; KWAK. East Reflects on West, East Meets West. 2013.

<sup>25</sup> NYE. *China and Soft Power*, 2012.

<sup>26</sup> NYE. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*, 2004, tradução nossa

<sup>27</sup> BRANNAGAN; GIULIANOTTI. Soft Power and Soft Disempowerment: Qatar, Global Sport and Football's 2022 World Cup Finals, 2015; BRANNAGAN; ROOKWOOD. Sports Mega-Events, Soft Power and Soft Disempowerment: International Supporters' Perspectives on Qatar's Acquisition of the 2022 FIFA World Cup Finals, 2016; CHARL. Discursive Constructions of the Germany-Brazil Semi-Final Match During the Fifa 2014 World Cup, 2015; CHEN; COLAPINTO; LUO. The 2008 Beijing Olympics Opening Ceremony: Visual Insights into China's Soft Power, 2012; DELGADO. Opening Ceremonies of International Sports Events: The Other Face of Chinese Soft Power, 2016; GIULIANOTTI. The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power, 2015; GRIX; LEE. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction, 2013; KORNEEVA; OGURTSOV. The Politicization of Sports as a Soft Power Public Resource, 2016; KRZYZANIAK. The Soft Power Strategy of Soccer Sponsorships, 2016.

<sup>28</sup> ROTH. World Cup Plaudits Cheer Putin as Russia Revels in Spotlight, 2018.

O Catar é outro bom exemplo do uso do futebol como instrumento Soft Power. Desde o dia 2 de dezembro de 2010, quando conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022, aquele emirado tem estado no centro das atenções do futebol mundial. A candidatura catari se inseriu dentro de um plano estratégico do país que tem no esporte e nos megaeventos esportivos o principal elemento para mudar sua imagem perante a opinião pública internacional.<sup>29</sup> Segundo analistas, mais do que fazer do país uma referência esportiva, a intenção das autoridades do Qatar é dissociar a imagem do emirado da ideia de ser um Estado financiador do terrorismo.<sup>30</sup>

### **FUTEBOL E “NATION BRANDING”**

O exercício do Soft Power no esporte não ocorre apenas na organização dos megaeventos esportivos. Ao aliar os mecanismos de Soft Power com as técnicas de marketing para criar uma marca (“branding”) de uma nação e assim mudar a visão da opinião pública internacional – “nation branding”.<sup>31</sup> O conceito de “nation branding” também é encontrado em Peter Van Ham, mas com outra denominação. Em artigo na *Foreign Affairs*, Van Ham escreveu sobre “A ascensão do Estado marca” (“brand state”) e diz que “brand state” compreenderia a ideia que o mundo exterior teria a respeito de um país em particular.<sup>32</sup>

Para Van Ham, há marcas que devido à sua imagem e reputação terminam simbolizando seus países no mundo. E, neste sentido, dá como exemplo a BMW e a Mercedes, que simbolizam a eficiência e confiabilidade da Alemanha, ou a Nokia, que era a “embaixadora da Finlândia no mundo”.<sup>33</sup> O autor acrescenta que em um mundo com excesso de informação, marcas fortes são necessárias para atrair investimentos, bem como para alcançar influência política. Por essa razão, os

---

<sup>29</sup> BRANNAGAN; GIULIANOTTI. *Soft Power and Soft Disempowerment: Qatar , Global Sport and Football's 2022 World Cup Finals*, 2015; BRANNAGAN; ROOKWOOD. *Sports Mega-Events, Soft Power and Soft Disempowerment: International Supporters' Perspectives on Qatar's Acquisition of the 2022 FIFA World Cup Finals*, 2016; REICHE. *Investing in Sporting Success as a Domestic and Foreign Policy Tool: the Case of Qatar*, 2014.

<sup>30</sup> SAMUEL-AZRAN et al. *Promoting terror or sport? The Case of Qatar's International Image*, 2016.

<sup>31</sup> KRZYZANIAK. *The Soft Power Strategy of Soccer Sponsorships*, 2016.

<sup>32</sup> VAN HAM. *The Rise of the Brand State*, 2001.

<sup>33</sup> VAN HAM. *The Rise of the Brand State*, 2001.

Estados deveriam estar atentos à necessidade de estabelecerem suas marcas, criando uma imagem e uma reputação a nível internacional.

É por isso que Gupta afirma que um dos maiores benefícios de se investir em esportes a nível internacional é a possibilidade de se criar a marca de um Estado, ajudando a estabelecer este nome-marca nacional.<sup>34</sup> Neste mesmo sentido, Freeman<sup>35</sup> explica que as nações utilizam esse recurso como forma de construir e gerir suas reputações, acrescenta, ainda, que essa é uma forma de ‘diplomacia pública suave’, que serve para os Estados não apenas se tornarem atrativos para os estrangeiros como também para os seus cidadãos.

O Catar é, novamente, um bom exemplo de caso de recurso ao ‘nation branding’ como forma de Soft Power. Primeiro através da Fundação do Qatar e atualmente por intermédio da Qatar Airways (uma empresa estatal, detida em sua integralidade pelo Fundo Soberano do Catar), patrocina o Barcelona, um dos mais emblemáticos clubes do mundo. Em 2011, a Autoridade de Investimento do Catar comprou o Paris Saint-Germain.<sup>36</sup> E basta vermos a repercussão internacional da contratação de Neymar, que ocorreu justamente em um período que o Catar sofreu o corte das relações diplomáticas dos vizinhos Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito e Bahrein.

Fazer da China uma potência do futebol mundial pode ser uma boa maneira de promover a imagem do país. E desde o lançamento do “Plano de desenvolvimento do futebol” investimentos chineses têm sido realizados no intuito de cumprir com tão ambicioso projeto. Como será visto nas próximas seções.

## **ESTADO E MERCADO**

Mas, como ocorre, efetivamente, a implementação deste plano chinês? A resposta a essa pergunta nos ajuda a compreender, também, porque tantas empresas chinesas se aliaram à FIFA e à mais recente edição de sua maior competição, a Copa do Mundo.

---

<sup>34</sup> GUPTA. *The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events*, p. 1786.

<sup>35</sup> FREEMAN. *Sport as swaggering: utilizing sport as soft power*, 2012.

<sup>36</sup> KRZYZANIAK. *The Soft Power Strategy of Soccer Sponsorships*, 2016.

O Estado e o mercado são as principais formas de alocação de recursos para as necessidades e os desejos das pessoas.<sup>37</sup> A China, porém, possui um sistema peculiar. Como argumenta Ostrom, o caso chinês representa um complexo sistema econômico, que requer uma nova teoria que vá além da dicotomia Estado e mercado.<sup>38</sup> Isso porque as relações entre Estado e mercado no contexto político-econômico da China são mais complexas, não sendo possível explicar pela clássica divisão dicotômica. Afinal, desde a reabertura do país para o mundo sob a liderança de Deng Xiaoping, no fim dos anos 1970, a China passou por transformações até a implementação da chamada “economia socialista de mercado”, ou “socialismo de mercado” em 1992.<sup>39</sup>

A partir do “socialismo de mercado”, ao deixar de investir diretamente nas empresas estatais, o governo passa a alocar mais verbas em infraestruturas, permitindo o desenvolvimento do ambiente competitivo privado, transformando-se num provedor de serviços para que a iniciativa privada prosperasse.<sup>40</sup> É como se o Estado chinês agisse como um “Estado empreendedor”,<sup>41</sup> intervindo no mercado quando necessário, mas tendo como papel primordial a criação das condições para que a iniciativa privada prospere, inclusive através da criação de novos mercados.

Como observa Tan et al.,<sup>42</sup> o governo tende a ser uma espécie de mediação com grupos de interesse, entretanto, no contexto chinês, esses grupos terminam se tornando propagadores das políticas governamentais. Embora o governo e os conglomerados sejam mais interdependentes, o Estado ainda exerce grande poder sobre os recursos e a iniciativa privada precisa manter uma boa relação com o governo se quiser ter acesso a esses recursos.

É o que tem ocorrido na execução do plano do futebol chinês. Para cumprir seus objetivos, o Estado conta com a participação da iniciativa privada. Sem deixar, contudo, de exercer seu controle. Em janeiro de 2017, por exemplo, a

---

<sup>37</sup> LANE; ERSSON. *State or Market?: Politics does Matter*, 1986.

<sup>38</sup> OSTROM. *Beyond Markets and States: Polycentric Governance of Complex Economic Systems*, 2010.

<sup>39</sup> CHEN et al. *The 2008 Beijing Olympics Opening Ceremony: Visual Insights into China's Soft Power*, 2017; GONG; CORTESE. *A Socialist Market Economy with Chinese Characteristics*, 2017.

<sup>40</sup> CHEN et al. *A Socialist Market Economy with Chinese Characteristics*, 2017.

<sup>41</sup> JUNG; EUN; LEE. *Exploring Competing Perspectives on Government-Driven Entrepreneurial Ecosystems*, 2017.

<sup>42</sup> TAN et al. *Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power*, 2016.

Administração Geral do Esporte, acusando os clubes de “queimarem dinheiro e pagarem salários muito elevados a jogadores estrangeiros”, manifestou sua intenção de limitar os gastos dos clubes profissionais.<sup>43</sup> Logo a seguir, a Associação Chinesa de Futebol (CFA) mudou o regulamento do limite de jogadores estrangeiros por time. Ao invés da regra de 3+1 (três estrangeiros mais um asiático) por jogo, passou a apenas três estrangeiros em cada partida (independentemente da nacionalidade), além da obrigação de escalar um chinês sub-23 no 11 titular. Já em maio de 2017, a CFA publicou a implementação de um imposto que recai sobre o valor de transferência de jogadores estrangeiros: 100% sobre o valor que pagar pelo atleta.

### **OS INVESTIMENTOS NO FUTEBOL**

Como já foi dito neste artigo, Tan et al.<sup>44</sup> chamam a atenção para o fato de que embora o governo e os conglomerados privados sejam mais interdependentes, o Estado ainda exerce grande poder sobre os recursos e a iniciativa privada precisa manter uma boa relação com o governo se quiser ter acesso a esses recursos. E isso se faz notar com clareza quando o Estado conclama a iniciativa privada a investir em um determinado setor, como o caso do futebol tem demonstrado.

Desde o lançamento do plano de desenvolvimento do futebol, grandes empresas chinesas como Alibaba, Dalian Wanda Group, Suning Commerce Group e Fosun, para citar apenas alguns exemplos, têm investido tanto no mercado nacional como no exterior.<sup>45</sup>

No caso dos investimentos fora do país, nota-se a busca das empresas chinesas pelo estabelecimento de relações comerciais e troca de conhecimento através do futebol, como propõe o plano de desenvolvimento do futebol, que expressa a necessidade de se “fortalecer a cooperação internacional e a troca de talentos na indústria desportiva”,<sup>46</sup> além de “expandir os canais de relações

---

<sup>43</sup> CHADWICK. A Rap on the Knuckles, but no Burst Bubble, 2017.

<sup>44</sup> TAN et al. Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power, 2016.

<sup>45</sup> CHADWICK; WIDDOP; PARNEL. A Feast for Wolves, 2017; CHADWICK; WIDDOP; PARNELL. The Guanxi of Football, 2016.

<sup>46</sup> NDRC, 2016, p. 10.



estrangeiras do futebol, encorajando a todos os organismos a organizar variadas formas de atividades internacionais de intercâmbio no futebol”.<sup>47</sup>

Clubes como os italianos Internazionale de Milão (que pertence ao Suning Group, dono do clube chinês Jiangsu Suning) e Parma, os franceses Nice e Auxerre, os espanhóis Granada, Espanyol e Oviedo e o tcheco Slavia Praga pertencem a empresas, grupos de investimentos ou investidores privados chineses. Por sua vez, destaca-se que Parma e Granada pertencem a Desports Group, empresa sobre a qual voltaremos a falar adiante.

Na Inglaterra, a presença do capital chinês é ainda mais expressivo. 13% do City Football Group, de propriedade da Abu Dhabi United Group e que controla, dentre outros, o clube inglês Manchester City, foram adquiridos pela China Media Capital. Outro clube inglês de propriedade chinesa é o Wolverhampton Wanderers, que com o dinheiro investido pelo grupo Fosun, conquistou a *Championship* inglesa em 2017/18 e ascendeu à *Premier League*.

Além dos *Wolves*, os outros três grandes clubes da *West Midlands* inglesa, Birmingham City (Paul Suen Ho Chung da Trillion Trophy Asia), Aston Villa (Tony Xia da Recon Group) e West Bromwich Albion (do investidor Guochuan Lai) estão sob o controle chinês. No Sudeste inglês, o Southampton é atualmente propriedade do empresário chinês Gao Jisheng, dono da Lander Sports Development.

Dono dos *Wolves* da Inglaterra, o grupo Fosun tem investido em Portugal também. Comprou a maior seguradora portuguesa, a Fidelidade, e uma das empresas mais conhecidas na prestação de serviços de saúde, a Espírito Santo Saúde, hoje Luz Saúde. Tornou-se, ainda, acionista majoritário do maior banco privado português, o Banco Comercial Português (BCP). O futebol não ficou de fora dos investimentos da Fosun. Através de sua subsidiária Foyo Culture and Entertainment Co Ltd, tornou-se sócia da empresa portuguesa de agenciamento Gestifute, do agente Jorge Mendes, responsável, dentre outros, pelas carreiras de Cristiano Ronaldo e José Mourinho.<sup>48</sup> A Foyo também tem acordo com o SL Benfica para exploração comercial e abertura de escolas de futebol na China. E ainda se fala ainda na possibilidade de investirem €10 milhões no Rio Ave, da I Liga portuguesa.

---

<sup>47</sup> NDRC, 2016, p. 16.

<sup>48</sup> CHADWICK; WIDDOP; PARNELL. *The Guanxi of Football*, 2016.

O Brasil também já sente os efeitos desta expansão internacional chinesa através do futebol. O clube Shandong Luneng é atualmente proprietário do Desportivo Brasil, clube que foi fundado pelo Grupo Traffic. Na busca de cumprir com o objetivo do governo de “fortalecer a cooperação internacional e a troca de talentos na indústria desportiva”,<sup>49</sup> o Shandong Luneng leva, a cada ano, 30 jovens jogadores chineses para passarem um ano treinando no Desportivo Brasil. Mais recentemente, tem-se especulado o interesse da empresa chinesa Ledman assumir a gestão de futebol do Nacional-AM. A Ledman já investe no futebol em Portugal, sendo a principal patrocinadora da II Liga, dando, inclusive, nome à competição (naming rights).

No mercado interno chinês, as contratações de jogadores estrangeiros, com valores de transferências muitas vezes bastante inflacionados e salários elevadíssimos, foram o que mais chamaram a atenção. De repente a Super Liga Chinesa passou a estar no centro das atenções do futebol mundial.

Foram precisamente os elevados investimentos em contratações de jogadores estrangeiros, principalmente no mercado europeu, que espantaram o mundo do futebol. De acordo com o relatório da Transfer Matchings Systems/FIFA de 2017, os clubes chineses gastaram US\$ 168,3 milhões em transferências em 2015, o que representava 10,3% a mais do que os gastos de todos os outros clubes da Confederação Asiática de Futebol (AFC) juntos. Em 2016, os gastos saltaram para US\$ 451,3 milhões (168,2% a mais do que no ano anterior), o correspondente a 344,4% a mais do que todo o restante da Ásia. Com esses números, passou do 20º lugar que ocupava em 2013 no ranking de gastos de transferências para a quinta posição em 2016 (FIFA/TMS, 2017). Somente no mercado de transferências do inverno de 2017 foram gastos 388 milhões de euros (US\$ 411 milhões).

Os clubes chineses, entretanto, não se limitam a concorrer com os europeus apenas nos habituais mercados fornecedores de matéria-prima, como o futebol latino-americano, por exemplo. O mercado europeu – e não apenas países periféricos do continente, mas também a maior liga de futebol do planeta, a *Premier League* inglesa – tem sido um alvo bastante visado pelos chineses. Oscar, Ramires e Graziano Pellè são alguns dos exemplos recentes de jogadores que

---

<sup>49</sup> NDRC, 2016, p. 10.

trocaram a liga inglesa pela chinesa, além de Alex Teixeira, que era pretendido pelo Liverpool, mas preferiu se transferir para o Jiangsu Suning, que pagou US\$ 53,5 milhões pelo brasileiro.

O brasileiro Paulinho é outro caso emblemático. Em 2015, trocou o Tottenham da Inglaterra pelo Guangzhou Evergrande. Em 2017, transferiu-se para o Barcelona que pagou 40 milhões de euros pelo jogador. E já em 2018, o titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo 2018 retornou ao Evergrande, por empréstimo, mas com cláusula de compra obrigatória de 50 milhões de euros.

Como bem coloca Gupta, os países não-ocidentais procuram através do dinheiro atrair o talento esportivo de nível mundial, na tentativa de exercerem cada vez mais influência no esporte e assim poderem, também, ditar as regras do esporte.<sup>50</sup> É o que tem acontecido com a China e sua tentativa de quebrar a lógica eurocêntrica que domina o mercado do futebol internacional, como vimos nos exemplos dos investimentos chineses na esteira das ambiciosas políticas do governo Xi Jinping para o esporte e a indústria esportiva do país.

### **A CHINA NA COPA DO MUNDO DA RÚSSIA 2018**

A promoção da imagem da China internacionalmente e a busca pela expansão da influência geopolítica do país, uma meta do governo Xi Jinping, podem ser verificadas na forma como a complexa e singular relação Estado-mercado tem se desenrolado na execução do plano de desenvolvimento do futebol.

A Copa do Mundo 2018 na Rússia é um exemplo disso. A seleção chinesa não esteve presente na competição, mas a China não esteve ausente. Wanda, Hisense, Vivo, Mengniu, Yadea, Luci e Diking estavam nos gramados russos, expondo os caracteres do mandarim nas placas de publicidade no entorno dos campos, além de ocuparem espaços nos locais de eventos oficiais da competição.

Por isso, parece-nos relevante observar o que Gupta escreve, ao dizer que os países não-ocidentais – ao trazerem dinheiro para o jogo, uma imensa base de

---

<sup>50</sup> GUPTA. The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events, p. 1788.

fãs, além de patrocínios e audiência televisiva – vão ser capazes de exercer cada vez mais a condição de determinar onde e como o jogo vai ser jogado.<sup>51</sup>

O referido autor traz como exemplo para fundamentar seu argumento o caso da transformação do críquete, com a Índia remodelando o Conselho Internacional de Críquete, como consequência dos investimentos bem-sucedidos na *Indian Premier League* (IPL). A sede do Conselho, por exemplo, saiu de Londres para Dubai e o modelo da IPL passou a ser copiado por outros países.<sup>52</sup> O mesmo pode ser aplicado à análise do futebol e da forma como a China tem buscado se tornar influente junto à FIFA o que, conseqüentemente, implica dizer no futebol mundial.

Com 1,379 bilhão de habitantes, 237 milhões de pessoas que declaram ter o futebol como seu esporte favorito, além de 308 milhões de chineses que dizem assistir, pelo menos, a um jogo de futebol por semana,<sup>53</sup> a China reúne uma larga base de fãs e um imenso potencial para audiência televisiva necessárias para os interesses comerciais e de expansão do produto da FIFA, o futebol.

Em 2015, no âmbito de uma investigação do Federal Bureau of Investigation (FBI) dos Estados Unidos, foram expedidos 14 mandados de prisão de membros do alto escalão da FIFA. O escândalo de corrupção abalou a entidade máxima do futebol e fez com que muitas multinacionais rescindissem seus contratos com a organização. Foi aproveitando o vácuo deixado pela perda de credibilidade da FIFA que as empresas chinesas passaram a assinar contratos com a entidade, tornando-se parceiras do órgão e patrocinadoras de suas competições.

Depois de acumular perdas de US\$ 370 milhões desde o escândalo de corrupção, a FIFA chegou a projetar um faturamento com patrocínios na Copa do Mundo 2018 menor do que aquele registrado em 2014. Inicialmente, a entidade esperava faturar US\$ 1,45 bilhão este ano, contra US\$ 1,6 bilhão que havia faturado em 2014. Entretanto, o torneio disputado na Rússia gerou US\$ 1,65 bilhão de patrocinadores,<sup>54</sup> ou seja, US\$ 200 milhões a mais do que o esperado e US\$ 50

<sup>51</sup> GUPTA. *India and the IPL: Cricket's Globalized Empire*, 2009a.

<sup>52</sup> GUPTA. *India and the IPL: Cricket's Globalized Empire*, p. 209.

<sup>53</sup> SCHMIDT; SCHREYER; PAFFGEN. *Dancing wit the dragon: the quest for the Chinese football consumer*, p. 10.

<sup>54</sup> CHADE. Documentos confidenciais apontam para nova receita recorde de R\$ 22,7 bi na Copa, 2018; KPMG. *High stakes: The sponsorship and broadcasting value of the FIFA World Cup*, 2018.

milhões a mais do que na Copa disputada no Brasil, um ano antes de estourar a bomba que abalou as estruturas da FIFA.

As chinesas Wanda, Hisense, Vivo, Mengniu, Yadea, Luci e Diking foram sete das 19 patrocinadoras da Copa 2018. Juntas, as sete empresas chinesas representam um aporte financeiro de US\$ 835 milhões para a competição da FIFA. Quantia que contribuiu para que o faturamento global da competição atingisse os valores de US\$ 6,12 bilhões e, assim, superasse em US\$ 500 milhões o arrecadado em 2014.

Além da questão financeira em si, é de se destacar como as empresas chinesas estabelecem sua influência junto à FIFA. Na hierarquia dos patrocínios, no mais alto patamar se encontram os “parceiros”, no qual está o Wanda Group (de um total de oito empresas). Depois, temos os patrocinadores globais da Copa do Mundo e aí temos Hisense, Vivo e Mengniu – três chinesas em cinco. Por fim, os “apoiadores regionais”, categoria criada na Copa de 2014 (e que naquela ocasião contou com seis patrocinadores brasileiros) e que em 2018 teve quatro empresas russas e três chinesas: Yadea, Luci e Diking.

Vale lembrar, ainda, que o Dalian Wanda Group, além de ser um dos “parceiros” da FIFA, também é proprietário da Infront Sports & Media AG, com sede na Suíça e uma das mais respeitadas companhias de marketing desportivo do mundo. A Infront tem como um dos seus clientes a própria FIFA.

Saindo do âmbito da Copa do Mundo, mas ainda na questão da influência nos bastidores através de patrocínios,<sup>55</sup> destacamos que o grupo Alibaba, gigante do comércio eletrônico chinês, que pertence ao bilionário Jack Ma, é patrocinador do Mundial de Clubes da FIFA até 2022. Enquanto a Desports, do bilionário Lizhang Jiang e proprietária de Parma e Granada, assinou um acordo com a Confederação Asiática de Futebol (AFC), pouco antes da abertura da Copa do Mundo 2018, para a exploração dos direitos comerciais das competições da entidade. O contrato que vai vigorar de 2021 a 2028 tem um valor de US\$ 4 bilhões – sete vezes mais que o anterior.

---

<sup>55</sup> GUPTA. India and the IPL: Cricket's Globalized Empire, 2009a; GUPTA. The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events, 2009b.

Talvez não seja por acaso que, depois do lançamento do seu plano de desenvolvimento do futebol, a China tenha visto o secretário geral da CFA, Zhang Jian, tornar-se um dos membros do Conselho da FIFA, antigo Comitê Executivo.

## CONCLUSÃO

Nos últimos anos, sob a liderança de Xi Jinping, a China tem exortado o “Sonho Chinês” (中國夢)<sup>56</sup> como parte da ambição do atual presidente de “rejuvenescimento”, que passa pela modernização do país e o sucesso econômico.<sup>57</sup> Em outubro de 2017, o XIX Congresso do Partido Comunista Chinês incluiu a teoria da “Nova era do socialismo com características chinesas” (新时代中国特色社会主义思想), de Xi Jinping, na Constituição do país.<sup>58</sup>

A ideia de “rejuvenescimento” passa, também, pela ascensão da China como protagonista e líder global. O esporte não ficou de fora dos planos de desenvolvimento econômico e expansão da influência chinesa. Em 2014, o Conselho de Estado publicou as “Opiniões para a aceleração do desenvolvimento da indústria desportiva e promover o consumo do esporte” (国务院关于加快发展体育产业促进体育消费的若干意见), um projeto que visa transformar o país em uma potência da indústria esportiva mundial.

O futebol é sua mola propulsora. Para isso, foi lançado o “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)” (中国足球中长期发展规划 [2016-2050年]), que diz “ser de grande importância no que toca à construção de uma nação esportiva poderosa, a promoção do desenvolvimento econômico e social, e a realização do Sonho Chinês, o rejuvenescimento da nação chinesa”.<sup>59</sup>

A busca pelo protagonismo global no esporte também é evidenciado no plano do futebol, que assinala a importância de “fortalecer a cooperação

---

<sup>56</sup> PETERS. *The Chinese Dream : Xi Jinping Thought on Socialism with Chinese Characteristics for a New Era*, p. 1301.

<sup>57</sup> PETERS. *The Chinese Dream : Xi Jinping Thought on Socialism with Chinese Characteristics for a New Era*, p. 1302.

<sup>58</sup> PETERS. *The Chinese Dream : Xi Jinping Thought on Socialism with Chinese Characteristics for a New Era*, p. 1299.

<sup>59</sup> NDRC, 2016, p. 1.

internacional”,<sup>60</sup> além de “expandir os canais de relações estrangeiras do futebol”.<sup>61</sup> E, para isso, o Estado chinês conta com a participação da iniciativa privada que, como demonstramos neste artigo, tem feito volumosos investimentos no futebol, tanto no mercado interno quanto no mercado internacional.

Como colocam Scutti e Wendt (2016), o futebol, ao lado da demografia, desenvolvimento tecnológico, econômico e poderio militar, é um critério de avaliação de poder internacional. Assim sendo, argumentam os autores que “geopolítica e futebol se tornaram universos inseparáveis”.<sup>62</sup> A geopolítica do futebol mundial está em transformação. Países emergentes, como o Brasil, a Rússia ou o Catar, perceberam no esporte, e mais especificamente no futebol, um instrumento de Soft Power capaz de os reposicionar no contexto internacional. A China tem sido uma das forças motrizes desta mudança.

A seleção chinesa não disputou a Copa do Mundo da Rússia, mas a China esteve presente no Mundial da FIFA. A Vice-Premiê chinesa, Sun Chunlan, foi à cerimônia de abertura em Moscou e se encontrou com o presidente russo, Vladimir Putin – “estes eventos atraem políticos de todo o mundo, particularmente nas cerimônias de abertura”.<sup>63</sup> Além disso, sete empresas chinesas patrocinaram a competição, injetando US\$ 835 milhões nos cofres da FIFA.

Um dos objetivos da China é sediar uma Copa do Mundo. Com a influência financeira exercida pelos patrocínios de empresas chinesas e a consequente influência política junto à entidade máxima do futebol,<sup>64</sup> parece-nos que o “Reino do Meio” vai consolidando sua posição na geopolítica do esporte mais popular do planeta, fazendo crer que, em se mantendo estes investimentos, a Copa do Mundo na China venha a ser apenas uma questão de tempo. Por isso, entendemos que o contributo deste artigo se encontra exatamente no fato de analisar não apenas a estratégia chinesa para o futebol sob uma perspectiva diferente, mas também de

---

<sup>60</sup> NDRC, 2016, p. 10.

<sup>61</sup> NDRC, 2016, p. 16.

<sup>62</sup> SCUTTI; WENDT. *Football and Geopolitics*, p. 105.

<sup>63</sup> GIULIANOTTI. *The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power*, 2015.

<sup>64</sup> GUPTA. *India and the IPL: Cricket's Globalized Empire*, 2009a; GUPTA. *The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events*, 2009b.

refletir a esfera política do futebol, suas conexões com a geopolítica internacional e interesses econômicos e de que forma o plano chinês tem influenciado este universo futebolístico.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Bárbara Shaustek De; MARCHI JÚNIOR, Wanderley; PIKE, Elizabeth. The 2016 Olympic and Paralympic Games and Brazil's Soft Power. **Contemporary Social Science**, v. 9, n. 2, p. 271-283, 2013.
- BRANNAGAN, Paul Michael; GIULIANOTTI, Richard. Soft Power and Soft Disempowerment: Qatar , Global Sport and Football's 2022 World Cup Finals. **Leisure Studies**, v. 34, n. 6, p. 703-719, 2015.
- BRANNAGAN, Paul Michael; ROOKWOOD, Joel. Sports Mega-Events, Soft Power and Soft Disempowerment: International Supporters' Perspectives on Qatar's Acquisition of the 2022 FIFA World Cup Finals. **International Journal of Sport Policy**, v. 8, n. 2, p. 1-16, 2016.
- CHADE, Jamil. Documentos confidenciais apontam para nova receita recorde de R\$ 22,7 bi na Copa. Disponível em: <<https://bit.ly/2QgxfxD>>. Acesso em: 9 jun. 2018.
- CHADWICK, Simon. A Rap on the Knuckles, but no Burst Bubble. Disponível em: <<https://bit.ly/2iMyMua>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- CHADWICK, Simon; WIDDOP, Paul; PARNEL, Daniel. A Feast for Wolves. Disponível em: <<https://bit.ly/2iEWz2K>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- CHADWICK, Simon; WIDDOP, Paul; PARNELL, Daniel. The Guanxi of Football. Disponível em: <<https://bit.ly/2hpk1Sa>>. Acesso em: 28 set. 2018.
- CHARI, Tendai. Discursive Constructions of the Germany-Brazil Semi-Final Match During the Fifa 2014 World Cup: the Limits of Football As a Soft Power Resource. **Communicatio-South African Journal for Communication Theory and Research**, v. 41, n. 4, p. 405-422, 2015.
- CHEN, Chwen Chwen; COLAPINTO, Cinzia; LUO, Qing. The 2008 Beijing Olympics Opening Ceremony: Visual Insights into China's Soft Power. **Visual Studies**, v. 27, n. 2, p. 188-195, 2012.
- CHEN, Xiaodong. et al. Who Provides the Capital for Chinese Growth: the Public or the Private Sector? **Applied Economics**, v. 49, n. 23, p. 2238-2252, 2017.
- CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION. **Medium and Long-Term Plan of Chinese Football Development**. [s.l: s.n.].



CORNELISSEN, Scarlett. The Geopolitics of Global Aspiration: Sport Mega-Events and Emerging Powers. **The International Journal of the History of Sport**, v. 27, n. 16-18, p. 3008-3025, 2010.

DELGADO, Daniel Ricardo Lemos. Opening Ceremonies of International Sports Events: The Other Face of Chinese Soft Power. **The International Journal of the History of Sport**, v. 33, n. 5, p. 1-17, 2016.

FIFA. FIFA Men's World Ranking. Disponível em: <<https://bit.ly/2kYDW9T>>. Acesso em: 28 set. 2018.

FIFA/TMS. Global Transfer Market Report 2017. [s.l: s.n.].

FREEMAN, Kevin. Sport as Swaggering: Utilizing Sport as Soft Power. **Sport in Society**, v. 15, n. 9, p. 1260-1274, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. The Beijing 2008 Olympics: Examining the Interrelations of China, Globalization, and Soft Power. **European Review**, v. 23, n. 2, p. 286-296, 2015.

GONG, Xun; CORTESE, Corinne. A Socialist Market Economy with Chinese Characteristics: The Accounting Annual Report of China Mobile. **Accounting Forum**, v. 1978, n. August 2016, p. 1-15, 2017.

GRIX, Jonathan; LEE, Donna. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction. **Global Society**, v. 27, n. 4, p. 37-41, 2013.

GUPTA, Amit. India and the IPL: Cricket's Globalized Empire. **The Round Table**, v. 98, n. 401, p. 201-2011, 2009a.

GUPTA, Amit. The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events. **The International Journal of the History of Sport**, v. 26, n. 12, p. 1779-1790, 2009b.

HONG, Fan.; ZHOUXIANG, Lu. Sports and Politics in the 1980s: The Olympic Strategy. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 74-97, 2012a.

HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. From Barcelona to Athens (1992-2004): "Juguo Tizhi" and China's quest for global power and Olympic glory. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 113-131, 2012b.

HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. Representing the New China and the Sovietisation of Chinese Sport (1949-1962). **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 1-29, 2012c.

HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. Sport in the Great Proletarian Cultural Revolution (1966-1976). **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 53-73, 2012d.

HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. China, the Asian Games and Asian Politics (1974-2006). **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 98-112, 2012e.

HONG, Fan.; ZHOUXIANG, Lu. China's Sports Policy and Politics in the Post-Beijing Olympics Era. **International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 1, p. 184-189, 2012f.

HONG, Fan; ZHOUXIANG, Lu. The Professionalisation and Commercialisation of Football in China (1993–2013). **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 14, p. 1637-1654, 2013.

JUNG, Kwangho; EUN, Jong-Hwan; LEE, Seung-Hee. Exploring Competing Perspectives on Government- Driven Entrepreneurial Ecosystems : Lessons from Centres for Creative Economy and Innovation (CCEI) of South Korea. **Centres for Creative Economy and Innovation (CCEI) of South Korea, European Planning Studies**, v. 25, n. 5, p. 827-847, 2017.

KORNEEVA, Vera A.; OGURTSOV, Evgeny S. The Politicization of Sports as a Soft Power Public Resource. **Indian Journal of Science and Technology**, v. 9, n. 29, 2016.

KPMG. **High stakes: The sponsorship and broadcasting value of the FIFA World Cup**. Disponível em: <<https://bit.ly/2xZsW1Y>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

KRZYZANIAK, John S. The Soft Power Strategy of Soccer Sponsorships. **Soccer & Society**, v. 970, n. January, p. 0, 2016.

LANE, Jan-Erik; ERSSON, Svante. State or Market?: Politics does Matter. **International Political Science Review**, v. 7, n. 1, p. 91-104, 1986.

LIU, Dongfeng. The Sports Industry: the Next Big Thing in China? **China Policy Analysis**, 2017.

MANGAN, J. A.; OK, Gwang; KWAK, Young Man. East Reflects on West, East Meets West!: South Korean Media Responses to London 2012. **The International Journal of the History of Sport**. Taylor & Francis, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2QgWwHN>> Acesso em: 28 set. 2018.

NIELSEN SPORTS. **China and Football**. [s.l: s.n.].

NYE, Joseph Samuel. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. 1. ed. New York: PublicAffairs, 2004.

NYE, Joseph Samuel. China and Soft Power. **South African Journal of International Affairs**, v. 19, n. 2, p. 151-155, 2012.

OSTROM, Elinor. Beyond Markets and States: Polycentric Governance of Complex Economic Systems. **The American Economic Review**, v. 100, n. June, p. 1-33, 2010.

PEOPLE'S DAILY. **China to Build 50,000 Football Schools by 2025**. Disponível em: <<https://bit.ly/2IJTGzr>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

PETERS, Michael. A. The Chinese Dream : Xi Jinping Thought on Socialism with Chinese Characteristics for a New Era. **Educational Philosophy and Theory**, v. 49, n. 14, p. 1299-1304, 2017.

PLUNKETT RESEARCH. **Plunkett Research Sports Industry**. Disponível em: <<https://bit.ly/2DOr7LR>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

REICHE, Danyel. Investing in Sporting Success as a Domestic and Foreign Policy Tool: the Case of Qatar. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 6940, n. April 2015, p. 1-16, 2014.

ROTH, Andrew. **World Cup Plaudits Cheer Putin as Russia Revels in Spotlight**. Disponível em: <<https://bit.ly/2xIHbcb>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

SAMUEL-AZRAN, Tal; et al. Promoting terror or sport? The Case of Qatar's International Image. **American Behavioral Scientist**, v. 60, n. 9, p. 1101-1115, 2016.

SCHMIDT, Sascha L.; SCHREYER, D.; PAFFGEN, C. **Dancing wit the dragon: the quest for the Chinese football consumer**. [s.l: s.n.].

SCUTTI, Giuseppe; WENDT, Jan A. Football and Geopolitics. **GeoSport for Society**, v. 5, n. 2, p. 100-106, 2016.

TAN, Tien-Chin; et al. Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power. **The International Journal of the History of Sport**, v. 3367, n. November, p. 1-17, 2016.

VAN HAM, Peter. The Rise of the Brand State. Disponível em: <<https://fam.ag/2QeMyXC>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

ZHAN, Xinhuan. The History and Development Trend of China's Sports Industry Policy. p. 400-402, 2013.

\* \* \*

**Recebido para publicação em: 30 jul. 2018.**  
**Aprovado em: 18 out. 2018.**

## **A importância dos imigrantes e descendentes na seleção francesa ao longo das Copas do Mundo**

The Importance of Immigrants and Descendants in the French National Team throughout the World Cups

**Guilherme Silva Pires de Freitas**

Mestre em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil  
gui\_sp\_freitas@yahoo.com.br

**RESUMO:** Conhecida pelo seu perfil multicultural, a seleção francesa de futebol contou com os serviços de diversos jogadores imigrantes e descendentes de imigrantes ao longo das Copas do Mundo. Este trabalho apresenta um histórico realçando a importância destes atletas que vestiram a camisa dos *Bleus* ao longo dos Mundiais desde os pioneiros como Alexandre Villaplane na Copa do Mundo de 1930 até a jovem geração multicultural bicampeã mundial em 2018, passando por Zinedine Zidane, maior ídolo do país e principal nome do título mundial em 1998. O artigo mostra ainda a importância e peso que o futebol tem para sociedade francesa, que através da modalidade consegue discutir e debater delicados assuntos de interesse nacional como a imigração, multiculturalismo e a identidade nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Copa do Mundo; França; Imigração; Identidade.

**ABSTRACT:** Famous for multicultural profile, the French national football team has had services of several immigrant players throughout the World Cups. This research presents a history highlighting the importance of these who dressed the *Bleus* shirt throughout the World Cup from the pioneers like Alexandre Villaplane in the 1930 World Cup to the young multicultural generation twice world champion in 2018, passing through Zinedine Zidane, the country's biggest idol and the main player of the world title in 1998. The article also shows the importance that football has for French society, which through the modality manages to discuss and debate sensitive issues of national interest like as immigration, multiculturalism and national identity.

**KEYWORDS:** Football; World Cup; France; Immigration; Identity.

## INTRODUÇÃO

Em 1998, a seleção francesa sagrou-se campeã mundial de futebol vencendo o Brasil por 3 a 0 no Stade de France, para delírio dos torcedores. O time multicultural, composto por jogadores de diferentes origens étnicas e que simbolizava a sociedade francesa. Triunfava em clima de integração racial para o mundo todo assistir. Vinte anos depois o roteiro se repetiu em gramados russos. Uma jovem equipe ainda mais multicultural do que aquela de duas décadas atrás venceu novamente o principal evento do futebol mundial refletindo de novo a diversificada sociedade francesa. Mas esta história entre imigrantes e descendentes vestindo o uniforme azul começou há muito tempo, mais precisamente na primeira Copa do Mundo em 1930.

Este artigo tem como objetivo mostrar como se desenvolveu esta relação de atletas imigrantes e descendentes com a seleção, e conseqüentemente, com a sociedade francesa que exprime sentimentos dúbios; ora de fé na integração nacional em momentos vitoriosos, ora de descrença contra a imigração durante as decepções. Também é reforçada nas próximas páginas a importância do futebol como campo de pesquisa sobre temas ligados a imigração, multiculturalismo e identidade.

Mas antes é necessário compreender as primeiras grandes ondas migratórias pelas quais a França passou a partir de meados do século XIX. Entre os anos 1852 e 1870, aproximadamente 1% da população, cerca de 380 mil pessoas, era composta por estrangeiros que chegavam ao país para suprir deficiências na mão de obra da indústria francesa. Entre 1871 e 1940, houve outra grande leva migratória com órgãos de governo registrando 2,7 milhões de imigrantes, pouco mais de 6% da população total.<sup>1</sup>

Até este período os estrangeiros eram em sua maioria trabalhadores atraídos por melhores condições de emprego. Aos poucos iam firmando raízes e formando famílias. Nesta época a indústria francesa estava a pleno vapor e não podia ficar sem mão de obra. O perfil destes grupos também era parecido: brancos, cristãos e europeus, sendo a maioria formada por belgas, italianos, poloneses, portugueses, espanhóis e armênios.

---

<sup>1</sup> COELHO. *Os franceses*, p. 38.

Mesmo com essas características e assimilando-se a sociedade francesa, há registros de ataques xenófobos entre o fim do século XIX e início do século XX a estes grupos que trabalhavam na indústria têxtil, em minas de carvão e na agricultura.<sup>2</sup> Porém, são seus descendentes que “assimilam-se de vez” como franceses:

Filhos de belgas, italianos, poloneses, armênios, espanhóis e portugueses acabaram tornando-se franceses quase que naturalmente e sendo vistos pelos demais franceses como tais. Muitos desses novos franceses oriundos da imigração acabaram até se tornando símbolos da França, tanto em casa como mundo afora.<sup>3</sup>

Ao término da II Guerra Mundial, a Europa passou por um período de reconstrução e crescimento econômico. Na França esse período ficou conhecido como “Os Trinta Gloriosos”.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo o perfil do imigrante mudou. Eles não eram mais brancos e de países europeus, agora vinham das antigas colônias sendo especialmente do Magreb e da África Subsaariana. Com o tempo formaram comunidades numerosas, chegando a uma fatia expressiva da população como mostram os números do Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos da França (INSEE), principal órgão do governo responsável por coletar, analisar e publicar dados econômicos e sociais: “Segundo o INSEE, até o dia 1º de janeiro de 2014, a população francesa tinha cerca de 11,6%, ou 7,6 milhões de habitantes estrangeiros. Já os descendentes de segunda e terceira geração nascidos na França eram 12% da população até 2008 de acordo com o mesmo instituto”.<sup>5</sup>

Mesmo sendo um número expressivo, a desigualdade persiste com essa população imigrante ainda bastante marginalizada. Porém, nos campos de futebol a integração entre nativos e estrangeiros é menos problemática. Ao longo das Copas do Mundo, a seleção francesa sempre contou com a participação de jogadores com origem estrangeira, fossem naturalizados ou filhos de imigrantes. Atletas com essas diferentes características étnicas estão presentes no vestiário da seleção francesa há muito tempo.

---

<sup>2</sup> COELHO. *Os franceses*, p. 38-42.

<sup>3</sup> COELHO. *Os franceses*, p. 41.

<sup>4</sup> Período que vai de 1945 a 1974.

<sup>5</sup> FREITAS. *As seleções de futebol multiculturais da União Europeia*, p. 65.

No primeiro Mundial em 1930, a França teve em seu plantel dois jogadores nascidos na Argélia, então colônia francesa: Ernest Liberati e Alexandre Villaplane. Ambos eram *Pieds-Noirs*,<sup>6</sup> uma expressão utilizada para designar os franceses que nasciam na Argélia, mas que não tinham descendência árabe. Na maioria das vezes eram filhos de franceses brancos e pobres que imigraram no século XIX em busca de novas oportunidades no país norte africano.<sup>7</sup>

Villaplane foi um dos pioneiros da história do futebol francês, tornando-se em 1926 o primeiro jogador nascido na Argélia a vestir a camisa dos *Bleus*. Quatro anos depois foi o capitão da seleção na Copa do Mundo.<sup>8</sup> Entretanto, os diversos problemas em que se envolveu fora dos gramados ofuscaram seus feitos pela seleção nacional. A começar pelo vício nas corridas de cavalo, divertimento em qual gastou boa parte da pequena fortuna que conseguiu acumular com as bonificações recebidas através do futebol. Esse hobby acabou o levando a prisão no fim da década de 1930 após participar de um escândalo de manipulação de resultados.<sup>9</sup>

Mas foi um fato bem mais grave que ofuscou seu pioneirismo no futebol francês. Durante a Segunda Guerra Mundial, Villaplane passou a colaborar com o exército nazista, que na época ocupava a França. Ele extorquia e entregava cidadãos judeus aos alemães e logo depois aderiu à luta armada ao lado de soldados da Gestapo em batalhas no Norte da África, liderando um pelotão chamado *Brigade Nord Africain*,<sup>10</sup> famoso por sua crueldade.<sup>11</sup> Preso pelo exército francês e julgado como traidor, foi fuzilado na manhã do dia 26 de dezembro de 1944 em frente ao Forte de Montrouge em Paris.

Nas Copas seguintes, em 1934 e 1938, a seleção francesa trouxe outros jogadores com origem semelhante a Villaplane e Liberati, como Joseph Alcazar, Joseph Gonzales, Jean Bastien, Michel Brusseau, Mario Zatelli e Lucien Jasseron, todos *Pieds-Noirs*. Além deles, outros jogadores filhos de franceses, mas nascidos em outros países da Europa, foram recrutados para atuar com os *Bleus*.

---

<sup>6</sup> Pés negros (tradução livre).

<sup>7</sup> COELHO. *Os franceses*, p. 57.

<sup>8</sup> Fédération française de football. Alexandre Villaplane.

<sup>9</sup> DOYLE. The forgotten story of...the France football captain who murdered for Hitler.

<sup>10</sup> Brigada Norte Africana (tradução livre).

<sup>11</sup> DOYLE. The forgotten story of...the France football captain who murdered for Hitler.

Mas foi na edição do Mundial em 1938 que a França pela primeira vez teve um negro e um magrebino vestindo a camisa da seleção em Copas. Nascido na Guiana Francesa, Raoul Diagne era filho de Blaise Diagne, político senegalês que viria a ser o primeiro deputado negro eleito na França. Mesmo tendo sido educado nos melhores colégios de Paris, optou pelo futebol e teve uma destacada carreira, abrindo as portas aos negros na equipe francesa.<sup>12</sup> Contemporâneo de Diagne, o argelino Abdelkader Ben Bouali nasceu na região de Sendjas e imigrou para atuar profissionalmente no campeonato francês. Esteve no Mundial de 1938, mas não entrou em campo.<sup>13</sup> O primeiro atleta magrebino a defender a seleção francesa foi Ali Benouna em 1936.

Vinte anos depois foi a vez de outros dois atletas multiculturais destacarem-se. Filho de imigrantes poloneses que trabalhavam em minas de carvão na região de Noeux, Raymond Kopaszewski, ou simplesmente Kopa, foi um dos melhores jogadores do mundo na década de 1950, tendo sido apelidado de “Napoleão do futebol” por ser baixinho e conquistador de territórios,<sup>14</sup> além de conquistar a Bola de Ouro em 1958.

Seu companheiro de seleção era filho de pai francês e mãe espanhola, mas nascido em Marrocos. Just Fontaine foi o principal atacante dos *Bleus* no Mundial de 1958 e até hoje ostenta o recorde de gols marcados em uma só edição de Copas: 13. Após encerrar a carreira precocemente, passou a militar pelos direitos dos jogadores profissionais idealizando ao lado do camaronês Eugène N'Jo Léa a *Union nationale des footballeurs professionnels*,<sup>15</sup> o sindicato dos jogadores profissionais franceses.

Com o passar dos anos a liga francesa se internacionalizou, despertando o interesse de jogadores estrangeiros. Ao mesmo tempo, o perfil do imigrante que ia para a França mudava. Cada vez mais chegavam ao país cidadãos oriundos das antigas colônias do Império francês e essa mudança, como não poderia ser diferente, também se refletiu no futebol e na seleção nacional.

Nos anos 1980, a equipe teve sucesso ao ser semifinalista nas Copas de 1982 e 1986 e sagrar-se campeã da Eurocopa em 1984. No elenco, liderado pelo neto de

<sup>12</sup> Fédération française de football. Raoul Diagne.

<sup>13</sup> DJELLIT. Ces Algériens qui ont marqué les Bleus.

<sup>14</sup> GALEANO. *Futebol ao sol e a sombra*, p. 109.

<sup>15</sup> União nacional dos jogadores de futebol profissionais (tradução livre).



italianos Michael Platini, havia os negros naturalizados Marius Trésor, nascido em Guadalupe, Gérard Janvion, nascido na Martinica e Jean Tigana, nascido no Mali. A partir desta época a seleção francesa passa a ser cada vez mais um selecionado multicultural com imigrantes e descendentes de várias partes do mundo.

### **O TÍTULO DE 1998 E O TIME *BLACK, BLANC ET BEUR***

Ausente dos Mundiais de 1990 e 1994, a França se preparava para sediar o evento em 1998. Promovido de assistente a técnico principal, Aimé Jacquet iniciou um trabalho de renovação na equipe, dando cada vez mais oportunidades para jovens atletas que traziam em seus genes origens estrangeiras.

Após uma consistente campanha na Eurocopa em 1996, quando foi semifinalista e deixou uma boa impressão, a multiétnica seleção nacional ganhou apoio popular. Devido à diversidade étnica que representava a sociedade francesa, o time ganhou o apelido de BBB: *black, blanc et beur*<sup>16</sup> encarnando em campo a *França multirracial* onde os filhos da colonização e os cidadãos nativos se identificavam como franceses através da equipe de futebol.<sup>17</sup>

Porém, nem todos se animaram com o selecionado. Principal liderança da extrema-direita francesa na época, Jean Marie Le Pen chamou a equipe de artificial por ter muitos atletas negros no elenco, afirmando que ela não representava a França. O líder do partido Frente Nacional ainda criticou o fato de alguns jogadores, principalmente os de origem imigrante, não cantarem o hino nacional antes dos jogos.<sup>18</sup>

O fato de ter uma equipe recheada de atletas com origens imigrantes despertava os mais profundos temores na extrema-direita francesa. Afinal, aqueles vistos como indesejados estariam representando a bandeira da França aos olhos de todo o planeta. Para os extremistas era inadmissível que negros e árabes fossem os protagonistas, porque enxergavam esses atletas como essencialmente uma força

---

<sup>16</sup> Negro, branco e árabe (tradução livre).

<sup>17</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L'integration, mais jusqu'ou?*, p. 23.

<sup>18</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L'integration, mais jusqu'ou?*, p. 22.

de trabalho provisória, temporária, em trânsito,<sup>19</sup> embora naquele time a maioria dos atletas fosse nascida em solo francês.

Nas palavras do historiador Paul Dietschy: “aquela seleção era um claro espelho da classe operária francesa que triunfava através do futebol” e para o jornalista Didier Braun, a seleção era nada mais, nada menos do que a “fotografia da população francesa”.<sup>20</sup> Ou seja, por ora, o multiculturalismo vencia a intolerância e a xenofobia.

As declarações de Le Pen não chegaram a abalar o time que, com o andamento da Copa, passou a conquistar a confiança da mídia e dos torcedores que lotavam os estádios e davam ao evento uma audiência massiva através da transmissão pela TV.<sup>21</sup>

Após vencer seus três primeiros jogos na fase inicial, os franceses sofreram para eliminar o Paraguai com o gol de ouro das oitavas de final e superar uma combativa Itália nas quartas de final apenas nas cobranças de pênaltis. Além de Zidane, outros jogadores com características multiculturais também tiveram participações importantes na inédita conquista. Um deles foi Thuram, jogador que mais vezes vestiu a camisa da seleção na história e hoje é um combativo ativista contra o racismo e a xenofobia na França.

Negro, imigrante e nascido em Guadalupe, Thuram jamais tolerou injustiças contra os imigrantes e descendentes. Contestou publicamente as declarações racistas de Le Pen dizendo que a seleção através de sua diversidade étnica representava sim a verdadeira França.<sup>22</sup> Nas palavras de Lilian Thuram, lateral-direito titular da seleção, aquela equipe tinha “como maior riqueza sua diversidade cultural”. Para o atleta “o título mundial foi fundamental para que os imigrantes e seus descendentes conseguissem expressar melhor suas identidades”.<sup>23</sup> Também criticou através da imprensa o ex-presidente Nicolas Sarkozy, que durante os violentos protestos populares na capital francesa em 2005 chamou de “marginais” jovens negros dos *banlieues*, a periferia parisiense. Thuram confrontou o então

<sup>19</sup> SAYAD. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 54-55.

<sup>20</sup> *Becoming Champions: France: a date with history*.

<sup>21</sup> Nos sete jogos da França na Copa do Mundo a média de público no estádio foi de 60 mil torcedores e estima-se que mais de 20 milhões de pessoas tenham assistido a final pela TV.

<sup>22</sup> BETING. *As melhores seleções estrangeiras de todos os tempos*, p. 214.

<sup>23</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L'intégration, mais jusqu'où?*, p. 39.

Ministro do Interior lembrando que ele um dia também fora um jovem criado em uma *banlieue* e que não admitia ser ofendido desta forma.<sup>24</sup> Esse era o retrato desse novo personagem que ganhava cada vez mais a atenção da sociedade.

Na semifinal contra a surpresa Croácia, o triunfo só veio com dois gols salvadores desse herói improvável. A consagração viria com um resultado que nem o francês mais otimista esperava: uma goleada de 3 a 0 sobre a poderosa seleção brasileira. Uma vitória que impactou o país de uma forma jamais vista em decorrência de um evento esportivo.

Quando o árbitro Said Belqola apitou o fim da partida no Stade de France, o país inteiro explodiu em êxtase. Cerca de um milhão de franceses tomaram a famosa avenida Champs Elysées em Paris para celebrar. Segundo o jornalista John Carlin foi a maior celebração festiva vista em Paris desde a libertação dos nazistas em 1944 durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>25</sup>

Pessoas que jamais haviam se encontrado e nem se conheciam estavam juntas no meio da rua, em um claro exemplo da teoria de comunidade imaginada de Anderson, onde os membros desse grupo firmam uma camaradagem entre si tendo em mente uma imagem de comunhão entre todos.<sup>26</sup> Além de bandeiras francesas era possível avistar também bandeiras dos países das antigas colônias, representadas no time nacional pelos filhos da imigração. A festa era de todos em uma grande expressão de pluralidade cultural como afirma Giulianotti:

“Todavia, as identidades nacionais nunca são estáticas nem mononucleares. Há uma multiplicidade de identidades nacionais em qualquer nação, distinguíveis ao longo de linhas estruturais específicas ou de linhas ideológicas, tais como aquelas relacionadas à religião, à classe, à etnia e à identificação com um soberano específico. Em sociedades multiculturais, a heterogeneidade das vozes nacionalistas é particularmente conspícua.”<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> FREITAS; TRIGO; ALMEIDA. Diferenças culturais e identitárias na França através do ultras do Paris Saint Germain, p. 90.

<sup>25</sup> BECOMING CHAMPIONS: France: a date with history.

<sup>26</sup> ANDERSON. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, p. 32.

<sup>27</sup> GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*, p. 53.

Dos 22 campeões mundiais em 1998, 14 tinham origem estrangeira de diferentes partes do mundo. Havia os nascidos em antigas colônias como Lilian Thuram, Christian Karembeu e Patrick Vieira e os membros da segunda geração de imigrantes, como Zinedine Zidane, Thierry Henry, Youri Djorkaeff, Bernard Lama, Bernard Diomède, Alain Boghossian, David Trezeguet, Bixente Lizarazu, Robert Pires e Vicent Candela, além de Marcel Desailly que nasceu em Gana e se naturalizou.

Protagonista na final contra o Brasil e grande craque da equipe, Zidane era uma das figuras que representava essa união nacional. O camisa 10 nascido no subúrbio de Marselha e filho de imigrantes argelinos era o mais novo herói da pátria. Autor de dois gols na decisão contra o Brasil foi o atleta mais celebrado pelos torcedores após a conquista da Copa do Mundo. Discreto fora dos gramados e avesso a badalação, o jogador chegou até a ter seu nome ovacionado pelos fãs que cantavam “Zidane presidente” para desgosto de Le Pen.<sup>28</sup>

Seis décadas antes da vitória francesa, Diagne iniciava a história dos negros na seleção, porém, sua realidade era totalmente diferente de seus sucessores. Ele era filho de um diplomata e durante a juventude estudou em ótimas escolas, tendo um padrão de vida elitizado,<sup>29</sup> algo totalmente diferente da realidade encontrada pelos negros campeões do mundo em 1998. Thuram, Henry, Vieira e companhia viveram nas periferias e tiveram que driblar, além dos rivais, as dificuldades que essas populações encontravam pelo caminho.

E ainda encontram. Em 2018, quando Kylian Mbappé marcou o quarto gol francês aos 20 minutos do segundo tempo e praticamente sacramentou a vitória dos *Bleus* sobre a Croácia na final da Copa, uma talentosa e promissora geração de futebolistas colocava novamente a França no topo do mundo. Mais uma vez um time multicultural formado por jovens nascidos nas periferias francesas e que há 20 anos eram apenas crianças que celebravam a conquista da seleção, trazia a tona de novo a questão da integração, da imigração e do multiculturalismo.

Mbappé, o único membro do time bicampeão mundial nascido após a conquista no Stade de France em 1998, é um exemplo de como a integração dos imigrantes e descendentes pouco avançou depois da festa do time BBB. Filho de

---

<sup>28</sup> GALEANO. *Futebol ao sol e a sombra*, p. 123.

<sup>29</sup> KSSIS-MARTOV. Raoul Diagne: l'homme à tout faire du Racing...

um imigrante camaronês e uma argelina descendente de imigrantes, o jovem cresceu na região de Bondy, um *banlieue* de Paris, tendo enfrentado dificuldades como qualquer outro jovem da periferia parisiense.

Nova joia do futebol francês, Mbappé foi um dos campeões mundiais que passaram pelo Centro de Treinamento de Clairefontaine, uma academia de excelência localizada nos arredores de Paris que recruta jovens com potencial. No moderno CT, inaugurado em 1988, garotos com idade entre 13 e 15 anos passam por um período de testes, treinamentos e estudos quando não estão no gramado. Clairefontaine foi bastante comentado pela imprensa internacional ao longo do Mundial de 2018, citado como sendo modelo de formação e integração através do esporte.

Além de Mbappé outros jogadores como Paul Pogba, N’Golo Kanté e Blaise Matuidi, tornaram-se símbolos dessa equipe. Kanté inclusive ajudava o pai aos sete anos de idade recolhendo o lixo deixado nas ruas de Paris pela festa do título mundial no dia 12 de julho de 1998.<sup>30</sup> Um time que ficou marcado pela disciplina tática e também pela maturidade de saber evitar que os temas externos atrapalhassem a concentração da seleção que cantou “A Marselhesa” em todas as partidas e quando foi recebida na volta para casa pelo presidente Emmanuel Macron no Palácio do Eliseu,<sup>31</sup> não dando munhões para insinuações da extrema-direita.

Hoje em dia é mais fácil encontrar imigrantes e descendentes em postos de trabalho subqualificados ao invés de cargos de gerência ou chefia.<sup>32</sup> Estudantes de famílias imigrantes mais bem estruturadas e integradas socialmente à cultura francesa atingem desempenho superior no meio acadêmico em relação a jovens imigrantes e descendentes de condição social mais baixa.<sup>33</sup> Isso em um país onde 15% da população total têm pelo menos um de seus pais nascidos fora do

---

<sup>30</sup> LOZETTI. Herói sem luxo da França, Kanté colheu lixo das ruas de Paris no título de 98.

<sup>31</sup> CHANTEGRELET. Les champions du monde ont mis le feu à l’Elysée!

<sup>32</sup> FAUGÈRE; BOUVET. L’accès à un travail et des conditions d’emploi plus difficiles pour les immigrés, p.1-2.

<sup>33</sup> CAILLE et al. La réussite scolaire des enfants d’immigrés au collège est plus liée au capital culturel de leur famille qu’à leur passé migratoire, p.87.

território francês<sup>34</sup> e em que sua Constituição proíbe diferenciar seus cidadãos segundo raça, origem ou religião.<sup>35</sup>

Atentados terroristas que aconteceram na França nos últimos anos não foram provocados, em sua grande maioria, por estrangeiros, mas sim por jovens de origem estrangeira e muçulmana, porém, nascidos e criados na França. São indivíduos pouco integrados a sociedade e que encontram pequenas perspectivas de ascensão social. Em alguns casos, membros desses grupos étnicos buscam assumir uma origem estrangeira ou dos antepassados como forma de identidade, definida por Vermeulen como uma “etnicidade reativa”.<sup>36</sup>

O Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED) fez uma pesquisa em parceria com o INSEE em 2008 e 2009, ouvindo 22 mil pessoas e concluindo que existem dificuldades de integração na sociedade da França devido a preconceitos e estereótipos.<sup>37</sup> Membros da segunda e terceira geração de imigrantes sentem-se cidadãos do país, mas os franceses nativos não os veem dessa forma, o que acaba gerando uma crise de identidade.<sup>38</sup>

A marginalização e ações terroristas cometidas por estes jovens acabam fortalecendo o discurso radical e ultranacionalista da extrema-direita francesa, hoje liderada por Marine Le Pen, sobrinha de Jean Marie. Um comportamento que acaba colocando o imigrante como principal problema da sociedade.

## **A Tensa e Histórica Relação entre França e Argélia**

Os argelinos são o grupo imigrante mais populoso da França. Colônia francesa desde 1830, quando foi invadida e conquistada, a Argélia atraiu durante muitos anos a atenção de trabalhadores europeus, especialmente franceses chamados de *Pieds-Noirs* e que se aproveitaram da moderna infraestrutura das principais cidades argelinas para ganhar dinheiro.

---

<sup>34</sup> BREUIL-GENIER; BORREL; LHOMMEAU. Les immigrés, les descendants d’immigrés et leurs enfants, p. 36.

<sup>35</sup> POUTIGNAT; STREIFF-FERNART. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*, p. 16.

<sup>36</sup> VERMEULEN. *Imigração, integração e a dimensão política da cultura*, p. 138.

<sup>37</sup> FREITAS. *As seleções de futebol multiculturais da União Europeia*, p. 40.

<sup>38</sup> LORENZO. Le racisme en France étudié à la loupe: se sentir Français mais ne pas l’être pour les autres.

Enquanto isso, no interior e na região rural da Argélia havia pouco desenvolvimento. Os locais eram habitados majoritariamente pela população nativa e de origem árabe. Com o empobrecimento e falta de perspectivas, parte desses argelinos mudou-se para a metrópole no final do século XIX, onde foram atuar como operários. Segundo arquivos do *Musée National de L'histoire de L'immigration*,<sup>39</sup> esses homens eram obrigados a retornar a Argélia após um período de trabalho, sendo substituídos por outros. Havia a preocupação do governo francês que este tipo de imigrante, que era considerado como indesejado, pudesse permanecer e criar laços com o país. Mesmo tendo nacionalidade francesa, eram tidos como cidadãos de segunda classe já que não tinham os mesmos direitos que os nativos franceses e estavam expostos a uma rigorosa lei de trabalho.<sup>40</sup>

No começo do século XX já existia uma crescente população argelina na França, porém, eles não tinham status específico. Poderiam ser encaixados no conceito do pária de Varikas, que classifica essas pessoas como figuras de condição social que combinam exclusão com desprezo.<sup>41</sup> Estatísticas do governo na década de 1900 já mostravam milhares deles vivendo nas principais cidades francesas:

No Censo de 1901, eles não são distinguidos dos franceses, mas aparece a menção de "trabalhadores da Argélia". Eles permanecem muito atrás dos migrantes europeus. Um levantamento de 1912 contabiliza de 4 a 5.000 argelinos na França metropolitana, incluindo mil na capital e em sua periferia. Eles não são apenas parte do sistema de salários agrícolas, mas também pertencem ao proletariado industrial e urbano. Eles trabalham, por exemplo, na refinaria de Say, nas empresas de ônibus e nas metrópoles de Paris, nas fábricas Michelin, nas minas de Pas-de-Calais, nas indústrias de Lyon, nas docas do Porto de Marselha.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Museu Nacional da História da Imigração (tradução livre).

<sup>40</sup> Musée National de L'histoire de L'immigration – l'immigration algérienne en France.

<sup>41</sup> VARIKAS. *A escória do mundo: figuras do pária*, p. 76.

<sup>42</sup> "Lors du recensement de 1901, ils ne sont pas distingués des Français mais apparaît la mention de "travailleurs originaires d'Algérie". Ils restent bien loin derrière les migrants européens. Une enquête de 1912 comptabilise 4 à 5 000 Algériens en métropole dont un millier dans la capitale et sa périphérie. Ils ne font plus seulement partie du salariat agricole, mais appartiennent aussi au prolétariat industriel et urbain. Ils travaillent par exemple à la raffinerie Say, à la Compagnie des Omnibus et sur les chantiers du métropolitain à Paris, les usines Michelin, dans les mines du Pas-de-Calais, les industries lyonnaises, sur les docks du port de Marseille" (tradução nossa). Musée National de L'histoire de L'immigration – l'immigration algérienne en France.

O número de imigrantes argelinos explodiu alguns anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Com necessidade de mão de obra para ajudar em sua reconstrução, a França decidiu novamente recrutar trabalhadores argelinos que atingiram o número de 350 mil indivíduos no país em 1962 segundo dados do *Musée National de L'histoire de L'immigration*.<sup>43</sup> Neste mesmo ano chegou ao fim a violenta guerra pela Independência da Argélia iniciada em 1954, que terminou com a libertação do Estado africano após mais de um século de domínio francês.

A imigração argelina para a França foi um típico caso de imigração de trabalho que se tornou uma imigração de povoamento.<sup>44</sup> Isso já havia ocorrido com italianos e poloneses, por exemplo, entre o fim do século XIX e começo do século XX. Essa imigração de povoamento acontece quando os primeiros estrangeiros chegam a um novo país exclusivamente para trabalhar e espera-se que retornem algum dia para seu local de origem. Porém, com o passar do tempo, algumas situações evitam que estes imigrantes regressem, como, por exemplo, a criação dos filhos nascidos no novo país, as incertezas da situação da terra natal e as mudanças de leis que podem favorecer sua permanência.<sup>45</sup> Sayad afirma que esta é uma regra geral dos movimentos migratórios:

[...] toda a imigração de trabalho contém em germe a imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento (com exceção talvez dos deslocamentos de populações que a colonização requer ou ainda dos movimentos de populações consecutivos ao estado de guerra ou aos remanejamentos de fronteiras) que não tenha começado com uma imigração de trabalho.<sup>46</sup>

Atualmente a população de indivíduos oriundos da Argélia é a maior parcela de imigrantes vivendo na França. Uma pesquisa feita em 2012 pelo INSEE concluiu que há 748 mil argelinos no país, que correspondem a 13,1% de todos os estrangeiros residentes em território francês.<sup>47</sup> Os descendentes de imigrantes

<sup>43</sup> Musée National de L'histoire de L'immigration – l'immigration algérienne en France.

<sup>44</sup> SAYAD. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 67.

<sup>45</sup> FENTON. *Etnicidade*, p.151-152

<sup>46</sup> SAYAD. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*, p. 67.

<sup>47</sup> INSEE. *Étrangers – Immigrés*.



nascidos na França engrossam os números da colônia argelina no país com cerca de 617 mil membros.<sup>48</sup>

Modalidade esportiva mais popular e presente na cultura de massas, o futebol também tem uma relação antiga entre franceses e argelinos. Foi no dia 09 de fevereiro de 1936 que pela primeira vez um jogador de origem árabe vestiu a camisa da seleção francesa. O zagueiro argelino Ali Benouna pisou no gramado do estádio do Parc de Princes para enfrentar a Tchecoslováquia e abriu as portas para outros magrebinos.<sup>49</sup>

Na década 1950 já havia jogadores imigrantes ou de origem africana atuando na liga francesa. Esses atletas defendiam clubes franceses, mas mantinham vínculos com a Argélia e alguns foram personagens importantes no processo de independência do país africano integrando um selecionado internacional de futebol.

Casos de Rachid Mekhloufi e Mustapha Zitouni. Argelinos de nascimento foram convocados para a seleção francesa meses antes da Copa do Mundo de 1958. Provavelmente estariam no time que seria semifinalista no Mundial daquele ano, mas optaram por recusar a convocação em prol da luta de independência argelina. Ambos fugiram da França e passaram a integrar a seleção internacional da Frente de Libertação Nacional,<sup>50</sup> um partido político argelino de orientação socialista que lutava pelo fim do colonialismo francês e pela independência da Argélia.

O esporte foi uma ferramenta encontrada pelo FLN, que resolveu montar uma equipe com vários jogadores magrebinos de destaque no futebol francês para dar visibilidade à luta pela independência. E os resultados não aconteceram apenas dentro de campo, onde a seleção atuou 91 vezes em quatro anos contra países simpatizantes a causa argelina, como também fora das quatro linhas, gerando repercussão dentro da França, onde cidadãos descontentes com a guerra e as mortes exigiam uma solução do governo para encerrar o conflito.<sup>51</sup>

Décadas depois o futebol novamente seria utilizado como instrumento político, só que dessa vez visando a pacificação entre franceses e argelinos. No dia

---

<sup>48</sup> INSEE. Être né en France d'un parent immigré.

<sup>49</sup> FÉDÉRATION FRANÇAISE DE FOOTBALL. Ali Benouna.

<sup>50</sup> BILLEBAULT. Rachid Mekhloufi: "Je n'ai pas hésité avant de rejoindre l'équipe du FLN algérien".

<sup>51</sup> RAMONET. Football et passions nationales, p. 55-56.

06 de outubro de 2001 os dois países se enfrentaram no Stade de France, em Paris. Seria o primeiro confronto entre os dois países na história, mas o jogo também gerou dúvidas identitárias entre os descendentes de imigrantes argelinos. Para quem torcer: a seleção do país de nascimento ou a pátria dos antepassados?

O encontro é uma oportunidade para se concentrar no sentimento de identidade franco-argelina vivida de forma muito diferente dependendo do passado pessoal. De certa forma, esta é a escolha final: quem colocar em primeiro lugar em seu coração? O país que é seu hoje ou de seus antepassados? Graças a este jogo, todos estão convencidos de que saberemos mais sobre a integração das populações de origem imigrante.<sup>52</sup>

Esse jogo de identidade,<sup>53</sup> que é quando existe um conflito ou cruzamento de identidade e onde não existe uma identidade única, acontece devido história de alguns países que tiveram culturas distintas sendo unificadas através da violência por um longo período de conquista, suprimindo diferenças culturais e buscando unir à força diferentes classes sociais e grupos étnicos,<sup>54</sup> caso da relação entre franceses e argelinos.

A partida foi marcada pela tensão e animosidade nas arquibancadas onde estavam milhares de argelinos e seus descendentes. O hino francês foi vaiado e a seleção francesa insultada incessantemente. A França caminhava para uma vitória tranquila, mas aos 30 minutos do segundo tempo o jogo foi interrompido após torcedores invadirem o gramado empunhando bandeiras argelinas.

A repercussão do jogo para a comunidade argelina foi extremamente negativa. A imprensa não aliviou nas críticas chamando os torcedores de “selvagens” e políticos da extrema-direita como Jean Marie Le Pen manifestaram-se contrários à política de integração, colocando a culpa pelo fiasco do amistoso nos imigrantes.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> “La rencontre est l’occasion d’une mise au point sur le sentiment identitaire franco-algérien au vécu très varie em fonction des parcours personnels. D’une certaine façon, Il s’agit du choix ultime: qui placer d’abord dans son cœur? Le pays qui est le vôtre aujourd’hui ou celui de vos ancêtre? Grâce à ce match, tout le monde est persuade qu’on en saura davantage sur l’intégration des populations issues de l’immigration”. (tradução nossa). GASTAUT. *Le métissage par le foot: L’integration, mais jusqu’où?*, p. 126.

<sup>53</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 14-15

<sup>54</sup> HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 35-36

<sup>55</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L’integration, mais jusqu’où?*, p. 144-147.

Um comportamento comum de grandes grupos nacionais que lamentam a perda do status de grandeza de outrora devido à chegada de personagens diferentes ao seu território, chamados de *outsiders* por Elias e Scotson.<sup>56</sup> Por isso, para manter seu status, esse grupo procura atacar, estigmatizar e rejeitar qualquer outro indivíduo que pertença a uma origem, etnia ou cultura diferente. No amistoso do Stade de France em 2001 foram os argelinos e seus descendentes os *outsiders* da vez.

Marie-George Buffet, então ministra da Juventude e dos Esportes da França, afirmou que lembrará para sempre da partida como um grande fracasso e Thuram, que estava em campo naquele dia, disse que torcedores foram inconsequentes, já que seus atos seriam utilizados politicamente por grupos contrários aos imigrantes.<sup>57</sup>

E de fato serviram como munição para os críticos do multiculturalismo e da imigração, que contestavam a presença do grande número de atletas com este perfil no elenco. Dez anos depois do amistoso, uma conversa do então técnico da seleção Laurent Blanc com dirigentes da Federação Francesa de Futebol foi flagrada por um *site* jornalístico independente. Eles discutiam a criação de uma cota para jogadores de origem imigrante nas seleções de base e nos centros de formação para jovens, postura claramente xenófoba e prejudicial às medidas de integração através do esporte.<sup>58</sup>

A relação entre magrebinos e franceses continua tensa até hoje. Atentados terroristas cometidos por jovens franceses radicalizados e o medo da vinda de mais imigrantes alimentam cada vez mais o fantasma da xenofobia na sociedade e também a extrema-direita, que chegou ao segundo turno das eleições presidenciais de 2017 com Marine Le Pen.

No futebol a relação entre a França e seus imigrantes oscila entre o amor e o ódio, principalmente em épocas de Copa do Mundo. A geração campeã mundial em 1998 fracassou na Copa seguinte, tendo sido rotulada pela imprensa e torcida como mercenária e individualista.<sup>59</sup> No Mundial de 2010 aconteceu um dos casos

<sup>56</sup> ELIAS; SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, p. 45.

<sup>57</sup> LES BLEUS: une autre histoire de France.

<sup>58</sup> GIRARD. Des quotas de Blancs en équipe de France?

<sup>59</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L'intégration, mais jusqu'où?*, p. 162-163.

mais polêmicos da história recente do futebol francês com uma eliminação na primeira fase marcada por brigas internas entre atletas e o técnico Raymond Domenech, jogadores se recusando a treinar e a expulsão de Nicolas Anelka da delegação ainda durante o evento. Um prato cheio para críticas da imprensa, políticos e torcedores. Novamente os atletas de origem estrangeira eram taxados de problemáticos e que não representavam o país e o cidadão francês.

Em 2015 foi a vez do filho de imigrantes argelinos Karim Benzema, ser afastado da seleção por problemas disciplinares, acusando o técnico Didier Deschamps de “ceder a pressão de grupos racistas”<sup>60</sup> para sacá-lo da equipe, algo que também colaborou para que a animosidade entre franceses e imigrantes continue presente e esteja cada vez mais distante e incerta de uma solução

Passados 20 anos entre a conquista dos dois títulos mundiais, pouca coisa mudou nas políticas de integração das populações imigrantes. Como afirma Gastaut, “o mesmo país que foi capaz de unir as diferenças de sua população através da vitória no futebol, também pode passar ao mundo a imagem que o radicalismo e xenofobia ainda estão presentes em sua sociedade”.<sup>61</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na França o futebol foi aos poucos se tornando o esporte mais popular. Para a população mais pobre e os imigrantes, tornou-se uma válvula de escape. Ele também funciona como um termômetro, medindo a temperatura da sociedade em temas delicados como patriotismo, identidade nacional e imigração em épocas de Copa do Mundo. A gangorra de sentimentos alterna entre o positivismo da integração nacional e harmonia racial nas vitórias, com a sensação de negativismo em momentos de derrotas e decepções onde o descendente de imigrantes é sempre um imprestável, um antipatriota por se negar a cantar “A Marselhesa” antes das partidas.

---

<sup>60</sup> POLO. Benzema: "Deschamps se pliega a la presión de una parte racista de Francia".

<sup>61</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L'intégration, mais jusqu'où?*, p. 126-128.

Por mais que o senso comum classifique o futebol como sendo um instrumento de alienação social,<sup>62</sup> ele tem uma grande importância histórica, política e social entre os franceses, pois a seleção consegue expor através de seus jogadores sua diversidade étnica e contribui dessa forma para um debate sobre preconceitos da sociedade.<sup>63</sup>

Se o torcedor se identifica com um clube por causa da história, origem, influência familiar ou outros motivos, com a seleção nacional a identificação se dá pelo fator da nacionalidade, já que esta equipe representa seu país. E a seleção francesa de futebol é um dos melhores exemplos de representação social, já que ali estão presentes personagens de distintas origens étnicas e imigrantes, diferentemente de diversos outros setores da sociedade, onde as minorias são raramente representadas e tem poucas chances de obter sucesso.<sup>64</sup>

Os times campeões mundiais em 1998 e 2018, que levaram milhões de pessoas para celebrar na Champs Elysées, refletiam a sociedade multicultural do país onde cidadãos negros, brancos e árabes sentiram-se representados e reconhecidos. Sentiam-se de alguma forma pertencentes àquele momento, àquela comunidade imaginada idealizada por Anderson.<sup>65</sup> Ou sentiam-se membros da verdadeira França, como Thuram afirmou após vencer o Mundial.<sup>66</sup> Como citou Antoine Griezmann na entrevista coletiva após a final da Copa de 2018, a “seleção francesa campeã é uma equipe com atletas de diferentes origens, mas unida e sendo a França que as pessoas amam”.<sup>67</sup>

Como mostrado nas páginas anteriores, a participação de jogadores estrangeiros ou de descendência imigrante foi de suma importância para a história do futebol francês ao longo das Copas do Mundo. É impossível ignorar a relevância destes atletas e sem eles o futebol francês seria bem menor. Talvez estivesse até hoje perseguindo seu primeiro título mundial.

<sup>62</sup> MARCUSE. *Cultura e Sociedade*, p. 183.

<sup>63</sup> STASI. *Le football: aventure personnelle et phénomène de société*, p. 131.

<sup>64</sup> FREITAS. *As seleções de futebol multiculturais da União Europeia*, p. 54.

<sup>65</sup> ANDERSON. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, p. 32.

<sup>66</sup> GASTAUT. *Le métissage par le foot: L'intégration, mais jusqu'où?*, p. 6.

<sup>67</sup> PÉCOUT. *Coupe du monde 2018 : Antoine Griezmann, un héros plutôt qu'un héros*.

A França, e a Europa em geral, não podem mais acreditar que são culturas homogêneas, porque dentro de suas fronteiras concentram uma vasta diversidade, seja étnica, cultural, linguística e religiosa.<sup>68</sup> Dentro de campo ou fora das quatro linhas, a seleção nacional continuará gerando importantes debates populares sobre a questão do multiculturalismo e da imigração na sociedade francesa, mostrando como o campo esportivo pode muito bem ser mais um espaço para aprofundar estas discussões e novos estudos.<sup>69</sup>

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BECOMING CHAMPIONS: France: a date with history. Direção: Fernando Kalife. México, 2018, 41 min., son., colorido.
- BETING, Mauro. **As melhores seleções estrangeiras de todos os tempos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BILLEBAULT, Alexis. Rachid Mekhloufi: “Je n’ai pas hésité avant de rejoindre l’équipe du FLN algérien”. **Le Monde**, Paris. 01 abr. 2016. Disponível em: <https://lemde.fr/2BZSijD>. Acesso em: 13 maio 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-163.
- BREUIL-GENIER, Pascale; BORREL, Catherine; LHOMMEAU, Bertrand. Les immigrés, les descendants d’immigrés et leurs enfants. **Insee: vue d’ensemble – portrait de la population**. France, Portrait Social - édition 2011, p. 33-39, 2011.
- CAILLE Jean-Paul; COSQUÉRIC Ariane; MIRANDA Émilie; VIARD-GUILLOT, Louise. La réussite scolaire des enfants d’immigrés au collège est plus liée au capital culturel de leur famille qu’à leur passé migratoire. **Insee Références Dossier**. France, Portrait Social, p. 87-106, 2016.
- CHANTEGRELET, Adrien. Les champions du monde ont mis le feu à l’Elysée! **Le Parisien**, Paris. 16 jul. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2QlfXDT>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- COELHO, Ricardo Correa. **Os franceses**. São Paulo: Contexto, 2010.
- DJELLIT, Nabil. Ces Algériens qui ont marqué les Bleus. **France Football**, Paris. 27 mar. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2QHFWF0>. Acesso em: 08 maio 2018.

---

<sup>68</sup> HABERMAS. *Sobre a Constituição da Europa*, p. 85.

<sup>69</sup> BOURDIEU. *Questões de sociologia*, p. 138.

DOYLE, Paul. The forgotten story of...the France football captain who murdered for Hitler. **The Guardian**, Londres. 16 nov. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2SEpO4A>. Acesso em: 07 maio 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FAUGÈRE, Anthony; BOUVET, Sandra. L'accès à un travail et des conditions d'emploi plus difficiles pour les immigrés. **Insee Analyses Auvergne-Rhône-Alpes**, n. 22, p. 1-4, septembre 2016.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE FOOTBALL. Alexandre Villaplaine. Disponível em: <https://bit.ly/2Qn8m7Z>. Acesso em: 04 maio 2018.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE FOOTBALL. Ali Benouna. Disponível em: <https://bit.ly/2Gb7vT5>. Acesso em: 05 maio 2018.

FÉDÉRATION FRANÇAISE DE FOOTBALL. Raoul Diagne. Disponível em: <https://bit.ly/2RMUH6X>. Acesso em: 05 maio 2018.

FENTON, Steve. **Etnicidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. Mestrado em Estudos Culturais (Dissertação). Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, São Paulo, 2017.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de. Quem são os jogadores multiculturais das seleções europeias na Copa de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2QuNRpM>. Acesso em: 27 jun. 2018.

FREITAS, Guilherme Silva Pires de; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; ALMEIDA, Marco Betinne. Diferenças culturais e identitárias na França através do ultras do Paris Saint Germain. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 4, n. 2, p. 80-98, maio-ago. 2017.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

GASTAUT, Yvan. **Le métissage par le foot: L'integration, mais jusqu'ou?** Paris: Éditions Autrement, 2008.

GIRARD, Quentin. Des quotas de Blancs en équipe de France? **Libération**, Paris 29 abr. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2G5uhvu>. Acesso em: 18 maio 2018.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Sobre a Constituição da Europa**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

INSEE. Étrangers - Immigrés. Disponível em: <https://bit.ly/2G8zltO>. Acesso em: 02 maio 2018.

INSEE. Être né en France d'un parent immigré. Disponível em: <https://bit.ly/2zOOxvY>. Acesso em: 02 maio 2018.

KSSIS-MARTOV, Nicolas. Raoul Diagne: l'homme à tout faire du Racing... **So Foot**, Paris. 11 out. 2015. Disponível: <https://bit.ly/2C0DnFZ>. Acesso em: 08 maio 2018.

LES BLEUS: une autre histoire de France. Direção: David Dietz, Sonia Dauger, Pascal Blanchard. França, 2016, 103 min., son., colorido.

LORENZO, Sandra. Le racisme en France étudié à la loupe: se sentir Français mais ne pas l'être pour les autres. **Huffington Post**, Paris. 08 jan. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/1UG5OsY>. Acesso em: 29 abr. 2018.

LOZETTI, Alexandre. Herói sem luxo da França, Kanté colheu lixo das ruas de Paris no título de 98. **Globo.com**, Istra. 12 jul. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2JhLjDd>. Acesso em: 13 out. 2018.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MUSÉE NATIONAL DE L'HISTOIRE DE L'IMMIGRATION – l'immigration algérienne en France. Disponível em: <https://bit.ly/2QK016V>. Acesso em: 14 maio 2018.

PÉCOUT, Adrien. Coupe du monde 2018 : Antoine Griezmann, un héros plutôt qu'un héros. **Le Monde**, Paris. 16 jul. 2018. Disponível em: <https://lemde.fr/2Ur451P>. Acesso em: 19 jul. 2018.

POLO, Pablo. Benzema: "Deschamps se pliega a la presión de una parte racista de Francia". **Marca**, Madri. 01 jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2B6HIFI>. Acesso em: 14 out. 2018.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguimento de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

RAMONET, Ignacio. Football et passions nationales. In: **Géopolitique du Football**. Bruxelles: Editions Complexe, 1998, p. 55-62.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

STASI, Bernard. Le football: aventure personnelle et phénomène de société. In: **Géopolitique Du Football**. Bruxelles: Editions Complexe, 1998, p. 127-132.

VARIKAS, Eleni. **A escória do mundo: figuras do pária**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

VERMEULEN, Hans. **Imigração, integração e a dimensão política da cultura**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

\*\*\*

Recebido para publicação em: 22 jul. 2018.  
Aprovado em: 11 nov. 2018.



## **Análise da composição de títulos e manchetes do diário *Olé* durante a cobertura das Copas do Mundo de 2014 e 2018**

Analysis of the Composition of *Olé's* Titles and Banner Headlines during the Coverage of 2014 and 2018 FIFA World Cups

**Mauro César Silveira**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/Brasil  
Doutorado em História Ibero-americana, PUC-RS

**Matheus Simões Mello**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis/Brasil  
Doutorando em Jornalismo, UFSC  
senso\_de\_humor@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo visa analisar a composição de títulos e manchetes dos textos publicados no diário argentino *Olé* durante a cobertura das Copas do Mundo de 2014 e 2018, dando ênfase àqueles formados por jogos de palavras ou com tom irreverente. Ao todo, 62 exemplares compõem o *corpus* desta investigação. Norteia-se metodologicamente através de mecanismos analíticos da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, proposta por Luiz Gonzaga Motta. Fundamenta-se teoricamente com obras que refletem acerca da linguagem jornalística esportiva, a estrutura de chamadas de textos no jornalismo esportivo e os elos entre emoção e a editoria de esportes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo esportivo; Títulos; Manchetes; *Olé*; Narrativas jornalísticas.

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze the composition of titles and banner headlines of argentine newspaper *Olé* during the coverage of 2014 and 2018 FIFA World Cups, emphasizing those composed by puns and/or jokes. All in all, 62 editions form the empirical object of this investigation. As the main methodological proceeding, we use some analytical mechanisms of the Pragmatic Analysis of Journalistic Narratives are, idealized by Luiz Gonzaga Motta. Theoretical foundation is constructed with contributions that reflect about sports journalism language, titles, banner headlines and relations between this journalistic section and emotion.

**KEYWORDS:** Sports Journalism; Titles; Banner Headlines; *Olé*; Journalistic Narratives.

## INTRODUÇÃO

O jornalismo esportivo dota de inúmeras particularidades e interações que vez ou outra são até conflitantes com premissas consolidadas do fazer jornalístico. As íntimas e constantes relações com o entretenimento, por exemplo, é um dos pontos centrais de discussão acerca do segmento esportivo – algumas delas, aliás, põem em xeque o DNA jornalístico dessa editoria. As chamadas dos textos, tanto em capas quanto nas demais páginas dos diários esportivos, apresentam-se como um dos espaços nos quais informação esportiva e entretenimento prosperaram entrelaçados.

A vista disso, este estudo visa analisar a composição das titulações das matérias veiculadas pelo diário argentino *Olé* durante a cobertura das Copas do Mundo de 2014 e 2018. O objeto empírico investigado é composto por 62 exemplares do referido jornal, publicados no decorrer dos dois Mundiais mencionados. Como será explicitado adiante, somente os títulos dos textos, com foco exclusivo àqueles com tom irreverente e jogos de palavras, compõem o *corpus* desta pesquisa, ainda que as linhas finas e demais elementos tenham sido de fundamental importância para compreender e contextualizar as titulações.

As análises desenvolvidas, que serão detalhadas mais adiante, são respaldadas por alguns movimentos da Análise pragmática da narrativa jornalística, idealizada por Luiz Gonzaga Motta. Tendo em vista que o referido autor defende que os movimentos propostos poderão dar luz a mensagens de fundo moral e ético, intencionalmente inseridas pelo emissor, tal estrutura metodológica é de grande ajuda para o que está aqui proposto.

Este artigo está dividido em quatro partes. Num primeiro momento, traz-se uma breve discussão acerca da linguagem jornalística esportiva e da composição de títulos e chamadas dos textos em jornais impressos. Em seguida, buscamos refletir sobre as interações entre jornalismo esportivo e emoção, em voga desde os primeiros passos do referido segmento jornalístico. Depois, esmiuçamos as bases metodológicas e apresentamos nossa estrutura analítica. Por fim, explicitamos os resultados provenientes das análises.

## LINGUAGEM, TÍTULOS E CHAMADAS NO JORNALISMO ESPORTIVO

Ainda que o jornalismo esportivo dote de relevância e visibilidade no meio profissional, o número de pesquisas acadêmicas que tenham esse segmento jornalístico como objeto de estudo ainda é diminuto em terras brasileiras. Nesse sentido, a tese doutoral do pesquisador espanhol José Luis Rojas Torrijos<sup>1</sup> é de grande ajuda na compreensão e reflexão de questões técnicas e teóricas do jornalismo esportivo. No referido estudo, Rojas Torrijos analisa manuais de redação de veículos de comunicação de língua espanhola e elabora uma sugestão de manual como conclusão de suas investigações. É justamente através de tal contribuição do referido autor que embasamos nossa discussão acerca das chamadas de produtos jornalísticos esportivos impressos.

Antes de focarmos nos títulos, contudo, entendemos ser necessário explicitar sucintamente alguns aspectos da linguagem do jornalismo, tanto em âmbito geral quanto na editoria de esportes. Visando pensar a linguagem jornalística sob uma perspectiva mais ampla, Lage<sup>2</sup> enfatiza a eficiência da coloquialidade, que é compreendida por leitores de baixa e alta escolaridade, e adverte para o uso de adjetivos no texto jornalístico. Talvez por lidar com emoções e se relacionar assiduamente com o entretenimento, o vocabulário coloquial sugerido por Lage seja ainda mais perceptível nas páginas esportivas. Ao indicar as principais características da linguagem jornalística esportiva, Rojas Torrijos<sup>3</sup> cita o coloquialismo como uma delas e o associa com o aparecimento de neologismos, estrangeirismos e expressões belicistas. Devido a esses e outros aspectos, o jornalismo esportivo e seu caráter coloquial e emotivo interage de maneira tênue com abordagens sensacionalistas e apelativas, tema que será abordado no próximo item.

Castañon Rodríguez<sup>4</sup> identifica três instâncias principais da linguagem jornalística esportiva: a) técnica, condizente às terminologias específicas do futebol (ou outra modalidade); b) de difusão, inerente às expressões responsáveis

---

<sup>1</sup> ROJAS TORRIJOS. *Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación*.

<sup>2</sup> LAGE. *Linguagem jornalística*, p. 37-40.

<sup>3</sup> ROJAS TORRIJOS. *Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación*, p. 309.

<sup>4</sup> CASTAÑON RODRÍGUEZ. *Universidad, Comunicación y Lenguaje Periodístico en América y España*, p. 4.

por tornar a comunicação mais eficiente; c) literária, concernente às palavras que interagem artisticamente com o receptor. Tais instâncias são de grande importância para o desenvolvimento desta investigação, seja numa contribuição um pouco mais clara da linguagem do jornalismo esportivo, nas discussões acerca de relatos emotivos no segmento esportivo ou na elaboração da estrutura analítica utilizada. De qualquer forma, podemos esboçar que a instância literária, ao mesmo tempo em que é um dos pontos centrais de divergências sobre as coberturas esportivas,<sup>5</sup> é alternativa essencial para possibilitar a inserção de títulos e chamadas de textos jornalísticos como as que são aqui analisadas.

Em sua sugestão de manual de redação para veículos de língua espanhola, Rojas Torrijos<sup>6</sup> expressa que o título deve ser “claro, direto e atrativo”<sup>7</sup> e que deve ser uma síntese do que está no primeiro parágrafo (lide) do texto. Ao mesmo tempo em que destaca o caráter atraente de uma chamada noticiosa, adverte que a mesma não pode ser ambígua e cometer excesso na inserção de sinais de pontuação (pontos, vírgula, ponto e vírgula, exclamação, interrogação, reticências). Os jogos de palavras nos títulos podem ser utilizados, de acordo com Rojas Torrijos, em gêneros com mais leveza, como, por exemplo, as crônicas.

Os parâmetros e sugestões indicadas por Rojas Torrijos, *a priori*, não condizem com o que é praticado nas capas e demais páginas não só do *Olé*, mas também de outros diários esportivos ao redor do mundo. Podemos exemplificar com um caso brasileiro: *Lance!*, jornal de esportes com maior tiragem no Brasil, possui relações editoriais bastante evidentes com o *Olé*, que inclusive serviu de inspiração para o desenvolvimento da referida publicação brasileira, como indica Stycer<sup>8</sup> e pesquisa anterior no qual esses diários foram comparados.<sup>9</sup>

Em parte considerável das publicações, os títulos de *Olé* são compostos por jogos de palavras, sejam eles neologismos ou trocadilhos com os mais variados tipos de associações. Muitos deles são pontuados por interrogações, exclamações e reticências. Tal composição faz com que as principais informações do fato

---

<sup>5</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*, p. 104.

<sup>6</sup> ROJASTORRIJOS. *Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación*, p. 102-104.

<sup>7</sup> Tradução minha.

<sup>8</sup> STYCER. *História do Lance!*.

<sup>9</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*.

esportivo estejam inseridas na linha fina, sendo esta maior do que comumente se vê em jornais brasileiros.<sup>10</sup> Nesse contexto, todos os elementos da página (título, linha fina e imagem/imagens), seja na capa ou nas demais páginas, acabam por transmitir as principais informações do ocorrido para o receptor. Além disso, em que pese ao imediatismo de outros meios como internet, rádio e televisão, provavelmente os leitores de *Olé* irão se deparar com materiais condizentes a acontecimentos cujos principais dados já são de conhecimento destes – sobretudo se levarmos em conta o *corpus* desta pesquisa, concernente às edições veiculadas durante Copas do Mundo.

Considerando a desvantagem dos diários perante aos meios digitais e audiovisuais no quesito rapidez de difusão dos conteúdos, é preciso mencionar outro ponto que nos ajuda a compreender a maneira como *Olé* monta seus títulos e chamadas. Nos últimos anos, as assessorias de imprensa dos clubes e seus dirigentes têm restringido o acesso dos jornalistas às dependências do clube e, por conseguinte, seus funcionários (atletas, técnico e demais membros da comissão técnica, executivos, diretores...). Assim, as entrevistas coletivas e zonas mistas, ambientes nos quais os repórteres têm pouco tempo para fazer perguntas a indivíduos cada vez mais reservados e treinados em suas respostas, acabam por deixar os produtos jornalísticos esportivos bastante similares, independentemente da mídia utilizada.

Dessa forma, focar na instância artística, para um veículo que só irá repercutir as informações de hoje no dia seguinte, é um dos únicos caminhos possíveis para se manter competitivo no mercado. E é justamente por isso que tais publicações são frequentemente associadas como sensacionalistas, parciais e emotivas. Nomenclaturas que geram debates no jornalismo esportivo argentino, brasileiro e internacional.

---

<sup>10</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*, p. 86-88.

## JORNALISMO ESPORTIVO E EMOÇÃO

Ainda que, como foi dito acima, emoção e jornalismo esportivo gerem discussões em várias localidades, é necessário fazer algumas ponderações históricas a respeito da trajetória jornalística esportiva no Brasil e na Argentina. Enquanto brasileiros foram fortemente influenciados pelo modelo norte-americano (objetivo e com técnicas como o lide e a pirâmide invertida), os argentinos mantiveram um estilo menos objetivo e mais próximo ao que se verifica na Espanha (produções mais adjetivadas, não tão diretas).

Com isso, publicações com maior liberdade emotiva prosperaram em terras argentinas, ao passo que textos mais próximos aos cronistas Nelson Rodrigues e Mário Filho, duas referências da editoria de esportes, ficavam cada vez mais restritos aos espaços de crônica, coluna e opinião. Nesse contexto, a Argentina presenciou o sucesso duradouro de uma das publicações mais relevantes não só do país vizinho, mas de todo o mundo: a revista *El Gráfico*, veiculada pela primeira vez em 1919, que serviu de inspiração para demais produtos jornalísticos especializados em esporte ao redor do mundo, sendo reconhecida como “a bíblia do esporte”.<sup>11</sup> Ainda que não detenha o mesmo prestígio de outrora, *El Gráfico* permanece na história do jornalismo esportivo argentino como referência na cobertura de esportes.

Dentre as tantas publicações influenciadas por *El Gráfico*, pode-se incluir *Olé*. Consequência de um caderno suplementar ao diário *Clarín* para a Copa do Mundo de 1994, *Olé* vai às bancas pela primeira vez em 1996. Mesmo com a consolidação das transmissões televisivas de futebol em solo argentino a partir do fim de 1980 – condição que, aliás, contribuiu para o declínio de *El Gráfico* –, *Olé* contou com respaldo massivo de seu fundador para sua rápida consolidação: o *Grupo Clarín*, um dos maiores conglomerados comunicacionais do mundo. Retaguarda que, por exemplo, o diário *Lance!* não dispôs durante seus primeiros anos, resultando em inúmeras crises e distanciamento da linha editorial do *Olé*.<sup>12</sup> Assim sendo, *Olé* é bem resguardado para propor modelos que, *a priori*, vão de encontro

---

<sup>11</sup> LÓPEZ; LÓPEZ. *Primeros apuntes de la historia del periodismo deportivo en Argentina*, p. 4-6.

<sup>12</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*, p. 156-161.

com premissas jornalísticas difundidas em terras tupiniquins, o que por vezes é confundido com demonstração de “mau jornalismo” ou menor grau de seriedade.

É importante ponderar, no entanto, que a elaboração de relatos emotivos não quer dizer necessariamente que os produtos sejam menos informativos, sérios e de menor qualidade. Durante minha pesquisa de Mestrado,<sup>13</sup> procurei discutir temas como objetividade, parcialidade e imparcialidade no jornalismo esportivo. Na referida investigação, adverti para o problema de condenar produções fortemente emotivas com a prática de um mau jornalismo, já que o conceito basilar de objetividade se refere aos métodos de apuração e não ao texto em si.<sup>14</sup> Para Grijelmo, citado por Rojas Torrijos,<sup>15</sup> um produto pode simultaneamente ter um viés sensacionalista e cumprir com parâmetros éticos e técnicos. Dessa forma, e reiterando o caráter emotivo concernente aos acontecimentos esportivos, o jornalismo esportivo não pode ser visto apenas como jornalismo especializado, mas como uma editoria com particularidades especiais.<sup>16</sup>

Nesse sentido, considerar que um indivíduo identificado emocionalmente com o fato esportivo (com um atleta, com uma determinada equipe, ou simplesmente com a modalidade) não está apto a enxergá-lo com clareza e interpretá-lo com sobriedade é, antes de tudo, uma ofensa ao próprio receptor do conteúdo jornalístico de esportes. Ademais, trata-se de um ponto de vista ingênuo, visto que os jornalistas pretensamente isentos dotam de suas preferências clubísticas. A opção de jornalistas por enturvar suas paixões futebolísticas, ainda que muito presente na editoria de esportes, parece estar perdendo força justamente porque parte da audiência se vê incomodada com tal postura. Nesse contexto, uma série de programas “de torcedor para torcedor”, vinculados ou não às agremiações futebolísticas, vêm ganhando notoriedade e se mostrando uma alternativa inclusive para graduados em Jornalismo. Mesmo que alguns desses produtos jornalísticos esportivos se excedam em alguns momentos, seja por demonstrações demasiadamente inflamadas de amor/ódio ou por defender a todo custo os clubes do qual falam, partilhamos da ideia que tal formato possui

---

<sup>13</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*.

<sup>14</sup> KOVACH; ROSENSTIEL. *Os elementos do jornalismo*, p. 116-117.

<sup>15</sup> ROJAS TORRIJOS. *Bases para la formulación de un libro de estilo de últimas generación*, p. 322.

<sup>16</sup> ROJAS TORRIJOS. *Bases para la formulación de un libro de estilo de últimas generación*, p. 22.

qualidades e relevância do ponto de vista jornalístico. Desprezar a importância de tais materiais para o bom desempenho do jornalismo é cometer equívoco similar à crença de que materiais pretensamente esportivos não carregam traços emotivos de maneira implícita.

No que diz respeito aos produtos jornalísticos esportivos com viés pretensamente mais objetivo, é importante elucidar algumas contribuições de Motta para refletir acerca desses materiais. Ao abordar as estratégias comunicativas necessárias no processo de construção da narrativa jornalística, o referido autor expressa que o jornalista “opera constantemente um processo de de-subjetivação do real”, o que despista e camufla sua função de narrador do ocorrido.<sup>17</sup> Nesse sentido, a busca por um relato objetivo e neutro não acaba por eliminar as preferências e emoções futebolísticas com as quais o jornalista, inevitavelmente, convive diariamente. Então, por maior esforço que um emissor venha a ter para aniquilá-las por completo, vestígios de tais sentimentos, mais ou menos evidentes, poderão ser identificados pelo pesquisador. Essas pistas emotivas podem ser encontradas não só nas escolhas de expressões e na composição textual, mas também nos enfoques utilizados, na atenção demasiada para aspectos condizentes a um dos dois clubes que se enfrentam em uma partida, dentre tantos outros aspectos que trarão sinais se bem averiguados.<sup>18</sup>

Evidentemente, não almejamos, de forma alguma, condenar ou vangloriar publicações mais ou menos objetivas, com maior ou menor peso emotivo. Atentamos, contudo, para a presença da emoção em todos eles. Como indiquei anteriormente,<sup>19</sup> o futebol e as demais modalidades esportivas despertam as mais variadas emoções nos aficionados e interessados, independentemente dos veículos jornalísticos. Estes que, salvo exceções, apenas as registram e as transmitem aos receptores das informações.

---

<sup>17</sup> MOTTA. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*, p. 155.

<sup>18</sup> MELLO. *Complexidades identitárias em Santa Catarina*, p. 8.

<sup>19</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*, p. 128-136.



Enclausurar-se em meio às informações, desprezando aquilo que é sentido por jogadores, comissão técnica e demais presentes, significa não informar ao público as consequências imediatas do fato esportivo, tornando o material incompleto. Ao mesmo tempo, interpretar erroneamente a reação da torcida e/ou buscar superdimensionar alguma reação resulta em distorção do fato, isto é, mau jornalismo.<sup>20</sup>

## IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS E PROCEDIMENTO ANALÍTICO

Como já foi mencionado no início deste artigo, utilizamos como respaldo metodológico a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. Esse procedimento é fundamentado a partir da narratologia, que visa entender como indivíduos “constroem seus significados através da compreensão e expressão narrativa da realidade”.<sup>21</sup> Ao todo, Motta estabelece seis movimentos de análise – sem necessidade de respeitar a ordem sugerida pelo autor – para investigar o que se pretende: a) recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico; b) identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; c) construção de personagens jornalísticas; d) estratégias comunicativas; e) relação comunicativa e o “contrato cognitivo” e; f) metanarrativas – significado de fundo moral ou fábula da história.<sup>22</sup> Para os fins deste estudo, utilizaremos apenas três dos seis movimentos citados: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico, identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios e estratégias comunicativas.

No que tange à recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico, Motta expressa que o “acontecimento jornalístico” é fruto da recomposição de notícias e que o pesquisador deve atentar para ressignificações, ganchos, contextualizações e personagens.<sup>23</sup> A definição de “acontecimento jornalístico” de Motta é bastante clara e remete a fatos de grande clamor noticioso, como, por exemplo, coberturas de eleições. No caso desta pesquisa, entendemos a Copa do Mundo como um grande “acontecimento jornalístico”, competição que talvez seja o momento máximo da modalidade esportiva mais popular do mundo. Nesse contexto, todas as 64 partidas disputadas demandam atenção especial (com

<sup>20</sup> MELLO. *Hermanos y cercanos, pero no mucho*, p. 135.

<sup>21</sup> MOTTA. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*, p. 144.

<sup>22</sup> MOTTA. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*, p. 147-166.

<sup>23</sup> MOTTA. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*, p. 147-149.

destaque, por óbvio, para os confrontos nos quais o selecionado conterrâneo ao meio de comunicação está envolvido) e, por conseguinte, os fatos periféricos inerentes a treinamentos, movimentos de torcedores e tantos outros aspectos. São, pois, momentos constantes de ruptura que atraí o olhar da imprensa, esta especializada ou não em esportes.

Quanto à identificação dos conflitos e funcionalidade dos episódios, tal mecanismo analítico é útil para realçar situações que interferem no equilíbrio que está posto, seja pelo excesso ou pela falta de determinado aspecto, implícita ou explicitamente.<sup>24</sup> Para o cumprimento dos objetivos aqui propostos, tal fase da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística merece ainda mais atenção, visto que jogos de palavras ou títulos dos produtos jornalísticos esportivos podem fazer alusões a uma série de episódios passados (condizentes a jogadores, times, seleções, cidades, países...). Anteriormente, por exemplo, pude verificar que *Olé* utiliza os mais variados elementos para contextualizar e construir seus exemplares: frases de músicas ou títulos de filmes conhecidos, ditos populares, associações de proximidade com atletas e equipes estrangeiras, dentre outros. Portanto, atentar-se a tais lembranças é crucial para a compreensão tanto da anedota contida no título/manchete quanto da utilidade desta para informar e dimensionar o acontecimento jornalístico esportivo.

Por fim, debruçar-se sobre as estratégias comunicativas é um momento relevante do referido procedimento metodológico porque dá luz aos mecanismos empregados pelo emissor que escondem determinadas intenções. Ao tratar especificamente desse momento analítico, Motta faz alusão à objetividade como forma de se construir um discurso neutro e distante, como já foi mencionado acima – daí nossa opção por compor a fundamentação teórica deste estudo com discussões acerca da emoção no jornalismo esportivo.<sup>25</sup> Ainda que, reiteramos, consideramos a emoção como uma das principais estratégias comunicativas presentes no segmento jornalístico esportivo, existem tantas outras que servem de pilar para arquitetar notícias, reportagens, colunas e demais materiais. Dar ênfase a determinada personagem e retratá-la de maneira individualizante, vocabulário,

---

<sup>24</sup> MOTTA. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*, p. 149-151.

<sup>25</sup> MOTTA. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*, p. 155.

estatísticas e uso de sinais de pontuação são outros exemplos que podem contribuir para desvendar intenções se forem arduamente observados.

Norteados pelos mecanismos analíticos supracitados, optamos por analisar os títulos e manchetes através da dissociação dos elementos. Tal ação consistiu em dividir o que está presente em tais chamadas em três categorias: a) o que está posto; b) como está posto; c) associações ao que está posto. O primeiro grupo diz respeito ao acontecimento em si, sendo este, preferencialmente, partidas disputadas entre as seleções, enquanto o segundo é o conjunto de estratégias e contextos utilizados pelos profissionais de *Olé* para converter o acontecimento em conteúdo jornalístico. Por sua vez, destinamos ao terceiro grupo os fatos periféricos e lembranças consequentes do título/manchete.

Como intentamos analisar a composição de chamadas com viés irreverente e com jogos de palavras, optamos por descartar as demais publicadas em *Olé* durante o período já mencionado que não se enquadram em tais características. Dessa forma, é importante ressaltar que o diário argentino não publica exclusivamente títulos e manchetes com trocadilhos, sobretudo em textos menores ou com a função de reunir uma série de informações numa única notícia. Durante as Copas do Mundo de 2014 e 2018, por exemplo, pudemos verificar chamadas mais objetivas – isto é, mais próximas do que comumente se vê em produtos jornalísticos – no espaço reservado ao noticiário das agremiações futebolísticas argentinas, já que estas estavam em férias.

### **TÍTULOS IRREVERENTES DE *OLÉ* DURANTE A COBERTURA DAS COPAS DE 2014 E 2018**

Para a exposição de alguns exemplos que ilustram os resultados decorrentes das análises, levaremos em conta a ordem temporal dos acontecimentos e a localização das chamadas no exemplar no qual foi estampada. Com isso, apresentamos exemplificações de títulos/manchetes presentes no interior das edições condizentes à Copa de 2014, enquanto aquelas referentes à Copa de 2018 são representadas somente por frases/expressões de capa.

Em 14 de junho de 2014, o repórter Bruno Sturari tituló a crônica de jogo referente à vitória do Chile sobre a Austrália por 3x1 com a frase “Scola do

Sampa”.<sup>26</sup> Trata-se de um trocadilho mesclando o termo ‘escola de samba’ com o nome do então técnico do escrete chileno, Jorge Sampaoli. Seria, então, a escola de samba de Sampaoli. Nesse sentido, duas associações ao que está posto podem ser feitas: a) usa-se a figura das escolas de samba pelo fato de o torneio ter sido disputado no Brasil; b) a escola de samba, patrimônio cultural tupiniquim, remete a sentimentos como alegria, leveza e beleza, características também inerentes ao futebol brasileiro, conexão esta que pode ser sintetizada pela expressão ‘jogo bonito’ – que foi incorporada ao vocabulário futebolístico de outras nações. Assim, podemos entender que o referido selecionado sul-americano teve um desempenho acima da média e com tons de “jogo bonito”, impressões que entram em sintonia com a linha fina e o texto de Sturari.

Quatro dias depois, em 18 de junho, Leo Farinella foi o responsável por elaborar a crônica de jogo de Brasil 0x0 México, confronto válido pela segunda rodada do Grupo A. O título escolhido foi “Tenía que ser el Chavo de Ochoa”,<sup>27</sup> um trocadilho que mistura o famoso seriado mexicano *El Chavo del Ocho* (conhecido no Brasil como “Chaves”) e o nome do goleiro do México, Guillermo Ochoa. “Tenía que ser el Chavo” (ou, em português, “tinha que ser o Chaves”) era uma frase recorrentemente utilizada pelas demais personagens para demonstrar descontentamento com as atitudes de Chavo, um menino ingênuo que vivia aprontando. Assim, além de associar o goleiro mexicano ao famoso programa televisivo conterrâneo, Farinella demonstrou também que as inúmeras defesas do arqueiro mencionado frustraram as pretensões do escrete canarinho, que viu seus inúmeros arremates serem defendidos por Ochoa.

Em 06 de julho, *Olé* publicou alguns textos acerca da histórica classificação dos argentinos para as semifinais de uma Copa do Mundo, algo que não ocorria desde 1990. A crônica principal do confronto Argentina 1x0 Bélgica recebeu o título de “¡De semi qué se siente!”.<sup>28</sup> Tal título remete ao sentimento indescritível dos argentinos pela classificação e por voltar a ter a chance de disputar uma vaga na decisão de uma Copa do Mundo. A chamada é um jogo de palavras composto

---

<sup>26</sup> STURARI. Scola do Sampa, p. 16-17.

<sup>27</sup> FARINELLA. Tenía que ser el Chavo de Ochoa, p. 18-19.

<sup>28</sup> OLÉ. ¡De semi qué se siente!, p. 4-5.

pela palavra semifinal (ou ‘semi’, como popularmente é denominada) e a frase “Decime qué se siente”, concernente à canção entoada pelos argentinos durante o mundial realizado no Brasil. A canção é uma provocação aos brasileiros e tem como base a melodia de *Bad Moon Rising*, da banda estadunidense Creedence Clearwater Revival. Além de compilar uma série de sentimentos despertados no decorrer do certame até aquele momento, o diário argentino invocou uma melodia utilizada para versões não só futebolísticas, mas também de cunho político, como mostra Alabarces.<sup>29</sup>

No que tange às capas referentes às edições veiculadas durante a cobertura da Copa do Mundo de 2018, *Olé* optou pela manchete “Crisislandia”<sup>30</sup> para retratar o empate entre Argentina e Islândia por 1x1, partida que marcou a estreia de *La Selección* no torneio. O termo é um trocadilho que mescla as expressões *crisis* (crise, em português) e Islândia, país rival no referido duelo. Num primeiro momento, já se percebe que o resultado foi adverso (e até certo ponto surpreendente) e desencadeou uma crise no escrete alvi-celeste. Podemos, sendo assim, associar tal conturbação consequente do tropeço argentino à manchete, que, além do ocorrido dentro de campo, pode ser associada com as inúmeras crises vividas pelo país vizinho nos últimos anos. A Argentina seria, então, a ‘terra da crise’.

Dez dias depois, em 27 de junho, *Olé* estampou em sua capa a frase “¡Afuera las pelotas!”<sup>31</sup> para retratar a classificação argentina para as oitavas de final, lograda após vitória sobre a Nigéria por 2x0, sendo o segundo tento sul-americano marcado aos 41 da etapa complementar. *La Selección* precisava de uma combinação de resultados para garantir a classificação, o que fez com que rivais já contassem com a eliminação alvi-celeste. Nesse sentido, a frase exclamativa e repleta de carga emotiva pode ser enxergada de duas formas: a) um insulto àqueles que duvidavam que os argentinos fossem conseguir a combinação necessária para avançar no certame; b) que os jogadores demonstraram raça e garra (diferentemente do que ocorrera nos jogos anteriores), fazendo alusão à expressão “poner huevos”, inerente ao vocabulário futebolístico argentino e que

---

<sup>29</sup> ALABARCES. Fútbol, música y narcisismo.

<sup>30</sup> OLÉ. Capa *Olé*, 17.06.2018.

<sup>31</sup> OLÉ. Capa *Olé*, 27.06.2018.

significa que se deve entrar em campo com força e encarar cada partida como se fosse a última. Com relação à segunda interpretação, nota-se que há simultaneamente duas informações expressas de maneira implícita, que *La Selección* teve *huevos* contra os nigerianos e não teve diante dos islandeses e croatas (quando perderam por 3x0).

Por fim, em 07 de julho, *Olé* reservou sua capa para abordar a derrota brasileira contra os belgas por dois gols a um, em partida válida pelas quartas de final. O título escolhido foi “no hay mal que por bien no belga”,<sup>32</sup> um jogo de palavras composto por um dito popular e a nacionalidade daqueles que eliminaram seus maiores rivais no futebol. A chamada faz alusão à frase “no hay mal que por bien no venga”, algo como “há males que vêm para o bem” no português, que rememora indiretamente a eliminação argentina nas oitavas de final para a França. Portanto, o revés do escrete canarinho serviu de consolo para nossos vizinhos, assim como a expressão supracitada serve de conforto em momentos difíceis.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou analisar a composição de títulos e manchetes do diário argentino *Olé* durante a cobertura de duas edições da Copa do Mundo, debruçando-se naquelas chamadas com tom irreverente ou jogos de palavras. Como foi visto, a instância artística da linguagem jornalística esportiva é uma das saídas encontradas pelas publicações impressas para se diferenciar e inovar perante às mídias mais imediatas. Nesse contexto, os títulos, em alinhamento com os demais compostos das páginas, acabam por expressar esse apelo artístico/emotivo, o que por vezes é encarado como sensacionalismo ou ‘mau jornalismo’.

Independentemente do ponto de vista que se tenha acerca de tal estratégia de construção de chamadas, é inegável que informações podem ser transmitidas por meio de tais artifícios, estejam elas escancaradas, sutilmente expostas ou escondidas. Devemos ponderar que tais características confrontam com a

---

<sup>32</sup> OLÉ. Capa *Olé*, 07.07.2018.

natureza clara e objetiva dos títulos dos textos jornalísticos e, de fato, não cumprem o papel de resumir o acontecimento jornalístico. No entanto, lembramos que tal frase pertence a um conjunto de elementos que constroem o material (ou os materiais) referente a uma partida ou qualquer outro fato esportivo. Isto é, o receptor terá todos os dados essenciais diante de seus olhos – em *Olé*, por exemplo, todas as páginas que contêm crônicas de jogo são acompanhadas com o placar, a disposição tática das equipes e informações de cartões recebidos, jogadores lesionados, gols marcados, entre outras. Tendo em vista o que foi elucidado até aqui, é necessário assinalar que tal estrutura das chamadas seja de difícil compreensão aos não familiarizados ou ávidos por informação esportiva. Entretanto, trata-se de um diário especializado e que – ao que nos parece – privilegia os fãs de futebol e demais modalidades.

Ao longo de sua trajetória, *Olé* tem sido pauta dentro e fora da Argentina por suas capas e demais chamadas para textos, tanto na versão impressa quanto em seu site.<sup>33</sup> E, como foi evidenciado neste artigo, tais escolhas vão seguir causando debates acerca do papel do jornalismo esportivo, sua relação com o entretenimento e com a emoção.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre “Brasil, decime qué se siente”. **El oído pensante**, v. 3, n. 1, p. 1-19, 2015.

CASTAÑON RODRÍGUEZ, Jesús. Universidad, Comunicación y Lenguaje Periodístico del Fútbol en América y España. **Revista Digital Universitaria**, v. 6, n. 6, p. 1-12, 2005. Disponível em: < <https://goo.gl/U41rpX> >. Acessado em: 19 jul. 2018.

FARINELLA, Leo. Tenía que ser el Chavo de Ochoa. **Olé**, Buenos Aires, 18 jun. 2014.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

---

<sup>33</sup> Link para o site do diário argentino: <<http://ole.com.ar>>. Acessado em: 23 jul. 2018.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ed. África, 2003.

LÓPEZ, Mariano Hernán; LÓPEZ, Andrés. **Primeros apuntes de la historia del periodismo deportivo en Argentina**. La Plata, Universidad Nacional de La Plata, 2011. Disponível em: < <https://goo.gl/9aMo5d>>. Acessado em: 20 jul. 2018.

MELLO, Matheus Simões. **Hermanos y cercanos, pero no mucho**: Estudo comparativo entre os jornais *Lance!* e *Olé* durante a cobertura da Copa do Mundo de 2014. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MELLO, Matheus Simões. **Força, Chape!?** Narrativas da rivalidade futebolística em jornais catarinenses antes e depois da queda do voo LaMia 2933. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, Curitiba, PR, 2017.

MELLO, Matheus Simões. **Complexidades identitárias em Santa Catarina**: análise de narrativas jornalísticas construídas nas transmissões radiofônicas de clássicos catarinenses de futebol. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41, Joinville, SC, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga Figueiredo. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 143-167.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org). **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

OLÉ. ¡De semi qué se siente!. Buenos Aires, 06 jul. 2014.

OLÉ. Capa Olé 17.06.2018. Buenos Aires, 17 jun. 2018.

OLÉ. Capa Olé 27.06.2018. Buenos Aires, 27 jun. 2018.

OLÉ. Capa Olé 07.06.2018. Buenos Aires, 07 jul. 2018.

ROJAS TORRIJOS, José Luis. **Bases para la formulación de un libro de estilo de última generación**. Construcción de un modelo teórico válido para los medios deportivos escritos y digitales en lengua española. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidad de Sevilla, Sevilla, 2010.

STURARI, Bruno. Scola do Sampa. **Olé**, Buenos Aires, 14 jun. 2014.

STYCER, Maurício. **História do Lance!**. São Paulo: Alameda Editorial, 2009.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 25 jul. 2018.  
Aprovado em: 08 out. 2018.



## **Ao vivo direto da Rússia: a Copa do Mundo formatada para televisão**

Live From Russia: The World Cup Shaped for TV

**Fernando Vannier Borges**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa/Portugal  
Doutor em Ciências da Comunicação e Informação, Universidade Pantheon-Assas  
fvsborges@outlook.com

**RESUMO:** Como megaevento esportivo, a Copa do Mundo tem uma grande capacidade de gerar atenção da Mídia. Entre os diferentes tipos de suporte, a televisão é o veículo mais relevante na difusão do futebol, tendo desenvolvido uma relação de simbiose com as organizações esportivas. Consciente da importância desse relacionamento, desde a década de 1960, a FIFA investe bastante da sua atenção na transmissão televisiva da Copa do Mundo, seu principal produto e sua maior fonte de recursos financeiros. Através da análise da versão de 2018 do Manual de Produção para TV da FIFA, pretendemos ver de que maneira a instituição contribui para a transformação da Copa do Mundo em um produto de televisão. Os resultados mostram que a FIFA passa a incorporar a lógica da mídia em suas ações e é responsável pela forma como a Copa do Mundo é transmitida para as emissoras oficiais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Copa do Mundo; FIFA; Transmissão televisiva; Mídiação.

**ABSTRACT:** As a mega-event, the FIFA World Cup has a great capacity to generate media attention. Among the different supports, television is the most important way to broadcast football. Also, football and media have developed a symbiotic relationship with the sportive organization. Aware of the importance of this relationship, FIFA has devoted a lot of attention to the broadcasting of the World Cup, which is FIFA's main product and source of revenue. Based on the analysis of the 2018 edition of the FIFA World Cup TV Production Handbook, our aim is to understand how FIFA transforms the World Cup into a TV product. Results show that FIFA adopts a media logic and is responsible for how the event is shaped to official broadcasters.

**KEYWORDS:** World Cup; FIFA; TV Broadcast; Mediatization.

## INTRODUÇÃO

Ao lado dos Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo é o evento esportivo mais importante do mundo. O seu impacto econômico e político, seu alcance internacional e a sua capacidade de movimentar o público – seja em audiências televisivas, seja no estádio ou na atração de turistas aos países sede – faz com que durante os 30 dias de competição seja difícil haver outro tema tão central na vida das pessoas, amantes ou não de futebol. A riqueza desse objeto de estudo ainda pode ser confirmada pela abordagem multidisciplinar ao assunto, o que justifica a elaboração de publicações “Sobre Copas do Mundo...”.

Eventos com grande capacidade de atração do público passaram a ser conhecidos como megaeventos. Maurice Roche<sup>1</sup> foi um dos pioneiros na definição e estudo desses eventos que ganharam muita atenção nos últimos anos.<sup>2</sup> Com a intenção de clarificar a definição dos megaeventos, Müller<sup>3</sup> propôs critérios com base em alcance, midiaticização, custos e transformação urbana, para elaborar uma escala de tamanho desses eventos. O autor propõe uma classificação em “giga”, “mega” e “major”, e a sua conclusão aponta para a tendência de que os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo passem a se tornar “gigaeventos”.

A Copa do Mundo tem uma forte presença cultural e social nas nossas vidas. Os ciclos de quatro anos de intervalo são marcados por prolongados períodos de classificação, preparação e construção do evento, assim como toda a gama de eventos FIFA (Copa do Mundo Feminina, Mundiais de categorias jovens, eventos de premiação anual), de modo que se constrói uma grande expectativa para a Copa.<sup>4</sup>

Um dos elementos centrais aos megaeventos é a sua capacidade de atrair a atenção do público e da mídia. Copas do Mundo são uma grande fonte de narrativas – dramáticas, épicas e até mesmo cômicas – que são exploradas pela mídia, são recontadas pelas pessoas e revividas na memória individual e coletiva

---

<sup>1</sup> ROCHE. *Mega-events and modernity*, 2000; ROCHE. *Mega-events, time and modernity*, 2003, p. 99-126.

<sup>2</sup> GRUNEAU; HORNE. *Mega-Events and globalization*, 2016, p. 1-28; HORNE; MANZENREITER. *An introduction to the sociology of sports mega-events*, 2006, p. 1-24; MARIVOET. *Euro 2004™*, 2006.

<sup>3</sup> MÜLLER. *What makes an event a mega-event?*, 2015, p. 627-642.

<sup>4</sup> HAYNES; BOYLE. *The FIFA World Cup*, 2017, p. 86.

de um país, mostrando a importância cultural e simbólica desses eventos. Ao longo da história, diferentes suportes tiveram o seu papel na cobertura da Copa do Mundo, mas atualmente é a televisão e os meios digitais que recebem maior destaque na transmissão dos jogos.

Os megaeventos apresentam uma capacidade de atração superior aos eventos esportivos do cotidiano, fazendo com que haja uma relação ainda mais estreita com o público<sup>5</sup> do que a já habitual proximidade.<sup>6</sup>

Dentro dos diferentes suportes, a televisão merece um destaque especial: o relacionamento entre a TV e o futebol é fundamental para a sua construção enquanto esporte-espetáculo, assim como a expansão global da FIFA e da Copa do Mundo foi beneficiada pela parceria com a televisão. Através da análise da versão de 2018 do Manual de Produção para TV da FIFA, pretendemos encontrar evidências para analisar a formatação da Copa do Mundo em um produto televisivo e as transformações da FIFA, incorporando a lógica midiática à sua organização.

## TELEVISÃO E FUTEBOL

Para Helland,<sup>7</sup> as noções de simbiose e parasitismo são essenciais na análise da relação entre o mundo esportivo e a TV. A simbiose descreve a coabitação de dois organismos diferentes a partir da qual ambos se beneficiam, porém, no caso do parasitismo, apenas uma das partes envolvida sai beneficiada. Outra forma de ver o relacionamento é através da metáfora do casamento. A união matrimonial pode representar um casamento de conveniência entre ambos ou um relacionamento que torna cada uma das partes mais fortes através do “amor”. Outras metáforas alternativas já foram usadas, e cada uma delas traz para a análise um tipo de relação e a sua respectiva balança de poder. Para alguns, a preocupação a respeito

---

<sup>5</sup> BILLINGS; WENNER. The curious case of the megasporting event, 2017, p. 3-18.

<sup>6</sup> ROWE. *Sport, culture and the media*, 2004; WENNER. *Media, sports, and society*, 1989, p. 13-48.

<sup>7</sup> HELLAND. *Changing sports, changing media*, 2007, p. 105-119.

dessa ligação é o risco de que a televisão esteja colonizando o esporte, isto é, os seus valores estão sendo perdidos para a os valores televisivos.<sup>8</sup>

A relação entre esporte e televisão e a consequente construção do futebol como um produto televisivo é o resultado de um processo histórico. A partir de elementos usados em outros tipos de mídia, como rádio, filme e fotos, a TV construiu a sua narrativa e desenvolveu o seu papel na difusão do futebol enquanto conteúdo televisivo. O esporte cresceu enquanto forma de discurso graças à popularização de jornais e revistas que tratavam do assunto, permitindo que se tornasse uma prática corrente falar, antecipar, comentar, atacar e defender as ações de atletas e clubes; assim como o rádio aproximou as pessoas ao acontecimento esportivo que, por sua vez, ganhou um rosto e emoção através das imagens fotográficas e filmicas.

Portanto, antes da chegada da TV, o futebol já era um produto muito próximo à mídia, mas depois que começou a aparecer na “telinha”, a experiencia do público mudou completamente, aproximando-se ainda mais da sensação de viver o acontecimento, bem como o apelo ao seu envolvimento.<sup>9</sup> A televisão teve papel central na construção do espetáculo-esportivo, de tal modo que hoje é difícil separar o futebol profissional de sua parceria com a mídia.

A força da televisão, graças à difusão ao vivo, reside na sua capacidade de moldar o esporte em um formato televisivo. O futebol é um produto particularmente adaptado à lógica do fluxo da televisão, uma vez que apresenta as seguintes características: permite uma combinação de elementos previsíveis e de incertezas; supera o antagonismo entre repetição e diferenciação; e também é um conteúdo programável, admitindo ser exibido ao vivo ou em diferido. Se forem detentoras dos direitos de transmissão, as televisões podem ter ainda mais poder sobre a agenda dos jogos, definindo os dias e horários de início das partidas de acordo com a sua conveniência. Além disso, o tempo de jogo definido (dois tempos de 45 minutos, com intervalo de 15 minutos) permite um controle mais eficiente

---

<sup>8</sup> ROWE. The global love-match: sport and television, 1996, p. 565-582.

<sup>9</sup> ROWE. The global love-match: sport and television, 1996, p. 568.

da grade de programação, por parte das emissoras de televisão, que também podem inserir anúncios publicitários no intervalo ou nos tempos mortos do jogo.

Primeiramente, a emissão de um jogo passa por uma implementação de um dispositivo técnico e cênico, que é reforçado por ligações espaciais – os jornalistas que acompanham o jogo dentro do campo, os comentários no estúdio e os espectadores em casa – e simbólicas. A televisão tenta controlar o tempo do acontecimento, por vezes o dilatando através de programas antes e após as partidas, e outras vezes o comprimindo através da aceleração ou supressão de certos momentos mais entediantes para a audiência.<sup>10</sup>

A transmissão de eventos esportivos foi relevante num âmbito mais geral, pois teve um papel importante na construção da linguagem televisiva. No processo de elaboração da emissão esportiva, o objetivo das empresas de comunicação era desenvolver a tecnologia de transmissão ao vivo para fazer o espetáculo mais real. Elemento fundamental do espetáculo esportivo na televisão, o ao vivo teve também outras funções como a construção da reputação, notoriedade e credibilidade da televisão, tornando-se uma marca de sua identidade.<sup>11</sup>

A transmissão via satélite, a partir dos anos 1960, multiplicou as emissões esportivas na televisão. O aumento da concorrência entre canais modificou o objetivo das transmissões, deixando de ser uma mera reprodução da experiência visual do estádio na TV, para tentar ser a melhor maneira de visualização de um espetáculo concebido por e para esse suporte midiático.<sup>12</sup> A reconstrução do visível passa a tornar o futebol mais telegênico; rentabilizar os grandes investimentos feitos com os direitos de transmissão, ajustando os eventos mais importantes para horários de maior audiência; adaptar as emissões aos anúncios publicitários; organizar os eventos de modo a dar visibilidade aos parceiros publicitários; multiplicar os pontos de vista através da proliferação do número de câmeras; criar e implementar estratégias de marketing para tais eventos; e construir um discurso que valorize a espetacularização.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> PAPA. Quand le sport nous parle de la télévision, 2000, p. 420.

<sup>11</sup> WILLE. Une diachronie du spectacle sportif télévisé, 2000, p. 434.

<sup>12</sup> WILLE. Une diachronie du spectacle sportif télévisé, 2000, p. 437.

<sup>13</sup> WILLE. Une diachronie du spectacle sportif télévisé, 2000, p. 440.

No início da relação entre o futebol e a TV, os dois eram vistos como competidores. A economia do esporte se baseava no princípio de que um grande número de pessoas sairia de casa para ir ao estádio e pagar pelos bilhetes para ver jogadores profissionais em embates pela vitória. A bilheteria e os gastos complementares nos recintos eram a fundação do sucesso financeiro de um clube, e assim não era difícil imaginar os motivos que faziam temer a oferta de um aparelho que representava a antítese de ir ao estádio. Hoje, a relação do torcedor com o espetáculo mudou por influência dos meios de comunicação, mas no início a experiência televisiva era vista como solitária e que não oferecia o engajamento necessário com o clube, tornando-se assim uma experiência de menor valor – tal como ver a reprodução de um quadro por oposição ao seu original. O medo dos clubes era o de perder dinheiro, na medida em que, com a transmissão televisiva, o público presente nos estádios diminuiria, e o de que estes perdessem a sua atmosfera vibrante.

Com o tempo percebeu-se que as receitas com os direitos de transmissão e a publicidade poderia se equiparar ao das bilheterias, e o paradigma da relação entre a TV e o futebol mudou, deixando de ser concorrência, para trabalharem em conjunto. A maior contribuição da TV foi a possibilidade de alcançar pessoas que já não iriam ao estádio, torcedores que não tinham a capacidade de se locomover para acompanhar seus clubes poderiam ver os jogos pela TV.<sup>14</sup> Os jogos passaram a poder ser trazidos de todos os cantos dos países e do mundo, e foi a partir daí que se deu o crescimento do futebol, e da Copa do Mundo, enquanto produto global.

## **A FIFA E A TELEVISÃO**

Haynes e Boyle<sup>15</sup> apresentaram uma historiografia da cobertura televisiva da Copa do Mundo para entender como as novas tecnologias são acomodadas nas estruturas institucionais de organizações esportivas e de emissoras de televisão para fazer da Copa um evento televisivo. Segundo os autores, o processo está dividido em três fases: “1) 1954-1962: Fase de iniciação do futebol internacional

---

<sup>14</sup> ROWE. The global love-match: sport and television, p. 570.

<sup>15</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, p. 86.

na TV; 2) 1966-1998: A disputa pelo controle do espetáculo; 3) 2002-presente: A incerteza do processo de convergência e a mídia divergente”.<sup>16</sup> Haynes e Boyle enfatizam que há sobreposições e continuidades ao longo desses períodos, mas a classificação se faz necessária para diferenciar algumas épocas em relação aos seus aspectos tecnológicos e culturais.

A criação e a evolução da Copa do Mundo acontece em paralelo ao desenvolvimento dos meios de comunicação modernos. Durante as três primeiras edições (1930, 1934 e 1938), o rádio e a imprensa escrita tiveram o protagonismo, embora todas tenham sido filmadas e a Copa de 1938 tenha recebido bastante destaque nos cinejornais da época. Em 1950, as transmissões televisivas já haviam avançado o suficiente, mas no Brasil ainda não foi possível a implementação, de modo que ainda predominou o rádio como forma de difusão do evento para o mundo.<sup>17</sup>

A Copa de 1954, na Suíça, foi a primeira a ser transmitida pela TV. Emissoras europeias formaram um consórcio internacional (EBU – European Broadcast Union), e nesse período pós-guerra, o futebol representava simbolicamente a universalidade e a superação de barreiras nacionais. Cada emissora nacional – muitas delas em operação há menos de um ano, contavam com a BBC para empréstimo de materiais e expertise – tinha o próprio narrador para as mesmas imagens, fosse no estádio ou em um estúdio isolado. A técnica de separar o som do ambiente (estádio) dos comentários (estúdio) foi usada pela primeira vez na cerimônia de coroação da Rainha Elizabeth II, em 1953. Isso representou um padrão de emissão de eventos esportivos internacionais com a combinação de feeds unilaterais e multilaterais, permitindo que cada emissora nacional se apropriasse do sinal internacional para emissões locais. Ainda hoje, essa forma de transmissão, que ficou conhecida como *eurolinks*, se mantém um importante mecanismo de identificação linguística e cultural para eventos globais.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Original em inglês: 1) 1954-1962: The initiating phase of international television football; 2) 1966-1998: The hegemonic struggle for control of the media spectacle; 3) 2002-present: The uncertain age of convergent processes and divergent media.

<sup>17</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 88.

<sup>18</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 88.

Em 1958, os eurolinks continuavam a funcionar e foram se aprofundando as relações simbióticas entre as instituições esportivas – FIFA e federações nacionais – e as empresas de mídia, na medida em que os estádios iam sendo adaptados para receber as equipes de TV. Pela primeira vez, uma empresa (EBU) pagou pelos direitos de transmissão do evento. Durante a Copa da Suécia, muitos jogos aconteciam em horários semelhantes, motivando a BBC a entrar com um pedido, sem sucesso, para que a FIFA reorganizasse o calendário.<sup>19</sup> Algo que viria a mudar no futuro.

Com a realização da Copa de 1962, no Chile, a transmissão ao vivo dos jogos era impossível para a Europa. Assim, a BBC colocou em prática um meticuloso plano para transportar o filme dos jogos a serem exibidos ao público 48 horas após o final do jogo. O material seria transportado de Santiago para Lima, a seguir para o Panamá e de lá para Miami e depois para NYC. Por fim, pegaria o primeiro voo para Londres. Os investimentos feitos pela BBC dão a noção da importância dada ao evento.<sup>20</sup>

A partir de 1962, a FIFA passou a centralizar a venda dos direitos de transmissão da Copa. Entre a primeira e a segunda venda já houve uma grande inflação: a EBU pagou 75 mil dólares em 1962 e 800 mil em 1966.<sup>21</sup> Com o tempo e a competição no mercado de telecomunicações, essa foi uma tendência que foi aumentando de maneira exponencial (ver tabela 1). Por um lado, a venda dos direitos de transmissão se tornou a principal, e volumosa, fonte de renda da FIFA (ver figura 1); mas, por outro lado, com mais investimento por parte das emissoras, também veio mais intervenção na organização e agenda dos jogos de acordo com a demanda da TV.

<b>Data (País sede)</b>	<b>Total</b>
1978 (Argentina)	34
1982 (Espanha)	55
1986 (México)	70
1990 (Itália)	135
1994 (EUA)	150
1998 (França)	350
2002 (Japão e Coréia do Sul)	1200
2006 (Alemanha)	1400

<sup>19</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 89.

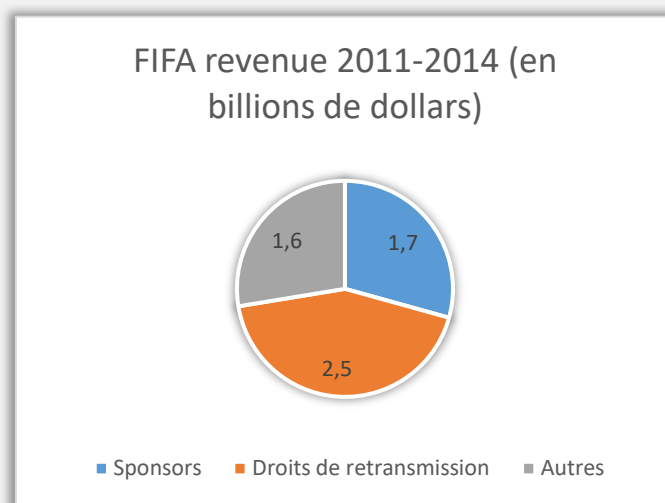
<sup>20</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 89.

<sup>21</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 90.



2010 (África do Sul)	2100
2014 (Brasil)	2500
2018 (Rússia)	3000

**Legenda:** valores de vendas dos direitos de transmissão da Copa do Mundo (em milhões de dólares).



A cobertura da Copa de 1966, na Inglaterra, representou um ponto de viragem no processo de transmissão do evento. Pela primeira vez a Copa foi transmitida para a América Latina (México), assim como introduziu-se o replay e a câmara lenta. A Copa passou a ser um grande momento para introduzir inovações tecnológicas no mercado de TV. Em 1966, a transmissão a cores já seria possível, mas foi negada pois o governo britânico considerou que os produtores nacionais de aparelhos não estavam aptos a competir com os congêneres japoneses e americanos.<sup>22</sup> Até hoje, as Copas do Mundo são importantes marcos na implementação de novas tecnologias, seja em termos narrativos (exemplificado pelas transformação das emissões nos estúdios) ou em termos tecnológicos (exemplificados pela introdução do HD, 3D, 4K, segunda tela).

Ao longo dos anos 1980 e 1990, os avanços tecnológicos caminharam no sentido da utilização de câmeras e no uso de gráficos e informações de análise durante os jogos. Nesse período, a ênfase na retórica tecnológica deu lugar a uma

<sup>22</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 90.

tentativa de aumentar os elementos dramáticos e de entretenimento do espetáculo esportivo, de modo a incrementar a experiência da audiência, devido à competição entre diferentes emissoras de TV, no mercado de cada país.<sup>23</sup>

O novo período do televisionamento da Copa do Mundo começa na era da convergência. Os direitos de TV para 2002 e 2006 foram negociados internacionalmente pela ISL-Kirch Media Group e abriu portas para negócios individuais por país e separados por canais abertos e fechados.<sup>24</sup> Essas mudanças foram de encontro às alterações no mercado de telecomunicações: liberalização e concorrência entre diferentes atores; revolução digital; aumento da oferta de conteúdos relacionados ao futebol.

Para Haynes e Boyle,<sup>25</sup> o futebol tem um importante papel no desenvolvimento de novas formas de transmissão e consumo de mídia porque há um grande contingente do público consumidor de futebol que é composto por homens, jovens e “*early adopters*” de tecnologia – um dos segmentos de mercado mais atraentes para as empresas. Contudo, os avanços tecnológicos e a oferta de conteúdos digitais ainda não foi o suficiente para tirar da TV o protagonismo, pois esse ainda é o suporte preferido na hora de ver jogos durante a Copa do Mundo.

## **A PRODUÇÃO DA COPA DO MUNDO PARA A TELEVISÃO**

Competições internacionais, como a Copa do Mundo, e outros torneios sob a chancela da FIFA são acessíveis à maior parte do público através de diferentes suportes midiáticos, mas principalmente pela televisão. Em nome da promoção do espetáculo esportivo e das suas receitas, a FIFA precisa estabelecer boas relações com as empresas de comunicação para que os seus torneios sejam transmitidos e estejam em conformidade com as suas regras e padrão de qualidade. Para isso, em 2007, a FIFA centralizou internamente todos os serviços de televisão em um departamento: FIFA TV Division.

---

<sup>23</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 91.

<sup>24</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 92.

<sup>25</sup> HAYNES; BOYLE. The FIFA World Cup, 2017, p. 93.

Esse setor da FIFA é responsável pela venda de direitos de transmissão, produção e gestão de um arquivo de imagens (FIFA Filmes), prestação de serviços a empresas detentoras de direitos de transmissão e operação de eventos. Segundo a própria FIFA:<sup>26</sup>

FIFA's TV Division is structured to meet the demands of 21st century broadcasting, technology and media environments. With rapidly increasing media convergence and the subsequent proliferation of content, it is increasingly important for rights holders, advertisers, sponsors and other commercial entities to stand out from the crowd. FIFA, through the FIFA World Cup™ and its portfolio of other events, delivers standard-setting quality content to broadcasters around the globe.

Para a Copa de 2018, na Rússia, a responsabilidade da FIFA TV era conseguir a maior audiência possível para o evento e oferecer a melhor experiência para quem estivesse assistindo aos jogos. A FIFA TV está dividida em quatro áreas: Vendas e Distribuição; FIFA Filmes & Produtos; Serviços de emissão; Produção para emissoras oficiais. O setor de Vendas e Distribuição é responsável pela negociação de todas as competições FIFA para TV, internet, mídias móveis e rádio com as empresas de comunicação, sendo portanto peça essencial na aquisição de receitas da organização. FIFA Filmes & Produtos produz conteúdos a serem usados pelas emissoras de televisão e plataformas online, gere e comercializa o arquivo de imagens da FIFA, gere o canal da FIFA no Youtube e produz conteúdos promocionais e documentais nos locais dos eventos. Os Serviços de emissão são o ponto de contato entre a FIFA e os detentores de direitos de transmissão (MRL, da sigla em inglês – Media Rights Licensees), responsáveis pela supervisão dos prestadores de serviço de transmissão (por parte da FBST – FIFA Broadcaster Servicing Team). A equipe de Produção para emissoras oficiais (Host Broadcast Production) supervisiona o material enviado para todas as emissoras com direitos de transmissão dos eventos FIFA, garantindo a qualidade de seus serviços. A FIFA nomeou a HBS (Host Broadcast Services) como responsável pelo serviço prestado na Rússia.

---

<sup>26</sup> FIFA. Who we are: <https://bit.ly/2Mzbh6H>.

A HBS foi criada, em 1999, para produzir os sinais de TV e Rádio das Copas de 2002 e 2006. Com base nessa experiência, a empresa passou a ser responsável pelos mundiais de futebol subsequentes e também pôde expandir o seu portfólio de eventos, incluindo os jogos pan-asiáticos e a Liga Francesa de Futebol. Com sede na Suíça e escritórios em Paris, a HBS é uma empresa “sanfona” que conta com cerca de 100 pessoas em média, mas que pode atingir cerca de 3000 funcionários durante a cobertura de grandes eventos. A HBS é subsidiária da Infront Sports & Media. A FBST é uma entidade da Infront Sports & Media que presta serviços à FIFA. Dentre eles estão: operações nas sedes FIFA; implementação das orientações da FIFA; creditação das MRLs. No geral, a FBST oferece à FIFA um serviço que garante a ligação diária com todas as empresas detentoras de direitos para todos os assuntos que extrapolem a área da HBS.

Ao centralizar a produção dos jogos, a FIFA fica responsável pela geração de imagens a serem enviadas para as emissoras oficiais a partir dos estádios. Como parte desse trabalho, ela desenvolve um manual de produção<sup>27</sup> com toda a informação básica para a emissão da Copa do Mundo, e esse documento é distribuído a todas as emissoras oficiais. Como parte desse projeto de pesquisa, foi possível ter o acesso aos manuais de 2010, 2014 e 2018. Uma análise comparativa entre eles permite apontar algumas características gerais: longo documento com cerca de 200 páginas, nas quais descreve-se e são informadas várias das rotinas que envolvem o trabalho de cobertura midiática da Copa do Mundo, explicando a organização da FIFA, do Comitê Organizador Local, as características de cada cidade sede, os estádios, as áreas de trabalhos para quem faz a cobertura e os aspectos técnicos de produção.

No manual referente à Copa do Mundo de 2018, o capítulo três descreve o plano de produção da FIFA para a transmissão dos jogos. O plano de produção estabelece orientações específicas para a cobertura dos 64 jogos da Copa, incluindo elementos narrativos, técnicos e gráficos que garantam o mesmo padrão para todos os jogos. Pela primeira vez nas Copas do Mundo, todos os jogos do evento foram produzidos em UHD (Ultra High Definition) e HDR (High Dynamic Range),

---

<sup>27</sup> FIFA. *FIFA World Cup TV Production Handbook*, 2018.

disponibilizando formatos de vídeo em 1080i, 1080p ou UHD/HDR. Ainda no campo da inovação, a produção de imagens na Rússia contou com a possibilidade de transmitir jogos em realidade virtual (VR) ao vivo e em vídeo 360 graus sob demanda.

A produção é dividida entre a emissão ao vivo e o conteúdo gravado. O primeiro diz respeito ao que gira em torno da transmissão de cada jogo da Copa do Mundo, em termos de áudio e vídeo, tendo uma função de transformar o espetáculo do estádio em televisivo. A outra parte da produção tem um caráter mais informativo, dado que os conteúdos gravados cobrem as equipes que estão no torneio, curiosidades e estatísticas sobre atletas, entrevistas coletivas e o acompanhamento antes e depois dos jogos.

A emissão ao vivo é feita por oito equipes. Cada unidade de trabalho é coordenada por um diretor de televisão com larga experiência na cobertura de eventos FIFA e UEFA. A liderança das oito equipes é toda masculina e europeia, sendo três franceses, três britânicos e dois alemães. Cada estádio da Copa conta com 39 câmeras, sendo 37 para a transmissão dos jogos e duas câmeras adicionais que captam imagens de torcedores dentro e fora do estádio para serem usadas em momentos de transição dos planos. Além das imagens, a FIFA fornece a narração em inglês dos jogos.

Todo o conteúdo produzido pela FIFA chega às emissoras através de feeds multilaterais. Essa é a forma mais eficiente de enviar grandes quantidades de conteúdo às emissoras oficiais da Copa, e para muitas delas é a principal fonte de material. Os feeds oferecidos pela FIFA estão divididos em dois grupos: padrão e isolados. Os dois grupos são compostos por 10 sinais cada. Os feeds padrão são: ESF (Extended Stadium Feed); CSF (Clean Stadium Feed); EBIF Show; Permanent Highlights; Tactical and Additional Content Feed; Team A & B Feeds; PlayerCam A & B Feeds; Clips compilation Channel – Action; e Clips compilation Channel – Emotion; UHD/HDR dirty. Os feeds isolados são: Camera 1; Camera 16m High L; Camera 16m High R; Camera High Behind Goal Right; Reverse Centre High; Beauty; Cable Cam; Aerial (Helicóptero); UHD/HDR Camera 1; e UHD/HDR Tactical.<sup>28</sup> Cada

---

<sup>28</sup> Por se tratar de termos técnicos, que entram no jargão profissional dessa forma, decidiu-se pela manutenção do termo original em inglês.

feed pode ter duração própria, indo desde duas horas antes do apito inicial, até uma hora após o fim das partidas. Para efeitos desse trabalho, vamos nos deter a uma breve descrição dos feeds principais.

O ESF é o feed principal para as emissoras oficiais. É um sinal ininterrupto que cobre todo o jogo e permite que as emissoras tenham a transmissão de uma partida, com os gráficos em inglês (placar, escalação, relógio podendo ser em outra língua consoante à contratação do serviço), podendo ser acrescentados conteúdos de produção própria e a narração de uma equipe no estádio ou em um estúdio remoto. Esse é um sinal recomendado para emissoras com presença no país da Copa – seja no estádio ou apenas com produção de estúdios. O CSF complementa o ESF pois é o sinal limpo, sem gráficos, para a produção de clipes. Ainda esteve disponível uma versão do ESF em alta definição (UHD/HDR dirty) que fornecia imagens com melhor qualidade. Para emissoras de menor tamanho e sem produção própria, o feed EBIF show é o complemento ao ESF, pois antes dos jogos, nos intervalos e após o apito final, ele oferece clipes, gráficos com informação, estatísticas e outros conteúdos que estão prontos a serem usados, sem a necessidade de edição suplementar.

O Team A & B Feed se destina a acompanhar, separadamente, as duas seleções envolvidas em um jogo. Ao longo de sua duração inclui a chegada no estádio, aquecimento, banco de reservas, movimentação de substitutos e entrevistas. De maneira complementar, o feed específico para jogadores vai seguir três atletas pré-selecionados para acompanhar durante 15 minutos de cada tempo de jogo. Há ainda o Tactical Feed que mostra o campo inteiro, de modo a permitir a análise tática da partida.

Os feeds de compilação de clipes são gerados a partir de imagens que aconteceram pouco tempo antes, dividindo-se entre um canal de ação e outro de emoção. O primeiro oferece, em ordem cronológica, os principais lances dos jogos, com maior detalhe e variados ângulos de câmera, permitindo uma imersão na ação dos jogos. O segundo oferece imagens das arquibancadas, mostrando os torcedores e suas reações, para ilustrar e refletir a experiência no estádio. Outro feed com clipes é o Permanent Highlights. Ele oferece os melhores momentos de cada jogo

em modo contínuo, servindo para um acesso rápido aos resumos dos jogos e para fácil utilização em plataformas digitais.

O conteúdo gravado foi produzido por 40 equipes, sendo 32 para acompanhar cada seleção, para filmar treinos e entrevistas, e oito para contar histórias das 11 sedes. Todo o conteúdo foi disponibilizado no servidor FIFA Max, onde também estarão disponíveis vídeos promocionais de jogos e programas já editados, prontos para serem exibidos, como por exemplo o “Preview Show”, com a antevisão dos jogos, e o “Daily Match Highlights Show”, com o resumo do dia de competição. Por fim, ainda é preciso destacar um serviço de informação oferecido pela FIFA que envia, por correio eletrônico, aos interessados, estatísticas e dados históricos sobre cada um dos confrontos, para facilitar que narradores e comentaristas possam acrescentar valor às suas emissões. As informações são enviadas majoritariamente antes dos jogos, mas também podem ser enviadas durante os jogos para enriquecer momentos marcantes da partida.

#### **A MUDIATIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO**

Com base na teoria de Foucault, Rowe<sup>29</sup> apresenta diferentes formas e efeitos do poder, sem que esse seja um conceito necessariamente negativo. Podendo tratar de efeitos rápidos ou cumulativos no processo de transformação, Rowe analisa a questão através das seguintes manifestações de poder: a) ao nível institucional – como a mídia e as organizações esportivas se uniram de modo que uma possa ter dominado a outra e a extensão da transformação em ambas; b) a nível simbólico – como os textos produzidos pelos media são produzidos e interpretados, de acordo com as diferentes condições de trabalho e sociais; c) ao nível relacional – as amplas ramificações sociais e culturais do desenvolvimento de um sistema de produção global de esporte pelos meios de comunicação, e como os mitos e símbolos criados contribuem para a forma de estar no mundo.

---

<sup>29</sup> ROWE. The global love-match: sport and television, 1996, p. 34.

No presente artigo, a nossa preocupação é no nível institucional. Em especial, é preciso fazer a análise de como a FIFA, em parceria com a Mídia, transforma a Copa do Mundo em um produto de televisão. Para isso, é importante entender o processo de midiaticização das organizações esportivas.<sup>30</sup> Esse conceito foi desenvolvido para capturar as consequências da utilização dos diferentes tipos de mídia na vida cotidiana.<sup>31</sup> A atenção a esse fenômeno veio na medida em que a mídia passou a se tornar onipresente nas sociedades capitalistas modernas. Ao final da primeira década do século XXI, se espalhou e consolidou o acesso a Internet de alta velocidade, a democratização de *smartphones* e o surgimento de novas formas de comunicação em plataformas digitais.

Entre as diferentes correntes da teoria de midiaticização, na análise da FIFA e das transformações da Copa do Mundo, a abordagem que mais se aplica é a institucionalista. Essa linha de pesquisa estuda a maneira como várias instituições de diferentes campos sociais passam a institucionalizar práticas e comportamentos sob a “lógica da mídia”.<sup>32</sup> Apesar de cada tipo de suporte e cada meio de comunicação apresentar sua própria forma de funcionar, a noção de lógica da mídia cobre as regras que determinam o comportamento geral. O conceito foi proposto pela primeira vez por David Altheide e Robert Snow,<sup>33</sup> sendo, posteriormente, desenvolvido pelo primeiro, ao esclarecer que a lógica da mídia se expressa no processo de criação da mensagem, incluindo ritmos, gramática e formato. Esses são traços especialmente relevantes pois determinam como se produzir e identificar informação.<sup>34</sup>

Ao criar o departamento da FIFA TV e centralizar a produção audiovisual da Copa do Mundo, a FIFA institucionaliza as lógicas da mídia. A transformação dos jogos em espetáculo televisivo obedece aos ritmos, gramáticas e formatos que as emissoras de televisão construíram ao longo do tempo. Mais do que responsável pela montagem do espetáculo futebolístico, a FIFA vai além na sua atuação midiática, na medida em que também produz conteúdos informativos.

---

<sup>30</sup> FRANDSEN. Sports organizations in a new wave of mediatization, 2016, p. 385-400.

<sup>31</sup> COULDRY; HEPP. Conceptualizing mediatization, 2013, p. 191-202.

<sup>32</sup> HJARVARD. The mediatization of society, 2008, p. 105-134.

<sup>33</sup> ALTHEIDE; SNOW. *Media logic*, 1979.

<sup>34</sup> ALTHEIDE. Media logic and political communication, 2004, p. 293-296.



Enquanto gênero televisivo, o esporte não tem uma posição claramente demarcada. Tendo como material primário acontecimentos que são transmitidos ao vivo, na maior parte sem nenhum tipo de edição, o futebol pode ser interpretado como atualidade, muito próximo na noção de informação e reportagem. Mas a estruturação em programas, a forma como se dirige ao público e a sua representação estruturam o conteúdo como entretenimento.

Para Whannel,<sup>35</sup> ao invés de binária, a posição do esporte na televisão está no centro de um triângulo cujos vértices são a informação, o entretenimento e o drama. A performance atlética transmitida ao vivo carrega uma grande dose de realismo e atualidade, mas na tentativa de aprimorar a experiência de quem assiste, o espetáculo do estádio é transformado em televisivo através do uso de câmeras lentas, close-ups e repetições. Mais ainda, ao tentar captar e reter a audiência, os produtores de televisão podem oferecer elementos e surpreender os espectadores de formas que não seriam possíveis no estádio, criando um novo tipo de drama. É preciso pensar na transformação do futebol em conteúdo de televisão como o resultado de um processo rico em tensões por todos os lados.

Para um maior entendimento da construção do espetáculo esportivo televisivo, seria necessário uma análise de conteúdo que permitisse um estudo sobre as características estéticas e narrativas do futebol na televisão. Apesar de relevante, esse não foi o objetivo principal desse trabalho. Contudo, o manual de produção para TV da FIFA se mostrou uma rica fonte de pesquisa, que poderá ser mais explorado.

Embora haja debate sobre a capacidade da televisão em substituir a emoção de ver o jogo pessoalmente, é inegável que a experiência televisiva é completamente diferente do estádio. A popularização da transmissão dos jogos pela TV produz novas expectativas e frustrações por parte do público: o desejo de ver replays e a decepção de ficar preso a um determinado ponto de vista escolhido por outra pessoa, assim como a perda de experiência e emoções únicas ao estádio em troca de conforto e enriquecimento da forma de ver o jogo.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> WHANNEL. *Fields in vision: television sport and cultural transformation*, 1992, p. 63.

<sup>36</sup> WHANNEL. *Fields in vision: television sport and cultural transformation*, 1992, p. 92.

Organizações esportivas e empresas de comunicação fazem ajustes às suas ofertas na tentativa de saciar os desejos do público. Imagens em alta definição, áudio ambiente, câmeras dentro do túnel e do vestiário têm por objetivo colocar o telespectador dentro do estádio. Da mesma forma, os estádios passaram a incorporar em sua arquitetura grandes telas para exibir a repetição de lances e outras formas de entretenimento durante o jogo e seus intervalos. Em jogos de Copa do Mundo essa transformação dos estádios fica evidente, pois telões fazem parte do “padrão-FIFA”.

Preocupada com a dicotomia entre estádio e TV, a FIFA também encontrou a sua própria solução para a questão. Reconhecendo que há uma limitação de lugares disponíveis nos estádios durante as Copas do Mundo, em 2006, a FIFA criou espaços de exibição dos jogos em telões gigantes: a FIFA Fun Fest. Nesses espaços, a FIFA promete oferecer a experiência da Copa do Mundo para quem não pode ir aos estádios, unindo o melhor dos dois mundos.<sup>37</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a sua criação, em 1930, a Copa do Mundo é o evento principal da FIFA. A partir das décadas de 1960 e 1970, é possível notar um projeto institucional de aumentar a Copa, que se refletiu no número de participantes, nos contratos de patrocínio, no alcance global e na exposição midiática. Junto com a importância cultural e simbólica do futebol para a maior parte dos países do mundo e a construção de suas identidades, a Copa do Mundo – ao lado das Olimpíadas – é o evento internacional mais importante do planeta.

Reconhecendo a importância comercial da televisão para a Copa do Mundo, desde cedo a FIFA investiu na parceria com as emissoras de televisão. Com a revolução digital, tornou-se mais fácil investir em comunicação e houve uma abertura ao mercado midiático. No novo século, a FIFA decidiu centralizar as responsabilidades de mídia e criou o seu departamento interno de televisão. A

---

<sup>37</sup> BORGES. O papel da FIFA Fan Fest™ na Copa do Mundo da África do Sul, 2013, p. 201-230.

centralização garante à FIFA que haja um padrão de qualidade transversal a todas as emissoras oficiais e uma exploração global do seu principal produto.

O avanço tecnológico e o crescimento comercial da Copa do Mundo permitiram que a FIFA diversificasse as possibilidades de exploração. Não só a FIFA criou as Fan Fests, mas também tem investido nos seus próprios canais – página oficial e Youtube – e redes sociais. A presença da FIFA em múltiplas plataformas e a análise de como se organiza a convergência da Copa do Mundo em termos midiáticos é um dos elementos que precisarão ser desenvolvidos no futuro.

No presente trabalho, a análise do manual de produção mostra a preocupação da FIFA em explorar a Copa do Mundo em suas possibilidades audiovisuais. Fica claro pelo documento o comprometimento institucional com o processo, representado pelo departamento FIFA TV, que engloba um largo campo de atuação, dentre o qual a principal fonte de renda da instituição, que é a venda de direitos televisivos. Além disso, o FIFA TV é responsável pela coordenação e gerenciamento da produção de 64 jogos de futebol no espaço de 30 dias e inúmeras horas de conteúdos informativo relativas à 32 seleções participantes, além da prestação de serviços de logística para inúmeras emissoras de televisão que cobrem uma Copa do Mundo. Sejam grandes companhias – que recebem um serviço qualificado e customizado de acordo com as necessidades – ou pequenas emissoras, que já recebem o produto final praticamente pronto, esse documento mostra como a FIFA preza o relacionamento com as emissoras de TV para a construção e difusão do espetáculo esportivo.

A análise dos feeds permite ver que a FIFA tem um bom entendimento sobre as lógicas de funcionamento das emissoras de TV. Além de oferecer serviços complementares, a FIFA disponibiliza, através dos feeds e do FIFA Max, uma grande variedade de conteúdos que vão de encontro às necessidades de emissoras do mundo todo, independente de seu tamanho e presença no país sede. Dessa forma, a FIFA garante que emissoras pequenas possam transmitir os jogos da Copa com um mínimo de qualidade, valorizando o seu produto, e que as emissoras de maior investimento possam acrescentar valor ao produto inicial.

O investimento em infraestrutura de tecnologias da informação e comunicação escapa da função de origem de uma federação esportiva. Contudo,

essa transformação pode ser entendida com base na teoria da midiaticização. Para Krotz,<sup>38</sup> a midiaticização é uma importante ferramenta para o estudo de cenários em mudança, porque ela atua de maneira transversal, junto com outros meta-processos da modernidade, como a Globalização, Mercantilização e Digitalização – três elementos igualmente importantes na evolução da Copa do Mundo enquanto um produto de TV. Para um evento das dimensões da Copa do Mundo e com pretensões globais, a adoção de lógicas midiáticas é uma condição essencial para sua organização e seu sucesso.

## REFERÊNCIAS

ALTHEIDE, David. Media logic and political communication. **Political Communication**, v. 21, n. 3, p. 293-296, 2004.

ALTHEIDE, David; SNOW, Robert. **Media logic**. Hills: Sage, 1979.

BILLINGS, Andrew; WENNER, Lawrence. The curious case of the megasporting event: media, mediatization and seminal sports events. In: WENNER, Lawrence; BILLINGS, Andrew (ed.) **Sport, Media and Mega-Events**. Londres: Routledge, 2017, p. 3-18.

BORGES, Fernando. O papel da FIFA Fan Fest™ na copa do mundo da África do Sul. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 201-230, 2013.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory**, v. 23, n. 3, p. 191-202, 2013.

FIFA. Who we are. Disponível em: <[bit.ly/2Mzbh6H](http://bit.ly/2Mzbh6H)>. Acesso em: 14 ago. 2018.

FIFA. **FIFA World Cup TV Production Handbook**. Zurique: FIFA, 2018.

FRANSEN, Kirsten. Sports organizations in a new wave of mediatization. **Communication & Sport**, v. 4, n. 4, p. 385-400, 2016.

GRUNEAU, Richard; HORNE, John. Mega-events and globalization: a critical introduction. In: GRUNEAU, Richard; HORNE, John. (ed.) **Mega-events and Globalization: capital and spectacle in a changing world order**. Londres: Routledge, 2016, p. 1-28.

HAYNES, Richard; BOYLE, Raymond. The FIFA World Cup: media, football and the evolution of the global event. In: WENNER, Lawrence; BILLINGS, Andrew. (ed.) **Sport, Media and Mega-events**. London: Routledge, 2017, p. 69-99.

---

<sup>38</sup> KROTZ. The meta-process of “mediatization” as a conceptual frame, p. 256-260.

- HELLAND, Knut. Changing sports, changing media: mass appeal, the sports/media complex and TV sports rights. **Nordicom Review**, p. 105-119, 2007.
- HJARVARD, Stig. The mediatization of society: A theory of the media as agents of social and cultural change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008.
- HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. An introduction to the sociology of sports mega-events. **The Sociological Review**, v. 54, n. 2, p. 1-24, 2006.
- HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. Football World Cup finals on the host countries Japan/Korea accounting for mega-events: forecast and actual impacts of the 2002. **International Review of Sociology of Sport**, v. 39, n. 2, p. 187-203, 2004.
- KROTZ, Friedrich. The meta-process of “mediatization” as a conceptual frame. **Global Media and Communication**, v. 3, n. 3, p. 256-260, 2007.
- MARIVOET, Salomé. **Euro 2004™**: um evento global em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.
- MÜLLER, Martin. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. **Leisure Studies**, v. 34, n. 6, p. 627-642, 2015.
- PAPA, Françoise. Quand le sport nous parle de la télévision. In: GABASTON, Pierre; LECONTE, Bernard (org.) **Sports et télévision: regards croisés**. Paris: L’Harmattan, 2000, p. 405-425.
- ROCHE, Maurice. **Mega-events and Modernity: Olympics and Expos in the Growth of Global Culture**. Londres: Routledge, 2000.
- ROCHE, Maurice. Mega-events, time and modernity: on time structures in global society. **Time and Society**, v. 12, p. 99-126, 2003.
- ROWE, David. **Sport, Culture and the Media: the unruly trinity**. Berkshire: Open University Press, 2004.
- ROWE, David. The global love-match: sport and television. **Media, Culture & Society**, v. 18, n. 4, p. 565-582, 1996.
- WENNER, Lawrence. Media, sports, and society: The research agenda. In: WENNER, Lawrence. (org.) **Media, sports, and society**. Newbury Park: Sage, 1989, p. 13-48.
- WHANNEL, Garry. **Fields in Vision: Television Sport and Cultural Transformation**. Routledge, London, 1992.
- WILLE, Fabien. Une diachronie du spectacle sportif télévisé: des logiques d’innovations et de promotions. In: GABASTON, Pierre; LECONTE, Bernard (org.) **Sports et télévision: regards croisés**. Paris: L’Harmattan, 2000, p. 427-442.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 28 ago. 2018.  
Aprovado em: 11 nov. 2018.

## Arte e tragédia: representações sobre a seleção brasileira de 1982 em livros do século XXI

Art and Tragedy: The Representations of the 1982 Brazilian National Football Team in Books of the 21st Century

**Diano Albernaz Massarani**

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro/Brasil  
Doutorando em Antropologia, Universidade Federal Fluminense  
diano\_am@yahoo.com.br

**RESUMO:** A história da seleção brasileira de futebol é marcada tanto por lóureas como por derrotas que perduram no tempo e são frequentemente recontadas, como é o caso da Tragédia do Sarriá, nome dado à eliminação da seleção brasileira de 1982 da Copa do Mundo. Este artigo procura compreender a Tragédia do Sarriá como um dos eventos mais rememorados e intrigantes do futebol brasileiro, através da análise da construção de representações sobre o estilo de jogo da seleção brasileira de 1982, em livros publicados neste século que narram a trajetória desta equipe. Décadas após a Tragédia do Sarriá, a seleção brasileira de 1982 surge representada como a última seleção que praticou o futebol-arte, estilo de jogo tido como “genuinamente” brasileiro, sendo, por isso, vista como injustiçada pela não conquista do título da Copa do Mundo. Nesse processo construtivo, destaca-se a significativa participação da seleção brasileira campeã da Copa do Mundo de 1994 na posição de alteridade privilegiada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol-arte; Representações; Seleção brasileira de futebol; Tragédia do Sarriá.

**ABSTRACT:** The history of the Brazilian national football team is marked both by glories and defeats that last in time and are often retold, as is the case of the *Sarriá's Tragedy*, an event that marks the elimination of the 1982 Brazilian team from the World Cup. This paper aims to understand the *Sarriá's Tragedy* as one of the most memorable and intriguing episodes of the Brazilian football through an analysis of the construction of representations concerning the play's style of the 1982 Brazilian team in books published in this century that narrate the trajectory of that team. Decades after the *Sarriá's Tragedy*, the 1982 Brazilian team is represented as the last national team that practiced the *football-arte*, a style of play considered as “genuinely” Brazilian and, because of this, it is seen as wronged for not winning the title of the World Cup. In this constructive process, it is crucial to highlight the significant participation of the Brazilian team that won the World Cup in 1994 in the position of privileged otherness.

**KEYWORDS:** Football-art; Representations; Brazilian National Football Team; Sarriá's Tragedy.

## INTRODUÇÃO

A seleção brasileira de futebol, maior vencedora da Copa do Mundo e única a participar de todas as edições já realizadas do evento, apresenta uma trajetória repleta de láureas. Todavia, essa trajetória também é marcada por derrotas que perduram no tempo e são frequentemente recontadas em materiais produzidos por jornalistas, historiadores e literatos. Dentre os reveses futebolísticos brasileiros, poucos são tão lembrados como o que ficou conhecido por Tragédia do Sarriá, nome dado à derrota para a seleção italiana, em 05 de julho de 1982, que eliminou a seleção brasileira da Copa do Mundo.<sup>1</sup>

Assim como o amplo acervo de materiais produzidos sobre a Tragédia do Sarriá,<sup>2</sup> chama atenção a convergência de grande parte destes conteúdos no sentido de tentar explicar, mesmo décadas após o ocorrido, os motivos que levaram a seleção brasileira de 1982 a não ser campeã. Livros que foram publicados no país desde o início deste século oferecem contornos mais delimitados a essa ideia, caso, por exemplo, da obra *Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?* (2012), cujo subtítulo já aponta o caráter pretensamente explicativo da obra. Para Lédio Carmona, que escreve a contracapa do livro, “quanto mais o tempo passa, novas teorias surgem para explicar por que aquela fantástica seleção brasileira perdeu a Copa. Qual é o enigma da Tragédia do Sarriá? O ótimo livro dos amigos Gustavo Roman e Renato Zanata Arnos é a esperança diante desse mantra interrogativo”.<sup>3</sup> Mauro Cezar Pereira, responsável pela orelha do livro, destaca que os autores assistiram às partidas da seleção brasileira de 1982 e entrevistaram

<sup>1</sup> Na Copa do Mundo de 1982, sediada na Espanha, a seleção brasileira venceu as três partidas disputadas na primeira fase, contra as seleções da União Soviética (2 x 1), da Escócia (4 x 1) e da Nova Zelândia (4 x 0). Na segunda fase, após mais um triunfo, contra a seleção da Argentina (3 x 1), a seleção brasileira precisava apenas de uma empate diante da seleção italiana para avançar à fase semifinal, porém acabou derrotada por 3 x 2 no Estádio de Sarriá, em Barcelona, e terminou o Mundial na quinta colocação.

<sup>2</sup> Apenas a título de ilustração, é válido mencionar que, em se tratando de materiais sobre as participações brasileiras em Copas do Mundo, uma busca realizada em livrarias virtuais aponta que a quantidade de obras relacionadas à seleção brasileira de 1982 é igualada apenas pelo número de livros sobre a seleção brasileira de 1950. A Copa do Mundo de 1950 foi sediada no Brasil e a seleção brasileira chegou ao último jogo do torneio podendo até empatar com a seleção uruguaia para se consagrar campeã, mas perdeu a partida no Estádio do Maracanã por 2 x 1, revés que ficou conhecido como “Maracanazo”.

<sup>3</sup> CARMONA. *Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?*, contracapa.

participantes daquela equipe buscando responder a seguinte pergunta: “O que explica os 3 a 2 protagonizados por Paolo Rossi?”.<sup>4</sup> Prosseguindo, Pereira afirma que quem ler o livro “entenderá por que a seleção de Telê estava longe da perfeição. Conhecerá seus defeitos, vulnerabilidades, pontos fracos explorados pela Itália em 1982”.<sup>5</sup>

Um dos futebolistas mais celebrados da seleção brasileira de 1982, Paulo Roberto Falcão, autor do livro *Brasil 82: o time que perdeu a Copa e conquistou o mundo* (2012), deixa claro, ao traçar os objetivos de sua obra, o intuito de elucidar as causas da Tragédia do Sarriá:

Durante 30 anos ouvi elogios para o que fizemos na Espanha, conjugados com manifestações de solidariedade e com uma pergunta insistente: por que perdemos? Este livro, baseado numa vida inteira de dedicação ao futebol e no depoimento dos participantes daquela epopeia, tenta respondê-la.<sup>6</sup>

Diante de tal objetivo, o terceiro capítulo do livro, intitulado “Por que perdemos?”, apresenta relatos de 11 jogadores brasileiros que participaram do Mundial de 1982. Abrindo as narrativas, Falcão reforça a busca por explicações: “Trinta anos depois, eles estão respondendo a pergunta que não calou um só dia desse período: por que perdemos?”.<sup>7</sup>

A procura por motivos para a não conquista do que seria, então, o quarto título mundial da seleção brasileira também é a tônica de outros livros. Em *Telê e a seleção de 82: da arte à tragédia* (2012), Luís Simon realiza as seguintes perguntas e promessa ao apresentar a obra: “Mas por que a seleção de 1982, eliminada nas quartas de final? [...] Quer saber? Leia o livro do Marcelo Mora. Você vai entender tudo”.<sup>8</sup> Em *A falta que faz um gol* (2002), Jeferson de Andrade pesquisa materiais jornalísticos à época publicados para narrar o que confia ser uma versão desconhecida da Tragédia do Sarriá. Daí o subtítulo do livro ser “Copa de 1982: o outro lado de uma derrota” e a chamada ser feita nestes termos:

---

<sup>4</sup> PEREIRA. *Sarriá 82*, orelha do livro.

<sup>5</sup> PEREIRA. *Sarriá 82*, orelha do livro.

<sup>6</sup> FALCÃO. *Brasil 82*, p. 11.

<sup>7</sup> FALCÃO. *Brasil 82*, p. 12.

<sup>8</sup> SIMON. *Telê e a seleção de 82*, orelha do livro.



[...] se você acompanha futebol e se lembra da derrota do Brasil para a Itália na Copa do Mundo de 1982, se você não se lembra, mas conhece algumas histórias daquele jogo, abra este livro e terá uma das maiores surpresas de sua vida com revelações inéditas do escritor Jeferson de Andrade.<sup>9</sup>

Personagem dos mais marcantes do futebol brasileiro, João Saldanha foi colunista do *Jornal do Brasil* durante os anos 1980. Décadas depois, seus textos relacionados à Copa do Mundo de 1982 foram republicados na coletânea *O trauma da bola: a Copa de 82 por João Saldanha* (2002). A partir da forma como Ruy Castro apresenta a coletânea é possível interpretar que, também nela, há a pretensão de se explicar o revés frente à seleção da Itália:

Mas, na Espanha, mesmo durante as vitórias, um homem não se cansara de denunciar os erros da preparação, as teimosias do treinador e a possibilidade de uma decepção: João Saldanha. Vinte anos depois, a coleção *Zona do Agrião* estréia resgatando os artigos de Saldanha, que formam um fascinante e revelador diário sobre uma Copa que o Brasil jamais conseguirá esquecer.<sup>10</sup>

Erros técnicos individuais, escolhas táticas equivocadas, imprevisibilidades características do futebol, falta de humildade... Essas são apenas algumas das muitas justificativas para a derrota de 1982 que são encontradas nos depoimentos dos jogadores dados a Falcão (2012). Roman e Zanata (2012) ancoram-se em análises táticas e apontam erros cometidos pela seleção brasileira de 1982, chegando ao ponto de sugerirem estratégias diferentes das então escolhidas pelo treinador Telê Santana. Por sua vez, Andrade (2002) baseia-se em materiais jornalísticos e descrições minuciosas dos jogos da seleção brasileira de 1982 para argumentar que a derrota se deu porque Falcão não queria passar a bola para Zico durante as partidas. Já João Saldanha (2002) não se limita a um único motivo, culpando desde a preparação física excessivamente intensa no período pré-torneio até a teimosia de Telê Santana, passando pela falta de modéstia dos jogadores. É justamente essa diversidade e abrangência dos argumentos que buscam descortinar a Tragédia do Sarriá que leva Mora (2012), ao final de seu livro, a concluir que “a busca por explicações ocorre até os dias de hoje. Em vão, claro”.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> ANDRADE. *A falta que faz um gol*, contracapa.

<sup>10</sup> CASTRO. *O trauma da bola*, contracapa.

<sup>11</sup> MORA. *Telê e a seleção de 82*, p. 116.

O presente artigo pretende entender porque a Tragédia do Sarriá, mesmo após décadas, coloca-se como uma das passagens mais lembradas da história do futebol brasileiro e que mais demanda explicações. Diante da multiplicidade de formas de se olhar para tal questão, este trabalho objetiva analisar a construção de representações sobre o estilo de jogo da seleção brasileira de 1982, o chamado futebol-arte, em livros publicados no século XXI que se dedicam a narrar a trajetória desta equipe. Com a promessa de apresentar as devidas justificativas teóricas ao longo do texto, o foco da análise será direcionado para os contextos de comparação entre as seleções brasileiras de 1982 e de 1994, dado que esta última surge como um significativo ponto de contraste na produção de representações sobre a primeira. Dito isso, a etapa inicial a ser realizada na busca dos objetivos propostos consiste em elaborar o que se entende, aqui, por “estilo de jogo” e “representações sociais”, tarefa à qual se dedica a próxima seção.

## I

No mínimo desde a publicação de *Universo do Futebol – Esporte e Sociedade Brasileira* (1982), muito já se discutiu na Antropologia dos Esportes acerca da participação do futebol, no Brasil, na produção e difusão de símbolos e identidades nacionais. Partindo desse pressuposto, acredita-se que tal espaço ocupado pelo futebol é fruto de um complexo processo em vigência desde no mínimo os anos 1930 e que envolve uma relação na qual a seleção brasileira surge como metáfora da nação. Refletindo sobre os mecanismos desse processo, Guedes propõe a noção de estilo de jogo como um operador simbólico capaz de promover o “trânsito entre as representações próprias ao campo desportivo e aquelas referentes à produção das especificidades nacionais”,<sup>12</sup> possibilitando interpretar os desempenhos dos jogadores brasileiros nos gramados como representativos da forma de viver dos brasileiros. Em suma, “estabelece-se uma conexão entre ‘estilo de jogo’ e ‘estilo de vida’”.<sup>13</sup>

Pensando a produção de estilos de jogo, Guedes observa que um estilo de jogo não se realiza ao longo de todo o desempenho de uma equipe, mas apenas em

---

<sup>12</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 156-157.

<sup>13</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 157.

alguns momentos que acabam “eternizados em narrativas, textos, fotos e, mais recentemente, em vídeos e filmes que selecionam e recortam o que é significativo e relevante para confirmar e reificar estas representações”.<sup>14</sup> Recuperando o postulado da Escola Sociológica Francesa de que as “representações coletivas [...] não são ‘reflexo’ dos ‘verdadeiros’ fenômenos sociais: elas são parte fundamental destes fenômenos”,<sup>15</sup> a construção dos estilos de jogo é vista como processos em que “representações e práticas sociais são parte do mesmo fenômeno social em permanente negociação”.<sup>16</sup> Assim, os estilos de jogo jamais podem ser tomados como meras descrições de uma prática que já estava definida *a priori*. Pelo contrário, um estilo de jogo é resultado de um complexo processo de construção social em que

[...] as representações coletivas desempenham um papel fundamental: selecionando pelo aplauso ou pelo apupo os desempenhos valorizados, estimulando os usos sociais do corpo escolhidos, destacando e recompensando os indivíduos que melhor representam os valores selecionados.<sup>17</sup>

Seguindo a orientação de que pensar estilos de jogar futebol é caminhar pela estrada da produção e do compartilhamento de representações, acredita-se que os argumentos desenvolvidos por Serge Moscovici ao elaborar a teoria das representações sociais têm muito a acrescentar à discussão sobre a construção social do estilo de jogo brasileiro.

Uma forma inicial de tatear a teoria das representações sociais é pensá-la como um afastamento em relação à perspectiva que vê os fenômenos psicossociais como centrados no indivíduo. Para Moscovici, essa perspectiva a ser negada se expressa em três argumentos. O primeiro é o de que “alguém atinge os verdadeiros processos do conhecimento quando esses processos são pensados dentro do indivíduo, independentemente de sua cultura e, concretamente, de qualquer cultura”.<sup>18</sup> O segundo, o de que “as pessoas se comportam de maneira correta e racional quando sozinhas, mas tornam-se imorais e irracionais quando agem em

---

<sup>14</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 158.

<sup>15</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 160.

<sup>16</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 158.

<sup>17</sup> GUEDES. De criollos e capoeiras, p. 137.

<sup>18</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 170.

grupo”.<sup>19</sup> Por fim, a ideia de que os processos cognitivos associados aos fenômenos individuais, por serem mais elementares, seriam regidos por leis que servem de referência para os fenômenos sociais.

Para se distanciar daquilo que classifica como uma “psicologia individual”,<sup>20</sup> Moscovici recorre à noção de representações coletivas, desenvolvida por Durkheim, tornando tal distanciamento uma simultânea aproximação a pressupostos que, sob a ótica da relação indivíduo-sociedade, valorizam o segundo termo da expressão na interpretação dos fenômenos psicossociais. Por isso, não há exagero na afirmação de que o modo de Moscovici enxergar as percepções individuais como produtos sociais floresce do contato com ideias durkheimianas, como se percebe na maneira de: a) pensar a sociedade como mais do que uma simples reunião de indivíduos com interesses mútuos; b) sugerir que atos experimentados pelos indivíduos na vida social aparecem como incoerentes se tomados como frutos exclusivos de expressões individuais; c) defender a racionalidade das concepções coletivas justamente por serem de origem coletiva, negando a ideia de que razão e sociedade são antitéticas; d) notar o impacto das formas coletivas de pensamento nos modos de agir e sentir dos indivíduos; e) afirmar a impossibilidade de se compreender o conhecimento partilhado por indivíduos de uma mesma sociedade a partir de leis baseadas em experiências sensoriais individuais. Assim, nas precisas palavras de Robert Farr: “Existe uma clara continuidade entre o estudo das representações coletivas de Durkheim e o estudo mais moderno, de Moscovici, sobre representações sociais”.<sup>21</sup>

Se um primeiro movimento tomado por Moscovici na criação da teoria das representações sociais foi de aproximação à tese durkheimiana, o movimento seguinte é o de relativizar alguns fundamentos da noção de representação coletiva, como se torna explícito nesta polida justificativa: “Ao falar de representações *sociais* em lugar de representações *coletivas*, quis romper com as associações que o termo coletivo tinha herdado do passado e também com as interpretações sociológicas e psicológicas que determinaram sua natureza no procedimento

---

<sup>19</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 170.

<sup>20</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 181.

<sup>21</sup> FARR. Representações sociais, p. 32.

clássico”.<sup>22</sup> Embora o diálogo teórico com Durkheim tenha contribuído para Moscovici perceber o quanto de social há no individual, isso não o fez colocar uma barreira a separando indivíduo e sociedade. Ultrapassando as perspectivas que enxergam a relação indivíduo-sociedade como uma antítese, não raro argumentando em prol da dominância de um dos polos sobre o outro, percebe-se em Moscovici tanto a aproximação a ideias que negam que “todos os comportamentos e todas as percepções são compreendidos como resultantes de processos íntimos, às vezes de natureza fisiológica”,<sup>23</sup> como a opção por não reproduzir *ipsis litteris* a noção durkheimiana de representação coletiva, já que fazê-lo seria “uma redução inversa, negando a especificidade do indivíduo e fazendo do consenso o resultado de uma interação que faça desaparecer as distinções entre os indivíduos”.<sup>24</sup>

Destarte, o eixo central da teoria das representações sociais é a comunicação, sendo que as representações nem são produzidas por indivíduos isolados com base em percepções sensoriais, nem são internalizadas de forma inerte pelo indivíduo devido a um absoluto poder de coerção exercido pela sociedade, mas sim construídas “através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos”. Daí a definição de representações sociais como representações compartilhadas [...]. Muitas vezes me perguntaram o que quero dizer com partilhar uma representação ou por representações compartilhadas. O que lhes dá esse caráter não é o fato de elas serem autônomas, ou que elas sejam comuns, mas sim o fato de seus elementos terem sido construídos através da comunicação e estarem relacionados pela comunicação.<sup>25</sup>

Além do caráter comunicativo e da origem compartilhada, as representações sociais são definidas pela natureza fluida. Uma representação social consiste em um “modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos”<sup>26</sup> que permite que as pessoas classifiquem, descrevam e expliquem elementos da vida social. Moscovici rechaça ideias que enxerguem o conteúdo desses modelos como reflexos imutáveis de uma realidade definida *a priori*, afirmando que os conteúdos das representações sociais variam de uma sociedade a

<sup>22</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 198.

<sup>23</sup> MOSCOVICI. Prefácio, p.11

<sup>24</sup> MOSCOVICI. Prefácio, p.12.

<sup>25</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 208-209.

<sup>26</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 209.

outra e, também, dentro de um mesmo grupo, sendo que “os contextos da comunicação em que essas representações são elaboradas, são responsáveis por essas diferenças”.<sup>27</sup> Assim, tem-se que as representações sociais definem-se como construções contextuais que envolvem tanto a agência dos indivíduos que a partilham como a cultura a que eles pertencem. Nos termos de Moscovici:

[...] as categorias e sentidos através dos quais nós “escolhemos” conferir uma característica às pessoas, ou propriedades aos objetos, se modificam. Como exemplos, nós “escolhemos” descrever um alimento pelo seu gosto ou pelo seu valor proteico, de acordo com a cultura à qual pertencemos ou pelo uso que nós queremos fazer dele. Torna-se impossível exigir que todas essas qualidades sejam reduzidas a uma única qualidade “verdadeira”. Isso implicaria que exista uma realidade dada, totalmente acabada, para esse alimento, que é imposta a nós independentemente da representação que nós compartilhamos.<sup>28</sup>

Tratando o estilo de jogo como um operador simbólico capaz de promover o fluxo de mão dupla entre representações relacionadas ao que os jogadores fazem em campo e representações referentes à produção de singularidades nacionais, epensando a construção social de um estilo de jogo como um fenômeno complexo, dinâmico e contextual, em que representações e práticas não podem ser pensadas isoladamente, as próximas elaborações discutem a categoria “futebol-arte” e sua relação com a seleção brasileira de 1982. Confia-se que os objetivos aqui propostos serão pensados de modo mais consistente após uma prévia argumentação sobre como a seleção brasileira de 1982 tem sido construída como símbolo do futebol-arte desde as primeiras representações produzidas e difundidas a seu respeito.

## II

Fazendo a pertinente ressalva de que representações sociais e categorias não possuem certidão de nascimento, concorda-se que Gilberto Freyre é um dos agentes responsáveis por “‘inventar’, do ponto de vista sociológico, a própria idéia de futebol-arte”,<sup>29</sup> e que o artigo de sua autoria intitulado “Foot-Ball mulato”

---

<sup>27</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 213.

<sup>28</sup> MOSCOVICI. A história e a atualidade das representações sociais, p. 212.

<sup>29</sup> VELHO BARRETO. Gilberto Freyre e o Futebol-Arte, p. 234.

(1938) é “uma das primeiras e mais influentes construções do que viria a ser conhecido como ‘futebol-arte’ brasileiro”.<sup>30</sup>

Ao longo da década de 1920 viu-se a emergência gradativa de uma nova perspectiva de definição do brasileiro, perspectiva esta que contestava a “negação da existência de uma identidade brasileira porque a civilização que a sustentava era heterogênea”,<sup>31</sup> sugerindo, em seu lugar, “a admissão da existência dessa identidade justamente porque esta civilização era sincrética”.<sup>32</sup> Nesse cenário, Gilberto Freyre, principalmente após a publicação, em 1933, de *Casa-grande & senzala*, posiciona-se como um dos mais proeminentes intelectuais que então argumentavam a favor da tese de que a riqueza da cultura nacional se encontrava nas fontes diversas que originavam seus elementos: os portugueses, os negros e os índios.

Explicitando o desejo por separar raça e cultura, ou, em outros termos, o genético do social, Freyre, através da paulatina adoção de uma perspectiva culturalista, compreende a formação do brasileiro como um “processo de equilíbrio de antagonismos”,<sup>33</sup> no sentido de nele se verificar “o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura”.<sup>34</sup> Ao amortecer os conflitos e harmonizar os antagonismos presentes na formação do brasileiro como “o tipo ideal do homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia”,<sup>35</sup> a mestiçagem é elevada por Freyre ao posto de maior símbolo da cultura brasileira.

Para Freyre, a mestiçagem se fazia presente em todas as expressões culturais definidas como “verdadeiramente” brasileiras, e não haveria porque ser diferente com o futebol praticado no Brasil nos anos 1930, que se encontrava em processo de massificação, popularização e já repleto de jogadores negros e mulatos ao lado dos brancos, que antes eram maioria quase absoluta. Ocorre que, para assumir o futebol como um demonstrativo empírico da mestiçagem, logo, da brasilidade, Freyre necessitou de uma construção simbólica que fosse capaz de

---

<sup>30</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 154.

<sup>31</sup> QUEIROZ. Identidade Nacional, Religião, Expressões Culturais, p. 73.

<sup>32</sup> QUEIROZ. Identidade Nacional, Religião, Expressões Culturais, p. 73.

<sup>33</sup> FREYRE. *Casa-grande & senzala*, p. 116.

<sup>34</sup> FREYRE. *Casa-grande & senzala*, p. 115.

<sup>35</sup> FREYRE. *Casa-grande & senzala*, p. 110.

convergir as representações do que os jogadores faziam em campo com as representações relacionadas ao que os brasileiros faziam fora dele. Como tem sido aqui proposto, essa construção simbólica é justamente o estilo de jogo brasileiro.

Dado que os processos de produção de identidades precisam “construir ao mesmo tempo o ‘nós’ e o ‘outro’, ou seja, para produzir a identidade é necessário produzir alteridades relacionais e contrastivas”,<sup>36</sup> no mesmo movimento que tencionava pôr em evidência o que considerava o estilo de jogo brasileiro, Freyre precisou criar um estilo de jogo contrastante. Nesse processo, foram principalmente os ingleses, difusores das metodologias dominantes nos primeiros anos de prática do futebol no Brasil, ainda no século XIX, que serviram a Freyre como alteridades relacionais no movimento de construção da identidade nacional brasileira a partir de um estilo de jogo próprio. Na elaboração freyriana, o estilo de jogo brasileiro foi categorizado como dionisíaco, enquanto o estilo de jogo inglês/europeu acabou definido como apolíneo.

Sempre em tom contrastivo, tomando como alteridade o europeu ou, mais particularmente, o inglês, Freyre expõe, ao longo de "Foot-Ball mulato" (1938), características do modo de jogar brasileiro, propondo que o “estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca”.<sup>37</sup> Assim, para o autor, “os europeus tem procurado eliminar quasi todo o floreio artístico, quasi toda a variação individual, quasi toda a espontaneidade pessoal para accentuar a beleza dos efeitos geométricos e a pureza de technica científica”,<sup>38</sup> enquanto o estilo brasileiro – “Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações”<sup>39</sup> – caracteriza-se por ser: “Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização de geometrisação, de standartização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal”.<sup>40</sup>

Embora sucinta, a contextualização dos pressupostos freyrianos sobre o estilo de jogo brasileiro é fundamental para a argumentação de que a seleção brasileira de 1982 tem sido socialmente construída como símbolo do futebol-arte

<sup>36</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol, p. 163-164.

<sup>37</sup> FREYRE. Foot-ball mulato, s/n.

<sup>38</sup> FREYRE. Foot-ball mulato, s/n.

<sup>39</sup> FREYRE. Foot-ball mulato, s/n.

<sup>40</sup> FREYRE. Foot-ball mulato, s/n.



desde seus primeiros momentos nos gramados, visto que, como sugere um estudo sobre os textos escritos por Nelson Motta durante o Mundial de 1982: “Durante a Copa do Mundo da Espanha, pôde-se notar, não apenas nas crônicas de Nelson Motta, mas na maioria dos periódicos especializados ou não em futebol, um discurso que retomava as teorias de Gilberto Freyre, em especial a veiculada na obra *Casa-grande e senzala*”.<sup>41</sup> Seguindo o raciocínio, as próximas linhas discutem algumas conclusões alcançadas por três artigos recentemente publicados que analisam a produção de representações sobre a seleção brasileira de 1982 concomitantemente ao desenrolar da Copa do Mundo daquele ano.

O artigo “1982: lágrimas de uma geração de ouro” (2014) compara conteúdos produzidos pela imprensa acerca das derrotas sofridas pelas seleções brasileiras de 1950 e 1982 e argumenta que se em 1950 as lágrimas pela derrota em pleno Maracanã “se relacionavam à decepção e à suspeita de que o Brasil havia perdido uma oportunidade ímpar de provar ao mundo e a si mesmo que era capaz de grandes realizações e conquistas”,<sup>42</sup> em 1982 a tristeza foi representada de outra maneira: “As lágrimas de 1982 tiveram um significado diferente. Chorou-se com a seleção lamentando-se um infortúnio que sobre ela se abateu, infortúnio que condenava uma geração de ouro, talentosa e considerada merecedora das glórias do futebol”.<sup>43</sup> Segundo a autora, ao invés de se encontrar uma busca por culpados nos materiais que tentavam explicar a Tragédia do Sarriá, como era comum nos períodos que se seguiam a eliminações brasileiras em Copas do Mundo, o que se viu foi um sentimento de compaixão para com a seleção brasileira de 1982. Costa enxerga que a eliminação para a seleção italiana ganhou contornos de uma injustiça digna de compaixão porque a seleção brasileira de 1982, já naquele momento, era representada como uma equipe que “demonstrava um futebol por muitos considerado um autêntico representante do futebol-arte”,<sup>44</sup> tanto porque contava com “uma ‘geração de ouro’, que reunia jogadores como Sócrates, Júnior, Falcão e Zico, vencedores em seus clubes e reconhecidos pela grande habilidade

---

<sup>41</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 13.

<sup>42</sup> COSTA. 1982: lágrimas de uma geração de ouro, p. 166.

<sup>43</sup> COSTA. 1982: lágrimas de uma geração de ouro, p. 167.

<sup>44</sup> COSTA. 1982: lágrimas de uma geração de ouro, p. 177.

com a bola”,<sup>45</sup> como porque “jogava um futebol vistoso e estimulava o otimismo”.<sup>46</sup> Ainda acerca dos processos de construção da derrota na Copa do Mundo de 1982 como uma tragédia e de produção de representações sobre o estilo de jogopracicado pela seleção de 1982:

Assim, é válido ressaltar que não foi apenas o desempenho em campo o fator responsável por tamanha expectativa e posterior decepção. Havia um aparato discursivo que colocava em circulação uma série de representações e significados que iam sendo anexados àquela seleção. Representações relacionadas ao futebol-arte, tão caro à imagem e à autoimagem do futebol brasileiro. A seleção de 1982 foi compreendida por muitos como aquela que traria de volta um futebol especial.<sup>47</sup>

A conclusão de que a tristeza pela derrota e o orgulho por recuperar a identidade perdida se misturam na Tragédia do Sarriá também é apresentada no artigo "Jornal da Tarde, 6 de julho de 1982: a imagem como construção de sentidos de uma derrota" (2016), trabalho que analisa o processo de produção de sentidos associado à foto de autoria de Reginaldo Manente, que ilustrou a capa da edição do *Jornal da Tarde*, publicada no dia seguinte à eliminação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982. Investigando conteúdos midiáticos produzidos durante a Copa do Mundo de 1982 para compreender o contexto de então, os autores afirmam que enquanto as “derrotas nas Copas de 1974 e 1978 foram narradas pela imprensa como fugas de ‘nossa essência’, por conta do estilo de futebol classificado como ‘futebol-força’”,<sup>48</sup> a forma de jogar futebol da seleção brasileira de 1982 nos gramados espanhóis “foi considerada pela mídia um retorno às ‘raízes nacionais’”.<sup>49</sup> Daí, o surgimento, ao longo do torneio, de um sentimento de euforia nos torcedores por verem a seleção confirmar a identidade brasileira ao praticar um futebol “baseado no drible, improvisado, ofensividade e floreios com a bola”,<sup>50</sup> sentimento este que não se apagou nem mesmo com a eliminação, como simbolizaria a ilustração de capa do *Jornal da Tarde*. Para Mostaro e Helal, a

---

<sup>45</sup> COSTA. 1982: lágrimas de uma geração de ouro, p. 177.

<sup>46</sup> COSTA. 1982: lágrimas de uma geração de ouro, p. 177.

<sup>47</sup> COSTA. 1982: lágrimas de uma geração de ouro, p. 180.

<sup>48</sup> MOSTARO; HELAL. *Jornal da Tarde*, 6 de julho de 1982: a imagem como construção de sentidos de uma derrota, p. 21.

<sup>49</sup> MOSTARO; HELAL. *Jornal da Tarde*, 6 de julho de 1982: a imagem como construção de sentidos de uma derrota, p. 21-22.

<sup>50</sup> MOSTARO; HELAL. *Jornal da Tarde*, 6 de julho de 1982: a imagem como construção de sentidos de uma derrota, p. 21.

imagem de um menino tentando conter o choro enquanto mantém a pose com o peito erguido simboliza ao mesmo tempo a tristeza pelo fim da chance de conquistar o título e o orgulho de quem caiu honrando a tradição: “a ‘dor nacional’ pela derrota, mas com o ‘peito estufado’ por praticar o ‘nosso estilo’ teve como ícone a fotografia analisada”.<sup>51</sup>

Também constituindo seu objeto de pesquisa com materiais produzidos e veiculados pela mídia impressa, o artigo “A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta” (2017) se dedica a analisar os escritos de Nelson Motta para o jornal *O Globo* durante a Copa do Mundo de 1982 “a fim de perceber quais eram as impressões/concepções do jornalista acerca da Copa do Mundo, bem como da equipe brasileira que disputou tal campeonato”.<sup>52</sup> Segundo os autores, as crônicas de Nelson Motta permitem interpretar que a seleção brasileira de 1982 “representava uma retomada da identidade brasileira, baseada no jogo bonito, criativo, de gingado típico dos trópicos”,<sup>53</sup> dado que as seleções brasileiras que tinham disputado as Copas do Mundo de 1974 e 1978 haviam praticado “um futebol parecido com o estilo europeu de jogar, menos ofensivo, menos criativo, pautado principalmente pela marcação e pouca ofensividade”.<sup>54</sup> Prosseguindo com a análise, os autores argumentam: “Após a longa espera de 12 anos a seleção brasileira de 1982 recuperava aquela índole ofensiva de 1970. As atuações da equipe nacional eram convincentes, o futebol nacional voltava a ser jogado de um ‘jeito tipicamente brasileiro’”.<sup>55</sup> Ainda acerca das impressões de Nelson Motta sobre a seleção brasileira de 1982, os autores sugerem a reprodução e o reforço da ideia “de que o futebol-arte brasileiro é o melhor futebol do mundo”,<sup>56</sup> de modo que um resultado negativo não seria capaz de apagar a admiração em relação à forma de jogar tipicamente brasileira.

Embora Costa (2014), Mostraro e Helal (2016) e Lise et al (2017) apresentem objetivos e discussões teórico-metodológicas diferentes, os três

<sup>51</sup> MOSTARO; HELAL. *Jornal da Tarde*, 6 de julho de 1982: a imagem como construção de sentidos de uma derrota, p. 34.

<sup>52</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 12.

<sup>53</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 15.

<sup>54</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 14.

<sup>55</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 14.

<sup>56</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 15.

estudos, ao analisarem conteúdos simbólicos produzidos no período de atuação da seleção brasileira de 1982, elaboram algumas argumentações convergentes. Para o intuito deste artigo, a conclusão mais relevante alcançada pelos trabalhos em questão é a de que, nos produtos jornalísticos, encontrava-se a narrativa de que, após as edições de 1974 e 1978 da Copa do Mundo, quando os representantes brasileiros teriam abandonado sua “essência” futebolística e praticado otipicamente europeu futebol-força, a seleção brasileira de 1982 surgiu como símbolo da retomada do “genuinamente” brasileiro futebol-arte. Aprofundando esse argumento, LISE et al (2017) ainda sugere a hipótese de que a crença no retorno às suas “raízes futebolísticas”, promovido pela seleção brasileira de 1982, motivou uma retomada dos pressupostos elaborados por Gilberto Freyre sobre o estilo de jogo brasileiro por parte do discurso jornalístico, hipótese esta que, acredita-se, também encontra sustentação nas análises de Costa (2014) e Mostaro e Helal (2016). Acerca da presença de ideias freyrianas no processo de produção de representações sobre a seleção brasileira de 1982, os autores afirmam:

[...] parte-se, aqui, da hipótese de que esse retorno à tese sociológica freyriana teria um motivo principal. Após a Copa do Mundo no México, em 1970, na qual o Brasil se sagrou tricampeão mundial, a seleção brasileira jamais reapresentou um futebol sequer razoável. Nas Copas de 1974 e 1978 o futebol-arte cedeu lugar a um “futebol-força”.<sup>57</sup>

Por óbvias razões cronológicas, a construção da seleção brasileira de 1982 como símbolo do futebol-arte durante seu período de atuação nos gramados apresentou como alteridades equipes então contemporâneas, como a própria seleção italiana de 1982 que a derrotou na Copa, ou equipes do passado, caso destacado das seleções brasileiras de 1974 e 1978. Atualmente, transcorridos quase 40 anos da Tragédia do Sarriá, embora a produção de representações sobre a seleção brasileira de 1982 como praticante do futebol-arte ainda esteja fortemente em evidência em diversas esferas, verifica-se que novas alteridades passaram a ocupar espaços de destaque neste processo. Dentre essas novas alteridades, nenhuma é tão significativa quanto a seleção brasileira de 1994.

---

<sup>57</sup> LISE et al. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta, p. 14.

### III

De acordo com Soares e Lovisollo (2013), a comparação com a forma de jogar dos ingleses faz parte da construção de representações sobre o modo de jogar dos brasileiros desde o início do século XX. Inclusive, como se mencionou linhas acima, as comparações com ingleses, em particular, e europeus, em geral, são os pilares das ideias elaboradas por Gilberto Freyre que definem o estilo de jogo brasileiro como dionisíaco, em oposição ao estilo de jogo apolíneo dos europeus. Há de se ressaltar ainda o desenvolvido por Guedes (2006) acerca da relevância adquirida nas últimas décadas pelo estilo de jogo argentino como alteridade na construção do futebol-arte.

Entretanto, ao se analisar livros publicados neste século centrados em narrar a trajetória da seleção brasileira de 1982, a posição de alteridade privilegiada no processo de produção de representações sobre esta seleção não é ocupada nem por times ingleses, nem por equipes argentinas, nem pela algoz seleção italiana que venceu o Mundial de 1982 e nem mesmo pelas seleções brasileiras de 1974 e 1978, mas sim pela seleção brasileira campeã da Copa do Mundo de 1994.<sup>58</sup> Salta aos olhos a frequência das comparações entre as seleções brasileiras de 1982 e de 1994 e, não raramente, essas comparações envolvem a complexa questão sobre se é melhor vencer uma Copa do Mundo jogando como em 1994 ou perder como em 1982, pergunta esta que, só por ser enunciada recorrentemente, independente da resposta, já rascunha os primeiros contornos da análise que se segue.<sup>59</sup>

Tão significativa quanto a questão anterior é a explicitação do desejo de se trocar o título conquistado na Copa do Mundo de 1994 pelo perdido na de 1982. Mesmo que o livro *É tetra: a conquista que ajudou a mudar o Brasil* (2014), um dos

---

<sup>58</sup> A seleção brasileira conquistou a Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos, depois de 24 anos sem levantar a taça. Na primeira fase da campanha, a equipe venceu as seleções da Rússia (2 x 0) e do Camarões (3 x 0), empatando em seguida com a seleção sueca (1 x 1). Nos jogos seguintes, todos eles eliminatórios, a seleção brasileira venceu a norte-americana (1 x 0), a holandesa (3 x 2), a sueca (1 x 0) e, na partida final, contra a seleção italiana, ganhou na disputa de pênaltis por 3 x 2 após um empate sem gols. A conquista nos Estados Unidos foi a quarta da história da seleção brasileira nas Copas do Mundo.

<sup>59</sup> A título de ilustração, no dia 17 de outubro de 2017, o treinador da seleção brasileira, Tite, em sua participação no programa Boa Noite Fox, do canal Fox Sports, foi perguntado por Paulo Vinícius Coelho, um dos entrevistadores: “Ganhar como 94 ou perder como 82?”. De forma um tanto quanto evasiva, Tite respondeu que preferia ganhar como em 2002.

raros a narrar a campanha da seleção brasileira de 1994, não faça parte do objeto de pesquisa deste artigo, é de grande valia citar as emblemáticas primeiras linhas escritas por Mauro Beting no prefácio:

Eu trocaria o gol que o Brasil não fez na Itália em 120 minutos de calor em Pasadena em 1994 pelo pesadelo de ter feito um gol a menos que Paolo Rossi em Sarriá, em 1982. Revejo com prazer até mesmo a derrota do Brasil de Telê e do mundo da bola na Copa da Espanha. Revejo com algum pesar muitos dos jogos do Brasil de Parreira tetracampeão nos Estados Unidos.<sup>60</sup>

Um contexto no qual as comparações entre as seleções brasileiras de 1982 e de 1994 se sobressaem é aquele em que se exalta a herança deixada pela seleção de 1982. Argumentando sobre o legado da seleção brasileira de 1982, Roman e Zanata (2012) apresentam discursos que afirmam a injustiça da derrota para a seleção italiana e o retrocesso que este revés causou ao futebol e, em alguns destes discursos, o resultado obtido pela seleção brasileira de 1994 é desprezado como forma de se glorificar a forma de jogar da seleção brasileira de 1982, vide, uma vez mais, as palavras de Mauro Beting:

A derrota daquela seleção foi terrível para o futebol, já que institucionalizou a praga pragmática de se jogar pelo resultado. [...] Eu trocaria os títulos de 94 e 2002 pelo de 82. Seria um baitafavor para o futebol, não só brasileiro, mas mundial. [...] Mil vezes rever 82 do que os jogos de 94 e 2002.<sup>61</sup>

É válido acionar novamente a obra de Rocha e Costa (2014), pois, nesta, ao discorrerem sobre o legado da seleção brasileira de 1994, a seleção brasileira de 1982 é tomada como contraste. Se a valorização da seleção de 1982 se sustenta na sua forma de jogar tida como “verdadeiramente” brasileira, a valorização do legado da seleção de 1994 se dá pela vitória em si, pois esta teria livrado o futebol brasileiro do peso originado justamente pelo revés de 1982. Daí os autores concluírem pedindo consideração pela seleção brasileira de 1994, “que tirou um peso colossal dos ombros do futebol brasileiro. Chutando para escanteio os fantasmas de

---

<sup>60</sup> BETING. Prefácio, p. 9.

<sup>61</sup> ROMAN; ZANATA. *Sarriá 82*, p. 125.

Sarriá e o ‘complexo de vira-latas’ que teimava em voltar. [...] É pelo legado que os campeões mundiais de 1994 merecem ser lembrados. E também respeitados”.<sup>62</sup>

É notável a intensidade com que as representações sobre a seleção brasileira de 1994 participam da construção da seleção brasileira de 1982 como uma equipe a ser celebrada. Escrevendo a orelha do livro *82: uma Copa / 15 histórias* (2013), o ex-jogador Tostão inicia sua apresentação mencionando a seleção brasileira de 1994 e Dunga, o capitão desta equipe: “Oracional, pragmático e operatório Dunga disse, várias vezes, que não entendia porque a Seleção Brasileira de 1982, que foi eliminada nas quartas de final, é muito mais festejada que a de 1994, campeã do mundo”.<sup>63</sup> A dúvida que Tostão apresenta como sendo de Dunga surge na forma de pergunta nas palavras de Luís Simon, também na orelha de uma obra sobre a seleção brasileira de 1982: “Por que, quando buscamos escolher os melhores times de todos os tempos, invariavelmente os derrotados de 1982 têm mais votos do que os campeões de 1994?”.<sup>64</sup> Aqui, é mister destacar que o livro *As 22 seleções que mais encantaram ao longo da história* (2013) não lista a seleção brasileira de 1994 entre as escolhidas, enquanto exalta que na seleção brasileira de 1982, “Zico e Falcão protagonizavam o espetáculo, acompanhados pelos virtuosos Sócrates, Cerezo, Júnior e Leandro, que juntamente com o explosivo Éder deixavam os torcedores do mundo inteiro extasiados”.<sup>65</sup> Por isso, segue Paulo Maurício Maia, mesmo “derrotada, a Seleção de Telê Santana saiu da Copa consagrada e entrou para a história como uma das melhores equipes de todos os tempos”.<sup>66</sup>

Outro trabalho que aborda a questão levantada acima por Simon é o livro *As melhores seleções brasileiras de todos os tempos* (2010), escrito por Milton Leite, que escolhe seis equipes como as melhores da mais do que centenária história da seleção brasileira. São elas: todas as seleções que foram campeãs da Copa do Mundo – ou seja, as de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 – e a seleção de 1982, única não campeã mundial presente na obra. Segundo Leite, a inclusão da seleção brasileira de 1982 na lista “provavelmente será motivo de polêmica, já que para

<sup>62</sup> ROCHA; COSTA. *É Tetra!*, p. 172.

<sup>63</sup> TOSTÃO. *82: uma Copa / 15 histórias*, orelha do livro.

<sup>64</sup> SIMON. *Telê e a seleção de 82*, orelha do livro.

<sup>65</sup> MAIA. *As 22 seleções que mais encantaram ao longo da história*, p. 76.

<sup>66</sup> MAIA. *As 22 seleções que mais encantaram ao longo da história*, p. 77.

muitos torcedores e especialistas, time bom é o que vence”.<sup>67</sup> No entanto, o que se percebe em suas próprias argumentações é que se há algum intruso no panteão das melhores seleções brasileiras da história este é o “econômico time de 1994”,<sup>68</sup> e não a seleção brasileira de 1982, representada como um time “com qualidade de campeão, mas que não chegou ao título”.<sup>69</sup> Outro tópico que possibilita enxergar a seleção brasileira de 1982 como sendo mais comemorada por Leite do que a de 1994 encontra-se nos títulos escolhidos pelo autor para narrar as campanhas dessas duas seleções: “Show termina sem taça” é o título do capítulo sobre a seleção de 1982, enquanto “Pragmatismo conquista o tetra” é o da seção dedicada à seleção de 1994. Uma comparação entre os títulos selecionados por Leite permite interpretar que uma das representações recorrentes sobre a seleção brasileira de 1982 é a de que, mesmo sem ser campeã, era capaz de atuações tão espetaculares que podem ser definidas como shows, enquanto a seleção brasileira de 1994, apesar de ter conquistado o título mundial, o fez com um estilo de jogo pragmático.

Seja como forma de exaltar o modo de jogar da seleção brasileira de 1982, seja para destacar as consequências negativas da Tragédia do Sarriá, a seleção brasileira de 1994 é um dos símbolos mais acionados em depoimentos dos jogadores do time brasileiro de 1982. O atacante Serginho Chulapa, por exemplo, menospreza o desempenho de 1994 ao mesmo tempo em que celebra o brilho das apresentações de 1982: “A seleção vinha encantando o mundo, não apenas o Brasil. Vínhamos de vitória espetacular sobre a Argentina. Em 94 o Brasil ganhou de 1 a 0, empatou aqui e ali, e foi campeão mundial. Mas em 82, com excepcionais jogadores, não ganhamos”.<sup>70</sup> Já para o zagueiro Luisinho, a derrota em 1982 para a seleção italiana “causou efeito negativo para o Brasil. Veio a era Parreira, de só jogar pelo resultado. Esquecemos de jogar futebol. E o mundo seguiu a Itália, com futebol mais defensivo, de jogar só no contra-ataque”.<sup>71</sup> Também mencionando Carlos Alberto Parreira, treinador da seleção brasileira de 1994, o meio-campista Toninho Cerezo afirma que após 1982 a forma de jogar da equipe brasileira perdeu em

---

<sup>67</sup> LEITE. *As melhores seleções brasileiras de todos os tempos*, p. 8.

<sup>68</sup> LEITE. *As melhores seleções brasileiras de todos os tempos*, p. 7.

<sup>69</sup> LEITE. *As melhores seleções brasileiras de todos os tempos*, p. 7.

<sup>70</sup> FALCÃO. *Brasil 82: O time que perdeu a Copa e conquistou o mundo*, p. 74.

<sup>71</sup> FALCÃO. *Brasil 82: O time que perdeu a Copa e conquistou o mundo*, p. 62.



beleza por se aproximar da italiana: “O futebol perdeu certo encanto porque a Itália tinha uma mentalidade um pouco alemã. Basta ver o Parreira: pelo que conheci dele, se espelhava no setor defensivo da Alemanha”.<sup>72</sup>

Por fim, argumenta-se que no processo de produção de representações sobre a seleção brasileira de 1982 como símbolo do futebol-arte, a Tragédia do Sarriá surge construída tanto como um ponto de inflexão na história do futebol brasileiro quanto como uma injustiça. Primeiramente, a Tragédia do Sarriá surge construída como um ponto de inflexão no sentido de que, a partir deste episódio, a seleção brasileira teria abandonado o futebol-arte – visto como “aquele tipo de futebol [que] era mais brasileiro que tudo. Era o futebol que é nossa identidade”<sup>73</sup> – e passado a se valer da sua antítese, o futebol de resultados. Daí a contundência de Ruy Castro ao afirmar que, “para muitos, a derrota do Brasil naquela Copa decretou o fim do futebol-arte”.<sup>74</sup> Para Helena Jr., recordar a seleção brasileira de 1982 é como “um resgate oportuno do traço mais característico da personalidade singular do nosso futebol, hoje já tão indefinido pela ação corrosiva do tal do futebol de resultados instalado justamente a partir da derrota daquele time para a pragmática Itália”.<sup>75</sup> No mesmo tom, Andrade assevera: “Ninguém pode negar que após a Copa de 1982 houve um generalizado empobrecimento de nosso futebol em seu todo”.<sup>76</sup> Tomando a seleção brasileira como metáfora da nação, Marcelo Tieppo lamenta que “o Brasil nunca mais foi Brasil dentro de campo, depois da tragédia no estádio Sarriá, em Barcelona”.<sup>77</sup>

Em segundo lugar, sugere-se que a Tragédia do Sarriá é construída como uma injustiça, pois a seleção brasileira de 1982 é representada como uma equipe que, por praticar o futebol-arte, era tão encantadora, espetacular e superior às adversárias que merecia ter alcançado a glória de ser campeã da Copa do Mundo. Lendo depoimentos dos jogadores da seleção brasileira de 1982, percebe-se que uma das formas mais comuns de se defender a Tragédia do Sarriá como uma injustiça é afirmar que a derrota diante da seleção italiana foi uma fatalidade, de

<sup>72</sup> FALCÃO. *Brasil 82: O time que perdeu a Copa e conquistou o mundo*, p. 66.

<sup>73</sup> BETING, Apresentação, p. 12.

<sup>74</sup> CASTRO. *O trauma da bola*, orelha do livro.

<sup>75</sup> HELENA JR. Apresentação, p. 10.

<sup>76</sup> ANDRADE. *A falta que faz um gol*, p. 47.

<sup>77</sup> TIEPPO. Prefácio, p. 11.

modo que se o confronto se repetisse em outras oportunidades o resultado certamente seria de vitória dos brasileiros, como exemplificam as – um tanto quanto hiperbólicas – palavras do ponta-esquerda Éder: “Aquilo foi um aborto da natureza. Acontece de cem em cem anos”.<sup>78</sup> Jogador reserva da equipe brasileira, Paulo Isidoro, de forma um pouco menos efusiva, segue a mesma ideia: “Se jogássemos mais nove vezes, íamos ganhar as nove”.<sup>79</sup> Segundo Mauro Betting, a injustiça da derrota é tamanha que esse tipo de discurso surgiria até mesmo por parte de jogadores da vencedora seleção italiana: “Se jogássemos vinte vezes, perderíamos 19. Menos naquele dia’, disse Marco Tardelli, meia daquela Itália cirúrgica”.<sup>80</sup>

Responsabilizar o regulamento do torneio foi outro modo encontrado para se afirmar a injustiça da derrota da seleção brasileira de 1982. Para o meio-campista Toninho Cerezo, aquele time brasileiro era “um time feito para ganhar. Infelizmente foi uma competição curta. Se fosse uma competição longa, a gente teria saído com o título”.<sup>81</sup> Na mesma rota, o lateral Leandro recorda: “Estávamos jogando um futebol maravilhoso, encantando o mundo, todos estavam de acordo. Perdemos um jogo que não tinha como recuperar. Se fosse um campeonato longo, seríamos campeões, sem dúvida. [...] Mas o que fazer? Nem sempre o melhor ganha”.<sup>82</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se completam anos redondos da Tragédia do Sarriá, como foram os casos de 2002 e 2012, verifica-se um notável crescimento na já destacada produção de materiais – documentários, reportagens jornalísticas, livros, peças publicitárias, entre outros – que não apenas festejam a seleção brasileira de 1982 como almejam explicar os motivos desta equipe não ter conquistado a Copa do Mundo. Neste artigo, buscou-se compreender, através da análise de livros publicados no século XXI, centrados na trajetória da seleção brasileira de 1982, de que maneira esta

<sup>78</sup> FALCÃO. *Brasil 82*, p. 75.

<sup>79</sup> FALCÃO. *Brasil 82*, p. 78.

<sup>80</sup> BETING. Apresentação, p. 12.

<sup>81</sup> FALCÃO. *Brasil 82*, p. 66.

<sup>82</sup> FALCÃO. *Brasil 82*, p. 57.

espécie de ânsia por elucidar a Tragédia do Sarriá se relaciona com a construção de representações sobre o estilo de jogo praticado por aquela equipe.

Desde os anos 1930, o estilo de jogo brasileiro surge como um operador simbólico capaz de promover um fluxo de duplo sentido entre as representações sobre a forma de jogar dos futebolistas e sobre o modo de vida dos brasileiros. Nesta linha, e em diálogo com pesquisas recentes, argumenta-se que a seleção brasileira de 1982 tem sido construída como representante da identidade nacional por praticar o futebol-arte, um estilo de jogo que prima pela criatividade individual, desde seus primeiros momentos de atuação.

A análise de conteúdos simbólicos produzidos neste século sobre a seleção brasileira de 1982 sugere que a construção desta equipe como símbolo do futebol-arte é um processo que ainda segue ativo e, inclusive, com algumas características novas se comparado ao que se deu concomitantemente à Copa do Mundo de 1982. Dentre as novidades, o presente artigo se debruçou sobre aquelas que são frutos dos contextos de comparação entre as seleções brasileiras de 1982 e de 1994, dada a frequência com a qual tais comparações se erguem.

O processo de construção da seleção brasileira de 1982 como representante da identidade brasileira por praticar um futebol encantador, espetacular e digno de ser celebrado apresenta como uma de suas etapas mais significativas a simultânea construção da seleção brasileira de 1994 como econômica, pragmática, defensiva e digna de pesar – em síntese, como a negação da forma de jogar vista como “genuinamente” brasileira. Além do mais, há de se destacar ainda o acionamento da seleção brasileira de 1994 como forma de ilustrar o retrocesso experimentado pelo futebol nacional após a Tragédia do Sarriá, dado que este evento aparece como um ponto de inflexão a partir do qual a seleção brasileira teria abandonado o futebol-arte e passado a se valer do futebol de resultados.

O estudo aqui realizado contribui para a compreensão da Tragédia do Sarriá como um dos eventos mais rememorados e intrigantes da história do futebol brasileiro ao permitir as seguintes elaborações acerca do estilo de jogo praticado pela seleção brasileira de 1982. Em primeiro lugar, a Tragédia do Sarriá coloca-se como um episódio intensamente recordado, pois foi protagonizado por uma equipe, a seleção brasileira de 1982, que surge atualmente representada não

apenas como símbolo do futebol-arte, mas como a última seleção que praticou este estilo de jogo tido como “verdadeiramente” brasileiro e que, por isso, é digna de ser festejada. Nesse processo construtivo da seleção brasileira de 1982 como a última representante da forma de jogar futebol condizente com a identidade nacional, é significativa a participação da seleção brasileira de 1994 na posição de alteridade privilegiada ao ser representada como símbolo do europeizado futebol de resultados. Em segundo lugar, a Tragédia do Sarriá aparece como um acontecimento que exige respostas, na medida em que se constrói a seleção brasileira de 1982 como praticante de um futebol tão espetacular que jamais merecia ter perdido a Copa do Mundo. Nesse processo que representa a seleção brasileira de 1982 como injustiçada pelo encanto que gerava, é relevante, novamente, a presença da seleção brasileira de 1994 como alteridade privilegiada, visto que esta equipe conquistou o título da Copa do Mundo com um estilo de jogo representado como pragmático.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Jeferson. **A falta que faz um gol**. Belo Horizonte: Página Aberta Editora, 2002.
- BETING, Mauro. Apresentação. In: ROMAN, Gustavo; ZANATA, Renato. **Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?**. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2012, p. 11-13.
- BETING, Mauro. Prefácio. In: ROCHA, André; COSTA, Michel. **É Tetra!:** a conquista que ajudou a mudar o Brasil. Rio de Janeiro: Via Escrita, 2014, p. 9-10.
- CARMONA, Lédio. Contracapa. In: ROMAN, Gustavo; ZANATA, Renato. **Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?**. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2012.
- CASTRO, Ruy. Contracapa. In: SALDANHA, João. **O trauma da bola: a Copa de 82 por João Saldanha**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.
- CASTRO, Ruy. Orelha do livro. In: SALDANHA, João. **O trauma da bola: A Copa de 82 por João Saldanha**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- COSTA, Leda. 1982: lágrimas de uma geração de ouro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro (orgs.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 165-193.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FALCÃO, Paulo Roberto. **Brasil 82**: o time que perdeu a Copa e conquistou o mundo. Porto Alegre: AGE, 2012.

FARR, Robert. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELICH, Sandra. (orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 31-62.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 jun. 1938.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

GUEDES, Simoni. De criollos e capoeiras: notas sobre o futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni. (orgs.) **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 127-146.

GUEDES, Simoni. A produção das diferenças na produção dos “estilos de jogo” no futebol: a propósito de um texto fundador. In: HOLLANDA, Bernardo Borges; Burlamaqui, Luiz Guilherme. (orgs.) **Desvendando o jogo**: nova luz sobre o futebol. Niterói: EDUFF, 2014, p. 153-171.

HELENA JR., Alberto. Apresentação. In: MORA, Marcelo. **Telê e a seleção de 82**: da arte à tragédia. São Paulo: Publisher Brasil, 2012, p. 9-10.

LEITE, Milton. **As melhores seleções brasileiras de todos os tempos**. São Paulo: Contexto, 2010.

LISE, Riqueldi; CAPRARO, André; CAVICHIOILLI, Fernando. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 39, n. 1, 2017, p. 10-16.

MAIA, Paulo Maurício. **As 22 seleções que mais encantaram ao longo da história**. Rio de Janeiro: Rotativa, 2013.

MORA, Marcelo. **Telê e a seleção de 82**: da arte à tragédia. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELICH, Sandra. (orgs.) **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 7-14.

MOSCOVICI, Serge. A história e a atualidade das representações sociais. In: \_\_\_\_\_. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 167-214.

MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo. Jornal da Tarde, 06 de julho de 1982: a imagem como construção de sentidos de uma derrota. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 12, n. 20, jan.-jul. 2016, p. 12-37.

PEREIRA, Mauro Cezar. Orelha do livro. In: ROMAN, Gustavo; ZANATA, Renato. **Sarriá 82**: o que faltou ao futebol-arte?. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura. Identidade Nacional, Religião, Expressões Culturais: a criação religiosa no Brasil. In: SACHS, Viola. (org.). **Brasil & EUA. Religião e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 59-93.

ROCHA, André; COSTA, Michel. **É Tetra!**: a conquista que ajudou a mudar o Brasil. Rio de Janeiro: Via Escrita, 2014.

ROMAN, Gustavo; ZANATA, Renato. **Sarriá 82**: o que faltou ao futebol-arte?. Rio de Janeiro: Maquinaria, 2012.

SALDANHA, João. **O trauma da bola**: a Copa de 82 por João Saldanha. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

SIMON, Luís. Orelha do livro. In: MORA, Marcelo. **Telê e a seleção de 82**: da arte à tragédia. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, 2003, p. 129-143.

TIEPPO, Marcelo. Prefácio. In: MORA, Marcelo. **Telê e a seleção de 82**: da arte à tragédia. São Paulo: Publisher Brasil, 2012, p. 11-12.

TOSTÃO. Orelha do livro. In: GALLO, Mayrant (org.). **82: uma Copa / 15 histórias**. Anajé: Casarão do Verbo, 2013.

VELHO BARRETO, Túlio. Gilberto Freyre e o Futebol-Arte. **Revista USP**. São Paulo, n. 62, 2004, p. 233-238.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 01 ago. 2018.  
Aprovado em: 11 out. 2018.

## **Copa do Mundo 2014: uma abordagem pedagógica sobre o seu legado**

World Cup 2014: A Pedagogical Approach on your Legacy

**Amarildo da Silva Araujo**

Rede Municipal de Santa Luzia/MG/Brasil  
Mestre em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais  
asabhz@gmail.com

**RESUMO:** A realização do megaevento da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 trouxe mudanças nas cidades-sedes e produziu impactos em diversos campos como: economia, política, organização espacial, dentre outros. A educação não ficou alheia a esse quadro, visto que a Copa atingiu as pessoas independente delas serem torcedoras ou não e também chegou às instituições escolares. Assim, este estudo teve como objetivo analisar a opinião dos professores sobre o legado do megaevento de lazer da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 em uma escola pública de Belo Horizonte/MG. Foi realizado o estudo de caso com utilização de entrevista. Os resultados mostraram que para os docentes esse megaevento de lazer envolveu o legado para a educação e cultura se desdobrando para a formação dos alunos e o esporte, e também a negação desse legado com efeitos na perspectiva econômica e social.

**PALAVRAS CHAVE:** Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014; Megaeventos; Educação; Lazer.

**ABSTRACT:** The mega-event of the 2014 FIFA World Cup Brazil brought changes in host cities and produced impacts in several fields such as: economy, politics, spatial organization, among others. Education was no stranger to this scenario, as the World Cup hit people regardless of whether they were fans or not and also reached school institutions. The purpose of this study was to analyze teachers' opinions about the legacy of the mega-leisure event of the 2014 FIFA World Cup Brazil in a public school in Belo Horizonte/MG. A case study was conducted using interview. The results showed that for the teachers this mega-event of leisure involved the legacy for education and culture, unfolding for the formation of the students and the sport, and also the denial of this legacy with effects from the economic and social perspective.

**KEYWORDS:** FIFA World Cup Brazil 2014; Megaeventos; Education; Leisure.

## INTRODUÇÃO

O futebol, como fenômeno social no Brasil, constitui-se em um dos maiores representantes da cultura brasileira, dialogando com diferentes campos da sociedade, sendo considerado um dos principais elementos de identidade nacional. Para grande parte da nossa população é um referencial de lazer, e quanto aos praticantes dessa modalidade (jogador)<sup>1</sup> e ao espectador (torcedor ou assistente),<sup>2</sup> esse esporte se legitima na perspectiva do lazer, criando formas de sociabilidade no cotidiano das pessoas.

Esse esporte está inserido no cotidiano da sociedade brasileira, através das múltiplas práticas (o jogo em si), das diferentes manifestações do torcer, dos vínculos criados pelos produtos e negócios, ou por meio de sua inserção em diversos meios de comunicação. É capaz de mobilizar e movimentar a nação brasileira, nos eventos nacionais ordinários, bem como nos torneios internacionais, como se verificou no megaevento da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014 (Copa 2014), que exigiu vultosos investimentos com reformas e construções de estádios e também em obras de infraestrutura pelo país, produzindo impactos na vida das pessoas, independentemente delas serem torcedoras ou não.

Portanto, a realização desse megaevento trouxe mudanças nas cidades-sedes e produziu impactos em diversos campos como: economia, política, organização espacial, dentre outros. A educação não ficou ausente desse processo. As instituições escolares também foram atingidas e sofreram uma intervenção generalizada como a alteração do calendário escolar descrito no art. 64 da Lei nº 12.663, de 05 de junho de 2012 Lei Geral da Copa.

Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi, os acontecimentos contemporâneos (dentre eles, destaco a Copa 2014) afetam a educação escolar de várias maneiras, a saber: modificam objetivos e prioridades da escola; produzem alterações nos interesses, nas necessidades e nos valores escolares; forçam a escola a mudar suas

---

<sup>1</sup> O jogador neste caso é considerado como aquele praticante que não está exercendo sua atividade profissional.

<sup>2</sup> “Assistente” era o termo usado, até, aproximadamente, os anos 1930, para designar aquela pessoa que assistia a uma partida de futebol sem sentimento efetivo de pertencimento ou paixão clubística, tal como ocorre com inúmeros torcedores. Ver mais sobre esse assunto em: Souza Neto. *A invenção do torcer em Bello Horizonte*.



práticas; e induzem a transformações na atitude do professor e no trabalho docente.<sup>3</sup> Esses autores reconhecem que os conhecimentos advindos das produções socioculturais que se originam fora da escola interferem de alguma maneira, nas práticas escolares.

Portanto, nas possíveis relações entre a Copa 2014 e a educação, qual o legado deixado pelo o megaevento da Copa 2014 para as instituições educacionais na percepção dos professores? Assim, o objetivo deste estudo foi analisar a opinião dos professores sobre o legado desse megaevento para a educação escolar. Tendo em vista que, se negligenciarmos a existência de vínculos entre esses elementos pode conduzir a uma interpretação que desqualifica a escola como local onde não se discutem questões que afetam o cotidiano da sociedade ou onde não se atribui a elas a devida e/ou merecida importância.

A propósito dessa questão, Bracht e Almeida afirmam que na relação megaeventos esportivos e escola existem zonas de conflito dos códigos e princípios do modelo dominante de esporte com os da instituição escolar.<sup>4</sup> Sem se render à lógica do sistema esportivo, a escola deve voltar o esporte aos objetivos educacionais, visando promover ampla “alfabetização esportiva” da população. Justificando a lógica do sistema esportivo que predomina fora da escola, Bracht e Almeida consideram que a Copa 2014 apresenta risco renovado de se instrumentalizar o esporte na escola.<sup>5</sup> Ou seja, reproduzir, nela, seu formato baseado no rendimento esportivo e na competição.

Madruga defende a realização dos megaeventos com amparo na ideia da relação custo/oportunidade.<sup>6</sup> Porém, entendemos que esse binômio voltado para a escola pode ser transformado em educação/oportunidade; ou seja: a escola busca se envolver com esse momento histórico e social que a população e o País estão/estavam viven(cian)do e, por meio de ações pedagógicas extrai e constrói a partir do megaevento o máximo de possibilidades educativas.

---

<sup>3</sup> LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI. *Educação escolar*.

<sup>4</sup> BRACHT; ALMEIDA. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física escolar.

<sup>5</sup> BRACHT; ALMEIDA. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física escolar.

<sup>6</sup> MADRUGA. Megaeventos esportivos como gestão de custos oportunidade.

Desse modo, é possível afirmar que o processo educativo dialoga diferentes esferas, como os megaeventos e seus impactos produzidos. A Copa 2014 foi uma entre outras possibilidades de vivência do lazer e de oportunidade para o ambiente escolar refletir sobre essas questões; além disso, desenvolver saberes que sejam significativos para o estudante, para o professor e para a escola.

## **METODOLOGIA**

Nessa investigação, de abordagem qualitativa, foi realizado o estudo de caso em uma escola da rede pública estadual do município de Belo Horizonte. A escolha da instituição ocorreu por meio de sorteio. Foi investigado um professor por disciplina do ensino médio nos turnos da manhã e noite. Participaram 23 docentes, sendo 12 pelo turno da manhã e 11 para a noite, atuantes no terceiro ano do ensino médio. A coleta dos dados ocorreu nas dependências da escola com a realização de entrevista semiestruturada em novembro de 2013.

Utilizando a análise de conteúdo proposta por Bardin, as falas semelhantes foram agrupadas, em seguida, foram formadas as unidades de significação relacionadas às afinidades atribuídas nas verbalizações de cada sujeito e nomeadas as categorias.<sup>7</sup> Apesar de que cada fala estar inserida em uma das unidades de significação, ela pode perpassar por outra(s).

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Algumas cidades buscam, na organização dos megaeventos, a possibilidade de se promoverem mundialmente e de impulsionar o seu desenvolvimento. A tarefa de sediar uma empreitada como a Copa 2014 tornou-se uma alternativa para acelerar a construção de planos de (re)estruturação das cidades e, como consequência, melhorar a qualidade de vida da população.<sup>8</sup>

Assim, a escolha de um país para sediar um megaevento requer, de modo geral, o aporte de vultosos recursos econômicos, além dos montantes usuais nos

---

<sup>7</sup> BARDIN. *Análise de conteúdo*.

<sup>8</sup> PIRES; BAPTISTA; PORTUGAL. *Megaeventos e o desenvolvimento urbano e regional*.

orçamentos públicos, e a capacidade de negociação, em diferentes esferas do poder público, para atender os pré-requisitos de um megaevento.

De acordo com Ratton, os megaeventos apresentam duas características principais: as conseqüências trazidas para as cidades, regiões ou países e a atração da cobertura midiática que eles geram.<sup>9</sup> Esses megaeventos ocorrem em intervalos temporais maiores do que campeonatos e ligas esportivas habituais, apresentando estrutura e programação de grande porte, bem acima da média dos eventos esportivos nacionais ordinários. Também contam com os meios de comunicação de massa, em suas mais variadas formas, para potencializar a sua comunicação.

Rubio afirma que um megaevento se caracteriza por seu caráter temporal, sua capacidade de atrair um grande número de participantes de diversas nacionalidades e, também, por chamar a atenção dos meios de comunicação, com abrangência e ressonância global.<sup>10</sup> A propósito da sazonalidade dos megaeventos esportivos, Machado e Rubio afirmam que “são eventos de curto prazo, com duração variável de duas semanas a um mês, com conseqüência de longo prazo para a localidade que os abriga”.<sup>11</sup> Destacam, ainda, a exibição das cidades na mídia, durante seu período de realização, de uma forma que jamais conseguiriam atingir.

France e Roche consideram que os megaeventos são utilizados como uma estratégia para a regeneração das cidades onde são realizados, ao demandarem intervenções no espaço e no imaginário urbano.<sup>12</sup> Para esses autores, os principais instrumentos e veículos de políticas de transformação das cidades, cujas imagens se encontram degradadas, são as criações de atrações turísticas, como a realização de grandes exposições artísticas e a organização de eventos esportivos, ou seja, são atrações voltadas essencialmente para o campo do lazer. Já para Roche:

[...] são eventos de larga escala cultural (incluindo comerciais e esportivos) que tem uma característica dramática, apelo popular massivo e significância internacional. Eles são tipicamente organizados por combinações variáveis de governos nacionais e organizações internacionais não governamentais e ainda podem ser ditos como importantes elementos nas versões “oficiais” da cultura pública.<sup>13</sup>

<sup>9</sup> RATTON. Megaeventos esportivos, violência e pânico moral.

<sup>10</sup> RUBIO. Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades.

<sup>11</sup> MACHADO; RUBIO. Legados do esporte, p. 70.

<sup>12</sup> FRANCE; ROCHE. Sport mega-events, urban policy and youth identity.

<sup>13</sup> ROCHE. *Mega-events and modernity*, 1.

Em decorrência da Copa 2014 e dos Jogos Olímpicos 2016, segundo Tavares, os termos “megaevento” e “legado” tornaram-se bem presentes em nosso cotidiano, gerando crescentes debates e investigações.<sup>14</sup> Esse autor ressalta que os esforços acadêmicos para a conceituação de megaevento, no Brasil, ainda são objeto de importantes discussões.

De modo geral, legado pode ser entendido como o resultado de um determinado acontecimento. Para o governo, a Copa 2014 se constituiu como um catalisador de obras e investimentos, ao dinamizar a economia, fortalecendo, assim, a posição do país no mercado mundial.<sup>15</sup> Dessa forma, a aceleração das economias locais, as inovações tecnológicas e técnicas demonstram o potencial de impacto desses acontecimentos e, portanto, conduzem a uma imagem positiva do espaço urbano, socialmente atraente e organizado para a recepção dos turistas e a melhoria da qualidade de vida dos moradores, tornando as cidades-sede competitivas e articuladas com os propósitos dos legados desse evento. Conforme o portal da Copa, “a visibilidade obtida pelo Brasil no exterior, impulsionada pela realização da Copa 2014 já trouxe ganhos expressivos no turismo”.<sup>16</sup> Logo, esse megaevento de futebol é instrumento de produção do discurso sobre os legados esportivos, dada a sua projeção local, regional, nacional, continental e mundial.

O legado comumente é visto como um benefício em diversas áreas, trazido por uma intervenção planejada para as cidades que sediam os megaeventos esportivos. Por serem complexos e multidimensionais, esses eventos implicam em contradições e dificuldades, podendo ocorrer um legado negativo. Eles necessitam ter um planejamento comprometido com a população local e estar em consonância com o plano urbano para se tornarem positivos.<sup>17</sup> Para Rodrigues e Pinto, do ponto de vista social, espera-se que os legados de megaeventos esportivos ao transformarem a estrutura e o cotidiano das cidades beneficiem toda a população.<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> TAVARES. Megaeventos esportivos.

<sup>15</sup> Informações do Governo Federal sobre a Copa 2014 disponíveis em: <<http://www.copa2014.gov.br>>.

<sup>16</sup> Ver mais sobre esse assunto em: <<http://www.copa2014.gov.br>>.

<sup>17</sup> RODRIGUES; PINTO. Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro.

<sup>18</sup> RODRIGUES; PINTO. Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro.

De acordo com Preuss “o legado é a estrutura planejada ou não, positiva ou negativa, tangível ou intangível que foi ou será criada por meio de um evento esportivo e que permanece depois do mesmo”.<sup>19</sup> Sobre a estrutura Preuss, concordo com a observação de Souza e Pappous, que ela corresponde aos elementos que foram criados ou modificados como consequência da realização do megaevento, tais como infraestruturas, desenvolvimento de habilidades e educação, imagem, emoções, redes de interação e valores culturais gerando os legados tangíveis e intangíveis. Os legados tangíveis, por terem maior visibilidade, normalmente assumem maior importância e prioridades quando se trata dos megaeventos. As estruturas, materiais e econômicas são elementos de maior precisão quando se busca medir e avaliar os resultados. Quanto aos legados intangíveis, são imateriais, e há uma dificuldade de aferir com precisão os resultados.

Villano, Silva, Rizzuti, Miragaia e Costa ressaltam que “é necessário se ter em mente a importância do custo-oportunidade”.<sup>20</sup> Eles afirmam que não há lugar para improvisação em megaeventos, por isso, um planejamento consistente pode gerar: “a) legados do evento em si; b) legados da candidatura do evento; c) legados da imagem do Brasil; d) legados de governança; e e) legados de conhecimento”. Para Filgueira, o grande desafio que deve pautar e orientar as ações dos nossos dirigentes é a produção de legados que venham a contribuir para a reversão do quadro de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social que caracteriza a sociedade brasileira.<sup>21</sup>

Segundo Proni e Silva, os efeitos imediatos de um megaevento esportivo como a Copa do Mundo de futebol e os legados mais duradouros são bastante diferentes entre as nações, devido aos estágios de desenvolvimento econômico diferentes.<sup>22</sup> Países emergentes requerem mais investimentos em infraestrutura aumentando consideravelmente os riscos e custos de oportunidade, porém, o custo do trabalho é relativamente mais baixo, podendo representar custos operacionais e de infraestrutura menores. Em contrapartida a realização de uma Copa pode canalizar recursos para sanar tais problemas.

---

<sup>19</sup> PREUSS. Lasting effects of major sporting events, p. 3. (Tradução minha).

<sup>20</sup> VILLANO; SILVA; RIZZUTI; MIRAGAIA; COSTA. Gestão de legados de megaeventos esportivos, p. 48.

<sup>21</sup> FILGUEIRA. Importância dos legados de megaeventos esportivos para a Política Nacional do Esporte.

<sup>22</sup> PRONI; SILVA. *Impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014*.

No que diz respeito aos diferentes efeitos e demandas dos megaeventos, observa-se que os investimentos educacionais e propostas pedagógicas cujos ganhos são intangíveis e, portanto mais difíceis de serem previstos, por serem de difícil mensuração, passam a depender de muitos fatores para geração de resultados, já que estes não se fazem de imediato. O legado pode ser visto como um processo para realização de um evento como o da Copa 2014. Para Bernabé e Starepravo, os megaeventos contribuem para educação, principalmente para a Educação Física, por se tratar de discussões do esporte, práticas corporais e desenvolvimento físico.<sup>23</sup>

Silva também aborda a Educação Física escolar relacionada aos legados de megaeventos esportivos, com destaque para possíveis aspectos positivos e negativos que poderão refletir nessa disciplina.<sup>24</sup> Com relação aos aspectos positivos dos legados de megaeventos para a Educação Física escolar é enfatizado: 1) aulas que viabilizem aos alunos a produção de novos conhecimentos, visando a parceria dos alunos na ressignificação de temas, com base no conhecimento sistematizado; 2) busca da articulação teoria-prática, da transformação da informação em conhecimento, para que os alunos analisem as mensagens da mídia na formação do espectador sem formatação; 3) aulas em que se tenha possibilidade de debater, refletir e ressignificar o esporte e outras práticas corporais; e 4) a possibilidade de uma educação para o lazer com ênfase no conteúdo físico esportivo que poderá viabilizar para o aluno o acesso a elementos que serão fundamentais em suas opções de lazer durante a vida. Esses aspectos são importantes e devem ser buscados independente de um megaevento, porém o contexto oportuniza tais legados.

A respeito dos possíveis aspectos negativos a autora destaca: 1) a questão da Educação Física escolar reforçar a ideia presente no senso comum de que o esporte é um meio para retirar jovens da rua e do vício, tendo a mídia exacerbando o esporte de alto rendimento como se atingisse todos os jovens; 2) o problema de não haver reflexão sobre as informações difundidas no meio social e de não haver a transformação das mesmas em conhecimento; e 3) o fato da Educação Física

---

<sup>23</sup> BERNABÉ; STAREPRAVO. Megaeventos esportivos.

<sup>24</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

escolar enfatizar os megaeventos esportivos sem levar em conta a realidade dos alunos, sua compreensão inicial e tratar o esporte como o único elemento da cultura corporal de movimento a ser discutido na escola.

Os megaeventos são uma oportunidade de realizar essa discussão em conjunto com a academia. As escolas e os governos devem criar oportunidade para os professores de Educação Física terem acesso aos novos conhecimentos produzidos na área e manter um processo contínuo de formação, gerando mais chances de construção de projeto escolar comprometido com a emancipação dos estudantes.<sup>25</sup>

Daólio se preocupa com a maneira como tem ocorrido a concepção e organização dos megaeventos esportivos no País, para esse autor existe o risco de gerar pessoas passivas que apenas consumam os espetáculos esportivos e os produtos a eles associados predominando o consumismo, sem possibilidade de maiores conhecimentos e, sobretudo, de prática. Também chama a atenção para o papel do professor que deve assumir esse trabalho de esclarecimento com os estudantes. Daólio afirma que:

[...] a tarefa urgente e fundamental da Educação Física escolar: diante do fato de que os megaeventos esportivos estão mesmo acontecendo, os professores da área devem assumir esse tema em suas aulas, não no sentido de reproduzir o ufanismo acrítico propalado pela mídia, mas de estimular junto aos alunos um conhecimento crítico que leve à prática esportiva consciente e transformadora. Como mediadores pedagógicos que são, os professores de Educação Física atualizam significados junto com seus alunos, desconstroem visões de senso comum e reconstroem e ampliam outras formas de compreensão em relação aos conteúdos da área. Nesse sentido é possível esperar que, a partir da mediação da Educação Física escolar, a compreensão e a relação dos alunos com os megaeventos esportivos serão qualificadas.<sup>26</sup>

Considerando a Copa 2014 como um megaevento de lazer e buscando um maior envolvimento das disciplinas escolares, Bracht afirma que as diferentes disciplinas da escola devem contribuir para a educação para o lazer.<sup>27</sup> Porém, de acordo com a organização dos conhecimentos e práticas escolares a Educação Física e a Educação Artística possuem uma relação mais direta com o lazer, pois

---

<sup>25</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

<sup>26</sup> DAÓLIO. Educação física escolar e megaeventos esportivos, p. 135.

<sup>27</sup> BRACHT. Educação física escolar e lazer.

educam para ele ao transmitir suas práticas que podem ser vivenciadas nessa dimensão da vida. Bracht defende a ideia de que:

[...] não devemos responsabilizar exclusivamente uma ou outra disciplina escolar pela educação para o lazer (a Educação Física e a Educação Artística por exemplo), mas que a escola como um todo, deve assumir a educação para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica em colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implicaria em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar que, diga-se logo, não envolve apenas os saberes e as práticas escolares, mas também, o tempo e o espaço.<sup>28</sup>

Em uma direção semelhante que busca a relação entre os conhecimentos, Silva, Souza Neto e Campos, ao refletir sobre o lazer na escola, afirmam: “é fundamental e requer urgência o encaminhamento de propostas de ação que contemplem o desenvolvimento e a sistematização de experiências interdisciplinares no âmbito do lazer”.<sup>29</sup> Portanto, podemos identificar a aproximação entre essa tríade: o megaevento da Copa 2014, lazer e educação.

#### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Duas categorias foram construídas neste estudo: a denominada de “legado para a educação e cultura” e a segunda “negação do legado para a educação”. A primeira foi composta por quatro unidades de significação analisadas na seguinte ordem: legado para a cultura, legado para a formação; legado para a educação e legado para o esporte. A segunda foi constituída pelo legado e negócio e não deixa legado para a educação.

Na análise da unidade de significação “legado para a cultura”, Bracht entende que a cultura que dá sentido e justifica a educação,<sup>30</sup> o que nos permite pensar em uma forma de educação que não privilegia somente o saber lógico formal presente no conhecimento científico. Esse autor opera com uma ampla noção de cultura, afirmando que a função social da escola é a transmissão de parte do legado cultural da humanidade. Assim, o lazer como um elemento da cultura é

---

<sup>28</sup> BRACHT. Educação física escolar e lazer, p. 164.

<sup>29</sup> SILVA; SOUZA NETO; CAMPOS. Lazer, torcidas e futebol.

<sup>30</sup> BRACHT. Educação física escolar e lazer.



responsabilidade da escola, porque o que justifica o empreendimento educativo é a transmissão e perpetuação da experiência humana como cultura.

**Quadro 1 - Categorias estabelecidas para os legados**

Aproximação entre as falas dos sujeitos	Sujeitos / entrevistas	Unidades de significação	Categoria
Os cursos são positivos para educação.	1, 2 e 3	Legado para a formação	Legado para a educação e cultura
“Há uma valorização da educação com a Copa”.	4		
“A Copa traz mensagem de paz, harmonia, contra violências e agressões”.	2		
“O legado é relacionar as dimensões, políticas, geográficas, sociológicas e econômicas com os campos do saber”.	6		
“As manifestações trouxeram mais participação dos jovens”.	9 e 4		
“As manifestações mostraram como a população está insatisfeita”.	3		
“O futebol mostra o trabalho em equipe (relacionamento)”.	7	Legado para o esporte	
A Copa traz mais jogos para a Educação Física (mais esporte).	8 e 9		
“O legado pode ficar para o esporte, mas não sei se fica para a educação”.	10		
“Ver os jogos de perto mais próximo do real, é ver o espetáculo”.	11	Legado para a educação	
“A reflexão para a escola e para o mundo”.	12		
“Reflexão sobre o sentido de ser um cidadão brasileiro”.	13		
Aproximação dos alunos com outras culturas.	14,15,16, 17 e 18	Legado para a cultura	
“Vai trazer um conhecimento e uma boa experiência”.	19		
É um evento enorme, de grande riqueza cultural.	20		
A experiência que os brasileiros vão ganhar vai trazer melhorias para cada pessoa.	21 e 5		
“Não vai deixar nada nem para a educação e nem para escola”.	23	Não deixa legado para a educação	Negação do legado para a educação
Não vejo herança para a educação e não é do ponto de vista do pedagógico.	22 e 18		
“Não há investimentos no esporte na própria escola”.	20		
“É um evento mais comercial que educativo. Não é para a educação, parece ser publicitário e comercial. Não se sabe se ideologicamente há ensinamentos, é mais comercial que cultural. O foco é o comércio, a mercadoria, é a marca, vitrine. Somos mercadoria”.	5	Legado e negócio	

Fonte: Autor da pesquisa.

Segundo Silva, a escola deve ser um espaço de troca de conhecimentos que são historicamente construídos ao longo do tempo e precisa estar aberta a novos saberes que são elaborados permanentemente pela sociedade.<sup>31</sup> Um megaevento como da Copa 2014 pode ser entendido como exemplo dessas trocas de conhecimentos, que na visão de Damo ocorrem no campo simbólico com forte apelo para a sua realização.<sup>32</sup>

De acordo com entendimento de alguns participantes, esse megaevento poderia trazer como legado a “aproximação dos alunos com outras culturas”, conforme as entrevistas 14, 15, 16, 17 e 18, pelo fato de ser “um evento enorme, de grande riqueza cultural” segundo o sujeito 20, e “vai trazer um conhecimento e uma boa experiência”, de acordo com o relato 19.

As respostas indicam que o legado da Copa 2014 poderia ser uma oportunidade da escola ser um veículo de transmissão de cultura para o estudante conhecer e aproximar das pessoas de outras nacionalidades, percebendo que as diferenças com os outros mostram a diversidade como uma riqueza cultural. Daólio ao afirmar que:

[...] um costume ou uma prática de um determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que outros do nosso próprio grupo. Ambos têm significados próprios que os justificam no grupo no qual ocorrem. Portanto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente. Porque os homens são iguais justamente pela expressão de suas diferenças.<sup>33</sup>

Com relação a educação e a cultura, Forquin ressalta que a cultura escolar se refere aos acontecimentos intencionalmente trabalhados na escola.<sup>34</sup> De acordo com esse autor, “educar, ensinar é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que deles se nutra, que os incorpore à sua substância, que ele construa a sua identidade intelectual e pessoal”.<sup>35</sup> Então, a aproximação dos elementos da cultura (o lazer, o futebol e a Copa 2014)

---

<sup>31</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

<sup>32</sup> DAMO. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo.

<sup>33</sup> DAÓLIO. *Da cultura do corpo*, p. 100.

<sup>34</sup> FORQUIN. *Escola e cultura*.

<sup>35</sup> FORQUIN. *Escola e cultura*, p. 168.

articulados com projetos desenvolvidos pela escola consiste em uma forma contextualizada para se educar.

Dessa forma, Rubio considera que a realização de um megaevento esportivo pode representar um momento oportuno para alavancar a discussão a respeito do multiculturalismo, pela sua capacidade de estabelecer na escola o reconhecimento de igualdade dos povos, a negação da intolerância e a prática da compreensão. Logo, os megaeventos são considerados um “campo fértil de investigação de relações sociais complexas e paradoxais da sociedade moderna”.<sup>36</sup>

As entrevistas dos sujeitos 21 e 5 referem-se “a experiência que os brasileiros vão ganhar vai trazer melhorias para cada pessoa”. Essa afirmação “determinista” parece estar em discordância com Forquin e Bracht, que propõe uma relação crítica com a cultura em suas várias manifestações. Entendo que a subjetividade de cada experiência atinge os indivíduos de forma e intensidade diferentes, não podendo ser universalizada a ideia que “vai trazer melhoria para cada pessoa”.

Sobre o legado para a formação, para Dantas Junior o esporte tem uma finalidade formativa, voltada para humanizar o sujeito e não excluí-lo ou animalizá-lo.<sup>37</sup> Ainda Dantas Junior, questiona “o que podem os megaeventos esportivos acrescentar à formação das crianças e jovens brasileiros? Sobretudo, como a escola, já por demais espetacularizada, e a Educação Física se inserem nesse debate?”<sup>38</sup> Esse autor traz uma contribuição importante, questionando a ação formativa dos megaeventos.

As entrevistas a seguir se inserem na ideia do legado para a formação. São elas:

“os cursos são positivos para educação” (Sujeitos 1, 2 e 3);  
“a valorização da educação” (Sujeito 4);  
“a Copa traz mensagem de paz, harmonia, contra violências e agressões” (Sujeito 2);  
“o legado é relacionar as dimensões políticas, geográficas, sociológicas e econômicas com os campos do saber” (Sujeito 6);  
“as manifestações trouxeram mais participação dos jovens” (Sujeitos 9 e 4);  
e “as manifestações mostraram como a população está insatisfeita” (Sujeito 3).

---

<sup>36</sup> ALMEIDA; MEZZADRI; MARCHI JÚNIOR. Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos, p. 181.

<sup>37</sup> DANTAS JUNIOR. Espetacularização da escola.

<sup>38</sup> DANTAS JUNIOR. Espetacularização da escola, p. 34.

Assim, o legado aparece por meio de ações formativas que possam ser significativas para os professores. Libâneo nos diz que a escola:

[...] é aquela que assegura a todos a formação cultural científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura promovida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana.<sup>39</sup>

A formação cultural ocorreu também com a participação dos alunos nos protestos nas ruas reivindicando transparência e participação nas decisões do País. Durante a Copa das Confederações em 2013 ocorreu um grande número de protestos pelo país, sendo muitos deles com confronto entre os manifestantes e a segurança policial. As manifestações tinham intenções, intensidades e reivindicação distintas, porém uma pauta comum foi à organização da Copa 2014, seus custos, seus legados e também a ingerência da FIFA no país e nas cidades-sede.

Os relatos dos entrevistados 9 e 4 “as manifestações trouxeram mais participação dos jovens”; e 3 “as manifestações mostraram como a população está insatisfeita”. A escola pesquisada se organizou e participou dos protestos.<sup>40</sup> Essa ação estimulada pelo corpo docente contribuiu para a formação dos estudantes que vivenciaram uma experiência concreta como forma de manifestar os seus direitos como cidadãos.

Pinto considera que o conhecimento é o centro na relação lazer e educação como processo/produto de formação humana que promove não só o domínio de conhecimentos específicos sobre o lazer como também de competências e habilidades adequadas a formação/atuação política, ética e estética.<sup>41</sup> Dessa forma, o lazer no processo educativo adquire um papel que está na base da formação humana.

Quanto ao legado para a educação, a fala do Sujeito 6, a afirmação que o legado da Copa 2014 estaria em “relacionar as dimensões, políticas, geográficas, sociológicas e econômicas com os campos do saber”. Ou seja, esse entrevistado traz

---

<sup>39</sup> LIBÂNEO. *Adeus professor, adeus professora?*, p. 7.

<sup>40</sup> Alguns professores se organizaram com alunos e foram para as ruas, mostrando que a escola estava presente nas manifestações.

<sup>41</sup> PINTO. *Lazer e educação*.

para a escola o megaevento numa perspectiva educativa dentro de uma abordagem multidisciplinar como considera Bracht.<sup>42</sup> Silva propõe que as aulas devem propiciar o debate, a reflexão e a ressignificação do esporte e transformar a informação midiática em conhecimento. A escola como um espaço de reflexão é condição de possibilidade para problematizar e estabelecer suas análises e também o legado de forma independente e autônoma.<sup>43</sup>

As entrevistas 12, “a reflexão para a escola e para o mundo”, e 13, “a reflexão sobre o sentido de ser um cidadão brasileiro”, revelam que a Copa 2014 traz o “legado da reflexão” para a escola, portanto são os atores da própria escola que estão refletindo sobre aquilo que pode ser o seu legado. Se esse evento apresenta a possibilidade de reflexões no ambiente escolar, sinaliza que a instituição pode se apropriar dos legados educacionais que emergem desse contexto, uma vez que possui autonomia para problematizá-lo e construí-lo.

Marcellino,<sup>44</sup> Daólio,<sup>45</sup> Mascarenhas,<sup>46</sup> Bracht,<sup>47</sup> Melo,<sup>48</sup> Pinto,<sup>49</sup> Silva,<sup>50</sup> Dantas Junior<sup>51</sup> e Silva e Campos<sup>52</sup> são autores que mesmo com as suas diferentes concepções e propostas autônomas no campo do lazer e da educação apresentaram um traço em comum, que é a necessidade da reflexão do sujeito sobre os contextos sociais que estão envolvidos e a constante busca do desenvolvimento do espírito crítico. Ao considerar essa ideia encontrada em todos esses autores penso que a problematização é o legado desse megaevento para a educação.

Portanto, o legado da Copa 2014 para a educação pode e deve ser elaborado pela própria escola. Problematizar múltiplos aspectos desse megaevento esportivo possibilita identificar e analisar os diferentes pontos de vistas sobre esse acontecimento. A partir das problematizações poderão surgir os diversos olhares

---

<sup>42</sup> BRACHT. Educação física escolar e lazer.

<sup>43</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

<sup>44</sup> MARCELLINO. *Pedagogia da animação*.

<sup>45</sup> DAÓLIO. *Da cultura do corpo*.

<sup>46</sup> MASCARENHAS. *Lazer como prática da liberdades*; MASCARENHAS. Políticas sociais, lazer e educação.

<sup>47</sup> BRACHT. Educação física escolar e lazer.

<sup>48</sup> MELO. *A animação cultural*; MELO. *Verbete Lúdico*.

<sup>49</sup> PINTO. *Lazer e educação*.

<sup>50</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

<sup>51</sup> DANTAS JUNIOR. *Espetacularização da escola*.

<sup>52</sup> SILVA; CAMPOS. *Futebol e Educação Física na escola*.

sobre esse legado, apontando os pontos positivos e negativos que o envolve. Dessa forma, defendo que o maior legado para a educação desse megaevento está na sua capacidade de aprofundar na problematização sobre a Copa 2014 e isso constitui em um papel da escola.

Entretanto, se defendo a problematização, já problematizo que os aspectos apontados por Silva, afirmando a existência de possíveis legados positivos e negativos para a Educação Física escolar,<sup>53</sup> podem ser pensados que, de fato, não é necessário ter uma Copa do Mundo de futebol para se considerar os aspectos reflexivos apontados pela autora como possíveis legados, pois esses aspectos devem fazer parte “do cotidiano” das aulas. De fato deve estar inserido no dia a dia, mas penso que a Copa 2014 não foi um fato do cotidiano e não é um evento como os ordinários (campeonatos estaduais e nacional), foi um megaevento extraordinário pela sua dimensão e complexidade que merecia uma diretriz educacional oficial para as unidades escolares com vistas a tratar a Copa 2014 pedagogicamente, tomando como referência a relação da educação/oportunidade, pois envolveu a sociedade brasileira e apresentou a possibilidade de vários legados dentre eles para a educação. O diferencial está em todo o contexto, nos diferentes impactos e na repercussão desse megaevento. Dessa forma, essa discussão evidencia a dificuldade de se determinar o legado pela sua intangibilidade, mostrando que os legados para a educação são alvo de polêmicas.

O legado para a educação, que em muitos casos são proclamados por indivíduos que desconhecem o cotidiano da escola. Para isso, Paulo Freire menciona que a reflexão crítica se torna uma exigência para a compreensão da realidade de forma autônoma.<sup>54</sup> Dessa forma, uma educação que busca na autonomia, uma forma de intervenção no mundo com liberdade e consciência nas decisões e nos diálogos, incorpora esses elementos nas ações educativas pelo e para o lazer. Logo, a escola é a instituição legítima para estabelecer qual o legado para a educação advindo da Copa 2014.

Sobre o legado para o esporte, de acordo com as entrevistas 8 e 9, “a Copa traz mais jogos para a Educação Física (mais esporte)”. Se aderirmos à lógica

---

<sup>53</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

<sup>54</sup> FREIRE. *Pedagogia da autonomia*.

hegemônica do esporte fora da escola corre-se o risco de aplicarmos o esporte de rendimento aos estudantes. Bracht e Almeida nos alertam para o ímpeto de adotarmos a lógica do esporte dos megaeventos como o esporte da escola.<sup>55</sup> Os educandários são instituições com códigos, princípios, valores e interesses voltados aos objetivos educacionais, enquanto o esporte de rendimento prima pela vitória, pelo lucro, pela supremacia e pelo espetáculo.

Mascarenhas, em relação aos megaeventos e à Educação Física escolar, considera negativa a retomada da ideia de pirâmide esportiva e chama a atenção para os perigos em relação à perda do projeto político pedagógico da Educação Física para o esporte de rendimento, pois

[...] há de se dizer que os objetivos da Educação Física devem ser os objetivos da escola e não de políticas e interesses transitórios e externos à sua realidade, como o demandado pelos megaeventos esportivos, em especial, pelo projeto olímpico. Deste modo, o esporte não pode ser confundido com Educação Física, mas deve ser compreendido apenas como um dos seus elementos, junto com a ginástica, o jogo, a dança, a luta, dentre outras práticas corporais produzidas pela humanidade.<sup>56</sup>

O legado da Copa 2014 segundo a entrevista 11, é “ver os jogos de perto mais próximo do real, é ver o espetáculo”. A ideia de espetáculo pode ser encontrada em Debord, “o espetáculo é o capital em alto grau de acumulação que se torna imagem”.<sup>57</sup> Esse autor é um crítico do capital e apresenta como elemento central de sua teoria a alienação que está para além de uma descrição de emoções. É o modo de organização social no capitalismo que assume novas formas e conteúdos em seu processo de coisificação da vida humana.

Os Sujeitos das entrevistas 7 e 10 afirmam, respectivamente, que “o futebol mostra o trabalho em equipe (relacionamento)” e “o legado pode ficar para o esporte, mas não sei se ficará para a educação”. A esse respeito Silva destaca o papel da escola, em especial, das aulas de Educação Física com a possibilidade de debater,

---

<sup>55</sup> BRACHT; ALMEIDA. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar.

<sup>56</sup> MASCARENHAS. Megaeventos esportivos e educação física, p. 60.

<sup>57</sup> DEBORD. *A sociedade do espetáculo*, p. 14.

refletir e ressignificar o esporte e demais práticas culturais.<sup>58</sup> Assim, as ações e os legados podem deixar ganhos e perdas a partir da reflexão que se constrói.

A segunda categoria de negação do legado para a educação constitui-se em um contraponto com a categoria educação e cultura. Enquanto a primeira categoria analisada afirma que existem legados para a educação, a segunda estabelece que a Copa 2014 não apresentou legado algum no campo da educação escolar.

A Copa 2014 “não vai deixar nada nem para a educação e nem para escola” (entrevista 23) e “não vejo herança para a educação e não é do ponto de vista do pedagógico” (entrevista 22 e 18). Essas falas negam um legado para a educação advindo da Copa 2014.

O Sujeito 20 relata que “não há investimentos no esporte na própria escola”. De fato a fala 20 revela um quadro que pode ser constatado na rede pública estadual. Além disso, não é raro encontrar as aulas de Educação Física sendo compreendidas apenas como esporte, não considerando a ginástica, o jogo (brincadeiras), a dança, a luta, dentre outras práticas corporais produzidas ao longo história. Retomo a ideia: “os objetivos da Educação Física devem ser os objetivos da escola e não de políticas e interesses transitórios e externos à sua realidade, como o demandado pelos megaeventos esportivos”.<sup>59</sup> Portanto, há um disparate entre o esporte hegemônico que é apresentado pela mídia e a precariedade dos investimentos destinados ao esporte escolar.

O Sujeito entrevistado 5 nos diz que a Copa do Mundo de Futebol

[...] é um evento mais comercial que educativo. Não é para a educação, parece ser publicitário e comercial. Não se sabe se ideologicamente há ensinamentos, é mais comercial que cultural. O foco é o comércio, a mercadoria, é a marca, vitrine. Somos mercadoria.

Essa fala nos coloca como reféns de um sistema econômico. Porém, dialogo com a ideia de Mascarenhas, que acredita ser possível buscar mudanças para enfrentar a condição de dominação que os grupos hegemônicos nos impõem,

---

<sup>58</sup> SILVA. Legados de megaeventos esportivos.

<sup>59</sup> MASCARENHAS. Megaeventos esportivos e educação física, p. 60.



através da intervenção nas organizações populares ao utilizar o lazer como instrumento de educação cidadã, buscando humanizar essa lógica da mercadoria.<sup>60</sup>

As cidades também parecem ser atingidas pela lógica da mercadoria. As cidades-sede sofreram mudanças para atender prioritariamente às demandas turísticas, e também às exigências da FIFA (assim como seus patrocinadores). As transformações readequaram as cidades para que proporcionassem maior conforto e uma melhor circulação dos turistas quanto aos pontos a serem visitados, de forma a privilegiar as imagens dos patrocinadores do evento que possuem interesse em dar visibilidade global em seus produtos.<sup>61</sup>

A respeito do caráter econômico citado na entrevista 5, não restam dúvidas de que o megaevento da Copa 2014 se transformou nas últimas quatro edições em um lucrativo negócio, evidenciando um ganho econômico para a FIFA e deixando a expectativa de muitos ganhos para a cidade. Além de comercializar as imagens com a televisão, acrescenta-se aos ganhos a venda de ingressos para os jogos, os patrocinadores e o fato da FIFA não custear as construções e reformas nos estádios, além das obras de infraestrutura exigidas para o evento. Portanto, nada mais justo que diante de tantas exigências de investimento feitas pela FIFA, houvesse um retorno para a educação num país que notoriamente carece de investimentos maciços nessa área.

Assim, a Copa 2014 apresentou uma expectativa positiva sobre o legado econômico reconhecido principalmente pelos governos envolvidos, sobretudo com as obras e os empregos temporários, e também para os grupos empresariais que se beneficiaram com o evento. Vale lembrar, que restam por todo País uma série de obras equivocadas e/ou inacabadas, evidenciando o desperdício do dinheiro público. Além disso, esse estudo constituiu em uma contribuição para pensar o legado desse megaevento para a educação que ficou aquém das suas possibilidades.

---

<sup>60</sup> MASCARENHAS. *Lazer como prática da liberdades*; MASCARENHAS. Políticas sociais, lazer e educação.

<sup>61</sup> GONÇALVES. A lógica do “elefante branco”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os legados que envolvem uma Copa do Mundo de futebol podem ser tangíveis ou intangíveis. De modo geral, os tangíveis por terem maior visibilidade assumem maior importância e prioridades quando se trata dos megaeventos. As estruturas, materiais e econômicas são elementos de maior precisão e percepção quando se busca medir e avaliar os resultados. Quanto aos legados intangíveis, são imateriais, e há uma dificuldade de aferir com precisão os resultados. Neste estudo, a intangibilidade dos legados da Copa 2014 para a educação mostrou a complexidade em se tratar desse assunto no campo educacional, devido à imaterialidade dos mesmos.

No propósito de saber dos entrevistados se a Copa 2014 deixaria algum legado para a educação foram construídas duas categorias. A primeira de legados para a educação e cultura que envolveu também a intervenção na formação dos alunos e para o esporte. Por meio dessa categoria, foi abordada a questão da escola como um espaço de reflexão, ao problematizar esse megaevento, ou seja, os sujeitos da própria instituição escolar estariam estabelecendo o legado para a educação, construindo de forma autônoma o seu próprio legado.

A segunda categoria recebeu a denominação de negação do legado para a educação. Essa categoria encontrou-se fundamentada em negar que há legados para a educação ao ignorar a possibilidade de intervenção pedagógica, demonstrando que esse megaevento apontou um caráter econômico e comercial. Porém, baseado na primeira categoria (legado para a educação e cultura), os argumentos construídos e apresentados demonstraram um forte indício na existência do legado para a educação. No entanto, não é possível negar a finalidade econômica, comercial e os múltiplos interesses na realização da Copa 2014.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MEZZADRI, Fernando Marinho; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos. **Motrivivência**, ano XXI, n. 32/33, p. 178-192, jun.-dez. 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BERNABÉ, Andressa Peloi; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Megaeventos esportivos: o desenvolvimento do legado esportivo educacional. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 2, p. 456-471, jan.-mar. 2014.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física escolar. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, p. 133-145, jan.-jun. 2013.

BRACHT, Valter. Educação física escolar e lazer. In: WERNECK, Christiane Lucce Gomes; ISAYAMA, Helder Ferreira. (Org.). **Lazer, recreação e Educação Física**. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1, 2003, p. 147 -172.

BRASIL. **Lei nº 12.663**, de 05 de Junho de 2012. Dispõe sobre as medidas relativas à Copa das Confederações FIFA 2013, à Copa do Mundo FIFA 2014 e à Jornada Mundial da Juventude - 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/7WnjuB>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

DAMO, Arlei Sander. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Razón y Palabra**, n. 69, p.1-35, jun.-ago. 2009.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, p. 35-46, jan.-jun. 2013.

DAÓLIO, Jocimar. Educação Física escolar e megaeventos esportivos: desafios e possibilidade. **Revista Kinesis**, v. 31, n. 1, p. 125-137, jan.-jun. 2013.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus. 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FILGUEIRA, Julio Cesar Monzú. Importância dos legados de megaeventos esportivos para a Política Nacional do Esporte: cidade, cidadania e direitos dos cidadãos. In: RODRIGUES, Rejane Penna *et al.* (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 65-73.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCE, A.; ROCHE, Maurice. Sport mega-events, urban policy and youth identity: sigues of citizenship and exclusion in Sheffield. In.: Maurice Roche (ed.) **Sport, Popular Culture and Identity**. Aachen: Meyer & Meyer, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GONÇALVES, Glauco Roberto. A lógica do “elefante branco”: obsolescência programada do espaço na Copa de 2014. **Ateliê Geográfico**, v. 7, n. 3, p. 240-256, dez. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Questões da nossa época; v. 67).

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Docência em Formação, Saberes Pedagógicos).

MACHADO, Raoni; RUBIO, Katia. Legados do esporte: atleta, cultura e educação. *In:* MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Legados de megaeventos esportivos.** Campinas: Papyrus, 2013. (Coleção Fazer/Lazer).

MADRUGA, Djan. Megaeventos esportivos como gestão de custos oportunidades. *In:* RODRIGUES, Rejane Penna *et al.* (Org.). **Legados de megaeventos esportivos.** Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 59-64.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação.** Campinas: Papyrus, 1990.

MASCARENHAS, Fernando. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami. **Revista Movimento**, v. 18, n. 1, p. 39-67, jan.-mar. 2012.

MASCARENHAS, Fernando. Políticas sociais, lazer e educação: apontamentos para uma pedagogia crítica. **Revista Corpo Consciência**, v. 11, n. 2, p. 2-9, jul.-dez. 2007.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade:** uma proposta educativa para a juventude. Goiânia: Editora UFG, 2004.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural:** conceitos e propostas. Campinas: Papyrus, 2006.

MELO, Victor Andrade de. Verbete Lúdico. *In:* GOMES, Christiane. Lucce. (Org.). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p. 12-15.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e educação: desafios da atualidade. *In:* MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e sociedade:** múltiplas relações Lazer e sociedade: algumas reflexões. São Paulo: Alínea, 2008, p. 45-61.

PIRES, Luciana Santos; BAPTISTA, Luana Fernanda da Silva; PORTUGAL, Licínio da Silva. Megaeventos e o desenvolvimento urbano e regional: uma análise das especificidades e impactos proveniente dos jogos olímpicos e um panorama para a cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Anpur, 2013.

PREUSS, Holger. Lasting effects of major sporting events. **Institute of Sport Science**, Germany, 2006.

PRONI, Marcelo Weishaupt; SILVA, Leonardo Oliveira da. **Impactos econômicos da Copa do Mundo de 2014:** projeções superestimadas. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 211, out. 2012.

RATTON, José Luiz. Megaeventos esportivos, violência e pânico moral: breves considerações sociológicas. **Coletiva**, n. 8, abr.-maio-jun. 2012.

ROCHE, Maurice. **Mega-events and modernity**: Olympics and Expos in the Growth of Global Culture. New York: Routledge, 2000.

RODRIGUES, Rejane Penna; PINTO, Leila Mirtes de Magalhães. Subsídios para pensar os legados de megaeventos esportivos em seus tempos presente, passado e futuro. In: RODRIGUES, Rejane Penna *et al.* (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 21- 25.

RUBIO, Katia. O legado educativo dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, v. 2, n. 32/33, p. 71-88, jun.-dez. 2009.

RUBIO, Katia. Os Jogos Olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. IX, n. 194 (85), ago. 2005.

SILVA, Cinthia Lopes da. Legados de megaeventos esportivos: perdas e ganhos para a educação física escolar. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Campinas: Papirus, 2013.

SILVA, Silvio Ricardo da. CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Futebol e Educação Física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Ciência e cultura**, v. 66, n. 2, jun. 2014.

SILVA, Silvio Ricardo da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Lazer, torcidas e futebol. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, Silvio Ricardo da. **Estudos do lazer**: um panorama. Rio de Janeiro, Apicuri, 2011, p. 111-123.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação (Mestrado em Lazer) – Programa de Mestrado em Lazer, Escola de Educação Física e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

TAVARES, Otávio. Megaeventos esportivos. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul.-set. 2011.

VILLANO, Bernardo; SILVA, Dirce Maria Corrêa da; RIZZUTI, Elaine; MIRAGAIA, Ana Maria; COSTA, Lamartine Pereira da. Gestão de legados de megaeventos esportivos: pontos de convergência. In: RODRIGUES, Rejane Penna *et al.* (Org.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 47-50.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 01 ago. 2018.  
Aprovado em: 01 nov. 2018.

## **Nem complexo de vira-latas, nem herói genial: o caso da imprensa de Montes Claros frente às máximas de Nelson Rodrigues nas Copas de 1958 e 1962**

*Neither Mongrel Complex, nor Brilliant Hero:  
The Peculiar Case of the Printing Press in Montes Claros Faced with  
Nelson Rodrigues's Maxims circa the 1958 and 1962 World Cups*

**Rogério Othon Teixeira Alves**

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/Brasil  
Doutorando em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais  
rogerioothon@gmail.com

**Luciano Pereira da Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/Brasil  
Doutor em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** A Copa do Mundo de 1958 tornou-se um limiar de passagem do “complexo de vira-latas” para o “herói genial” de Nelson Rodrigues. Todavia, tal sentimento construído na fronteira imaginária da Copa da Suécia poderia ser notado em qualquer cidade brasileira? Neste artigo, objetiva-se discutir nuances que pairam sobre o tema Copa do Mundo de Futebol e o próprio futebol, no período que circundou a Copa de 1958, tomando por base a imprensa do Rio de Janeiro e da cidade de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Conclui-se que o futebol tinha peculiaridades inerentes ao aspecto interno, ou seja, o jornal montes-clarense *Gazeta de Norte* enfocava o futebol municipal, destacando os eventos da cidade em detrimento do futebol externo. Mesmo que o futebol já detivesse significativa importância, não se nota no jornal norte-mineiro crônicas análogas às feitas ao estilo de Nelson Rodrigues, supostamente refletindo o brasileiro através do futebol.

**Palavras-chave:** História; Copa do Mundo; Futebol; Imprensa.

**Abstract:** The 1958 World Cup has become a threshold of Nelson Rodrigues’s “mongrel complex” to the “great hero”. Nevertheless, could such sentiment built on the imaginary boundaries of the Sweden Cup be noticed in any other Brazilian city? This piece aims to discuss the nuances that hang over the topic of the World Cup and the football circa the 1958 Cup, using the Rio de Janeiro and Montes Claros (in the north of Minas Gerais State) printing press as reference. The conclusion is that football had peculiarities attached to the internal aspect, hence the Montes Claros newspaper *Gazeta de Norte* focused on the local football, highlighting the city events rather than the non-local football. Although football held considerable importance, it is not noticed on the north of Minas Gerais newspaper similar chronicles to the Nelson Rodrigues-style, which supposedly conveyed the Brazilian people through football.

**Keywords:** History; World Cup; Football; Press.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em ano de Copa de Mundo de Futebol, como 2018, é comum que o Brasil siga algumas situações próprias do evento, entre elas: diz-se que o ano torna-se menor, pois nos dias de jogos da seleção trabalha-se e estuda-se menos e que o país “para” em função dos jogos. Finalmente, há mais folgas e festas no decorrer da competição e, se o Brasil for campeão, então, atinge-se o ápice do uso do calendário festivo. É um período de possíveis alegrias e frustrações, ansiedade que muitos torcedores/cidadãos carregam de quatro em quatro anos.

Pelo país, o significado do futebol para muitas pessoas pode ser observado no cotidiano, pois é comum que cada brasileiro tenha preferência por alguma equipe, entretanto, durante a Copa do Mundo, todos são representados pela seleção. No dia-a-dia, pode-se até nem se gostar tanto de futebol, no entanto, independente disso, o que é possível afirmar é que ele tornou-se uma paixão nacional manifestada na sua cultura:

O futebol, denominado esporte das multidões, é capaz de levar milhões de torcedores brasileiros e bilhões em todo o mundo a assistirem as partidas nos estádios ou em frente aos televisores, capaz de parar as atividades cotidianas do país em períodos de Copa do Mundo. Talvez, por isso mesmo, tenhamos a impressão bastante disseminada, e fruto de um processo bem sucedido de naturalização, de que o futebol é algo inerente ao brasileiro, quase se confundindo com ele próprio. Essa aproximação é tanta que, podemos até pensar que se não fomos os inventores desse esporte, tal fato só se deu em virtude de alguma piada do destino.<sup>1</sup>

Com tanta proximidade com o futebol, pode-se conjecturar que, dificilmente, haja algum brasileiro totalmente alheio a ele, porque, de alguma forma sempre se é influenciado por esse esporte. Contudo, uma generalização do significado do futebol, num país de dimensões territoriais tão amplas como o Brasil, suscita sentidos e variações próprias de cada região, por vezes, tão distantes e diferentes. Ou seja, as cidades brasileiras são atingidas com maior ou menor significado pelo “mundo do futebol”.

---

<sup>1</sup> SANTOS; BORGES. *Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras*, p. 62-63.

A partir desta hipótese, pois não se pode afirmá-la aqui, a constituição histórica dos aspectos do futebol, Brasil afora, obedeceu às peculiaridades regionais, porque nem sempre o que acontecia no Rio de Janeiro,<sup>2</sup> por exemplo, refletir-se-ia exatamente pelos rincões do país. Sobre esta questão da historiografia do futebol brasileiro, Cleber Dias afirma que

o papel do Rio de Janeiro ou de outros centros metropolitanos na disseminação de esportes “por todo o Brasil”, país que tem pujante diversidade cultural, além de suas conhecidas dimensões continentais, é no mínimo relativo, se não totalmente questionável. Essas condições, na verdade, impedem mesmo a identificação de um ponto único para a disseminação de esportes.<sup>3</sup>

Sendo assim, objetiva-se discutir algumas nuances que pairam sobre o tema Copa do Mundo de Futebol e o próprio futebol, especificamente no período que circundou a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, quando o Brasil sagrou-se campeão, tomando por base a imprensa do Rio de Janeiro, capital federal à época, e a cidade de Montes Claros, situada no sertão norte-mineiro.

Basicamente, a partir das representações da imprensa, nos contextos das cidades pesquisadas, questiona-se: o que acontecia na grande cidade também se notava na pequena cidade do interior? Ao conquistar a Copa tão esperada, algo tão propalado, houve o mesmo significado para ambas? Existiam particularidades regionais que distinguem o alcance das Copas do Mundo?

Uma estratégia para se perceber o universo do futebol brasileiro dos anos 1950 foi o acesso aos periódicos da época. Tal método mostrou-se pertinente, porque que a mídia, como um todo, é um meio de exposição das representações da realidade com a capacidade de influir nas relações e na opinião pública. Por isso, a pesquisa em jornais e revistas, tanto do Rio de Janeiro como de Montes Claros, subsidiaram a busca pela construção do cenário próprio de ambas, relativo ao tema futebol e a Copa do Mundo.

---

<sup>2</sup> O desenvolvimento do esporte no Brasil relaciona-se com o crescimento e remodelação das cidades no final do século XIX e XX, porém, o Rio de Janeiro é a pioneira no processo de desenvolvimento dos equipamentos esportivos no país, tendo como base a Europa e os Estados Unidos, servindo de inspiração para o restante da nação (MELO. Primórdios do esporte no Brasil.).

<sup>3</sup> DIAS. O esporte e a cidade na historiografia brasileira, p. 38.



Sobre o uso dos periódicos como fonte de informações para o trabalho, tal como expõe Luca, entende-se que esta forma de imprensa, jornal ou revista, “[...] seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.<sup>4</sup> Contudo, como estratégia de análise das fontes, é sabido que o historiador “[...] de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”.<sup>5</sup>

De tal modo, no processo do estudo optou-se pelo entendimento de Brinati, quando diz que “[...] entre os meios de comunicação, os jornais impressos apresentam-se como um objeto de estudo de valor acadêmico inegável, à medida que usualmente servem de fonte para os demais veículos e falam diretamente a um público formador de opinião”.<sup>6</sup> Por fim, a imprensa carioca serviu as informações necessárias sobre a Capital e o extinto jornal montes-clarense *Gazeta do Norte* foi a fonte de dados da cidade norte-mineira.

### **O RIO DE JANEIRO E A COPA DE 1958: DO “VIRA-LATA” AO “HERÓI GENIAL”**

Na história do Brasil, diversas são as passagens convencionadas como “mitos fundantes”, da mesma forma, na história do futebol brasileiro também se identificam alguns fatos certamente discutíveis, sendo alguns deles: Charles Miller como o “pai” do futebol; Sport Club Rio Grande, equipe de futebol mais antiga; Vasco da Gama: pioneiro na contratação de negros. Este trabalho não intenciona questionar tais afirmações, mas discute a porosidade de declarações históricas: quando uma “verdade” decretada pode e deve, no mínimo, ser discutida. Afinal, questionar os efeitos do futebol em cidades distantes e distintas como Rio de Janeiro e Montes Claros, no período pré e pós Copa do Mundo de 1958, é possível ou há uma verdade posta e inegável?

A partir de uma postura menos estática, ao se deparar com uma generalização histórica, é importante que se questione tal fato ao ponto de se

<sup>4</sup> LUCA. *Fontes impressas*, p. 139.

<sup>5</sup> LUCA. *Fontes impressas*, p. 139.

<sup>6</sup> BRITANI. *Maracanazo e Mineiraten*, p. 2.

poder rechaçá-la, se necessário e se possível. Então, compreende-se que já exista algum consenso sobre a capacidade de influência do futebol na formação identitária da gente brasileira. Sobre esta competência, Brinati expõe que:

O futebol é, então, um dos elementos representativos do sentimento de identificação nacional, integrante fundamental da Cultura Brasileira. Desde os primeiros anos, ele foi utilizado de maneira relevante em questões de busca do “ser brasileiro”. Produtor de sentidos de fascínio e idolatria pelas equipes e jogadores, já que a trajetória do atleta se assemelharia muito à do herói, com várias proações pelo caminho e, no fim, compartilhando a vitória com os seus semelhantes.<sup>7</sup>

Nos anos 1950, Nelson Rodrigues era um dos cronistas esportivos dos jornais cariocas que melhor se encaixava numa postura crítica, mas de caráter ufanista, criando um discurso efusivo e vibrante, emocional e aproximado de cronista/torcedor.<sup>8</sup> O colunista em questão, ao expressar que o Brasil era a “pátria em chuteiras” ou que o “futebol era o ópio do povo”, quais significados ou objetivos teria? Os entendimentos são diversos, os fatores são inúmeros, por isso que o futebol pode ser o mote de vida um brasileiro, mas pode ser inócuo para outros.

“Como o sacerdote para o ritual, o cronista de futebol é, para o jogoespetáculo, o intérprete privilegiado, iniciado em seus segredos, capaz de compreender o seu lado “misterioso” e “patético” e de desvendar os seus sentidos”.<sup>9</sup> Nelson Rodrigues, entre outros cronistas, refletia o país em suas crônicas, porém, o processo de persuasão rodriguiana da opinião pública não foi abrupta. Nesse método de construção identitária de “país do futebol”, por exemplo, havia um procedimento de divulgação e convencimento, via imprensa, imprimido pelos jornalistas esportivos. Portanto, como asseguram Borges e Santos,

[...] o Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser determinada temporalmente, na qual os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente e, dentre os vários e renomados cronistas esportivos brasileiros, Nelson Rodrigues ocupa um lugar especial.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> BRINATI. *Maracanazo e Mineiraten*, p. 14.

<sup>8</sup> BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*.

<sup>9</sup> SILVA. *O mundo do futebol e a crônica esportiva*, p. 104.

<sup>10</sup> BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 64.

Com o tempo, não foram poucos os pesquisadores que, de alguma forma, aproximaram-se e utilizaram da crônica de Rodrigues para estudos que tematizaram a formação identitária do povo brasileiro. Os textos, muitos deles acessíveis nos arquivos dos jornais que trabalhou e/ou republicados em coletâneas de 1993<sup>11</sup> e 2013,<sup>12</sup> foram base para vários trabalhos acadêmicos, dentre eles: Silva,<sup>13</sup> Hollanda,<sup>14</sup> Borges,<sup>15</sup> Silva,<sup>16</sup> Pinho,<sup>17</sup> Santos,<sup>18</sup> Rodrigues,<sup>19</sup> Souza,<sup>20</sup> Braga,<sup>21</sup> Almeida<sup>22</sup> e Brinati.<sup>23</sup> Tais autores confeccionaram textos científicos baseados na tradução do cotidiano do brasileiro, arraigado na rotina do futebol que Nelson Rodrigues descrevera nos jornais cariocas.

No bojo dos estudos mencionados, observa-se que o discurso de Rodrigues subsidiou e subsidia a análise sobre questões raciais, como no emprego do negro como herói nacional através do futebol, também alimenta a discussão política em suas críticas colocações, ao espelhar futebol e política, enfim, os autores que consideraram Nelson Rodrigues, invariavelmente, compreenderam o futebol como definidor da identidade coletiva brasileira, e enxergaram e interpretaram o Brasil a partir dele, no afã de decifrar a cultura e a “alma brasileira”.

Como abordou Silva (2017), a crônica esportiva brasileira, especialmente sobre o futebol, alçou o esporte a um nível de significação que extrapolou o óbvio sentido biológico da prática, constituindo-o em algo especial para o brasileiro.

Transformado em um espetáculo de grandes dimensões, o futebol foi exaustivamente interpretado no Brasil e, através do discurso sobre o jogo, ele se tornou sistema de significação extremamente dinâmico, por meio do qual se produzem sentidos ligados a outras esferas da vida do homem. Nesse processo, como já dissemos, a imprensa esportiva tem uma grande importância, pois a escrita pereniza o discurso, propiciando

---

<sup>11</sup> RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, 1993.

<sup>12</sup> RODRIGUES. *A pátria de chuteiras*, 2013.

<sup>13</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*.

<sup>14</sup> HOLLANDA. *O descobrimento do futebol*.

<sup>15</sup> BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*; BORGES, Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras.

<sup>16</sup> SILVA. Pelé e o complexo de “vira-latas”.

<sup>17</sup> PINHO. Futebol, nação e homem brasileiro.

<sup>18</sup> SANTOS. A “pátria em chuteiras”, para o bem e para o mal.

<sup>19</sup> RODRIGUES. O pangaré, o vira-latas e o burrico.

<sup>20</sup> SOUZA. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo.

<sup>21</sup> BRAGA. Vira-latas – complexos e cultura no país do futebol.

<sup>22</sup> ALMEIDA. Sobre “viralatismo” e “pessimismo”.

<sup>23</sup> BRINATI. *Maracanazo e Mineiratzen*.

uma gradativa cristalização dos sentidos. E, dentre os discursos da imprensa esportiva, a crônica parece exercer um papel especialmente importante.<sup>24</sup>

Porém, dificilmente algo será mais emblemático do que a expressão “complexo de vira-latas”, cunhada por Nelson Rodrigues para representar o brasileiro. Para o cronista, esse complexo “é um problema de fé em si mesmo”<sup>25</sup> que se originou da compreensão de inferiorização do brasileiro frente ao estrangeiro, principalmente após o *maracanazo*,<sup>26</sup> em 1950:

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.<sup>27</sup>

Nelson Rodrigues “[...] entende que essa debilidade vincula-se, de forma inexorável, a um forte sentimento de inferioridade que nós mesmos nos atribuímos, em especial frente aos estrangeiros”.<sup>28</sup> Em tempo, salienta-se que a crônica sobre o “complexo de vira-latas” foi escrita antes da Copa do Mundo de 1958 e aí (quem sabe?) esteja o clímax da questão: Nota-se que a crônica não foi profética, posto que o Brasil sagrou-se campeão na Suécia; e também não foi oportunista, porque deixa claro a sua angústia pré-copa, notadamente após o fiasco de 1950.

O cronista deixa claro que o Brasil só venceria uma Copa se houvesse convencimento próprio para tal conquista, já que, futebol, há anos não faltava. Enfim, a síndrome “complexo de vira-latas”, proposta por Nelson Rodrigues, é

---

<sup>24</sup> SILVA. O mundo do futebol e a crônica esportiva, p. 96.

<sup>25</sup> RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 61-62.

<sup>26</sup> A derrota da seleção brasileira para Uruguai na Copa do Mundo de 1950, “pelo seu significado, pelas condições em que aconteceu e por sua repercussão – que ultrapassa os “traumas” individuais para transformar-se em um dos maiores “traumas” de toda uma nação – a derrota da Copa de 1950 entrou para história não apenas como uma partida de futebol, ou mesmo como a perda de uma Copa do Mundo: o Maracanazo – como os uruguaios costumam se referir ao episódio – é um dos maiores golpes que a auto-estima do brasileiro sofreu no século XX” (GILARDI. 1950, p. 127).

<sup>27</sup> RODRIGUES. *À sombra das chuteiras imortais*, p. 61-62.

<sup>28</sup> BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 162.

original, fundante e símbolo de um período do futebol brasileiro e, por diagnóstico rodriguiano, do brasileiro em geral.

Foi após a conquista da Copa da Suécia (28 anos depois da primeira e oito anos após o fracasso na Copa do Brasil) que o brasileiro se libertou do sentimento frustrante do “complexo de vira-latas”. Foi um alívio geral, abertura para um período de vitórias que viriam em seguida:

Chama-se de *era de ouro* do futebol brasileiro ao período que vai de 1958 a 1970, quando a conquista de três títulos mundiais nas Copas da Suécia, do Chile e no México encantou as plateias internacionais e projetou o Brasil como o *país do futebol*. Nela, o país ganhou de forma peremptória reconhecimento mundial nesse esporte.<sup>29</sup>

No dia 29 de junho de 1958 o selecionado brasileiro derrotou os suecos na final da Copa por 5 a 2. O sentimento de inferioridade ao se depararem com os europeus, justificado muitas vezes pela miscigenação, supostamente deletéria, existente nos atletas brasileiros, deu lugar às efusivas comemorações nas ruas e expurgou o fantasma de 1950: “*Vice’ Agora São Os Outros!*”, estampou o anúncio do *Guaraná Champagne Antártica*<sup>30</sup> sobre a conquista. O jogador de futebol, e por consequência o brasileiro, anteriormente humilhado pelo estrangeiro, foi alçado à categoria de “homem genial”, “[...] repleto de virtudes e qualidades”.<sup>31</sup>

Além dos festejos, a imprensa, antes reticente, selou o depois em exultação pelo título, veiculando a façanha na Europa e transformando os jogadores em heróis nacionais. Através dela, também emergiu o sentimento advindo das vitórias que viriam em seguida. A crônica de Barbosa Lima Sobrinho, publicada no dia da final da Copa, expressa o sentimento para além da conquista esportiva, definindo o momento como o despertar da maioria esportiva brasileira:

Não haverá exagero em dizer que o Brasil está conquistando, na Suécia, não apenas um campeonato de futebol, mas a declaração de sua maioria esportiva. E um laurel dessa espécie, pela maneira como vem sendo obtido, não eleva apenas os jogadores e dirigentes que o conquistaram. Dignifica e exalta a todo o Brasil.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> HOLLANDA. *O descobrimento do futebol*, p. 16.

<sup>30</sup> JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, p. 5, 30 junho 1958.

<sup>31</sup> BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 44.

<sup>32</sup> JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 3, 29 junho 1958.

“A miscigenação, antes exótica e negativa, torna-se familiar com o exemplo do futebol, já que o motivo de nosso suposto talento ao praticar este esporte é creditado à mestiçagem”.<sup>33</sup> Depois da conquista, a superação do “complexo de vira-latas” pode ser notada na imprensa, tal como na crônica de Rachel de Queiroz para a revista *O Cruzeiro*. Na opinião da já eminente escritora brasileira, a miscigenação nunca teria sido um problema, pelo contrário, em função dela o Brasil fora campeão:

Mas pondo de lado os sonhos, o fato é que a vitória na Copa do Mundo foi boa por todos os motivos. [...] Ainda havia muito brasileiro tonto que, confessada ou encobertamente, acreditava que no fundo, o nosso mal era mesmo a falta de raça, ou antes da mistura dela, e que isso de liderança, tanto em esporte como em outras coisas, só se deixou para ariano. Nós tínhamos improvisação, brilho e vários etcéteras, mas o jôgo mesmo de equipe e fibra de campeão, que é bom, isso não tínhamos. [...] E eis aí o campeonato invicto a provar de arraso que, tal como dissemos sempre, côr nunca foi nem é documento.<sup>34</sup>

Em outro momento de expurgo do *maracanazo*, Mário Filho, cronista do meio esportivo e irmão de Nelson Rodrigues, agradece publicamente aos jogadores campeões, explicitando o grande feito esportivo. Porém, mais do que isso, o cronista está extirpando o “complexo de vira-latas” que o perseguia há anos e que impedia a suposta grandeza do país para o mundo:

O que eu queria dizer a vocês era um muito obrigado. Sempre tínhamos uma prova como a que vocês venceram. Não se tratava apenas de uma herança de 16 de julho. Mas a 16 de julho não foi apenas um scratch brasileiro que perdeu. Sentimos mais a derrota, porque era também a nossa derrota. [...] Já não haverá brasileiro que, como a 16 de julho, se lamentavam de ser brasileiros. [...] Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo amor à Pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica. [...] Muito obrigado, jogadores brasileiros: vocês mostraram ao mundo um Brasil perfeito.<sup>35</sup>

A partir de 1958 as crônicas de Nelson Rodrigues vão combater o “complexo de vira-latas” e enaltecer a grandeza do brasileiro objetivando o avanço da sua autoconfiança. “Para ele, essa confiança só se faz presente nos momentos de

---

<sup>33</sup> MOSTARO; HELAL; AMARO. Futebol, nação e representações, p. 282.

<sup>34</sup> O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, p. 146, 19 julho 1958.

<sup>35</sup> JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, p. 3, 30 junho 1958.

vitória, quando derrotados o complexo de inferioridade volta a fazer morada no imaginário brasileiro”.<sup>36</sup>

Tornou-se claro que, tanto a imprensa carioca como autores acadêmicos, tiveram na Copa do Mundo de 1958, um limiar do “vira-latas” para o “herói”, todavia, tal sentimento construído na fronteira imaginária da Copa da Suécia poderia ser notado em qualquer cidade do país? Na longínqua cidade de Montes Claros, a formação identitária brasileira, subsidiada pela indissociação do futebol do caráter do sujeito brasileiro, pareceu não coexistir, pois, nem o “complexo de vira-latas”, nem o “herói genial”, foram observados na imprensa esportiva montesclareense, nem antes, nem durante as Copas da Suécia (1958) e do Chile (1962).

#### **FUTEBOL EM MONTES CLAROS: NEM “VIRA-LATAS”, NEM “HERÓI”**

De maneira geral, “[...] acredita-se que o futebol é fruto das transformações sociais, políticas e econômicas que desencadearam o que se convencionou denominar de *modernidade* e, nesta perspectiva, seu berço seria a Inglaterra do século XIX”.<sup>37</sup> No Brasil do início do século XX, alguns esportes, mas especialmente o futebol, eram praticados como forma de distinção de classe social, contudo, se originalmente era praticado pela elite, com o tempo iria ser assumido pelas classes mais populares.

“Embora já sendo reconhecida como uma cidade de considerável importância e influência no norte do Estado, Montes Claros recebe a experiência de práticas pertencentes ao ideário da modernidade tardiamente”.<sup>38</sup> O primeiro registro da prática, ou intenção, do futebol em suas terras é creditado aos padres premonstratenses, que em 1905 organizaram uma partida na atual Praça da Matriz.<sup>39</sup> Entretanto, só em 1916 seria fundada a primeira equipe de futebol da cidade, o *Mineiro Foot-Ball Club*, e a segunda em 1917, o *América Foot-Ball Club*.<sup>40</sup>

No seu trajeto histórico no Brasil, o futebol pode ser apontado como o esporte que mais rapidamente se popularizou, deixando aos poucos, de ser sinal de

<sup>36</sup> BORGES. *Do complexo de vira-latas ao homem genial*, p. 162.

<sup>37</sup> SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO. *História do futebol*, p. 34.

<sup>38</sup> SILVA; SOUZA NETO. Primeiros movimentos do foot-ball em Montes Claros, p. 6.

<sup>39</sup> SILVA; SILVA; CALEIRO. Fé, teatro e bola no pé, p. 261.

<sup>40</sup> SILVA. *Em nome da modernidade*.

superioridade ou de pertencimento a um determinado grupo social. Em Montes Claros, “[...] o futebol, visto como moderno e fidalgo, sobretudo se fosse praticado à maneira inglesa, representava o ideal de comportamento a ser assumido pela sociedade em formação.<sup>41</sup> Nesse cenário, o esporte bretão rapidamente faria parte da diversão da elite que se modernizava procurando uma nova forma de viver o cotidiano social, com novos valores e atitudes, dando ares de pertencimento a um novo tempo.

No presente estudo, questionou-se os possíveis reflexos do “complexo de vira-latas” e do “herói genial” rodriguianos, na cidade de Montes Claros-MG. Para isto, a fonte de informações acessada foi a extinta *Gazeta do Norte*.

Sobre a força da imprensa e o jornal local *Gazeta do Norte*, Veloso diz que:

Se a influência dos imaginários sobre as mentalidades depende dos meios que asseguram a sua difusão, no contexto montesclarenses, em que outros jornais já haviam sido instalados e desativados, a *Gazeta do Norte*, com publicações regulares de 1918 até a década de 1960, ocupou um lugar diferenciado. Por ter sido o primeiro periódico a consolidar-se no ramo jornalístico, por um longo período produziu representações e possibilitou sua circulação.<sup>42</sup>

Averiguadas as edições da *Gazeta do Norte* do ano de 1950, nota-se completa inexistência de informações ou reportagens sobre a Copa do Mundo do Brasil. Nem a euforia causada pelo fato de ser sede da Copa observa-se nos jornais, aspecto bem diferente da imprensa carioca, tão pouco a decepção causada pela derrota ao final, foi abordada. Enfim, se a causa maior do “complexo de vira-latas” é o revés brasileiro para os uruguaios no final da Copa de 1950, é possível afirmar, a *Gazeta do Norte*, importante meio de comunicação montes-clarense, o ignorou.

O jornal *Gazeta do Norte*, meio de informação montes-clarense acessado na pesquisa, foi fundado e comandado por José Tomaz de Oliveira e seus filhos, Ari e Jair de Oliveira. Os Oliveira têm formação profissional destacada, o que possivelmente os definiu como sujeitos bem informados quanto ao que ocorria nos

---

<sup>41</sup> SILVA. *Em nome da modernidade*, p. 188.

<sup>42</sup> VELOSO. *A missão “desalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)*, p. 70.



grandes centros do país. No período desta pesquisa, o diretor-proprietário do jornal era Jair de Oliveira, “[...] figura grandemente estimada em todo o norte de Minas”.<sup>43</sup>

Jair de Oliveira iniciou os seus estudos na Escola Normal de Montes Claros e aos “[...] 17 anos transferiu-se para Recife onde fez cursos preparatórios no Ginásio Pernambucano e cursou a Escola Politécnica por um ano, trabalhando em diversos jornais. Fundou a *Revista Mauricea*<sup>44</sup> e, em 1924 regressou a Montes Claros”.<sup>45</sup>

Cabe salientar que, Jair de Oliveira, ao estudar e trabalhar na cidade de Recife, estabeleceu-se temporariamente num dos centros de maior densidade populacional do final do século XIX e início do XX no Brasil. Naquela época, a cidade do Recife exercia papel destacado no aspecto econômico, cultural e social brasileiro, o que influenciava o comportamento, desencadeando novos costumes e novas práticas naquela região. Deste modo, conjectura-se que a *Gazeta do Norte* era dirigida por uma pessoa que teve formação ampliada e, por isso, devia ser conhecedora do que se passava nas grandes cidades. Enfim, se a coluna esportiva do jornal dava preferência ao futebol local, não era por desconhecimento do diretor sobre o futebol externo, e sim, por uma decisão editorial.

Historicamente, a primeira notícia que se observa veiculada num jornal montes-clarense, referente ao futebol de fora da cidade, é sobre o campeonato sul-americano de 1919: o jornal informa sobre a conquista dos brasileiros, para delírio dos mais de 30 mil torcedores presentes.<sup>46</sup>

“Em 1919, com a realização do Torneio Sul-Americano de Futebol no Brasil, o esporte afirma seu caráter popular”.<sup>47</sup> Importa frisar que, apesar do grande feito da seleção brasileira no estádio das Laranjeiras em 1919, ter movimentado a imprensa carioca da época, o título sul-americano não fez surgir noticiários

<sup>43</sup> PAULA. *Montes Claros*, p. 249.

<sup>44</sup> Segundo os jornais pernambucanos *A Província*, (dos dias 07/11 e 1º/12 de 1923) e o *Jornal Pequeno* (de 09/11/1923), esta revista de artes e letras, de propriedade e direcção de Joaquim Inojosa, circulou pela primeira vez em novembro de 1923, tendo Jair de Oliveira como colaborador da seção *Verso e Prosa* e da seção *Flores Murchas*, e não como fundador, como informou Geisa Veloso (2008). O seu fundador, Joaquim Inojosa, foi um dos divulgadores do movimento modernista nordestino de 1922 e colaborador do *Jornal do Commercio* (A chegada do Século XX). Disponível em: <http://bit.ly/2RE79J3>.

<sup>45</sup> VELOSO. *A missão “desanalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)*, p.55.

<sup>46</sup> SILVA. Futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros/MG, p. 17.

<sup>47</sup> MOSTARO; HELAL; AMARO. Futebol, nação e representações, p. 274.

futebolísticos nos jornais de Montes Claros. O que se nota nas páginas da *Gazeta do Norte*, é o desenvolvimento do futebol amador da cidade e a manutenção da atenção do folhetim para o futebol local, dificilmente o jornal noticiaria algum episódio esportivo fora de Montes Claros.

Possivelmente, a característica regionalista da *Gazeta do Norte*, constitui-se numa peculiaridade da imprensa esportiva local, qual seja: valorizar a notícia esportiva própria, entre elas a do futebol, porque, nos períodos das Copas de 1950/54 até a disputa da Copa de 1958, quase nada de outra cidade ou país foi veiculado pelo jornal. Por isso que as analogias rodriguianas, tão presentes na imprensa carioca, são imperceptíveis nas páginas do jornal da cidade norte-mineira. Portanto, a *Gazeta do Norte* não representou o “complexo de vira-latas”, como se poderia supor.

Como já abordado, a Copa da Suécia de 1958, vencida pelo Brasil, serviu como uma fronteira entre o sentimento de inferioridade do brasileiro perante o estrangeiro, notadamente no futebol, e a constituição do brasileiro forte e vencedor, que “assombrou” o mundo nos campos suecos, e que Nelson Rodrigues, entre outros cronistas cariocas, instituiria como herói nacional. Sendo assim, os sentimentos que as Copas de 1958 e 1962 conceberam são diferentes, limítrofes: em 1958 o temor, e em 1962 o orgulho:

Assim, em 58, às vésperas da Copa da Suécia, "o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós" e "traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades"; em 62, logo após a conquista do bicampeonato mundial no Chile, "cada brasileiro [...] sentiu-se fisicamente implicado no triunfo" e "cada um de nós tinha as canelas materialmente esfoladas".<sup>48</sup>

Tal transição estava clara nos jornais da Capital Federal, porém, ao se analisar a cidade de Montes Claros, isso quase não se observa, nem na Copa de 1958 e nem na Copa de 1962. O que se nota é que o futebol, nos anos 1950, já se estabelecera como um fenômeno significativo e rotineiro nas páginas da *Gazeta do Norte*, pois são inúmeras as publicações referentes às equipes locais,

---

<sup>48</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 60.

principalmente sobre a Associação Desportiva Ateneu e a Associação Atlética Cassimiro de Abreu.

Ambas, Ateneu e Cassimiro, protagonizavam os grandes embates do futebol local, tanto que os seus encontros eram considerados como “o grande clássico do futebol da cidade, [...] tradicionais rivais de nossas canchas”.<sup>49</sup> Como exemplo, a *Gazeta do Norte* anunciou um jogo em maio de 1958: “Voltam a se defrontar os dois maiores clubes da cidade, numa pelega de gigantes”,<sup>50</sup> que terminaria empatado (Fig. 1).

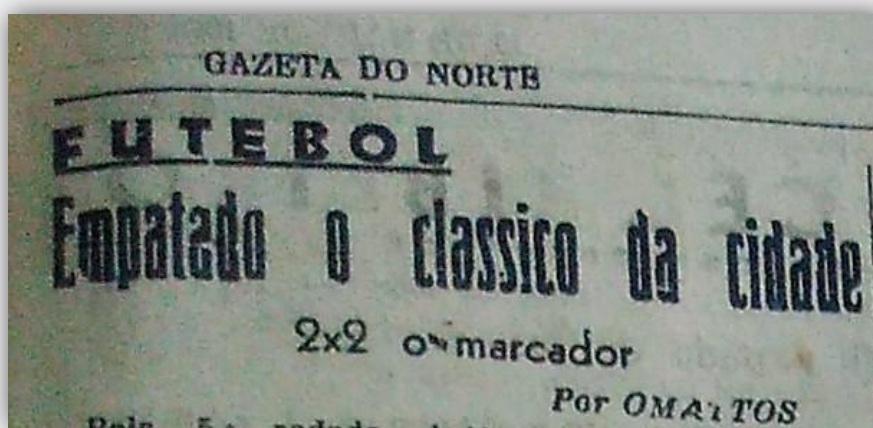


Fig. 1: O clássico montes-clarense Ateneu contra Cassimiro, pelo campeonato da cidade de 1958. *Gazeta do Norte*, 11 maio 1958, p. 4.

Diferente da cobertura do futebol local, em relação à primeira conquista da seleção brasileira em 1958, na *Gazeta do Norte* encontram-se apenas duas menções aos campeões do mundo: ambas de após o final da Copa e numa mesma edição do jornal, dia 06 de julho de 1958. Na primeira (Fig. 2), encontra-se a publicação da letra da música “Baião bem brasileiro”, de autoria do professor Orbilio Pereira da Silva, homenageando os jogadores e suas qualidades individuais ao conquistarem o título da Europa.

<sup>49</sup> GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 2, 2 outubro 1959.

<sup>50</sup> GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 4, 11 maio 1958.

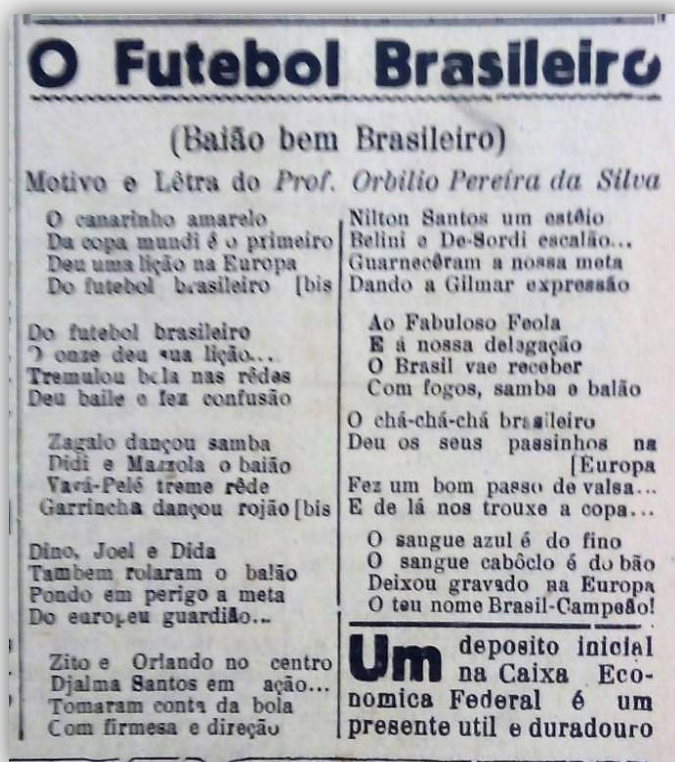


Fig. 2: Letra de música homenageando a seleção brasileira de 1958.  
*Gazeta do Norte*, 06 jul. 1958, p. 1.

Na segunda, a *Gazeta do Norte* publicou as felicitações ao selecionado brasileiro, em nome de uma equipe amadora local (Fig. 3), o Independente F. C.

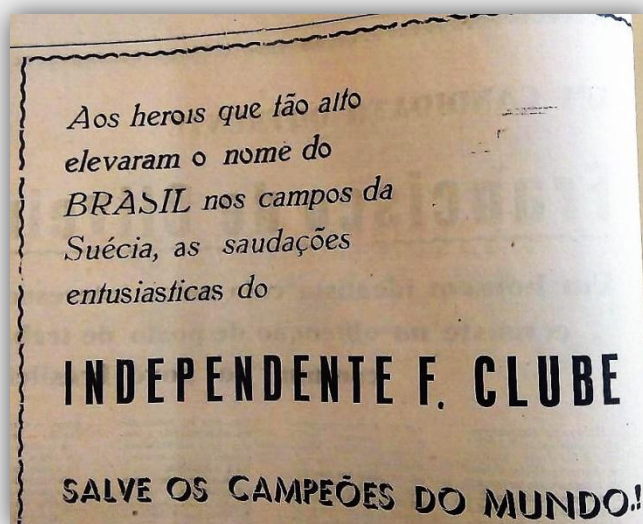


Fig. 3 – Homenagem do Independente F. C. aos campeões do mundo na Copa da Suécia.  
*Gazeta do Norte*, 06 jul. 1958, p. 10.

Pelas páginas do jornal mais importante da cidade, estes seriam os dois apontamentos sobre a Copa de 1958. Afirma-se, então, o distanciamento da *Gazeta do Norte* em relação às notícias do futebol que não fossem da cidade. Até porque, mesmo durante a Copa, foram veiculadas outras notas esportivas, contudo, trataram de assuntos internos, como o amistoso disputado entre a equipe da Associação Desportiva Ateneu, campeã montes-clarense, contra o Santos F.C., que aconteceria no dia 15 de junho de 1958.

A visita do Santos, para a *Gazeta do Norte*, mereceu mais destaque do que a Copa, divulgado como o assunto futebolístico da semana que empolgaria a cidade. À época, o jornal anunciou que, excetuando Zito, Pelé e Pepe, pois estavam na Suécia disputando a Copa na Suécia, “[...] todos os demais valores do bi-campeão paulista estarão pisando o gramado do Estádio João Rebello dia 15 deste para enfrentar o Ateneu, Super-Campeão da cidade”.<sup>51</sup>

Importa ressaltar que, o amistoso Ateneu versus Santos ocorreria no dia 15 de junho, como consta na *Gazeta do Norte* (Fig.4), justamente no dia em que o Brasil venceria a União Soviética por 2 a 0 na Copa, em jogo válido pela primeira fase; demonstração clara do distanciamento ou desinteresse dos jornal sobre as notícias da Suécia. Mesmo não tendo sido lembrado pelo jornal posteriormente, o Santos venceria a partida amistosa contra o Ateneu por 3 a 1.<sup>52</sup>

As duas alusões à conquista da Copa de 58 trazidas pela *Gazeta do Norte*, não se confundem com o sentimento de alívio que a vitória trouxera para cariocas e o temor por mais uma derrota numa Copa do Mundo de futebol. Os sintomas do “complexo de vira-latas” não se notavam no jornal de Montes Claros. O orgulho por ser campeão sim, ainda que timidamente, porém, nem “vira-latas”, nem “heróis geniais”.

Como sabido, o Brasil sagrar-se-ia bicampeão mundial quatro anos depois, momento da consagração do “homem genial” de Nelson Rodrigues e do brasileiro no estrangeiro. “[...] Em 62, logo após a conquista do bicampeonato mundial no Chile, ‘cada brasileiro [...] sentiu-se fisicamente implicado no triunfo’ e ‘cada um de nós tinha as canelas materialmente esfoladas’”.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 2, 08 junho 1958.

<sup>52</sup> ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA ATENEU. Wikipédia. Disponível em: <http://bit.ly/2RIC5ib>.

<sup>53</sup> SILVA. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, p. 60.

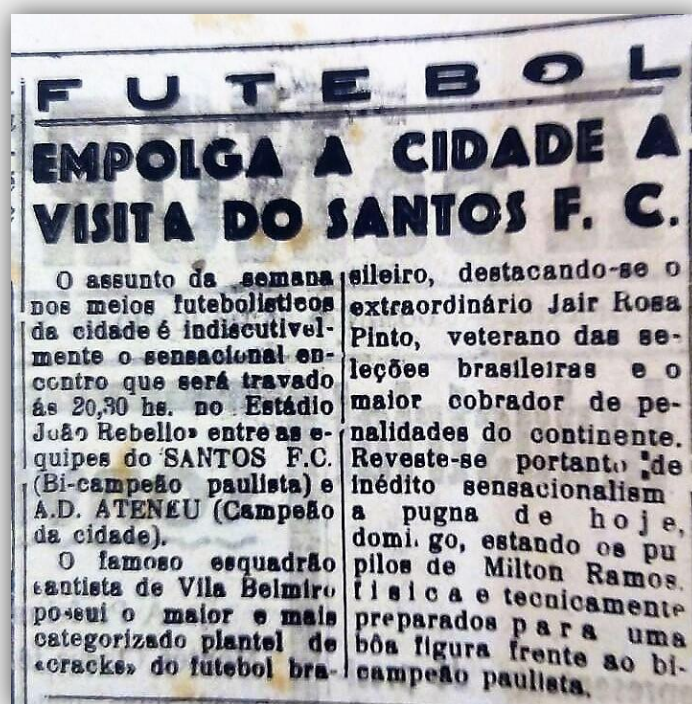


Fig. 4: Anúncio do amistoso entre o Santos F. C. e a A. D. Ateneu, para o dia 15 de junho de 1958, em meio à Copa da Suécia. *Gazeta do Norte*, 15 jun. 1958, p. 2.

A Copa do Chile aconteceu do dia 30 de maio até 17 de junho de 1962. Não se pode afirmar que a *Gazeta do Norte* deu mais atenção para este mundial do que para o anterior, uma vez que manteve o mesmo estilo, noticiando o futebol local e, esporadicamente, o Brasil nos campos chilenos.

Das três notícias encontradas sobre a Copa, a primeira destacou a vitória sobre a Espanha por 2 a 1, “[...] que veio colocar o Brasil nas quartas de final do Campeonato Mundial”;<sup>54</sup> a segunda mereceu maior destaque, trazendo o anúncio do próximo jogo, que seria contra a Inglaterra. Em seguida, a nota demonstra receio, provocado em decorrência dos acidentes acontecidos no Brasil após o jogo anterior. Entretanto, claramente não são notícias de comemorações ou confusões em Montes Claros:

Copa do Mundo

Hoje às 15:30 em Viña del Mar será realizada a Oitava Eliminatória da Copa do Mundo. O Brasil jogará com a Inglaterra para penúltima classificação e o vencido será eliminado. Reina intensa expectativa. Já

<sup>54</sup> GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 1, 07 junho 1962.

com o resultado do jogo com a Espanha mortes e acidentes foram a consequência de nossa vitória. Um jovem com seu rádio transistor foi jogado de janela afora do trem em que viajava, quando pulando de alegria, acertou com a janela, ficando debaixo dos trilhos. Outro, também com outro pulo de incontido entusiasmo meteu a cabeça num poste, fraturando o crânio. Uma bomba estoura entre foliões da vitória, ferindo três pessoas. E muitos outros. Vencendo a Inglaterra, que acontecerá.<sup>55</sup>

A seleção brasileira venceria a Inglaterra (3 a 1) nas quartas-de-final e o Chile (4 a 2) na semifinal, tais vitórias não fizeram com que a *Gazeta do Norte* repercutisse os resultados da seleção naquela Copa. A última atenção do jornal montes-clarense seria o anúncio da partida final do Brasil contra a Tchecoslováquia (Fig. 5), destacando que a seleção poderia sagrar-se bicampeã mundial de futebol.



Fig. 5: Anúncio da final da Copa do Mundo do Chile, 1962, Brasil x Checoslováquia. *Gazeta do Norte*, 17 jun. 1962, p.1.

Fato é que o Brasil foi mais uma vez campeão após vencer a Tchecoslováquia por 3 a 1 na final, porém, a *Gazeta do Norte*, mais uma vez, ignorou o feito. Não foi pelas páginas do jornal local que os montes-clarense souberam do bicampeonato no Chile e dos gols de Amarildo, Zito e Vavá.

A análise ao final da Copa do Chile, baseada em Nelson Rodrigues, expõe um brasileiro “vacinado” contra o “complexo de vira-latas”:

O futebol brasileiro era “delirante” cheio de “vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora”, todas as características que se opõem ao modelo racional da sociedade moderna. Ao fazer um balanço daquela Copa de 62, comenta que o inglês “apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro “vive” cada lance e sofre cada bola na carne e na alma [...] fora

<sup>55</sup> GAZETA DO NORTE. Montes Claros, p. 1, 10 junho 1962.

do futebol, o europeu faz uma imitação da vida, enquanto que o brasileiro vive de verdade e ferozmente”.<sup>56</sup>

E se um dia inferiorizou-se frente ao estrangeiro, naquele momento desenvolvera um modelo de vencer no futebol e na vida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi observado que, tanto a imprensa carioca como autores acadêmicos, tiveram na Copa do Mundo de 1958, um limiar do “complexo de vira-latas” para o “herói genial” rodriguianos. Todavia, no decorrer deste trabalho, nota-se que este sentimento, supostamente generalizável para a conjuntura nacional, não deveria ser considerado para qualquer cidade do país. Sem embargos, na sertaneja cidade de Montes Claros, o contexto local adquiriu aspecto distinto: nem o “complexo de vira-latas”, nem o “herói genial”, foram observados na sua imprensa esportiva, durante o período das Copas da Suécia (1958) e do Chile (1962).

Desta forma, ao se considerar a crônica futebolística como importante formador de opinião pública, e que “[...] através dela o futebol deixa de ser apenas um esporte e adquire uma dimensão de representação, uma ‘ressonância alegórica’, tornando-se uma ‘metáfora de situações universais’”,<sup>57</sup> o formato de abordagem carioca, inspirada nas crônicas de Nelson Rodrigues e outros, em Montes Claros não se observava.

Na cidade norte-mineira, conclui-se que o futebol tinha peculiaridades inerentes ao aspecto interno, ou seja, a *Gazeta de Norte*, principal periódico local, enfocava o futebol municipal, destacando os eventos da cidade em detrimento do futebol externo, ainda que fosse a Copa do Mundo. Enfim, ainda que o futebol já detivesse significativa importância na cidade, com equipes e campeonatos organizados, não se nota no jornal analogias feitas ao estilo de Nelson Rodrigues ao refletir o brasileiro através do futebol.

---

<sup>56</sup> PINHO. Futebol, nação e homem brasileiro, p. 157.

<sup>57</sup> SILVA. O mundo do futebol e a crônica esportiva, p. 104.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia. Sobre “viralatismo” e “pessimismo”: o discurso da inferioridade voluntária do brasileiro no entorno da Copa de 2014. **(Con)textos Linguísticos**, v. 9, n. 12, p. 111-123, 2015.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial**: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras. **Anais** do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. Jataí, 25 a 27 set. 2012.

BRAGA, Jorge Luiz. Vira-latas – complexos e cultura no país do futebol. **Anais** do XXII Congresso da Associação Junguiana do Brasil, Buzios, 06 a 09 nov. 2014.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten**: imprensa e representação da seleção brasileira nas copas do mundo de 1950 e 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DIAS, Cleber. O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica. **Tempo**, v. 19, n. 34, p. 33-44, jan.-jun. 2013.

GILARDI, Juan José Torres. 1950: o olhar da imprensa. **Contemporânea**, v.6, n. 1, p. 126-138, jan.-jun. 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Primórdios do esporte no Brasil: apontamentos comparados. In: MELO, Victor Andrade de (org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MOSTARO, Felipe Fernandes; HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. **História Unisinos**, v. 19, n. 3, p. 272-282, set.-dez. 2015.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros**: sua história sua gente seus costumes. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1957.

PINHO, José Antônio Gomes de. Futebol, nação e homem brasileiro: o “complexo de vira-latas” de Nelson Rodrigues. **O&S**, v. 16, n. 48, p. 141-167, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. (Seleção e notas de Ruy Castro) São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. O pangaré, o vira-latas e o burrico. **Anais** do XII Congresso Internacional da ABRALIC, Curitiba, 18 a 22 jul. 2011.

SANTOS, Luís Fernando Amâncio. A “pátria em chuteiras”, para o bem e para o mal: o futebol, entre dilemas e glórias, em Nelson Rodrigues, Rio Quarenta Graus (1955) e Garrincha, Alegria do Povo (1963). **Anais** do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 19 a 23 jul. 2010.

SANTOS, Michele dos. BORGES, Luix Henrique. Nelson Rodrigues e a pátria em chuteiras. **Uniabeu**, v. 3, n. 3, set.-dez. p. 62-74, 2012.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de “vira-latas”**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Francisco Oliveira; SILVA, Luciano Pereira da; CALEIRO, Regina Célia Lima. Fé, teatro e bola no pé: o cotidiano dos premonstratenses no Norte de Minas Gerais. **Religare**, v. 11, n. 2, p. 240-268, set. 2014.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Luciano Pereira da. O Futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros – MG. **Licere**, v. 16, n. 1, p. 1-30, mar. 2013.

SILVA, Luciano Pereira da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Os primeiros movimentos do foot-ball em Montes Claros: a inauguração de útil e saudável diversão. **Anais** do III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte. Niterói, 23 a 25 set. 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. O mundo do futebol e a crônica esportiva. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 3, p. 86-106, set.-dez. 2017.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. História do futebol. In: CORDEIRO, Leandro Batista; SILVA, Silvio Ricardo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (orgs.). **O ensino do futebol**: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

SOUZA, Marcelo Henrique Marques de. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo. **Revista de estudos transitivos do contemporâneo**, n. 8, p. 1-11, 2013.

VELOSO, Geisa Magela. **A missão “desanalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 05 maio 2018.  
Aprovado em: 26 dez. 2018.

## **O futebol-arte brasileiro: uma tradição continuamente reinventada e contestada**

Brazilian Art-Football:  
A Tradition Continuously Reinvented and Contested

**José Carlos Marques**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/Brasil  
Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo  
zeca.marques@uol.com.br

**Nathaly Barbieri Marcondes César**

Mestrado em Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

**RESUMO:** O futebol brasileiro, desde a primeira metade do Século XX, tem sido comumente associado a uma prática em que predominariam as noções de magia, habilidade, fantasia e espetáculo, muito em função da valorização das individualidades e da capacidade de driblar de nossos atletas. Se, por um lado, há uma legitimação – especialmente pelo discurso midiático – de que o futebol brasileiro é caracterizado por meio do futebol-arte, alguns estudos acadêmicos das últimas duas décadas no Brasil, por outro lado, problematizam ou recusam essa caracterização quando se observa o futebol nacional, especialmente o praticado pela Seleção Brasileira. Assim, este artigo procura verificar como a visão fundada por Gilberto Freyre (1938) a respeito do futebol-arte ainda mantém força, renovada a cada Copa do Mundo especialmente por emissoras televisivas, ao passo que outros discursos procuram desmistificar tal visão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol brasileiro; Copa do Mundo; Discurso; Mídia.

**ABSTRACT:** Brazilian football, since the first half of the 20th century, has been commonly associated with a practice in which the notions of magic, skill, fantasy and spectacle, predominate, much in function of the valorization of individualities and the ability to dribble of our athletes. If, on the one hand, there is legitimacy – especially in the media discourse – that Brazilian football is characterized by “art football”, some academic studies of the last two decades in Brazil, on the other hand, problematize or refuse this characterization when national football is observed, especially the one practiced by the Brazilian Selection. Thus, this article seeks to verify how the vision founded by Gilberto Freyre (1938) on “art football” still maintains strength, renewed every World Cup especially by television broadcasters, while other discourses seek to demystify this vision.

**KEYWORDS:** Brazilian Football; World Cup; Speech; Media.

## INTRODUÇÃO

O futebol brasileiro, desde a primeira metade do Século XX, tem sido comumente associado a uma prática em que predominariam as noções de magia, habilidade, fantasia, espetáculo etc., muito em função da valorização das individualidades e da capacidade de driblar de nossos atletas. Em diferentes produtos midiáticos, não é raro depararmos com algum tipo de alusão ao chamado futebol-arte, prerrogativa quase que exclusiva dos atletas nascidos em solo pátrio. Por outro lado, estudos realizados especialmente nas últimas duas décadas na academia brasileira começaram a colocar em xeque a aplicação uníssona do conceito do futebol-arte ao futebol brasileiro, demonstrando que essa associação tem sido construída e posta em marcha também pelos meios de comunicação.

Sobre o futebol-arte brasileiro, sabe-se que um dos primeiros a utilizar tal expressão foi o sociólogo Gilberto Freyre (1938; 1947). Divergindo dos discursos dominantes de sua época, Freyre acreditava na supremacia do mulato brasileiro, alegando que essa parcela da população concentraria as melhores qualidades das “raças” negra e branca. Com o início da popularização do futebol e a crescente entrada de jogadores negros de comprovada habilidade em clubes brasileiros, o autor alega que os afrodescendentes brasileiros emprestaram suas melhores qualidades para que a forma de se praticar futebol no Brasil se diferenciasse de outras no mundo. Ele cita influências vindas de práticas como o samba, as religiões com raízes africanas e, especialmente, a capoeira, dizendo que esta mistura de elementos deu ao futebol brasileiro uma plasticidade única, a ponto de ele poder ser comparado a uma arte.

São vários os autores que também procuraram valorizar as qualidades artísticas do futebol brasileiro e sua capacidade de adquirir aspectos de outras culturas. O crítico literário alemão Anatol Rosenfeld (1993), por exemplo, dedicou alguns de seus textos à análise do futebol brasileiro e às influências recebidas da cultura africana. Outros pesquisadores, como o antropólogo Roberto DaMatta (1982; 1994) e o crítico literário José Miguel Wisnik (2008), também propuseram algumas chaves para se compreender o futebol brasileiro, buscando verificar as singularidades e particularidades da prática desse esporte em nosso país. O ci-

neasta italiano Pier Paolo Pasolini (2005), por sua vez, faz uma análise muito similar à de Freyre, classificando o futebol brasileiro como um futebol de “poesia” em contraposição ao futebol de “prosa” executado pelas seleções europeias.

No entanto, em meio a este discurso tão difundido e aparentemente bem aceito pela sociedade de que o futebol brasileiro seria sinônimo de futebol-arte, surgem alguns pesquisadores que colocam este juízo em questão. Citando a publicação de Freyre como fundador desta ideia sobre o futebol brasileiro, Simoni Lahud Guedes (2014) acredita que são apenas momentos pontuais, como algumas jogadas singulares, que justificam a fala sobre o talento dos jogadores brasileiros. Assim, a longa exposição desses exemplos pela mídia só acabaria fortalecendo esse discurso. Outros autores como Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo, Antônio Jorge Soares e Hilário Franco Júnior (2002; 2003; 2004; 2012; 2013) também colocarão em outra perspectiva o futebol-arte freyreano, alegando que se trata de uma exceção mais do que de uma regra com relação à prática desse esporte no país. Uma das hipóteses levantada por estes autores é a tentativa de a mídia brasileira enaltecer o talento inato dos jogadores que disputaram a Copa do Mundo de 1970, em uma seleção que passou por intenso treinamento e capacitação física, utilizando-se de conhecimentos científicos avançados para a época no que diz respeito à preparação para as altas temperaturas e a altitude do México, onde se realizou aquela competição.

O pesquisador Tiago Maranhão (2006), também comentando a obra de Freyre, irá sugerir que a visão do autor sobre o futebol brasileiro conseguiu sua consolidação pelo fato de ter sido difundida pelo Presidente Getúlio Vargas durante o Estado Novo (1937-1945) como forma de provocar a unidade nacional e o sentimento de nacionalismo em uma população que até então se identificava mais com os países do Hemisfério Norte (no caso dos imigrantes) ou com as potências hegemônicas de então. Não somente Vargas, mas também outros líderes políticos se apropriaram da popularidade do futebol para efetuar algum tipo de controle sobre a sociedade, utilizando o esporte como forma de manipulação para unificar a população em um objetivo comum: torcer pela seleção brasileira em competições mundiais.

Tudo isto, somado à divulgação em massa feita pela mídia da ideia do futebol-arte, fez com que este discurso tivesse se tornado dominante na sociedade brasileira, sendo difundido inclusive em outras partes do mundo, embora existam ensaios recentes que provem o contrário. Pensando nisto, este artigo trabalha com a oposição de dois discursos a respeito do futebol brasileiro que se mostram contrários e difusos. Um deles tem como precursor Gilberto Freyre, que alega haver certa plasticidade do futebol brasileiro, comparando-o a uma arte e incluindo-o como patrimônio da nação. Tal conceito foi utilizado como elemento de construção da identidade nacional e é reavivado continuamente pelos meios de comunicação. O outro conceito, mais hodierno, surge na academia e aparece como forma de desmistificar o imaginário criado pela primeira linha de discurso, apresentando fatos que comprovam que o “mito” do futebol-arte freyreano é na verdade inverídico. Desta forma, nosso intuito neste artigo é contrapor o discurso sobre o futebol-arte ao discurso que se apoia nas prestações da Seleção Brasileira nas últimas Copas do Mundo, quando a ideia cristalizada de que praticaríamos um jogo habilidoso e de apuro técnico não se sustentaria tão facilmente.

#### **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM TORNO DO FUTEBOL**

Pode-se dizer que o futebol no Brasil se desenvolveu como uma “tradição inventada”, segundo os conceitos de Eric Hobsbawn (1997). De acordo com o historiador britânico, este termo pode significar tanto as tradições realmente inventadas, mas construídas de forma institucionalizada, como aquelas que surgem em um período determinado do tempo e se estabelecem com rapidez. Hobsbawn descreve a tradição inventada como um “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”.<sup>1</sup> Desta forma, percebe-se que a admiração do brasileiro pelo futebol trata-se de uma tradição inventada principalmente por

---

<sup>1</sup> HOBBSAWN. *A invenção das tradições*, p. 9.

sua característica histórica e pela rapidez com que se tornou uma manifestação de identificação social.

Para Hobsbawn, a tradição se difere do costume por se tratar de algo invariável, ou seja, enquanto os costumes de um grupo social podem sofrer adaptações ao decorrer dos tempos, as tradições se mantêm fixas, de acordo com o passado a que se referem. Quando aplicados ao futebol no Brasil, estes termos poderiam ser explicados da seguinte forma: o costume seria a forma de o brasileiro incluir o futebol no seu cotidiano, que muda de acordo com as circunstâncias da sociedade, seja com as peladas na rua, com o acompanhamento dos jogos pela TV ou com qualquer outra forma de interagir com este esporte; já a tradição faria referência à forma como o futebol foi historicamente inculcado na identidade do “ser brasileiro”, assim como o samba e a figura do malandro. A invenção de certas tradições acontece, segundo Hobsbawn, quando uma tradição se torna “velha”, ultrapassada demais para a realidade atual de uma sociedade. Neste caso, pode-se pensar que a tradição do futebol no Brasil surgiu quando a divisão social existente entre as elites e o restante da população começa a entrar em decadência, e o esporte se apresenta às camadas menos favorecidas como forma de ascensão social.

Para DaMatta (1994), no caso do Brasil, foi o futebol que possibilitou ao povo mais acesso aos símbolos nacionais, como a bandeira, o hino e as cores características do país, elementos antes pertencentes somente a uma elite. O autor ainda acredita que o futebol permite um maior senso de patriotismo, possibilitando amar a pátria independentemente do que a classe dominante prega sobre as potências americanas e europeias:

Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, [...] a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional.<sup>2</sup>

Vogel (1982) também descreve a importância do futebol na identidade nacional brasileira ao dizer que o torcedor possui um lugar de destaque na sociedade. Assim como nome, religião e outros costumes, o futebol é algo

---

<sup>2</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 17.

praticamente herdado para os cidadãos brasileiros, já que logo no início de suas vidas são cobrados sobre a escolha do time pelo qual irão torcer. A dimensão que este esporte ocupa socialmente pode ser percebida quando se leva em conta o espaço destinado a ele nas interações sociais. Além de ser um dos temas preferidos das conversas entre amigos, por meio dele podem ser reveladas afinidades ou discordâncias: “Dos colunáveis aos frequentadores de botequim, o futebol tece uma intrincada rede de relações”.<sup>3</sup> O autor conclui dizendo que este esporte teria aberto uma via de acesso para a compreensão da imaginação e da realidade social brasileira, já que a identidade nacional tem no futebol uma estratégia de manipulação e definição, contribuindo para a socialização dos brasileiros no que diz respeito à cultura e às noções de hierarquia e igualdade.

Maranhão (2006) comenta ainda o papel do futebol na construção da identidade nacional brasileira. Segundo ele, o futebol representa um aglutinador de emoções, especialmente no Brasil, o que faria parte do espírito de nacionalidade. Sempre durante competições internacionais é que se tornam claras as avaliações a respeito do desempenho da Seleção Brasileira de acordo com a ideia de que se tem do “ser brasileiro”, quer o resultado seja positivo, quer seja negativo. Gastaldo (2002) também considera que a competição mundial de futebol representa, para os brasileiros, um momento de celebração muito mais verdadeiramente nacional do que o dia 7 de setembro, em que oficialmente se comemora a Independência do Brasil. A Copa do Mundo teria essa característica já que remete a um ideal de nacionalidade triunfante, ou seja, uma competição internacional em que o Brasil é reconhecido como um dos melhores participantes, mesmo quando não vence.

De acordo com o posicionamento dos autores citados anteriormente, é inegável o fato de que o futebol ocupa um espaço importante no cotidiano da população brasileira, tornando-se um dos elementos que caracteriza o “ser brasileiro”. No entanto, muito da relação entre a identidade nacional com este esporte se deve ao fato de a política ter percebido a influência que ele começava a desempenhar sobre os hábitos sociais e ter-se utilizado dele como forma de criar

---

<sup>3</sup> VOGEL. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional, p. 78.



uma unidade social. Para Vogel (1982) seria justamente por este motivo que alguns observam o esporte como “o ópio das massas populares”, já que ele seria um elemento de fácil manipulação utilizado pelos poderosos para controlar os menos favorecidos, devido às paixões ligadas a ele.

No início dos anos 1920, o bom desempenho dos jogadores e a massificação do futebol brasileiro são incorporados nas narrativas a respeito de questões de nacionalidade (Soares; Lovisolo, 2003). Ainda em 1921, no período em que o futebol ainda sofria interferências do extremo racismo da sociedade, quando a seleção brasileira se preparava para disputar o Campeonato Sul-Americano em Buenos Aires, o então Presidente da República Epitácio Pessoa teria recomendado aos dirigentes que levassem apenas jogadores brancos, excluindo os atletas negros e mulatos. Como justificativa, ele dizia que o Brasil deveria ser representado no cenário internacional por sua “melhor sociedade”. Apesar do teor preconceituoso dos motivos relatados pelo Presidente, cabe notar que já se percebia, pela política, o futebol como uma forma de projetar a imagem nacional no exterior (Máximo, 1999). No entanto, Epitácio Pessoa não foi o primeiro a perceber o potencial de representação diplomática do futebol, e nem seria o último.

Já nos anos de 1930, o futebol legitima-se como expressão da nacionalidade, por meio de narrativas como as citadas anteriormente, de autores como Mário Filho e Gilberto Freyre, e do maior espaço dedicado a ele na imprensa. Então Presidente da República neste período, Getúlio Vargas tem como um dos principais objetivos durante seu governo superar a falta do sentimento de pertença nacional dos brasileiros, em decorrência do alto número de imigrantes que chegaram ao país.

O fato é que a Copa de 1938 permitiu que se percebesse a unidade causada pelo futebol, ao tornar-se um elemento comum a pessoas originadas de diferentes localidades e esferas sociais. Campanhas como a do “selo pró-seleção” incentivavam a população do país a auxiliar o *scratch*, dizendo ser este um dever de todo brasileiro (Franzini, 2000). Além da nacionalização do próprio esporte, o sentimento causado pela participação da seleção brasileira na competição começava a transformar o futebol em um dos maiores símbolos da brasilidade.

Concretizava-se então a ligação entre o nacionalismo do Estado e o sentimento da população, com constantes referências a Getúlio e aos interesses do

país. Com a empolgação provocada pela participação da seleção brasileira no Mundial de 1938 e a comoção com o terceiro lugar para uma equipe que, segundo muitos, merecia o primeiro, Vargas utiliza a unidade causada pelo futebol para criar certa identificação nacional na sociedade, colocando até mesmo alto-falantes nas ruas para que todos os cidadãos fossem capazes de acompanhar as partidas. Maranhão atenta ainda ao fato de que a intensa divulgação da Copa de 1938 promovida por Getúlio Vargas para criar certa identificação nacional com a seleção colaborou para que a visão de Freyre sobre o futebol brasileiro fosse difundida de forma mais alargada.

### **O FUTEBOL-ARTE OU O DISCURSO EUFÓRICO SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO**

Desde o início do século XX, quando negros, mulatos e pessoas de classes sociais mais baixas começaram a ter protagonismo no futebol brasileiro, estabeleceu-se uma nova reputação sobre este esporte no Brasil, principalmente quando ele é comparado ao estilo dos europeus. DaMatta (1982) acredita que o futebol brasileiro permitiria a expressão social por meio de uma perspectiva, de regras, relações, objetos, gestos e ideologias. A influência que o futebol recebe da sociedade brasileira seria explicada por esta visão do esporte como forma de expressão. Sendo uma atividade da sociedade, o futebol brasileiro carrega consigo os costumes e a cultura da sociedade que o acolheu.

Este olhar sobre o futebol brasileiro, celebrado por parte do meio acadêmico e pela maior parte dos meios de comunicação, tem a ver com a ideia de que o jogador pátrio, por força da incorporação de elementos da cultura africana, seria o responsável por colocar em prática o chamado futebol-arte, conceito que tem origem no sociólogo, antropólogo e escritor Gilberto Freyre, com o artigo “Foot-ball mulato”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 17 de junho de 1938. O texto causará enorme influência no imaginário nacional, inspirando sobremaneira o olhar que será dedicado desde então ao futebol pela imprensa esportiva brasileira e pelos fãs do esporte, de forma geral. Nesse texto, Freyre discorre sobre a atuação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo da França, que ocorreu no mesmo ano da publicação do artigo. O autor chama a atenção para a

coragem que o Brasil teve ao enviar à competição um time que, com exceção de alguns brancos, era composto por uma maioria de jogadores negros e mulatos. E é devido a esta composição, reflexo da própria sociedade brasileira, que Freyre diz ser o estilo de se jogar futebol no Brasil diferente do estilo europeu.

Elementos característicos presentes na sociedade brasileira, como a manha, a ligeireza, a astúcia e a espontaneidade individual são os principais diferenciais do futebol brasileiro. Freyre (1938) compara o jogo brasileiro com o jogo dos europeus, fazendo menção às classificações de dionisíaco e apolíneo, em referência aos deuses Apolo e Dionísio, figuras da mitologia grega. O estilo brasileiro, dionisíaco, não se limitaria ao método técnico, sendo caracterizado pelo floreio e pelo improvisado, ganhando liberdade para ostentar talentos individuais. Já o estilo europeu, apolíneo, tentaria eliminar estes elementos em benefício da técnica científica. E nesta descrição entre ambos os estilos é que Freyre compara, pela primeira vez, o futebol brasileiro a uma arte.

Anatol Rosenfeld (1993), assim como Freyre, também relaciona o futebol brasileiro a traços de celebrações como as *saturnálias* romanas primitivas, em que eram suspensas as diferenças de nível social, ou à festa da primavera sumeriana, ligada à soberania múltipla de um rei saído do povo. Em relação à comparação de latinos e europeus a respeito de seus estilos de jogo, o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (2005) faz uma interessante contribuição comparando cada um desses estilos a duas formas literárias: a prosa e a poesia. Segundo Pasolini, a partir do momento em que um sistema de signos não precisa necessariamente ser formado por palavras, abrindo a possibilidade de um conjunto composto por gestos ou movimentos, o futebol pode, por sua vez, ser considerado um sistema de signos, já que possui todas as características fundamentais de linguagem.

Pasolini cria esta fundamentação embasada na comparação do futebol com a linguagem para demonstrar que, assim como a fala e a escrita, este esporte possui uma articulação, fazendo com que alguns atletas, ou mesmo seleções inteiras, sejam reconhecidos por um “discurso” prosaico, enquanto outras são tidas como poéticas. Sem pretender atribuir valor a uma ou outra forma, o autor classifica alguns momentos durante o jogo como essencialmente poéticos, como o gol ou os dribles, e, devido a isso, o futebol praticado pela seleção brasileira

poderia se aproximar da forma “poética” a que ele se refere, já que ele a vê como um conjunto dos “melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gol”. Já em relação ao futebol prosaico, Pasolini descreve-o como um jogo baseado na coletividade e na organização, relacionando-o ao estilo europeu de praticar este esporte, com um jogo organizado coletivamente e executado segundo as regras do código. De certa forma, o futebol brasileiro seria mais admirado pela não busca do gol, ou seja, os elementos pelos quais ele é valorizado seriam “o esforço sem funcionalidade, o deleite e o desperdício, o prazer e o erotismo do drible como atividade lúdica, a transgressão do útil”.<sup>4</sup>

É interessante notar na obra de Freyre (1938) que, ao longo de seu texto, o autor procura destacar no futebol brasileiro a característica de se permitir um maior destaque à individualidade, o que poderia representar uma possível contradição, uma vez que se trata de um esporte praticado em coletividade. O autor afirma que a possibilidade de se enxergar a beleza individual no talento de cada jogador é um dos maiores trunfos do estilo brasileiro, ao mesmo tempo em que aponta o sistema mais colaborativo dos europeus como um defeito. O fato é que os elementos característicos, e que dariam maior valor ao futebol praticado no Brasil, podem ser percebidos com maior facilidade nas jogadas individuais de seus craques.

DaMatta (1982) também aborda este assunto dizendo que enquanto na Inglaterra e nos Estados Unidos o futebol tem a função de unificar e trazer a noção de coletividade em nações que são marcadas pelo individualismo, introduzindo conceitos como o *fair play* e a camaradagem, no Brasil ele é vivido como um jogo, e isso o torna uma fonte de individualismo, sendo distinguido da prática europeia justamente pela improvisação e individualidade. É dentro de um time de futebol que um membro dessa massa anônima e desconhecida pode tornar-se uma estrela e assim ganhar o centro das atenções como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar as atenções do público.

Voltando ao texto de Freyre, ele ainda faz referência a outro elemento típico da cultura africana que influenciou não só a sociedade brasileira, mas também seu futebol: a capoeiragem. Este costume, segundo ele, fez com que o futebol

---

<sup>4</sup> MARQUES. *O futebol em Nelson Rodrigues*, p. 54.

“anguloso” dos ingleses, ou dos europeus em geral, tenha se tornado mais “arredondado” aos pés dos brasileiros. O autor relewa, assim, a intensa mescla cultural, resultado de influências advindas de outras culturas – não só europeias, mas também ameríndias e africanas – encontradas na sociedade brasileira. A respeito disto, DaMatta (1994) também destaca a valorização que o futebol recebeu no Brasil por se tratar, assim como a capoeira, de um esporte praticado principalmente com a parte inferior do corpo: pés, pernas, quadris e cintura. Tais partes da anatomia humana seriam alvo de simbolismos e apreciação, e justamente através da atuação individual dos jogadores é que elas ficariam mais aparentes. Além disso, por ser jogado com os pés, o futebol torna-se menos previsível, o que agregaria a ele ideias de sorte, destino, predestinação, remetendo imediatamente a noções de religião e transcendência, esferas às quais os brasileiros estão profundamente ligados.

Mais tarde, Freyre dará mais uma contribuição importante acerca de sua visão sobre o futebol brasileiro e suas influências: trata-se do prefácio escrito para a primeira edição do livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, publicado em 1947. Neste prefácio, que leva o mesmo título do livro no qual está inserido, Freyre (2003) diz que atividades típicas dos escravos africanos no Brasil, como a capoeira e o samba, estão nitidamente presentes na sociedade brasileira e, conseqüentemente, em seu futebol. Ainda segundo ele, o futebol, assim como outras oportunidades para feitos heroicos, como o serviço militar, acumula as energias psíquicas e os impulsos irracionais do homem brasileiro, que busca a sublimação.

O jornalista João Máximo (1999), assim como Freyre, compartilha a ideia do futebol brasileiro como futebol-arte, dizendo que existem diversos fatores que justificam este título, como a quantidade incomparável de títulos mundiais ganhos pela Seleção Brasileira, o número de craques brasileiros que atuaram no país e no exterior, a presença constante do Brasil em Copas do Mundo e o respeito e admiração pelo qual nosso futebol é reconhecido. O autor alega que mesmo o mercado milionário e global em que o esporte se transformou não seria o mesmo sem a influência do futebol brasileiro.

José Miguel Wisnik (2008) também faz uma análise da realidade brasileira baseando-se na obra de Machado de Assis, dizendo que nossa sociedade poderia

ter traços de profundo descompromisso e imaturidade ou poderia ser a mais adiantada ou mais infantil das civilizações, ou seja, ela estaria compreendida “entre o Brasil remédio universal e o Brasil veneno de si mesmo”.<sup>5</sup> O autor fala sobre este assunto para, finalmente, chegar à conclusão de que o futebol no século XX exemplificaria perfeitamente esta síndrome brasileira, como ele mesmo a classifica, que oscila entre uma ambição de máxima grandeza e uma impotência infantil. Ainda segundo ele, o futebol ofereceu à sociedade uma forma de balancear a busca por uma civilização avançada, combinada às gratificações infantis obtidas, por tratar-se de uma atividade que se aproxima do lúdico.

Para Wisnik, embora o futebol brasileiro possa ser comparado à arte, ele se diferencia dela à medida que não pode esconder suas imperfeições, ou seja, o rascunho não pode ser separado da obra prima; no mesmo lugar onde acontecem belas jogadas e passes desconcertantes, podem acontecer também diversos erros. Ao mesmo tempo, o autor atenta para a beleza do jogo em contraposição à “violência” da prática, ou seja, o futebol-arte contraposto ao futebol-rivalidade. Isto daria ao esporte um ar mais cético, deixando de ser comparado somente à arte, e sendo analisado de forma equilibrada e crítica. Por fim, Wisnik afirma que não tem a intenção de reconhecer as firulas e jogadas do futebol brasileiro como uma indicação de que ele se aproximaria da arte, mas sim observá-los de forma a entender como a cultura do Brasil penetrou neste esporte.

Em seu livro *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*, Édison Gastaldo (2002) também se refere à obra de Freyre como uma forma de integração das diferenças, constituindo assim a identidade nacional. A interpretação freyreana foi tão incorporada na cultura brasileira que os desdobramentos de suas ideias se encontram entre os principais elementos que enfatizam a afirmação da nacionalidade nas publicidades referentes à Copa do Mundo. Gastaldo nos lembra de que a teoria proposta por Freyre ficou conhecida pelo “mito das três raças”, que considerava a formação do povo brasileiro como um conjunto de influências culturais dos portugueses (brancos), dos africanos (negros) e dos índios autóctones. Tal teoria teria sido apropriada pelo Estado Novo

---

<sup>5</sup> WISNIK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 170.

de Vargas, sendo considerada por muito tempo como a interpretação oficial da cultura brasileira. Desta forma, o “ser brasileiro” seria o resultado de uma mistura de raças, sendo essencialmente tolerante já que é produto da integração das diferenças, característica que está refletida em manifestações como a religiosidade, o carnaval e o futebol. Ainda segundo Gastaldo, o discurso ideológico formado sobre o “ser brasileiro” teria sido apropriado pela publicidade, podendo ser encontrados diversos exemplos de peças publicitárias que utilizam a mistura racial e a integração de diferentes nacionalidades como tema.

Por fim, outra obra importante para se compreender a questão da habilidade do jogador brasileiro é a de Arlei Damo (2007) e as considerações acerca do dom para a prática do futebol. Para o autor, a palavra “dom” apresenta-se a partir de duas acepções distintas: como talento ou como dádiva. No primeiro caso, o “dom” representaria uma predisposição para a alta performance, como algo inato e imanente ao sujeito e passível de aperfeiçoamento. No segundo caso, o “dom” representaria uma predisposição para o sucesso a partir de algo que é herdado naturalmente, como uma dádiva divina. Em alguns júzos realizados pelos meios de comunicação, notadamente as emissoras de TV, os jogadores brasileiros seriam naturalmente dotados de habilidade, arte e magia, algo natural e reacendido especialmente em épocas de Copas do Mundo (Marques; Marcondes, 2015; 2016).

A visão do futebol-arte, aqui retratada, parece valorizar o futebol justamente pelo que ele não tem de objetividade. São principalmente os lances e jogadas que não possuem finalidade nenhuma além da plasticidade do movimento que encantam as torcidas e caracterizam o futebol brasileiro da forma como ele costuma ser lembrado. Pouco importa se o time ganhará com um gol de diferença no placar final ou mais; o que é relevante nas partidas, segundo os partidários do futebol-arte, são os dribles, a ginga, a malandragem desempenhada pelos jogadores. E tais características ficaram tão marcadas no imaginário brasileiro que, muitas vezes, se sobrepõem ao senso crítico, fazendo com que haja certo consenso a respeito de que o futebol brasileiro, dito futebol-arte, ainda é o grande símbolo da identidade nacional do país. Por essa visão, não bastaria ao futebol brasileiro apenas vencer, mas vencer jogando bonito.

## O DISCURSO DISFÓRICO SOBRE O FUTEBOL BRASILEIRO

Como visto até aqui, o futebol popularizou-se no Brasil ao ponto de tornar-se característico do país e parte fundamental da identidade nacional da população. Além de receber novas influências advindas da heterogeneidade presente na sociedade brasileira, especialmente da parcela afrodescendente, ele foi comparado a uma arte, graças ao talento dos jogadores e à forma como eles praticavam este esporte. Tamanho foi o impacto do futebol na vida dos brasileiros que a paixão causada aos poucos por este esporte foi utilizada até mesmo por outras esferas sociais, como a política, para estimular a unidade e o patriotismo da população. No entanto, atualmente, esta visão idílica sobre o futebol-arte tem sido desmistificada pelo discurso formado por alguns autores, que consideram o dito talento nato do brasileiro para a prática do futebol como algo pontual, e não como uma característica constante, como tem sido propagado ao longo dos anos.

No artigo “A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador”, a antropóloga Simoni Lahud Guedes (2014), como o próprio título já indica, nomeia os textos de Freyre como “fundadores” da noção de que se praticaria no Brasil o futebol-arte. Segundo Guedes, no momento em que tais textos são escritos, dava-se início à ideia de que a seleção brasileira de futebol representaria em seu estilo e sua composição a própria sociedade do país. “Por intermédio da seleção brasileira de futebol ou, simplesmente, do Brasil no campo de futebol, têm sido discutidos os problemas e as potencialidades do país, bem como as qualidades e defeitos do ‘povo brasileiro’”.<sup>6</sup>

A autora ainda estabelece uma relação entre o dito “estilo de jogo” com o “estilo de vida” daqueles que o acompanham, dizendo que o desempenho de cada time é interpretado de acordo com a forma como os próprios torcedores e seus hábitos e costumes são representados. Aproximando-se do texto de Freyre (1938), Guedes (2014) analisa o estilo idealizado pelo autor como “estilo mulato”, caracterizado pelos dribles e gracejos descritos por ele. No entanto, a autora contribui para a questão apontando o fato de que é impossível que qualquer estilo

---

<sup>6</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador, p. 156.



de jogo esteja presente em todo o desempenho dos atletas pertencentes a um time ou seleção. Quando tal estilo é apresentado, mesmo que em raros momentos, o foco sobre eles os amplia, de forma a eternizá-los, seja por narrativas, fotos ou vídeos, tornando tal recorte significativo o bastante para confirmar o que se é dito sobre a maneira como um grupo de jogadores pratica o futebol. “O ‘estilo de jogo’ funda-se, portanto, tanto sobre a memória quanto sobre o silêncio, tanto sobre o que se diz quanto sobre aquilo que deve ser esquecido”.<sup>7</sup> A conclusão é que expressões como futebol “à brasileira”, “futebol mulato”, ou ainda o futebol-arte de Freyre não se tratam de descrições de algo ocorrido, mas sim de recortes de momentos pontuais do desempenho dos jogadores brasileiros, os quais são celebrados para simbolizar algo que não ocorre com a frequência desejada:

No caso do futebol brasileiro, o que fazemos quando separamos e destacamos estes momentos, na verdade absolutamente raros, de “dribles” ou “pedaladas”, é reafirmar e reificar a forma como desejamos nos ver e, com isso, produzimos, reproduzimos e, eventualmente, reformamos e reinventamos essa forma em um processo contínuo.<sup>8</sup>

Guedes (2014) ainda aponta para o fato de que essa permissividade do futebol em relação a novos estilos e jogadas não vem de sua classificação como esporte coletivo, visto que outros esportes com a mesma característica, como o vôlei, não possuem tal maleabilidade. Segundo a autora, o caso do futebol diferencia-se justamente por haver um menor controle a respeito dos desempenhos de cada time, ou seja, não há tantos movimentos físicos que devam ser respeitados à risca como em outras modalidades, como o atletismo ou mesmo o vôlei, o que abre espaço para a produção de diferenças e interpretação de desempenho. Guedes acredita que é justamente essa característica de permitir a produção de diferenças que fez com que o futebol fosse tão difundido pelo mundo todo, mesmo em nações que são distantes culturalmente.

Assim como Guedes, Maranhão faz uma ressalva sobre a visão idílica de Gilberto Freyre a respeito do futebol brasileiro, dizendo que não se pode afirmar que o futebol como símbolo da democracia racial brasileira não tenha sido uma invenção. “O

<sup>7</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador, p. 159.

<sup>8</sup> GUEDES. A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador, p. 161.

que se pretende deixar claro, contudo, é que depois de ‘inventado’ e o mais importante, depois de assimilado e aceite pela sociedade, é inegável o papel do futebol na construção de uma subjectividade colectiva em relação à nação brasileira”.<sup>9</sup>

Sobre as classificações criadas por Freyre (futebol “apolíneo” e “dionisíaco”), Maranhão pontua que o escritor não reserva somente esta divisão ao futebol, mas à população, considerando que a racionalidade e a lógica são atributos essencialmente europeus, não cabendo nos elogios que ele tece à naturalidade do povo africano e seus descendentes, que seriam nascidos para a dança, música, luta e para o futebol. E mais do que isso, Freyre dizia ser possível que o intelecto europeu coexistisse com o primitivismo afro-brasileiro no mulato, que seria segundo ele o “verdadeiro brasileiro”.

Ronaldo Helal, sociólogo e pesquisador da relação do esporte com a comunicação, também costuma relativizar a visão das obras de Freyre sobre o futebol brasileiro e a dicotomia entre os estilos de jogo. Em texto escrito em 2012 para o jornal *O Globo*, Helal afirma que os adjetivos utilizados por Gilberto Freyre para descrever o futebol no Brasil são lembrados principalmente quando quem se encontra em campo é a Seleção Brasileira de futebol, como se a imprensa buscasse através da ideia do futebol-arte uma forma de assegurar a brasilidade no estilo de praticar este esporte. Além disso, para Helal, a ideia de Freyre a respeito do malandro no futebol brasileiro, do sucesso sem esforço, faz com que seja quase depreciativo se referir a um jogador dizendo que ele é esforçado. Segundo o autor, exemplo claro desta valorização do malandro é o caso da seleção que disputou a Copa do Mundo de 1970: “Ela é idealizada como uma equipe que não precisava treinar. No entanto, temos evidências de que aquela seleção se utilizou de métodos de preparação física dos mais modernos da época”.<sup>10</sup>

Helal ainda comenta sobre casos de jogadores considerados ídolos do futebol brasileiro e que não se enquadram no perfil do malandro, como Pelé e Zico, que construíram suas carreiras a partir da dedicação aos treinos e ao cuidado com o corpo. Isso mostraria uma falha no pensamento de Freyre, de separar o futebol

<sup>9</sup> MARANHÃO. “Apolíneos e dionisíacos” – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”, p. 442.

<sup>10</sup> HELAL. Heróis Malandros?, 2012.

apolíneo do dionisíaco, já que alguns de nossos maiores ídolos seriam reconhecidos por uma conduta que se aproxima mais da apolínea.

Helal e Gordon (2002) afirmam ainda que o processo de popularização do futebol no Brasil foi permeado por um trabalho executado por agentes do universo político e esportivo para que se criasse um espaço naturalizado para o esporte, ou seja, a intenção era que se promovesse uma associação simbólica do futebol com a realidade presente na sociedade brasileira, no caso, o Estado-Nação e o povo, como descrito anteriormente. Ainda segundo os autores, entre as décadas de 1930 e 1950, a popularização deste esporte foi alavancada não só por sua profissionalização, mas principalmente por setores da intelectualidade e pela imprensa, que fizeram do futebol um espetáculo direcionado às massas, constituinte da cultura popular. Ainda segundo estes autores, foram tais intelectuais e agentes da imprensa os responsáveis por iniciar a difusão da ideia de que o Brasil possuía um estilo próprio de jogar futebol, como se quando praticado pelos brasileiros, este esporte ganhasse traços de seu caráter, resultado, por sua vez, da mescla entre as culturas europeias e africanas (brancos e negros). “Daí a ideia de que o futebol brasileiro se manifesta em campo como uma espécie de dança, e que expressa características tais como malícia, arte, musicalidade, ginga e espontaneidade”.<sup>11</sup>

É interessante perceber que Helal e Gordon tratam o futebol-arte como uma ideia, e não um fato, criado e difundido por intelectuais e profissionais da imprensa. Neste caso, nota-se um posicionamento que coloca em dúvida se o futebol praticado no Brasil na realidade é o mesmo daquele divulgado pelos veículos de comunicação. Os próprios autores dizem ser esta visão do futebol brasileiro, definidor de identidade, como uma “metáfora poderosa, pois transcende os limites do campo acadêmico e intelectual (onde foi gerada), para se tornar uma ideologia amplamente difundida e absorvida pelo senso comum”.<sup>12</sup> Eles ainda apontam as Copas do Mundo de 1950, 1958, 1962 e 1970 como eventos em que se pôde enxergar claramente a proporção que tal metáfora havia tomado, com a presença de jogadores negros e mestiços e as vitórias alcançadas após 1950 como prova do futebol dito artístico.

---

<sup>11</sup> HELAL; GORDON. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI, p. 43.

<sup>12</sup> HELAL; GORDON. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI, p. 44.

Sob a ótica desta formação discursiva, o enquadramento dado à Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970 colaborou intensamente para o adensamento da identidade nacional brasileira atrelada à noção do futebol habilidoso, pleno de ginga, dribles, improvisação e malandragem. Aspectos táticos e físicos que contribuíram para o sucesso do Brasil naquela competição foram paulatinamente esquecidos, em favor da suposta habilidade incontestável dos jogadores nacionais, perpetuando-se assim a ideia do futebol genial e criativo dos brasileiros. E mais uma vez, a dita “metáfora” do futebol-arte foi tão intensificada pela imprensa em 1970, que acabou reverberando na seleção escalada para a Copa de 1982. Mesmo tendo terminado a competição em quinto lugar, este grupo de jogadores foi considerado exemplo das características pelas quais o futebol brasileiro é reconhecido, como se fosse uma extensão da seleção que disputou o evento doze anos antes (Santoro; Soares, 2009).

Franco Júnior (2013) vai além da ideia de Soares, Helal e Santoro (2004) em relação ao futebol-arte no Brasil, apresentando-o como uma falácia, quando se refere ao que tem sido visto do esporte na atualidade:

Parte essencial do clichê “Brasil, país do futebol” é a crença de que aqui se joga com mais habilidade, com mais qualidade. A rigor, porém, o nível de nossas competições é mediano, quando não baixo. O enquadramento institucional impede que a potencialidade esportiva se torne realidade.<sup>13</sup>

Soares, Helal e Santoro (2004) dizem, ainda, que a construção da ideia de uma forma característica de se praticar o futebol no Brasil funcionou como uma forma dos habitantes do país se afirmarem culturalmente perante o resto do mundo. Assim, a produção de narrativas sobre o futebol assumia o discurso da “essência” do ser brasileiro. Os autores apontam para o fato de que, tendo sido construída em grande parte por narrativas jornalísticas, a memória do futebol brasileiro está repleta de parcialidades, seguindo a tendência na qual está fundamentada, de que este esporte no Brasil remete mais ao artístico do que ao técnico. Como exemplo, eles também citam a Copa do Mundo de 1970, afirmando que a memória da seleção que disputou este evento foi embasada apenas nos

---

<sup>13</sup> FRANCO JÚNIOR. Brasil, país do futebol, p. 50.

aspectos que diziam respeito ao talento dos jogadores, em detrimento da preparação técnica pela qual a equipe passou durante todo o período de treinamento e de preparação, iniciado ainda no Brasil – antes da viagem ao México.

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, trabalhamos com a ideia de que há dois discursos concomitantes a respeito do futebol brasileiro: um que tende a caracterizá-lo como arte ou algo próximo da arte, e outro que procura desmistificar essa caracterização. Por meio dos autores e da bibliografia aqui relacionada, pôde-se entender como ambos os discursos foram formados e difundidos de diferentes maneiras: o futebol-arte, surgido no meio acadêmico e intelectual, teve uma divulgação massiva e uma reatualização por parte dos meios de comunicação, tornando-se um elemento unificador da sociedade brasileira. Já o futebol compreendido sob uma nova ótica da academia acabou ficando mais circunscrito à comunidade universitária e ao universo da pesquisa no campo das humanidades e das ciências da comunicação, posicionando-se de forma destoante da visão deste esporte à qual a população do país está acostumada.

De fato, o futebol valorizado pelos brasileiros é justamente aquele praticado de forma poética, como defendia Pasolini, talvez porque seja entendido como o “verdadeiro” futebol do Brasil, aquele que é mais reconhecido pelos dribles e firulas do que pelos passes e jogadas coletivas. Elementos da cultura que identificam o estilo brasileiro de se praticar esse esporte (como a malícia, a valorização de certas partes do corpo e a transgressão à autoridade) acabam por ser mais associados às jogadas individuais do que aos arranjos coletivos ou físicos.

Essa identificação causada pelo formato singular do esporte praticado no país, assim como na política, tem sido muito visada também pelo mercado como um apelo publicitário eficaz na divulgação de suas marcas, produtos e serviços. Entendendo as emissoras de televisão como empresas do mercado de comunicação, o futebol e, especialmente, eventos como a Copa do Mundo, são oportunidades de garantir a identificação do público, principalmente se a ideia de “melhores do

mundo” e o sentimento de patriotismo estiverem atrelados ao conteúdo exibido nas produções, que chamam os telespectadores a acompanhar o campeonato.

De todo modo, o discurso recente da academia a respeito do futebol brasileiro vê o futebol-arte de Gilberto Freyre mais como uma exceção do que como regra, como discutido nestas páginas. Não se pode negar que alguns jogadores brasileiros atuais e recentes, como Neymar, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Robinho e muitos outros, possuam uma forma característica de praticar futebol; mas também não se pode dizer que tal estilo pertença unicamente a eles. Hoje, outros jogadores, de diversas nacionalidades, possuem grande habilidade com a bola, utilizando-se de “firulas” e transgressões para “embelezar” o jogo. Também não se pode deixar de lado o fato de que algumas seleções brasileiras demonstraram extrema destreza na prática do chamado futebol-arte em vários mundiais. No entanto, embora esta seja a visão difundida preferencialmente pela mídia, a partir do momento em que a maior parte das Copas do Mundo foi marcada por uma atuação regular dos jogadores brasileiros, e não tão artística, relativiza-se assim a visão idílica de Gilberto Freyre.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. **Revista USP**. São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun-jul-ago, 1994.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: HUCITEC, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Brasil, país do futebol?. **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 45-56, set.-nov. 2013.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). 2000. 153 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938.

GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: ANPOCS, XXVII, 2003, Caxambu. Encontro Anual da ANPOCS – Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Congresso**, ANPOCS.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. A produção das diferenças na produção dos ‘estilos de jogo’ no futebol: a propósito de um texto fundador. In BUARQUE DE HOLLANDA, B. B.; BURLAMAQUI, L. G. (Orgs.). **Desvendando o jogo** – nova luz sobre o futebol. Niterói: Editora da UFF – FAPERJ, 2014.

HELAL, Ronaldo. Heróis Malandros?. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 nov. 2012.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. A crise no futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e dionisíacos” – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. **Análise Social**. Lisboa, v. 41, n. 179, p. 435-450, 2006.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ, 2012.

MARQUES, José Carlos; MARCONDES, Nathaly B. A vinheta oficial da FIFA para a Copa do Mundo de 2014 e o futebol-arte de Gilberto Freyre: aproximações estéticas e apropriação publicitária. **Eptic** (UFS), v. 18, p. 133-149, 2016.

MARQUES, José Carlos; MARCONDES, Nathaly B. Um por todos, todos por um: a individualidade e o “futebol arte” brasileiro analisados em três momentos da Copa do Mundo de 2014. In: ARAÚJO, Allyson Carvalho (Org.). **Copa do Mundo 2014**: debates sobre mídia e cultura. Natal: EDUFRN, 2015, v. 1, p. 115-144.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. **Folha de S. Paulo**. São Paulo: 06 mar. 2005. Caderno Mais!, p. 4.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SANTORO, Marco A.; SOARES, Antônio J. G. **A memória da Copa de 1970**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores associados, 2009.

SOARES, Antônio J.; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco A. Futebol, imprensa e memória. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 61-78, jan/jun 2004.

SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo R. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 129-143, set. 2003.

VOGEL, Arno. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto et al. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\* \* \*

**Recebido para publicação em: 28 maio 2018.**  
**Aprovado em: 11 nov. 2018.**



## **O tempo livre do trabalhador sob controle: comparação entre o Serviço de Recreação Operária (S. R. O.) e a Comunidade Nacional-Socialista Força pela Alegria (KdF)**

The Free Time of the Worker Under Control: A Comparative Analysis between the Serviço de Recreação Operária/Worker's Recreation Service (S. R. O.) and the National Socialist Community Force for Joy (KdF)

**Elizabeth da Cunha Süssekind**

Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro/Brasil  
Doutora em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas

**Marcus Vinícius Macri Rodrigues**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/Brasil  
Doutorando em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
marcusmacri@yahoo.com.br

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar, sob uma perspectiva comparativa, o primeiro ano de atividade do Serviço de Recreação Operária (S. R. O.), criado no final do ano de 1943, durante a ditadura de Getúlio Vargas, como órgão destinado a promover o lazer e a cultura do operário sindicalizado. Buscaremos contemplar a preocupação do governo Vargas com o tempo livre do operariado brasileiro, dentro do contexto do final do Estado Novo, utilizando matérias publicadas em periódicos, especialmente no jornal *A Noite*. Contraporemos a política de Vargas à discussão sobre o tempo livre do trabalhador na Alemanha, antes e durante o regime nazista, especialmente com relação às atividades desenvolvidas pela Comunidade Nacional-Socialista Força pela Alegria KdF, que atuou durante o governo nazista (1933-1945).

**PALAVRAS-CHAVE:** Getúlio Vargas; Nazismo; Lazer; História Comparada; Classe Operária.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze, from a comparative perspective, the first year of activity of the Serviço de Recreação Operária/Worker's Recreation Service (S. R. O.), created at the end of the year 1943, during Getúlio Vargas' dictatorship, as an organ intended to promote the leisure and culture of the Oper Unionized. We seek to contemplate the concern of the Vargas' government with the free time of the Brazilian workers within the context of the end of the new state, using articles published in periodicals, especially in the newspaper *A Noite*. We compare the Vargas' policy and discussion over the worker's free time with the German experience, before and during the Nazi regime, especially with regard to the activities developed by KdF, that acted during the National Socialist government (1933-1945).

**KEYWORDS:** Vargas's Government; Nazism; Leisure; Comparative History; Working Class.

No final do ano de 1943, durante a ditadura de Getúlio Vargas, foi criado o Serviço de Recreação Operária (S. R. O.), como órgão destinado a promover o lazer e a cultura do operário sindicalizado. Em um contexto de grandes inovações na regulação do trabalho urbano no Brasil, a partir de 1930, com a promulgação de diversas legislações voltadas para o mundo do trabalho que seriam organizadas também em 1943 com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), nota-se a preocupação do governo Vargas com o tempo livre do operariado brasileiro no final do Estado Novo (1937-1945). No contexto da Segunda Guerra Mundial, em que o Brasil se colocava no campo como aliado de nações democráticas contra regimes fascistas, a criação de uma organização voltada ao controle do tempo livre do trabalhador poderia invocar uma identificação com iniciativas de regimes inimigos da nação naquele momento, como a organização alemã *Kraft durch Freude – KdF* (Comunidade Nacional-Socialista Força pela Alegria), que atuou durante o governo nazista (1933-1945) ou a organização italiana *Il Dopolavoro*, criada em 1925, pelo governo fascista de Benito Mussolini. Apesar disso, verifica-se, como veremos à frente, que o discurso do primeiro presidente do S.R.O. utilizava exemplos de organizações dos Estados Unidos e Inglaterra como inspiração para o serviço, além de adotar vocabulário que sugeria a criação daquele órgão como uma iniciativa “democrática” em plena vigência do Estado Novo.

Buscaremos, utilizando matérias publicadas em periódicos, contrapor a política de Vargas, adotada com a criação do S. R. O., à discussão sobre o tempo livre do trabalhador na Alemanha, antes e durante o regime nazista, especialmente com relação às atividades desenvolvidas pela *KdF*, levando em consideração as colocações de Jürgen Kocka que, em *Comparison and Beyond* (2003),<sup>1</sup> que afirma que comparar em História significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas similaridades e diferenças, de modo a se alcançar determinados objetivos intelectuais. Buscaremos assim realçar similitudes e divergências entre as duas iniciativas.

---

<sup>1</sup> KOCKA, Jürgen. *Comparison and beyond*, p. 39-44.

**FORÇA PELA ALEGRIA: O TEMPO LIVRE CONTROLADO**

Em o “Tempo livre do trabalhador como problema sociopolítico”, Hermann Giesecke aborda o esforço da burguesia alemã em tratar da questão do “tempo livre do trabalhador”, suscitada pelo surgimento do descanso dominical e do tempo do não-trabalho.<sup>2</sup> Esse tempo passou a existir com a regulamentação da jornada máxima de 8 horas por dia, ainda no século XIX. O tempo livre era tratado como ameaça permanente de “embrutecimento dos costumes”, como dispêndio de tempo excessivo em tavernas e risco de maior engajamento em questões políticas. A burguesia buscou, sem sucesso, uma “integração” dos trabalhadores nos valores de sua classe. No entanto, a cultura de massa suplantou esse projeto, ensejando novas abordagens para a questão.

Giesecke cita o esforço pelo “enobrecimento das recreações populares”, voltado contra bares e literatura barata, visando a promoção da “reconciliação de castas e classes”. Para tal, fomentaram eventos comuns, como excursões ou festas de fábricas, em que estratos sociais diferentes interagiriam, com a disposição dos “letrados” em agir como professores dos trabalhadores.

O autor percebeu o esforço para se contrapor à social democracia, buscando-se estabelecer práticas onde “no negócio e na profissão deve imperar a disciplina e a subordinação rígidas; mas, para além do trabalho, nas horas de recreação, devemos procurar promover as relações entre os homens sempre de maneira natural, cordial e pacífica”.<sup>3</sup>

O autor aponta que o domingo livre gerava o problema de arrastar pessoas jovens e solteiras para tavernas como única opção de divertimento, caso não utilizassem seu tempo livre em organizações esportivas, culturais ou religiosas. Essas questões apontavam que a sociedade alemã da época não estava preparada para lidar com a questão do tempo livre do trabalhador, com a burguesia buscando responder a essas situações com um viés contrário à social democracia.

---

<sup>2</sup> GIESECKE. Arbeiterfreizeit als sozialpolitisches Problem, p. 26-33.

<sup>3</sup> GIESECKE. Arbeiterfreizeit als sozialpolitisches Problem, p. 26-33. Livre tradução.

Por sua vez, o autor mostra que, diferentemente das previsões iniciais, o tempo livre contribuiu para a despolitização dos trabalhadores, ensejando críticas de esquerdistas às atividades culturais e desportivas em que trabalhadores participavam. O temor do “embrutecimento dos costumes” também se revelou infundado, pois estava mais baseado em preconceitos motivados pelo desconhecimento da vida operária por parte da burguesia do que pela realidade.

No século XIX, as associações tornaram-se uma forma organizacional para atividades sociais de convivência, contando, algumas delas, com centenas de milhares de associados nas proximidades do início da Primeira Guerra Mundial. Verificou-se a competição entre associações operárias, burguesas e religiosas, opondo, por exemplo, ligas de cantores operários à “Liga dos Cantores Alemães”, esta de orientação burguesa; ou a “associação dos ginastas alemães”, ligadas ao Reich, à “Liga dos Ginastas Operários”. Giesecke conclui que não se deve tomar o discurso das fontes burguesas como representativo da realidade do “problema do tempo livre” no período analisado e sugere que os “problemas” imaginados tornaram-se realidade no “entre guerras”, quando essas associações se tornaram mais frágeis.

Elcio Cornelsen (2014)<sup>4</sup> busca mostrar que o lazer sob o domínio nazista, durante boa parte do século XX, pós Segunda Guerra Mundial, foi visto como segmento apolítico da vida cultural alemã, panorama que mudou no pós-Guerra Fria, com diversos estudos sobre o fenômeno do totalitarismo. Citando Eckhard Jesse, assevera que o totalitarismo não se apoiaria apenas em repressão e terror, mas também em persuasão, mobilização e integração dos cidadãos. Deve-se focar atenção nos elementos de atração das massas para compreender o regime nazista em sua totalidade. Cornelsen afirma que o conceito de totalitarismo adotado por ele abrange tanto questões organizacionais quanto ideológicas, sociais, psicológicas ou comportamentais em estudos disciplinares, e buscou focar nas instituições estatais que instrumentalizaram o lazer dentro do sistema totalitário nacional socialista.

A criação de uma instituição que regulasse as políticas de lazer no período nazista fazia parte de uma política de “sincronização” (termo do jargão nazista,

---

<sup>4</sup> CORNELSEN. O lazer sob o jugo totalitário, p. 270-273.

*Gleichschaltung*), uma política de intervenção no âmbito do trabalho, que buscava uniformizar e controlar todas as instituições públicas e sociais dessa área. Após a extinção das entidades sindicais, em 1933, foi criada a DAF (Deutsche Arbeits-Front/Frente Alemã do Trabalho), que abrangeria todas as categorias laborativas na Alemanha. Outra organização, a KdF (*Kraft durch Freude* / Comunidade Nacional-Socialista “Força pela Alegria”), subordinada à DAF, para instrumentalizar o lazer e o esporte no âmbito trabalhista, foi instituída em novembro de 1933. Frank Grube e Gerhard Richter apontam que essa organização não era uma invenção nazista. Foi criada a partir de estruturas existentes no movimento sindical na República de Weimar e teve como precedente uma organização da Itália fascista, *Il Dopolavoro*, criada em 1925, pelo governo de Benito Mussolini. Suas atribuições eram promover políticas de higiene e saúde no âmbito das empresas, construir restaurantes, espaços de descanso e centros esportivos, todos mantidos por empresas e destinados a seus trabalhadores.

Determinou um aumento das férias anuais de três para doze dias por ano. Promoveu também uma ampla oferta de programas de lazer, culturais e esportivos. Sua estrutura organizacional dividia-se em cinco departamentos: 1) O “Serviço de Nacionalidade e Pátria”, encarregado de organizar a participação de trabalhadores em eventos de caráter popular; 2) o “Serviço de Formação Popular Alemã” – que promovia cursos para adultos; 3) o setor “Beleza para o Trabalho”, encarregado de fazer melhorias nas instalações de trabalho; 4) o “Serviço do Esporte”; 5) o “Serviço para Viagens, Passeios e Férias”.

Cornelsen mostra que eram diversas as atividades promovidas pela KdF: idas a teatros, cinemas, concertos e exposições; passeios e práticas desportivas; danças folclóricas; exibição de filmes. Viagens subvencionadas para turismo. Esse último departamento teve relevância especial ao oferecer grande expansão da oferta de turismo para trabalhadores que, até então, não podiam se deslocar para fora de suas cidades de forma barata. Ofereciam até mesmo cruzeiros transatlânticos, cooperando para a popularidade dessa organização e do próprio regime nazista entre os trabalhadores alemães.

O autor afirma que o intuito dessa política era organizar o tempo de descanso, relaxamento e lazer frente ao trabalho, no sentido de possibilitar aos trabalhadores a recuperação das forças físicas e psíquicas exigidas por suas funções, através da participação em atividades lúdicas. No entanto, não era esse o único intento do governo nazista: buscava-se evitar o ócio que produziria pensamentos “tolos, difamatórios e, por fim, criminosos”. Naquele momento, o tempo livre não escapava ao controle total do estado alemão.

Em “A Comunidade Nazista ‘Força pela Alegria’: descanso para os trabalhadores – aumento de produção para o Estado”, Claudia Schneider (2004) afirma que a *Kraft durch Freude* era a organização mais popular e eficaz do regime nazista, oferecendo amplo programa de descanso e diversão, sobretudo para o operariado, que, em grande parte, não tinha acesso a esses serviços. Ela reafirma a inspiração italiana do projeto. A repartição para o esporte era responsável pela educação física do povo alemão. Sua atuação tornou modalidades esportivas que dependiam de equipamentos caros acessíveis à maioria da população.

Tudo era subvencionado pela DAF e todos os trabalhadores pagavam taxas à organização. A repartição “Viagem, Excursão e Férias” se auto financiava e administrava 80% da movimentação financeira da comunidade KdF. Viagens curtas e até cruzeiros transatlânticos eram oferecidos. O cadastro era bastante burocrático e não era fácil ser contemplado com uma viagem cara.

As metas da KdF eram a supressão das diferenças sociais e a criação de uma grande comunidade popular alemã, na qual cada cidadão deveria ter os mesmos direitos à diversão e ao descanso. Tal sentimento de pertencimento era necessário para, segundo a autora, que as metas implícitas de Hitler fossem alcançadas. A educação física popular e a educação popular eram não menos importantes. O esporte deveria apurar a força de defesa das pessoas para “tarefas vindouras”. O programa de entretenimento e as viagens eram elementos primordialmente de propaganda.

A autora afirma que o suposto programa altruísta e idealista da organização KdF era, por fim, uma estratégia apurada, no sentido de convencer o povo alemão da

integridade dos planos de Hitler e, sobretudo, para levá-lo à “cooperação”. A repartição “Viagem, Excursão e Férias” foi completamente dissolvida em fevereiro de 1943, e as demais repartições foram reagrupadas na “Repartição para Acompanhamento das Tropas da KdF e dos Empregados”. O antigo programa de tempo livre tornou-se, finalmente, uma organização assistencial, que apoiou a guerra e fortaleceu a vontade de resistência do povo alemão.

A experiência alemã com o controle do tempo do trabalhador, até a derrota na Segunda Guerra Mundial, alcançou grande alcance junto à sua população e importante aspecto ideológico para o regime nazista, ao procurar controlar e “sincronizar” até o tempo do não-trabalho, para facilitar a consecução dos objetivos do governo nacional socialista. Ao analisar a realidade brasileira, cujo surgimento de um serviço voltado para a recreação dos trabalhadores é contemporâneo ao fim da experiência nazista, podemos verificar similitudes em algumas ações mas grandes diferenças nos discursos relativos aos objetivos da criação do S. R. O.

**DIFUNDIR CADA VEZ MAIS AS ATIVIDADES FÍSICAS E MORAIS ENTRE A CLASSE OPERÁRIA:  
O SERVIÇO DE RECREAÇÃO OPERÁRIA**

Nos últimos anos foram realizados diversos estudos sobre o Serviço de Recreação Operária, destacando-se a tese de doutorado de Ângela Bretas “Nem só de pão vive o homem: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943- 1945)” (2007), que aborda o processo de criação do Serviço e a influência das discussões sobre a questão do tempo livre do trabalhador brasileiro. Bretas, no artigo “O Serviço de Recreação Operária (1943-1945): uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho”,<sup>5</sup> também analisa as preocupações do Estado com relação ao tempo livre do trabalhador. O artigo de Elza Peixoto (2008) analisa a formação do S. R. O. com base em relatórios, entrevistas e na produção de Arnaldo Süssekind, reconhecido aqui como intelectual orgânico de classe.<sup>6</sup> Aline Amoêdo Corrêa (2008) procura analisar comparativamente os dois serviços. Esses trabalhos têm em comum o uso de

<sup>5</sup> BRETAS. Serviço de Recreação Operária: a singularidade de uma *experiência* (1943- 1945), p. 43-71.

<sup>6</sup> PEIXOTO. O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil, p. 115-140.

relatórios e entrevistas de Arnaldo Süssekind como fontes. A proposta deste artigo é utilizar a fonte jornalística de forma a complementar o conhecimento sobre o tema.<sup>7</sup>

Utilizamos majoritariamente como fonte o jornal *A Noite*, fundado por Irineu Marinho em 1911, que funcionou até 1957. Atravessou diversas fases, sendo uma delas sua encampação estatal, no período do Estado Novo, ocorrida em 1940, e que durou até o seu fechamento. O verbete de Marieta Morais Ferreira sobre a trajetória do jornal cita Carvalho Neto, o qual argumentava que “a independência de *A Noite* incomodava o governo, e a alternativa era transformá-lo num ‘diário oficial’... Assim, *A Noite*, no decorrer dos 17 anos de encampação, transformou-se por decreto em órgão de elogio obrigatório a todos os governos” (2017).<sup>8</sup> Utilizaremos também o jornal *A Manhã*, do mesmo modo bastante alinhado com o governo de Vargas. Tânia Regina de Luca (2005) afirma que, ao utilizarmos periódicos como fontes de pesquisa, não devemos perder de vista que

[...] em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento. O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição de difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político.<sup>9</sup>

A origem do esforço do governo Vargas em sistematizar a recreação remonta à edição do Decreto-Lei 4.298, de 14 de maio 1942, que tratava do recolhimento e aplicação do imposto sindical. No artigo 7º desse decreto foi estabelecido que a renda da aplicação desse tributo por parte dos sindicatos de empregadores, empregados e profissionais liberais deveria ser aplicada em diversas atividades, que incluíam atividades culturais.

---

<sup>7</sup> Conf.: CORRÊA. A construção da modernidade e o controle do não-trabalho na sociedade brasileira: uma análise comparada do Serviço de Recreação Operária (S. R. O.) e o Serviço Social do Comércio (SESC).

<sup>8</sup> Conf.: FERREIRA. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*.

<sup>9</sup> LUCA. História dos, nos e por meio dos periódicos, p. 129.



Em 25 de setembro de 1943, o jornal *A Manhã* edita uma nota sobre o processo de regulamentação de um serviço para o lazer operário:

Considerando que se faz mister difundir cada vez mais as atividades Físicas e morais entre a classe operária, facilitando-se lhe os meios de recreação em geral e prestando aos respectivos sindicatos a colaboração que se for necessária, resolve designar os assistentes técnicos deste Gabinete, Arnaldo Lopes Sussekind, Evaristo Moraes Filho e Antônio da Conceição, como representantes dos empregados sindicalizados para, em comissão, sob a presidência do primeiro, elaboraram [sic] um projeto de portaria criando um serviço Especial junto à Comissão Técnica de Orientação Sindical, para atendimento daqueles objetivos.<sup>10</sup>

Em 06 de dezembro de 1943, o ministro do Trabalho edita a Portaria 68, que cria o Serviço de Recreação Operária – S. R. O., ao qual competia “difundir as atividades físicas e culturais entre os trabalhadores sindicalizados, facilitando e coordenando os meios de recreação em geral e prestando aos sindicatos a colaboração que for necessária”.<sup>11</sup> A Portaria estabelece que o S. R. O. exerceria suas atividades nos setores culturais, no esportivo e no escotismo. De atribuição nacional, inicialmente foi organizado de modo direto no Distrito Federal, pois, nas demais unidades federativas a organização das atividades seria realizada por autoridades designadas pelo ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.

No Jornal *A Noite*, de 31 de dezembro de 1943, foi publicada uma entrevista com o primeiro presidente do Serviço, Arnaldo Sússekind, que faz diversas colocações sobre o órgão:

O ser humano que trabalha e produz desenvolvendo a fortuna pública, necessita de entretenimento que o faça descansar por instantes das preocupações de sua oficina. E a recreação operária realiza bem o outro lado, também coletivo, para o qual foi criada. Aproxima os trabalhadores, faz com que se entretenham no convívio diário, estimulando entre eles um sadio processo de agremiação.

Consequentemente, o objetivo primordial do novo Serviço é o melhor aproveitamento social e individual das horas de folgas dos operários e de suas famílias, oferecendo-lhes possibilidades de praticar recreação saudável, de se congregar na disputa esportiva ou num salão de diversões espirituais, fazendo-lhes esquecer, enfim, o ambiente profissional. Também ao filho do operário, seja ou não um aprendiz, será ministrada a mais aconselhável de todas as formas de recreação coletiva infantil: – o escotismo.<sup>12</sup>

<sup>10</sup> A MANHÃ. 25 set. 1943, p. 10.

<sup>11</sup> BRASIL. *Diário Oficial da União*, 08 dez. 1943, p. 18038.

<sup>12</sup> A NOITE. 31 dez. 1943, p. 9.

Na matéria consta a afirmação de que centros de recreação operária seriam montados nos bairros de maior concentração de trabalhadores. E que a sociedade seria beneficiada por esses serviços através do cinema, rádio e do teatro operário, vistos como diversão e educação, e de música “acessível à mentalidade operária”, jogos de campo e salão. A reportagem afirma que outras vantagens adviriam do serviço: a facilitação da compreensão de seus direitos e deveres, melhoramentos da saúde do corpo e do espírito, sempre aumentando a disposição do trabalhador para seu ofício.

Süssekind, presidente do serviço recém-criado, ainda explica a razão de existir do S. R. O., segundo a visão do governo, apesar da CLT definir a percentagem do imposto sindical a ser aplicada pelos sindicatos em finalidades culturais e desportivas, era necessária a criação de um “órgão supervisor que facilitasse e coordenasse os meios de recreação em geral”. O presidente do serviço faz uma afirmação que mostra as contradições no discurso do Estado varguista, em seus estertores:

Como manifestação democrática dos seus objetivos sociais, o Estado Nacional resolveu, assim, instituir esse aparelhamento central de orientação e estímulo à prática da Educação física e cultural, no qual tem participação direta um representante da massa proletária.

Nas grandes democracias, como os Estados Unidos e a Inglaterra, a recreação operária está, há vários anos em pleno funcionamento, sendo considerada, neste momento de intenso esforço de guerra, um dos fatores decisivos para a vitória na batalha da frente interna. Foi em boa hora, pois, que o Brasil criou o seu serviço de Recreação operária, com o qual afirma o sentido social de sua democracia.

Cabe alguma reflexão sobre essas últimas colocações: no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando a ditadura varguista se colocava ao lado das democracias contra as ditaduras do Eixo, ficava evidente o descompasso entre a prática autoritária e centralista do Estado Novo e o discurso do S. R. O., onde a palavra “democracia” tem conotação altamente positiva no discurso de Süssekind.

No ano de 1944, observamos muitas reportagens nesse periódico sobre o S. R. O., desde a recepção dos trabalhadores à novidade, que comemoravam a possibilidade de poder inscrever seus filhos em grupos de escoteiros ou praticar esportes como a natação, como o esforço do S. R. O. em promover a alfabetização dos operários.

Foram estabelecidos um programa e um concurso para a elaboração do material a ser usado nesse esforço. O Ministro do Trabalho editou a Portaria nº 18, de 19 de abril de 1944, data das comemorações do aniversário natalício de Vargas, com a abertura de concurso para escolha de cartilha para alfabetização dos proletários. Na exposição de motivos, as justificativas para a medida foram a necessidade de elevar o “nível do proletariado brasileiro, cujo índice de conhecimento não é o desejável”, e que “se impõe ao Estado o dever de promover os meios de proporcionar ao povo recursos que permitam uma melhor vida, não só material como intelectual”.<sup>13</sup> No mesmo dia foi editada a Portaria nº 19, que criava o programa de voluntariado da alfabetização operária, onde se afirma: “[...] o Ministro de Estado, considerando que o Serviço de Recreação Operária foi criado para difundir as atividades físicas e culturais entre os trabalhadores sindicalizados, facilitando e coordenando os meios de recreação em geral e prestando aos sindicatos a colaboração que for necessária”; e complementava afirmando que “o aludido serviço objetiva elevar, cada vez mais o nível de cultura do proletariado brasileiro, a fim de que a recreação espiritual possa realizar integralmente a sua alta finalidade”.<sup>14</sup> A Portaria 71, de 23 de dezembro de 1944, promulgou o resultado e determinou ao S. R. O. que promovesse a edição do trabalho vencedor, a gravação das aulas contidas nele, distribuindo os livros e os discos a todos os sindicatos de trabalhadores do Brasil.

O Jornal *A Noite* destaca a instalação do 1º Centro de Recreação Operária, nas dependências do Carioca Sport Club, no bairro da Gávea, em publicação de 24 de fevereiro de 1944. No local, os operários teriam acesso a cinema, teatro, biblioteca e espaço para praticar “quase todos os *sports*”. Após a cerimônia, houve apresentações de corais e uma partida de basquete entre trabalhadores. No discurso de inauguração, Süsskind novamente faz referência à democracia, e um adendo, onde argumenta que “o Serviço de Recreação Operária não interfere nos sindicatos, para a realização dos seus fins, como acontece em alguns países”,<sup>15</sup> e apenas coordenaria os meios de

---

<sup>13</sup> BRASIL. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. *Diário Oficial da União*, 24 abr. 1943.

<sup>14</sup> BRASIL. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. *Diário Oficial da União*, 24 abr. 1943.

<sup>15</sup> A NOITE. 24 fev. 1944, p. 2.

recreação. Nota-se claro esforço retórico de alinhamento com os países democráticos e afastamento de outras iniciativas semelhantes praticadas por nações fascistas. Nesse mesmo discurso, fica evidente que o Serviço é voltado exclusivamente ao trabalhador sindicalizado e aos seus familiares.

Uma segunda sede foi instalada no bairro do Méier. Inicialmente, seria localizada no Valim Esporte Clube, mas foi, de fato, instalada no Sport Club Mackenzie, em 28 de julho de 1944. Nesse centro, os trabalhadores poderiam ter acesso a uma filмотeca, biblioteca, teatro recreativo e campos para esportes em geral. O jornal *A Noite* detalha que o funcionamento era intermitente. O centro da Gávea funcionava às terças e quintas-feiras à noite e domingos de manhã, e o do Méier, quartas e sextas à noite e domingos de manhã.

Vemos que as atividades do S. R. O. se utilizavam de infraestruturas existentes. Os Centros de Recreação foram objetos de diversas matérias, especialmente em ocasiões como festas para crianças, “Natal do trabalhador sindicalizado” e comemorações de fim de ano. Cabe reproduzir uma nota do jornal *A Noite* de 04 de abril de 1945, sobre os fatos ocorridos no dia 31 de dezembro de 1944, quando houve a festa de encerramento de atividades no C. R. O. do Meier:

Linda festa esportiva no Centro de recreação operária do Méier – encerrando as suas atividades esportivas do ano de 1944, o serviço de recreação operária do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, que muito vem se distinguindo pelas suas brilhantes iniciativas em prol, não só da cultura física, como também do desenvolvimento intelectual dos filhos dos trabalhadores sindicalizados, fez realizar, na manhã de domingo, dia 31 de dezembro p. p. [sic], uma bela festa esportiva. A solenidade, que se revestiu de grande brilho, teve lugar às 9 horas, no centro de recreação do Méier, à rua Dias da Cruz, 561, obedecendo ao seguinte programa: desfile de abertura, Hino Nacional e hasteamento da bandeira brasileira; exercícios com bastões; corrida de “medicine ball”; cabo de guerra; briga de galos (menores); pirâmides em trios; basketball. Torneio relâmpago com tempos de seis minutos; volley ball gigante.

O S. R. O. também organizou passeios para trabalhadores. A ilha de Brocoió, na baía de Guanabara, adquirida pela administração do Distrito Federal, recebeu uma excursão de trabalhadores, relatada pelo jornal *A Noite*, de 26 de junho de 1944. A

matéria, além de tecer os costumeiros elogios ao governo, faz a afirmação de que essa iniciativa era prova “de compreensão recíproca entre governo e o povo concorre de modo bastante expressivo para solidificar os elos de simpatia popular para com os supremos dirigentes da nação”. Na programação constaram passeios pela ilha, jogos de volleyball, de peteca, futebol e banhos de mar, bem como exibição de um filme de longa-metragem, e outras atividades lúdicas, como corrida de sacos e esquetes. A edição de 18 de junho de 1944 informou que o passeio era gratuito, sendo a única condição exigida a “carteira sindical”.

Outras atividades foram destacadas pelo jornal: o concurso da “Canção do Trabalhador Brasileiro” que, em julho daquele ano premiou uma canção que exaltava “o Brasil Trabalhista”, e “a alegria das conquistas alcançadas sem as crises sangrentas que seus irmãos de outras terras suportaram”. Campeonatos intersindicais de futebol foram organizados e muitas vezes serviram de preliminares para eventos políticos de massa do governo Vargas. A matéria “A estiva venceu o ‘Fla Flu’ sindical” mostra uma dessas partidas. As apresentações do “Teatro do Trabalhador Brasileiro” ganharam boa cobertura jornalística, sendo frequentes as referências às apresentações no Teatro Fênix.

O escotismo recebeu muito destaque dentro do S. R. O., sendo visto até mesmo como inspiração para a criação do Serviço. Diversos grupos de escoteiros foram organizados e realizaram atividades como os acampamentos na ilha de Brocoió, em fevereiro de 1945. Antes, em 22 de setembro de 1944, o jornal *A Noite* relatou uma homenagem feita pelos escoteiros a Getúlio Vargas. Cada sindicato tinha o seu grupo de escoteiros, nomeado ora com grandes referências da cultura e história do Brasil, ora com nomes de membros do Governo Vargas.

## CONCLUSÃO

Jurgen Kocka, em *Comparison and Beyond* (2003),<sup>16</sup> afirma que comparar em História significa discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente a respeito de suas similaridades e diferenças, de modo a se alcançar determinados objetivos

---

<sup>16</sup> KOCKA, Jürgen. *Comparison and beyond*, p. 39-44.

intelectuais. A abordagem comparativa pressupõe que as unidades de comparação possam ser separadas umas das outras, sendo casos independentes, reunidos analiticamente através de perguntas sobre as similaridades e diferenças entre eles. Heuristicamente, a abordagem comparativa permite identificar questões e problemas que poderiam, de outro modo, se perder e negligenciar, ou apenas não inventar. Descritivamente, a comparação histórica ajuda a esclarecer os perfis de casos singulares, frequentemente de um único caso, ao contrastá-los com outros.

A comparação entre as iniciativas da KdF e do S. R. O. mostra preocupação dos governos em lidar com a questão do tempo livre do trabalhador e a visão do Estado como responsável direto pela implementação de políticas do gênero, mesmo que, no caso brasileiro, venham disfarçadas como papel de “coordenação”. Ambos os serviços se utilizaram de infraestruturas existentes para organizar suas atividades: no caso nazista a expropriação dos bens dos sindicatos favoreceu as atividades e, no Brasil, as instalações de clubes já existentes servia para a montagem de centros de recreação ou de realização de eventos, como partidas de futebol ou passeios.

O uso do teatro e do cinema favorecia a divulgação de ideologia, ou, na pior das hipóteses, não prejudicava o esforço de propaganda, pois eram selecionados apenas filmes considerados “adequados”. Percebe-se que a preocupação com a questão laboral estava mais presente na Alemanha, na organização “Beleza para o Trabalho”, com intervenções diretas nos locais do trabalho, enquanto que, no Brasil, voltava-se mais atenção para a recuperação física do trabalhador e aos esforços de aumentar o nível cultural do operariado brasileiro.

É possível perceber que ambos os órgãos se esforçaram em fortalecer os laços entre os regimes e a população, através da concessão de benesses aos trabalhadores, em esforço de propaganda que visava mostrar “boas intenções para o trabalhador” por parte dos governos dos dois países.

No entanto, cabe ressaltar que, no caso brasileiro, houve preocupação em estabelecer diferenciações claras entre o S. R. O. e iniciativas similares, como as da KdF ou do Dopolavoro. O presidente do órgão em mais de um discurso enalteceu o caráter “democrático” do Serviço, deixando claro que não havia intervenção

governamental nos sindicatos, apenas uma coordenação dos esforços. Buscou também estabelecer semelhanças entre os programas voltados para o lazer dos trabalhadores dos Estados Unidos e da Inglaterra. Em momentos posteriores, quando a ditadura varguista já havia caído, Sússekind faz referências às influências das normas da OIT e da Rerum Novarum como inspirações para o Serviço de Recreação Operária, embora não tenhamos encontrado qualquer referência a isto nas fontes analisadas, o que demandaria mais tempo e a ampliação do número de materiais a serem consultados. É certo que, no contexto em que lutava contra as potências do Eixo, não interessava ao governo brasileiro estabelecer qualquer ligação entre os governos que enfrentava em campo de batalha. O uso da palavra “democrático” chama atenção, vinda de um representante de um regime que abrigava entre seus ideólogos diversos simpatizantes de países fascistas. O esforço em defender as conquistas trabalhistas, refutando influências fascistas era evidente por parte de Sússekind, após a queda do primeiro governo Vargas, tanto ao se referir ao S. R. O., como à própria Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT.

Vemos que o esforço de organizar o lazer do trabalhador operário brasileiro foi muito mais modesto em relação ao feito na Alemanha nazista, em virtude de falta de infraestrutura prévia voltada para o lazer. E, ainda, pelo caráter aparentemente menos voltado para o controle que, no caso alemão, estava inserido no contexto de “sincronização” típica daquele governo totalitário, algo que a ditadura de Vargas não chegou a executar. Deve-se ter em mente que, no período em que o S. R. O. estava sendo construído, as “máscaras” das iniciativas totalitárias do regime nazista já haviam caído e que a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao lado de potências democráticas, acarretou conflitos entre a prática autoritária, a defesa no campo de batalha e o discurso de valores opostos aos interesses do governo do Estado Novo.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- A MANHÃ. Rio de Janeiro, 25 set. 1943, p. 10.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 31 dez. 1943, p. 9.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 10 fev. 1944, p. 16.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 24 fev. 1944, p. 2.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 28 abr. 1944.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 18 jul. 1944, p. 12.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 30 ago. 1944, p. 11.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 19 set. 1944, p. 7.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 22 set. 1944, p. 2.
- A NOITE. Rio de Janeiro, 15 fev. 1945, p. 10.
- BRASIL. Decreto-lei nº 4298, maio 1942. Disponível em: <<https://bit.ly/2J0221L>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- BRASIL. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. Portaria n. 18, 19 abr. 1943. **Diário Oficial da União**, 24 abr. 1943. Seção I.
- BRASIL. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. Portaria n. 68, 06 dez. 1943. **Diário Oficial da União**, 08 dez. 1943, p. 18038.
- BRASIL. Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. Portaria n. 71, 23 dez. 1944. **Diário Oficial da União**, 23 dez. 1943. Seção I.
- BRETAS, Ângela. Serviço de Recreação Operária: a singularidade de uma *experiência* (1943- 1945). In: BRETAS, Ângela ; Alves Júnior, E. de D.; Melo, V. A. (org.). **Lazer e cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Shape, 2008, p. 43-71.
- CORNELSEN, Elcio. O lazer sob o jugo totalitário. **I Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer: o Lazer em debate**. Coletânea. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 2014, p. 270-273.
- CORRÊA, Aline Amoêdo. A construção da modernidade e o controle do não-trabalho na sociedade brasileira: uma análise comparada do Serviço de Recreação Operária (S. R. O.) e o Serviço Social do Comércio (SESC). In: XIII ENCONTRO DE HISTÓRICA ANPUH-RIO, 2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://bit.ly/2QkTfvS>>.
- DOU, 13 set. 1944, p. 15902, seção I.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Noite, A. In: ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2SzsGj1>>. Acesso em: 19 nov. 2017.



FEREIRA, Marieta de Moraes. Noite, A. In: ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2SzsGj1>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

GIESECKE, Hermann. Arbeiterfreizeit als sozialpolitisches Problem. In: GIESECKE, Hermann. **Leben nach der Arbeit**: Ursprünge und Perspektive der Freizeitpädagogik. München: Juventa-Verlag, 1983, p. 26-33.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and Theory**, v. 42, n. 1, p. 39-44, fev., 2003. Tradução de Maria Elisa da Cunha Bustamante.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; et al. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

PEIXOTO, Elza. O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil. **Pro-Posições**, v. 19, n. 1, p. 115-140, jan.-abr. 2008.

SANTOS, Ângela Bretas Gomes dos. **“Nem só de pão vive o homem”**: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

SCHNEIDER, Claudia. Die NS-Gemeinschaft, “Kraft durch Freude”, 02 nov. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2wLqMoc>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 05 maio 2018.  
Revisões requeridas em: 26 dez. 2018.

## **O Centro de Memória do Vasco da Gama:** entrevista com João Ernesto da Costa Fer- reira e Adílio Jorge Marques

The Centro de Memória (Memory Center) of  
Vasco da Gama

### **Elcio Loureiro Cornelsen**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/Brasil  
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin  
emcor@uol.com.br

### **Gustavo Cerqueira Guimarães**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/Brasil  
Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, UFMG

### **Marcus Vinícius Costa Lage**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/Brasil  
Doutorando em História, UFMG

**RESUMO:** Entrevista concedida em conjunto pelo vice-presidente de relações especializadas do Club de Regatas Vasco da Gama, o engenheiro João Ernesto da Costa Ferreira, e pelo diretor de acervo do Centro de Memória do Clube, o professor da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, doutor em História, Adílio Jorge Marques.

**PALAVRAS-CHAVE:** Centro de Memória do Vasco da Gama; Futebol e memória; Futebol e Edição; Narrativas de futebol.

**ABSTRACT:** Interview granted jointly by the Vice-president of Specialized Relations of the Club de Regatas Vasco da Gama, engineer João Ernesto da Costa Ferreira, and the director of the Club Memory Center Collection, the professor of the Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Doctor of History, Adílio Jorge Marques.

**KEYWORDS:** Memory Center of Vasco da Gama; Football and memory; Football and Edition; Football Narratives.

**FuLiA / UFMG:** Desde quando o Club de Regatas Vasco da Gama possui um Centro de Memória e o que motivou sua criação?

**Centro de Memória do Vasco da Gama:** Não temos uma data precisa antes de 2008. Embora houvesse, sob a parte Social do estádio de São Januário, uma pequena sala em cuja porta havia a inscrição “Centro de Memória”, foi com a chegada à Diretoria, nesse mesmo ano, de João Ernesto (vice-presidente de Relações Especializadas na época, e hoje novamente à frente desse setor) que pela dinâmica de trabalho ali implantada, aquela denominação passou a ter valor.

Quanto à motivação, não haveria outra maior do que não a de ser o fiel depositário do maior patrimônio do clube, o patrimônio histórico, dando-lhe o tratamento e o acondicionamento digno, compatível com a rica história do Club de Regatas Vasco da Gama. O clube sempre esteve à frente de seu tempo. Foi o responsável pela construção do maior estádio da América do Sul em 1927, sempre cedeu jogado-

res para a seleção brasileira de futebol, além de patrocinar vários esportes amadores.



Estádio São Januário. Fotografia: site do clube.

E, talvez uma das maiores contribuições, senão a maior: defender 12 atletas pobres, mulatos e negros em 1924 da discriminação que havia no futebol do RJ, a vitrine para o país pelo fato de ser a capital do Brasil. O documento de 1924 ficou conhecido como “A Resposta Histórica”, em virtude de os dirigentes dos clubes rivais na cidade resolve-

rem “investigar” as atividades profissionais e sociais dos atletas vascaínos, uma vez que o futebol ainda era amador e os jogadores não poderiam receber salários.

**FuLiA / UFMG:** E do que se tratava tal documento?

**Centro de Memória do Vasco da Gama:** Em resumo, ele surgiu da tentativa de retirar o Vasco da Gama da disputa dos campeonatos de futebol. O instrumento para essa tentativa foi o regulamento da “Liga Metropolitana”, quando os principais clubes cariocas partiram para a criação de uma nova entidade, a “Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)”, passando a recusar a inscrição dos vascaínos. Segundo os dirigentes adversários, o time do Vasco seria composto por atletas de profissão duvidosa, e o clube também não contava com um estádio em boas condições.

Nesse contexto, a AMEA solicitou ao Vasco que excluísse 12 de seus jogadores da competição, que, por coincidência, eram todos negros e operários. O Club de Regatas Vasco da Gama recusou a proposta e, por meio de uma carta histórica de seu presidente, o Sr. José Augusto Prestes, mos-

trou sua total indignação: *"Estamos certos de que Vossa Excelência será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno de nossa parte sacrificar, ao desejo de filiar-se à AMEA, alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras vitórias, a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923 (...) Nestes termos, sentimos ter de comunicar a Vossa Excelência que desistimos de fazer parte da AMEA"*. Restou ao Vasco disputar, com outros clubes, o campeonato na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Assim, nesse dia histórico, o futebol brasileiro começou a ser de todo o povo, e não apenas da elite que havia trazido em suas bagagens o esporte bretão para o Brasil.

**FuLiA / UFMG:** Como o Centro de Memória se estrutura? Além de memorabilia, ele também conta com acervo e arquivo documental?

**CMVG:** Hoje, o Centro de Memória (CM)<sup>1</sup> contempla quatro atividades: o tratamento do “Acervo”, o “Salão de Troféus”, o projeto do “Museu do Vasco da Gama” (que está em plane-

<sup>1</sup> Abreviatura utilizada: CM = Centro de Memória.

jamento), e a visita guiada pelo Complexo Esportivo de São Januário, o que denominamos “Tour pela Colina Histórica”.

O “Acervo” é composto de milhares de documentos e imagens, todos das mais diversas fontes, tratados e digitalizados de forma profissional. Além dos documentos já existentes no Club, temos aqueles que recebemos de vários lugares do Brasil quase todas as semanas. A torcida do Vasco da Gama é muito grande e ativa, além de possuir a característica, na sua grande maioria, de dar grande valor ao aspecto histórico de nossa centenária instituição. Há, também, visitas em centros de arquivo, sempre em busca de novas informações sobre o Vasco da Gama, a história do futebol local e nacional, e mesmo dos demais esportes que tenham tido relevância para o Vasco ou para o país (remo e basquete, por exemplo).

O “Salão de Troféus” é composto de milhares de peças, oriundas de conquistas nacionais e internacionais dos mais diversos esportes, desde o final do século XIX.

Estamos a planejar um futuro “Museu do Vasco da Gama”, provavelmente nas dependências de São Januário, mas ainda não temos mais informações para fornecer. Estamos buscando patrocínio, pois queremos que seja nos mesmos moldes daqueles existentes na Europa, nos seus grandes clubes.

O “Tour pela Colina Histórica” é um projeto que se iniciou em agosto deste ano (2018) como um dos marcos das comemorações dos 120 anos do Vasco da Gama. Um passeio que proporciona aos torcedores, sócios e visitantes em geral a oportunidade de realizar uma visita guiada de 50 a 60 minutos por todo o Complexo Esportivo de São Januário, incluindo o vestiário dos jogadores. Uma verdadeira viagem pela história do clube: Busto do Almirante / Salão de Troféus / Tribuna de Honra / Ginásio Vasco da Gama / Vestiário do Futebol Profissional / Estátua do Gol Mil – Romário / Pannel de Ídolos / Colégio Vasco da Gama / Capela Nossa Senhora das Vitórias / Parque Aquático / Mega-loja do Vasco.

O Tour funciona de segunda a sábado, em horários pré-definidos, com grupos de no máximo 30 pessoas. O ingresso deverá ser adquirido na recepção do Tour, localizada na entrada principal do Estádio. O agendamento para a visitação pode ser feito pelo telefone do Centro de Memória do clube: (21) 2176-7390. Essa programação não há aos domingos, feriados e em dias de jogos em São Januário.

A dar conta dessas várias tarefas, temos dois diretores (professor Adílio Jorge Marques e Fernando Lopes), um historiador (Walmer Peres Santana), uma secretária, dois guias de turismo, dois atendentes (Salão de Troféus e Tour), um controlador dos troféus e um auxiliar de serviços gerais, além de quatro estagiários de História oriundos de cursos regulares de graduação.

Comumente, recebemos artigos que tratem da história em geral do Vasco da Gama, e não apenas do futebol. Desde, por exemplo, relatórios da Federação de Remo do Rio de Janeiro, até carteiras de antigos sócios, jornais e flâmulas.

Basta buscar nosso contato no CM acima mencionado e/ou nos procurar pelo *site* oficial: <http://www.vasco.com.br/site>.

**FuLiA / UFMG:** Antes da criação do Centro de Memória, havia programas ou estratégias de preservação da memória do clube? Se sim, como eles se estruturavam?

**CMVG:** Antes do CM, somente duas atividades significativas contribuía para a preservação da memória do Clube: o Salão de Troféus e a inserção em Livros de Registro das súmulas do futebol vascaíno. As Atas da Diretoria, de uma forma involuntária e mesmo secundária, acabaram por se tornar documentos internos da movimentação de alguns setores do clube.

**FuLiA / UFMG:** Como vocês consideram, em termos de preservação em geral, a relação entre futebol e memória no Brasil?

**CMVG:** Considerando os grandes clubes brasileiros, cremos que, com a organização que temos hoje no CM do clube, somos pioneiros neste segmento. Todavia, a despeito desse pioneirismo, vemos isso com certa tristeza, pois a preservação da memória de uma instituição é de fundamental impor-

tância para a manutenção dela. Não sendo assim, de forma sistematizada, restarão tão somente os arquivos jornalísticos, cujas empresas estão sujeitas às intempéries das crises de mercado, e a transmissão oral, particularmente a familiar, cuja fidelidade com o fato nem sempre é observada.

Lembramos aqui o famoso historiador francês, Jacques Le Goff, quando ele menciona em sua obra *História e Memória* que o ato de rememoração requer um comportamento narrativo e de certa constância; deve ser construído, pois se trata da comunicação a outrem de informações. Quem não cuida de sua memória não pode atender ao aspecto básico da sua constituição: saber quem ele é. Enfim, o CM busca preservar os sentimentos de pertencimento dos brasileiros, em especial, dos torcedores vascaínos, reforçando os seus símbolos e as suas imagens. Quem não identifica, por exemplo, na sua cruz vermelha, inspirada na portuguesa Ordem de Cristo, um de seus marcos de reconhecimento?

Por isso, o Vasco da Gama busca manter viva a memória do esporte no Brasil e no mundo, além, claro, de reforçá-la sempre junto aos seus torcedores.

**FuLiA / UFMG:** O Vasco da Gama é considerado, tanto em obras de cunho memorialístico, quanto em trabalhos acadêmicos, um dos clubes pioneiros no processo de popularização do futebol carioca e brasileiro. Como vocês tratam essa questão no Centro de Memória do clube?

**CMVG:** Com a máxima valorização, até porque como a formulação da pergunta já explicita, a rica história do Vasco da Gama é um manancial para todo aquele que queira entender como as ações desse clube mudaram, de forma substancial, o esporte brasileiro, como mencionamos antes.

Tão gloriosa no campo esportivo quanto a dos demais clubes coirmãos, a história vascaína é única naquilo em que ela construiu para além dos gramados do futebol, das quadras, das raias das piscinas, das pistas de atletismo, e de suas atividades sociais. Exemplos dados à sociedade brasileira de que, naquela Casa, não haveria – e não há - distin-

ção de cor, credo ou situação econômica, sendo estas marcas genuinamente vascaínas. Marcas das quais todos temos imenso orgulho. A nossa reverência é constante, e será eterna, aos nossos avós e bisavós, os grandes responsáveis pela edificação de um Gigante do desporto nacional.

**FuLiA / UFMG:** A qual público se destina o Centro de Memória do Vasco da Gama? Vocês fazem algum tipo de avaliação ou levantamento desses visitantes?

**CMVG:** O CM, pela natureza da sua atividade, não é um espaço de visitação permanente. O acesso a ele   restrito, pois parte de nosso acervo est a condicionado em ambiente especializado, como o de grandes bibliotecas. Entretanto, essa atividade não teria sentido de existir se não a compartilh assemos com o vascaíno, em geral, e com os estudiosos, em particular.

De modo a atender a esse último segmento mencionado, reuniões previamente agendadas materializam esse contato, para todo aquele que queira conhecer o nosso rico acervo. E, tamb em, podemos dizer que estamos em fase final

de um *site* do CM, o “Memória Vasco”. Neste sítio digital, qualquer vascaíno, professor, pesquisador, e o público em geral, mesmo no mais distante ponto do planeta, poderá desfrutar do maravilhoso arquivo digital que iremos disponibilizar, nos mesmos moldes da Biblioteca Nacional. Acreditamos que ele estará disponível em breve, tamb em com *link* pelo *site* principal do clube.

**FuLiA / UFMG:** Como   a integra o do Centro de Memória com os demais usos do est dio e clube social do Vasco?

**CMVG:** O CM, além da sua atividade-fim, atua como suporte às demandas dos mais diversos departamentos do clube, seja da Presidência, Engenharia, Marketing, ou até mesmo do Social. De forma oficial, quem responde pela história do Vasco da Gama e d  suporte às atividades que dependam dela,   o nosso Centro de Memória. Garantimos apoio técnico a projetos de memória esportiva, em especial aqueles ligados ao Vasco, e assim mantemos viva a chama do resgate da trajetória da nossa importante institui o. Com isso, garantimos o suporte para a oes de comunica o e marke-



ting, contribuindo para o fortalecimento de nossa identidade corporativa, da marca e das relações com o público.

**FuLiA / UFMG:** Os livros que tematizam os clubes de futebol, sejam eles biográficos, históricos, jornalísticos, literários ou estatísticos, também contribuem muito para a preservação e propagação da memória clubística no país. Sobre o Vasco foi produzida uma qualificada e diversificada bibliografia. Como bons exemplos, podemos citar um dos livros que trata da história do clube, *Vasco: a cruz do Bacalhau* (2009), do renomado compositor Aldir Blanc em parceria com o jornalista José Reinaldo Marques, e o livro de poesia *38 círculos* (2010), de Luis Maffei, professor de Literatura Portuguesa da UFF, que traz 38 poemas, um por jogo, sobre a campanha do Vasco no Campeonato Brasileiro da Série B de 2009. Quais outros principais títulos de livros vascaínos poderiam ser destacados?

**CMVG:** Temos uma vasta literatura a respeito do clube e de sua memória, inclusive na luta contra o racismo, apesar de pouco divulgada no Brasil. Podemos citar alguns títulos

interessantes, como por exemplo: *Os dez mais do Vasco da Gama* (2014), de Rodrigo Taves e Claudio Nogueira, temos o recorte de uma seleção de dez grandes craques que imortalizaram o clube no cenário do futebol. Ainda nessa linha há o conhecido livro de Paulo César O. Pinto, *Um ídolo chamado Roberto Dinamite* (1987), sobre o maior (ou um dos maiores) jogadores do Vasco da Gama. Destaco, ainda, *Jogos memoráveis do Vasco* (2012), coleção “Grandes Jogos” dos autores Alexandre Mesquita, Eugênio Leal e Jefferson Almeida. Interessante abordagem sobre algumas das mais marcantes partidas de futebol da história do Vasco, de 1923 com o jogo do primeiro título carioca a 2011 com a conquista da Copa do Brasil. Interessante a pouco conhecida obra *A história do Vasco da Gama em cordel* (2003), de Claudio Aragão, da coleção Futebol em Cordel, pois possui uma abordagem da história do Vasco pela visão de uma das mais interessantes abordagens culturais do Brasil, a literatura de cordel. O livro *Nasce o Gigante da Colina* (2014), de Pedro Venancio, é interessante por abordar as origens vascaínas desde 1898 até a formação do seu time de futebol e

os anos 1920. Em *O time do meu coração – Club de Regatas Vasco da Gama* (2009), Claudio Nogueira trata, em uma breve obra de divulgação e de fácil acesso comercial, de aspectos gerais como torcedores ilustres, torcedores e jogadores de maior destaque. Temos a obra *A virada do século* (2009), de Camilo Sepúlveda, sobre o histórico jogo do ano de 2000 quando o Vasco da Gama conquistou a Copa Mercosul sobre a equipe do Palmeiras, jogando na casa do adversário, após estar perdendo por 3 a 0 até os 14 minutos da segunda etapa. No fim, o Vasco virou para 4 a 3 em uma das mais marcantes vitórias em finais da história do futebol. Ainda *Monumental – O Vasco de 1997 a 2000* (2017), de Thiago Correia, a contar a história a fase vitoriosa do clube entre esses anos. *Paixão da Gama: a maravilhosa história do Vasco* (2011), Jorge Luiz Alves Bezerra, obra repleta de acontecimentos notáveis do Club de Regatas Vasco da Gama, organizada cronologicamente. Por fim, lembramos o livro da cantora e vascaína Teresa Cristina, *O dia em que me tornei... vascaína* (2011), relato interessante e para jovens de uma paixão pelo Vasco da Gama.



A fachada de São Januário, com 274m de extensão, é tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Imagem: site do clube.

\* \* \*

**Entrevista concedida no dia 08 de setembro de 2018.**

## Charges da Copa na Rússia

### Duke

A seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes, reúne nesta edição a série composta de 34 charges do artista belo-horizontino Eduardo dos Reis Evangelista, o Duke, publicadas originalmente no caderno especial “Copa 2018”, do jornal *O Tempo*, de Belo Horizonte/MG, no período de 14 de junho a 16 de julho de 2018, ao longo da Copa do Mundo da Rússia.

Geralmente, seus desenhos são apresentados em um único quadro, que ora dramatiza uma ação, condensando alguns elementos, ora encena um breve diálogo, revelando-nos chistes sofisticadíssimos.



Nesta série, como poucos, o chargista evidencia mais uma vez sua tamanha capacidade de relacionar futebol, política e humor. De maneira sempre sagaz, Duke leva aos seus leitores/seguidores um modo divertido, irônico e reflexivo de enxergar o mundo da bola, pois suas charges são, antes de tudo, um instrumento de reflexão política.

\*\*\*

Duke é o pseudônimo de Eduardo dos Reis Evangelista, nascido em Belo Horizonte/MG, em 1973. Formou-se em Cinema da Animação pela Escola de Belas Artes da UFMG. Publicou, dentre outros livros, *Só futebol 2011*, *Só futebol 2012*, *Só futebol 2013*, todos subintitulados *O futebol mineiro e brasileiro nas charges do Duke*. O artista recebeu muitas menções em salões de humor e importantes premiações. Atualmente, é chargista diário do jornal *O Tempo*.



5ª-feira, 14 de junho de 2018.



6ª-feira, 15 de junho de 2018.



Sábado, 16 de junho de 2018.



Domingo, 17 de junho de 2018.



2ª-feira, 18 de junho de 2018.

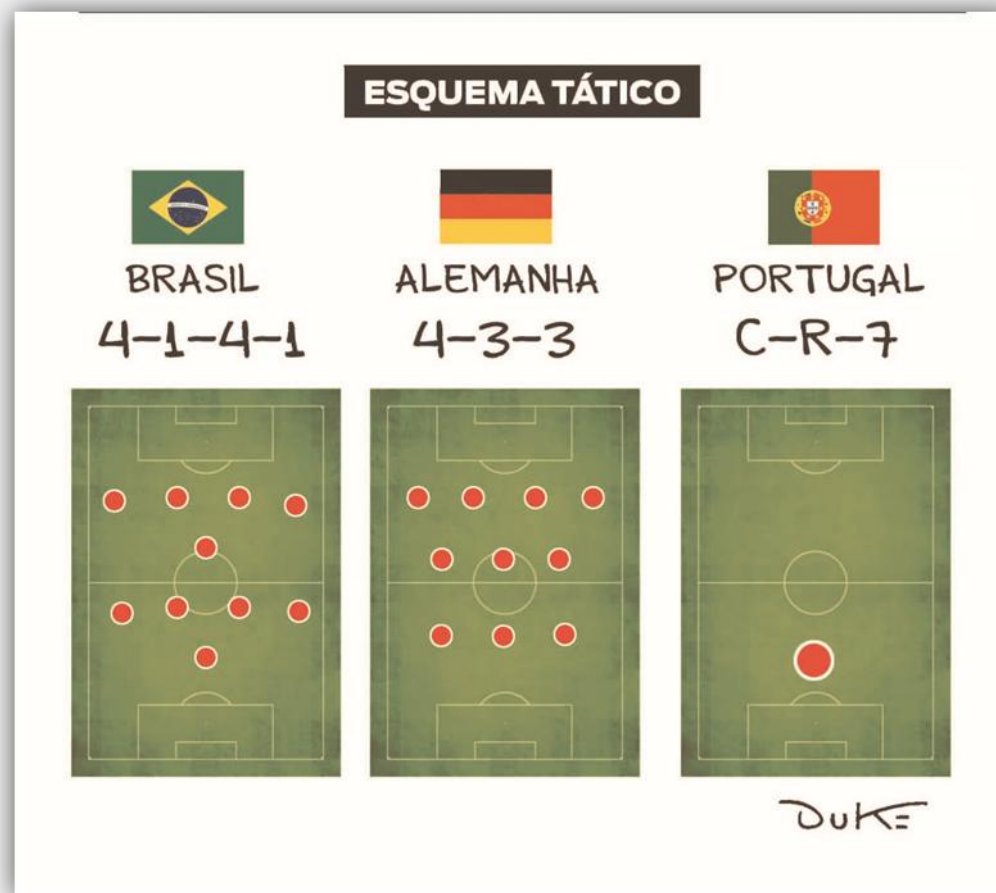




3ª-feira, 19 de junho de 2018.



4ª-feira, 20 de junho de 2018.



5ª-feira, 21 de junho de 2018.



6ª-feira, 22 de junho de 2018.



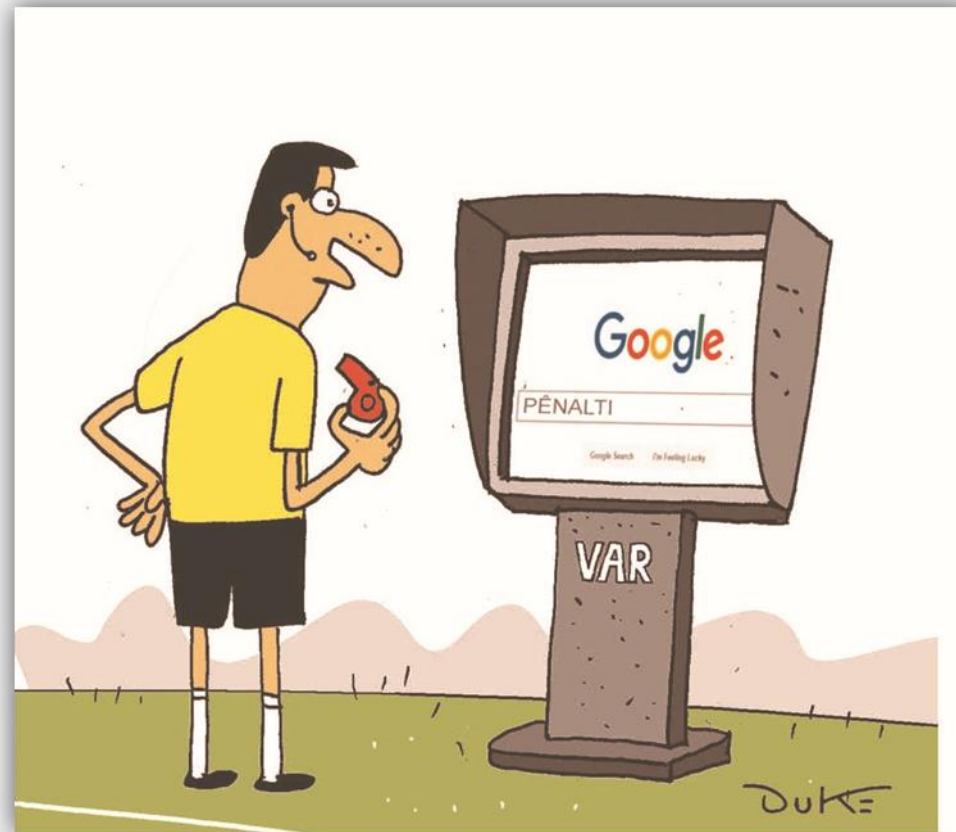
Sábado, 23 de junho de 2018.



Domingo, 24 de junho de 2018.



2ª-feira, 25 de junho de 2018.



3ª-feira, 26 de junho de 2018.





4ª-feira, 27 de junho de 2018.



5ª-feira, 28 de junho de 2018.



6ª-feira, 29 de junho de 2018.



Sábado, 30 de junho de 2018.



Domingo, 01 de julho de 2018.



2ª-feira, 02 de julho de 2018.



3ª-feira, 03 de julho de 2018.



4ª-feira, 04 de julho de 2018.





5ª-feira, 05 de julho de 2018.



6ª-feira, 06 de julho de 2018.



Sábado, 07 de julho de 2018.



Domingo, 08 de julho de 2018.



2ª-feira, 09 de julho de 2018.



3ª-feira, 10 de julho de 2018.



4ª-feira, 11 de julho de 2018.



5ª-feira, 12 de julho de 2018.





6ª-feira, 13 de julho de 2018.



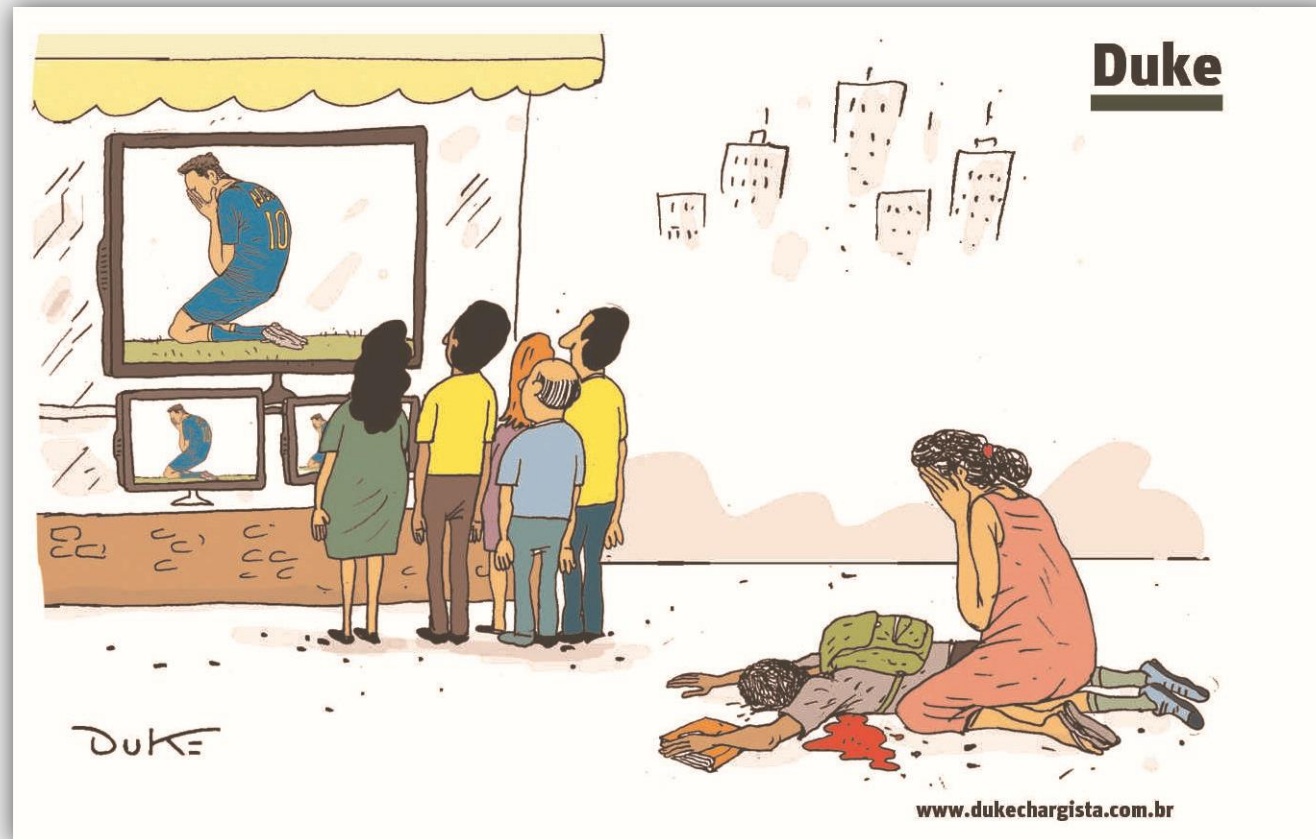
Sábado, 14 de julho de 2018.



Domingo, 15 de julho de 2018.



2ª-feira, 16 de julho de 2018.



Jornal *O Tempo*, Domingo, 24 de junho de 2018.  
Capa da revista **FuLiA / UFMG**, v. 3, n. 2, 2018.